

Para além da frente ampla:  
Fernando Gasparian e a educação das elites

Jeferson João Candido

JEFERSON JOÃO CANDIDO

**PARA ALÉM DA FRENTE AMPLA:  
FERNANDO GASPARIAN E A EDUCAÇÃO DAS ELITES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Literatura, área de concentração Literaturas.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Lucia de Barros Camargo

Florianópolis  
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Candido, Jeferson João

Para além da frente ampla : Fernando Gasparian e a educação das elites / Jeferson João Candido ; orientadora, Maria Lucia de Barros Camargo, 2018.  
208 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Fernando Gasparian. 3. Década de 1970. 4. Periodismo. I. Camargo, Maria Lucia de Barros. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III. Título.

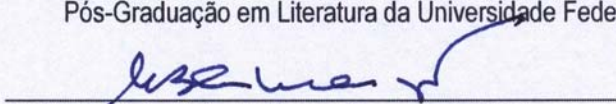
“Para além da frente ampla: Fernando Gasparian e a educação das elites.”

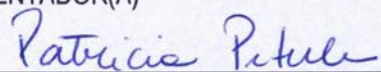
Jeferson João Candido

Esta TESE foi julgada adequada para a obtenção do título

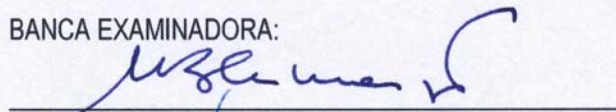
**Doutor** EM LITERATURA

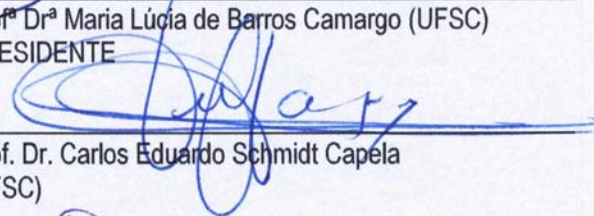
Área de concentração em Literaturas e aprovada na sua forma final pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.


  
\_\_\_\_\_  
Profª Drª Maria Lúcia de Barros Camargo (UFSC)  
ORIENTADOR(A)


  
\_\_\_\_\_  
Profª. Drª. Patricia Peterle Figueiredo Santurbano  
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:

  
\_\_\_\_\_  
Profª Drª Maria Lúcia de Barros Camargo (UFSC)  
PRESIDENTE

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Schmidt Capela  
(UFSC)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Jair Tadeu da Fonseca  
(UFSC)

  
\_\_\_\_\_  
Profª Drª Renata Praça De Souza Telles  
(UFPR)



## **AGRADECIMENTOS**

A Maria Lucia, por tudo, sempre.  
Aos amigos e amigas que passaram pelo NELIC.  
A Laíse, por estar junto.

Este trabalho contou com o apoio do  
**PROGRAMA UNIEDU PÓS-GRADUAÇÃO**  
da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina.





Consciente da dívida que o pensamento atual tem com o passado, a história intelectual elude a falácia de pensar que a originalidade é sempre uma virtude evidente por si mesma. Antes que desmerecer o “mero” comentário e considerá-lo inferior à inovação criadora, esta disciplina reconhece o impacto ainda poderoso que exercem as ideias do passado em novas e inesperadas constelações com outras procedentes de diferentes contextos. Em inevitável sintonia com as tendências intelectuais recentes, desconfia dos enfoques históricos que fingem indiferença diante das disputas teóricas atuais.

Martin Jay. Introdução a *Campos de Força*: entre a história intelectual e a crítica cultural.

Aqui, no Brasil, só tem especulador e fiz essa emenda porque tenho sensibilidade. Sou empresário comercial, industrial e pecuarista. Só não sou banqueiro.

Fernando Gasparian, junho de 1988.



## RESUMO

Este trabalho se detém, num primeiro momento, na trajetória de Fernando Gasparian. De modo geral, Gasparian é conhecido como o dono e diretor de *Opinião* (1972-1977), semanário que constitui um marco da imprensa brasileira na década de 1970 e cuja característica principal foi reunir em torno de si um amplo espectro de colaboradores no exercício de oposição à ditadura. Mas, além de *Opinião*, Gasparian foi um dos ideadores da revista *Argumento* (1973-1974), editor dos *Cadernos/Ensaaios de Opinião* (1975-1980), adquiriu a editora Paz e Terra em 1973 e abriu, em 1979, a Livraria Argumento em São Paulo e no Rio de Janeiro. É sobre esse conjunto de realizações que nos detemos no segundo capítulo. Por fim, conjugando os capítulos anteriores, procuramos apontar um projeto editorial que, para além da “frente ampla de oposição” à ditadura, carrega também o ideal de uma “educação das elites”. Concentramo-nos, particularmente, sobre as publicações, isto é, *Opinião*, *Argumento* e *Cadernos/Ensaaios de Opinião*. Se, no semanário, a saída quase completa da equipe original em 1975 e o fim em 1977 nos indicam os limites desse ideal subjacente apontado, a transição entre as revistas evidencia a mudança paradigmática que o acompanha.

**Palavras-chave:** Fernando Gasparian. Década de 1970. Periodismo.



## ABSTRACT

In a first moment, this thesis is focused on the life path of Fernando Gasparian. Generally, Gasparian is known as owner and director of *Opinião* (1972-1977), weekly periodical that is a mark in the Brazilian press from seventies and whose main characteristic was to join a large group of collaborators in the exercise of opposition to the dictatorship. However, besides *Opinião*, Gasparian was one of the creators and organizers of the periodical *Argumento* (1973-1974); the editor of *Cadernos/Ensaios de Opinião* (1975-1980); he bought the publishing house Paz e Terra in 1973; and he also opened, in 1979, the bookstore *Argumento* in São Paulo and Rio de Janeiro. The second chapter is about such achievements. Finally, connecting the previous chapters, we intended to point out an editorial project that, besides the “broad front of opposition” to dictatorship, also carries the ideal of an “education for the elites”. The study is specially concentrated over the publications, that is, *Opinião*, *Argumento* and *Cadernos/Ensaios de Opinião*. If, in the weekly periodicals, the fact of almost the original group had leaved in 1975, and its end, in 1977 show us the limits of the subjacent ideal indicated, the transition between the periodicals evidences the paradigmatic change that follows it.

**Keywords:** Fernando Gasparian. 1970’s. Periodism.



## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO .....  | 15  |
| UM TAL SR. FERNANDO GASPARIAN .....                               | 19  |
| A FRENTE AMPLA NO PAPEL .....                                     | 89  |
| A EDUCAÇÃO DAS ELITES .....                                       | 143 |
| P. S. ....  | 185 |
| BIBLIOGRAFIA .....  | 197 |
| ANEXO - INDEXAÇÃO DOS <i>CADERNOS/ENSAIOS DE OPINIÃO (CD-ROM)</i> |     |



## INTRODUÇÃO

Este trabalho é mais um resultado das pesquisas realizadas no Núcleo de Estudos Literários & Culturais da Universidade Federal de Santa Catarina no âmbito do projeto *Poéticas Contemporâneas*. Coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Lucia de Barros Camargo, o projeto se dedica a mapear a crítica literária e cultural brasileira da segunda metade do século XX, com a indexação e o estudo de periódicos literários e/ou culturais que circularam nesse período. Conta, para isso, com um grande banco de dados, no qual são indexados os periódicos estudados, e com o amplo acervo de revistas, jornais e suplementos literários e culturais mantido pelo NELIC.

O primeiro passo daqueles que, como eu, entram para a equipe via iniciação científica, é a escolha do periódico a ser pesquisado. A minha se deteve em *Versus*, jornal “alternativo” publicado entre 1975 e 1979. Indexei, ainda, a seção de cultura de *Movimento*, outro “alternativo”, em seu primeiro ano de circulação (1975-1976). Da leitura de *Versus*, além de meu trabalho de conclusão de curso, resultou parte de minha dissertação. “Parte” porque, no mestrado, optei por cruzar essa leitura com aquela de outro periódico, de saída não só diferente, como antagônico: *Cultura*, revista publicada pelo Ministério da Educação e Cultura entre 1971 e 1984.

Tendo em vista esse percurso minha escolha para o doutorado se deteve, novamente, na década de 1970. E no panorama das publicações brasileiras desse período, duas se destacam: o semanário *Opinião* e a revista *Argumento*. *Opinião* circulou de outubro de 1972 a abril de 1977; *Argumento* teve vida curta, apenas quatro números, publicados entre outubro de 1973 e fevereiro de 1974. Além de marcarem época, as duas publicações guardam em comum, ainda, o mesmo nome responsável pela existência de ambas: Fernando Gasparian. Mas Gasparian é também o nome por trás de outra revista nesse mesmo período, uma revista, porém, pouco lembrada. Foi lançada em junho de 1975 com o nome de *Cadernos de Opinião*, passando a chamar-se, em seguida, *Ensaio de Opinião* e, por fim, novamente *Cadernos de Opinião*, até ser encerrada em agosto de 1980.

Fernando Gasparian (1930-2006) teve sua vida atravessada pelo golpe de 1964. Líder empresarial de destaque até então, acabaria por se transformar, ao longo da década de 1970, no principal editor da oposição à ditadura. Seu nome permanece, contudo, um tanto à margem da historiografia sobre o período, sombreado, parece, pelo sucesso daqueles que colaboraram em suas publicações.<sup>1</sup> Trazê-lo ao centro do palco, recuperando sua trajetória pessoal e seu pensamento, é o objetivo do primeiro capítulo.

A essa trajetória somaremos, no segundo capítulo, sua trajetória como editor, que, via de regra, é pensada a partir de/e como um projeto de frente ampla de oposição à ditadura. *Opinião*, *Argumento*, *CADERNOS/Ensaio de Opinião* e, ainda, Editora Paz e Terra e Livraria Argumento: abordaremos cada um de seus empreendimentos, enquanto vai se fazendo clara a íntima relação que guardam entre si.

É a partir dessa relação e da trajetória de Gasparian que procuraremos indicar, no terceiro capítulo, um ideal subjacente ao projeto de frente ampla: o de educação das elites. Como não cessaria de dizer ao longo de décadas, a “alienação” das elites brasileiras era, para ele, o principal entrave ao desenvolvimento do país. E a educação dessas elites, veremos, era uma tarefa que cabia, sobretudo, aos intelectuais de extração universitária, cuja formação fora impulsionada com a reforma do ensino superior de 1968.

Mas veremos, também, que há limites bem comportados nesse ideal: a saída de quase toda a equipe original de *Opinião*, comandada por Raimundo Pereira, em 1975, e a crise final entre Gasparian e a editoria de cultura, marcam esses limites. As rupturas tornam-se palpáveis quando comparamos *Opinião* com seus “frutos”: *Movimento*, criado por Raimundo e a equipe que o acompanhou na saída, e *Beijo*, criado pela última equipe da editoria de cultura, tendo à frente Genilson Cezar e Júlio César Montenegro.

Ao mesmo tempo, o protagonismo dos novos intelectuais universitários registra, no país, a mudança de paradigma do trabalho intelectual. Ao retomarmos *Argumento* e *CADERNOS/Ensaio de Opinião* com foco nos principais colaboradores, veremos que eles não apenas se repetem como estão ligados, fundamentalmente, a dois grupos: o chamado Grupo Clima, que se constituiu em torno da revista de mesmo nome, publicada entre 1941-1944, como Antonio Candido e Paulo Emílio Sa-

---

<sup>1</sup> Registre-se, por isso mesmo, a tese de Maicon Vinícius da Silva Carrijo, *Cientistas sociais e historiadores no mercado editorial do Brasil: a coleção Estudos Brasileiros da editora Paz e Terra (1974-1987)*, USP, 2013.

les Gomes; e outro mais novo, reunido em torno do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), fundado em 1969, como Fernando Henrique Cardoso e José Arthur Giannotti. Como último elemento da série, os *Cadernos/Ensaio*s revelam que, ao passo que o segundo grupo – e o paradigma de trabalho intelectual por ele representado – assume o protagonismo, cabe ao primeiro o lugar da homenagem.

A indexação dos *Cadernos/Ensaio*s de *Opinião*, que deu origem a esta pesquisa, segue em *cd-rom* anexo.



## UM TAL SR. FERNANDO GASPARIAN

Eu comecei dizendo que estava muito preocupado com os últimos acontecimentos e com a situação do meu país, afirmando que era um nacionalista. Mas ele retrucou: “Mas é verde e amarelo por fora, e vermelho por dentro”. Não me contive: “O senhor me respeite! O senhor pode ser patriota, mas não mais do que eu”.

Conversa entre Fernando Gasparian e os censores de *Opinião*, novembro 1975

### 12%

Em sua coluna de opinião na *Folha de S. Paulo* de 16 de setembro de 2015, Antonio Delfim Netto, discorrendo sobre a crise econômica mais recente atravessada pelo país, aponta, ao final do artigo, para a existência de um “desequilíbrio fiscal estrutural endógeno à Constituição”.<sup>1</sup> O artigo inicia acusando “uma das desculpas mais esfarrapadas” das quais se socorreram os presidentes eleitos desde 1990, a de que “foram vítimas dos inegáveis excessos” da Constituição de 1988. Segundo Delfim, com exceção de Collor, “nenhum deles gastou patrimônio político para tentar corrigi-los”. Fernando Henrique Cardoso, “no auge do seu prestígio não cuidou do problema”, mas, “para ser justo, é preciso reconhecer que propôs, e conseguiu, tirar da Constituição a sua maior imbecilidade, lá colocada em homenagem a um velho financiador do MDB: o dispositivo que estabelecia um limite para a taxa de juro real.” O dispositivo era o parágrafo 3º do artigo 192, que tratava “Do sistema financeiro nacional”. O parágrafo estabelecia que as taxas de juros reais não poderiam ser superiores a 12% ao ano, e que a cobrança acima desse limite seria conceituada como “crime de usura”.

Delfim poderia ter nomeado o autor de tal “imbecilidade”, não só por ter sido ele mesmo, Delfim, um deputado constituinte, como também por conhecê-lo de longa data, pelo menos desde 1951, quando, no Congresso da União Estadual de Estudantes de São Paulo, então aluno e presidente do centro acadêmico do curso de Economia da USP, defendeu tese contrária àquela defendida pelo também então aluno e presi-

---

<sup>1</sup> Simples assim. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 set. 2015. Opinião, p. A2.

dente do centro acadêmico do curso de Engenharia Civil e Elétrica do Mackenzie, Fernando Gasparian. As teses em disputa diziam respeito ao *monopólio estatal do petróleo*: a defendida pelo grupo do primeiro era contra, a defendida pelo grupo do segundo, que contava com os delegados da Faculdade de Filosofia da USP, entre os quais Fernando Henrique Cardoso, a favor. A tese “entreguista” foi derrotada e Gasparian foi eleito presidente da UEE-SP.<sup>2</sup> Queremos crer que, se Delfim não o nomeou em seu artigo, foi por respeito à memória dos mortos, uma vez que Gasparian morreu em 7 de outubro de 2006.

Nas palavras do autor da “imbecilidade”:

Um só dispositivo da Constituição Federal, o que limita as taxas de juros, provocou discussão maior do que todo o resto do texto. Na realidade, não se tratava só da redução dos juros aos seus níveis lógicos e éticos. O que estava e está em questão é todo o sistema financeiro e, com ele, os princípios morais da sociedade brasileira. Quando os homens criaram limites éticos dentro do convívio social, pensaram também na eficiência da comunidade, como promotora do desenvolvimento de todos.<sup>3</sup>

No dia seguinte à promulgação da nova Constituição, o Consultor Geral da República, Saulo Ramos, emitiu um parecer, homologado pelo presidente José Sarney, afirmando que a norma constitucional dos 12% não era autoaplicável. O parecer foi publicado no Diário Oficial do dia 7 de outubro de 1988 e, nesse mesmo dia, o Banco Central notificou o sistema financeiro de que o limite de 12% não vigoraria antes de ser editada lei regulamentando o assunto.<sup>4</sup> Os debates e disputas jurídicas em torno da autoaplicabilidade ou não da norma seguiram pelos anos e, como sabemos, ela nunca foi aplicada até sua exclusão da Constituição em 2003, quando passou de letra morta à enterrada definitivamente.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> Cf. GASPARIAN, Fernando. Depoimento [1]. *Projeto Memória do Movimento Estudantil*, União Nacional dos Estudantes (UNE), p. 4-5. Entrevista concedida a Carla Siqueira, 9 jun. 2005.

<sup>3</sup> GASPARIAN, Fernando. A luta contra a usura. In: ALMEIDA, Roberto F. de (Coord.). *A luta contra a usura*. O limite constitucional dos juros anuais de 12% está em vigor. Rio de Janeiro: Graal, s/d, p. 4.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 12-13.

<sup>5</sup> Através da aprovação, pela Câmara, de emenda constitucional originalmente apresentada pelo senador José Serra em 1997 e aprovada pelo Senado em 1999 [à que se refere Delfim] por meio de um substitutivo do senador Jefferson Pe-



O então ministro da Fazenda, Delfim Netto, em caricatura já clássica de Luis Trimano para o jornal *Opinião* n. 4, 27 nov. 1972<sup>6</sup>

res. A emenda estabeleceu nova redação do artigo 192.

<sup>6</sup> Vani Moreira Kenski, ao analisar o uso da ilustração por *Opinião*, aponta que a autoridade do governo “que mais aparece em máscaras e figuras críticas é a do Ministro da Fazenda da época, Antonio Delfim Netto. Contrariando a tendência gráfica do jornal, que predominantemente apresenta ‘máscaras’, caricaturas de rostos apenas, o Ministro é retratado, quase sempre, de corpo inteiro. Explora-se sua gordura e barriga. A figura grotesca assume todo o sentido do ridículo cômico e torna-se a maior força a ser explorada, em termos pictóricos, para se fazer crítica à política econômica, à distribuição de renda e ao ‘milagre brasileiro’”. KENSKI, Vani M. *O fascínio do Opinião*. Tese (Doutorado em

A tentativa de estabelecer um limite para os juro na própria Constituição do país deu fama a Fernando Gasparian: uma consulta aos jornais da época evidencia a presença quase diária de seu nome. Millôr Fernandes, em artigo publicado no *Jornal do Brasil* (2 ago. 1988) e republicado na contracapa de *A luta contra a usura*, inicia seu texto acusando a “gigantesca onda de ridículo” que se abatera sobre o deputado por conta da proposta. Esse, no entanto, é apenas um dos episódios mais conhecidos acerca de Gasparian, cuja intensa participação na vida empresarial, política e cultural do país remonta aos anos 1950, é atravessada pelo golpe de 1964 e marcante na década de 1970.<sup>7</sup>

### O PETRÓLEO É NOSSO

Fernando Gasparian nasceu em São Paulo em 27 de janeiro de 1930, terceiro de sete irmãos. O patriarca, avô pelo lado paterno, emigrara da Armênia envolvida em conflitos pela independência. Da Argentina, local de chegada, subiu mascateando até São Paulo, onde, tempos depois, estabeleceu-se como comerciante no Brás, falecendo em 1917. A partir de uma pequena fábrica de tecidos, fundada no início dos anos 1930, teve início a atividade industrial da família.<sup>8</sup>

---

Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990, p. 181.

<sup>7</sup> Muito embora figure, de maneira geral, um tanto lateralmente nos depoimentos sobre o período, mesmo naqueles sobre os anos 1970. Além do verbete de Sérgio Lamarão no *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro* do CPDOC-FGV, há o excelente perfil traçado por Maicon V. Silva Carrijo em sua tese *Cientistas sociais e historiadores no mercado editorial do Brasil*. A coleção Estudos Brasileiros da editora Paz e Terra (1974-1987). Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Além de recuperar a trajetória de Gasparian, Carrijo empreende a leitura de seus discursos/escritos, o que nos permite situá-lo no mapa ideológico do período. Se recuperamos aqui, mais uma vez, sua trajetória, é porque, como veremos, ela se mostra fundamental para a compreensão de seu trabalho como editor ao longo dos anos 1970. Tendo em vista o caráter bastante holístico do perfil elaborado por Carrijo, optamos por traçar aqui um perfil que destacasse Gasparian a partir de sua rede de relações. A profusão de nomes com que nos depararemos nas linhas seguintes demonstra o tamanho dessa rede, na qual se encontram importantes atores dos campos político, econômico, cultural e acadêmico da segunda metade do século XX brasileiro.

<sup>8</sup> Segundo conta Gasparian, “como havia um bom mercado no comércio que eles tinham, acabaram ficando sócios de artesãos europeus, que depois da crise de 1929 vieram para o Brasil. Então construíram uma pequena fábrica de tecidos”.

Fez o primário num pequeno grupo escolar e o ginásio no Colégio Rio Branco (“uma escola particular, mas de bom nível”). É na faculdade, a Escola de Engenharia do Mackenzie, onde se formou em engenharia civil e engenharia elétrica, que tem início sua militância política. Secretário e depois presidente do centro acadêmico Horácio Lane, chegaria a presidente da UEE-SP em 1952, como vimos. A militância desse período marcaria seus ideais, bem como o deixaria marcado também. E os amigos aí feitos seriam os amigos com os quais conviveria até sua morte.<sup>9</sup>

O clima do período o “encaminhou para os debates sobre as posições nacionalistas quanto ao petróleo”. Acompanhava o posicionamento de Mattos Pimenta e Plínio Cantanhede (criador do lema “O petróleo é nosso”), fundadores do *Jornal de Debates*, o veículo de frente da campanha pelo monopólio estatal no setor, bem como participava dos encontros promovidos pela ala nacionalista do Exército, que se contrapunha ao anteprojeto de Odilon Braga (o Estatuto do Petróleo apresentado em 1948, aberto ao capital estrangeiro), encontros de que participavam militares como Estillac Leal, Tácito de Freitas, Felicíssimo Cardoso e Leônidas Cardoso (tio e pai de Fernando Henrique, respectivamente).<sup>10</sup> Nessa mesma época, início dos anos 1950, segundo Fernando Henrique, Gasparian “havia organizado uns seminários sobre economia brasileira e lá íamos nós ouvir ninguém menos que Caio Prado Júnior, nosso ídolo da época”.<sup>11</sup>

---

dos, que cresceu, e ficou razoavelmente grande até 1939, época da guerra, e que permitiu que quem tivesse instalações industriais no Brasil, como não havia possibilidade de importação, crescesse bastante. Então, minha família ficou bastante próspera nessa época. Não só meu pai, como os outros irmãos dele também – eram sete”. GASPARIAN, Fernando. Depoimento [1], p. 1.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 12.

<sup>10</sup> Cf. GASPARIAN, Fernando. Nacionalismo, empresariado e o Golpe de Estado de 1964. *Projeto História*, São Paulo, v. 29, t. 1, dez. 2004, p. 226-227. Entrevista concedida a Maria Aparecida de Paula Rago, 7 jan. e 19 set. 2004.

<sup>11</sup> Esses teriam sido os primeiros encontros de Fernando Henrique com Gasparian. Segundo ainda Fernando Henrique, Ruth [Cardoso] frequentara o mesmo colégio que Dalva [Gasparian] e se conheciam de antes. “Daí em diante fomos amigos sempre, mesmo quando divergíamos politicamente. Com Rubens Paiva, Fernando Pedreira, Roberto Gusmão, Jose Gregori e, com menos proximidade, Dilson Funaro (irmão de Dalva), nos víamos sempre, a cada fim de semana, fosse na rua Maria Carolina, fosse na rua México”. CARDOSO, Fernando Henrique. Fernando Gasparian, guerreiro e amigo. *Política externa*, São Paulo, v. 15, n. 3, dez./fev. 2006/2007, p. 11.

Ao se formar, no final de 1952, e terminados os mandatos no centro acadêmico e na UEE-SP, seu grupo no Mackenzie, do qual faziam parte Rubens Paiva e seu cunhado, Dilson Funaro, vence a eleição para o Horácio Lane e, para a presidência da UEE-SP, Gasparian apoia Almino Afonso, eleito por apenas um voto de diferença contra o outro candidato, José Gregori, ambos seus amigos no movimento estudantil.<sup>12</sup> Membro da Comissão Paulista pela Rejeição do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, é um dos oradores no ato promovido pela comissão no Vale do Anhangabaú, em janeiro de 1953.<sup>13</sup> Nesse mesmo ano casa-se com Dalva Funaro. Dá aula de economia no Mackenzie<sup>14</sup> e passa a acompanhar a política mais de perto. Embora sem desenvolver atividade partidária regular, com alguns amigos da militância estudantil, como Almino Afonso, Rubens Paiva, Adriano Branco e mais alguns colegas, entra para o Partido Socialista Brasileiro (PSB) depois de conversar com Antonio Candido, Paulo Emílio Sales Gomes e Cláudio Abramo.<sup>15</sup>

Em 1955, tendo em vista novamente a questão do petróleo, agora com a defesa da Petrobras (e também a eleição para a presidência da república), Gasparian, ficando “meio por trás”, juntamente com Rubens Paiva, Almino Afonso e Marcus Pereira (“um rapaz que depois foi trabalhar com um negócio de música”<sup>16</sup>), faz parte do grupo responsável pela segunda fase, ou fase paulista, do *Jornal de Debates*, que circula

---

<sup>12</sup> Cf. GASPARIAN, Fernando. Depoimento [1], p. 4.

<sup>13</sup> Vide o anúncio “O povo está convidado a assistir à grandiosa concentração patriótica”. *Folha da Manhã*, São Paulo, 11 jan. 1953. Assuntos Gerais, p.10.

<sup>14</sup> “E aí fiquei estudando um pouco economia, e fui dar aula de economia lá na universidade, porque, você sendo formado lá, podia dar aula de economia, pela legislação brasileira. Eu me obriguei a estudar, para poder dar aula de economia”. GASPARIAN, Fernando. O risco de publicar. In: FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Lições de casa*. Últimos diálogos sobre educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013, livro digital. Entrevista concedida a Sérgio Guimarães, jan. 2001 e 7 jan. 2005.

<sup>15</sup> Cf. GASPARIAN, Fernando. Depoimento [1], p. 5; Idem, O risco de publicar. O PSB foi fundado em 1947, durante a segunda convenção nacional da Esquerda Democrática, grupo formado em 1945 (e transformado em partido em 1946) por intelectuais e políticos socialistas e liberais que desejavam consolidar a oposição ao Estado Novo, por um lado, e se contrapor ao modelo autoritário do Partido Comunista Brasileiro, de outro. Vide, entre outros, CANDIDO, Antonio. Marxismo e militância. *Praga*, São Paulo, n. 1, set./dez. 1996, p. 5-26. Entrevista concedida a José Pedro Renzi em fevereiro de 1992.

<sup>16</sup> Pereira foi secretário da revista *Anhembi* até 1955 e, posteriormente, publicitário entre 1957 e 1973, quando fecharia sua agência e criaria a Discos Marcus Pereira, responsável, entre outros, pelos dois primeiros discos de Cartola.

nos últimos cinco meses do ano.<sup>17</sup> Começa a trabalhar nas indústrias da família, em Jundiaí, onde tinham uma fábrica, e ingressa no sindicalismo patronal, elegendo-se, em 1957, diretor do Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem do Estado de São Paulo (Sinditêxtil-SP) – o maior sindicato patronal do Brasil à época – e integrando, também, o quadro de diretores da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP).<sup>18</sup>

Mas, nesse início de atividade como empresário, ainda há espaço para mais uma empreitada político-editorial. “Mordido pela vocação política, Gasparian queria eleger-se prefeito de Jundiaí” e, para tanto, junto com Fernando Henrique Cardoso e Fernando Pedreira, compram um jornal local, *O Jundiense*, o “jornal dos três Fernandos”, em 1958. “Pedreira era o redator-chefe, Jayme Martins o superintendente, Cláudio Abramo a estrela entre os colunistas”.<sup>19</sup> Segundo Gasparian, por trás da compra do jornal (gráfica incluída), a ideia era também montar uma editora, uma vez que Pedreira e Fernando Henrique, naquela época, “trabalhavam na Difusão Europeia do Livro. Traduziam livros. E a gente conversava, convivia muito no fim de semana, batia papo”.<sup>20</sup> Desaparecidas as chances de candidatura, abandonam a empreitada<sup>21</sup> e Gasparian vai se dedicar à política industrial, setor em que faria por se destacar.

Em 1960 é eleito presidente do Sinditêxtil-SP. Em 1961, por indicação de Plínio de Arruda Sampaio, subchefe da Casa Civil, o governador de São Paulo, Carvalho Pinto, o nomeia diretor financeiro da re-

---

<sup>17</sup> Cf. GASPARIAN, Fernando, O risco de publicar. É Ivo Cardozo (O quarto *Jornal de Debates. Opinião*, Rio de Janeiro, n. 17, 26 fev. 1973, p. 24) quem afirma que o jornal circulou nos últimos cinco meses de 1955. Segundo Cardozo, ainda, “em 1955, sob a direção de Marcus Pereira, o *Jornal de Debates* empenhou-se a fundo na campanha de Juscelino Kubitschek à presidência”. Gasparian lembra que “foi na época em que o Juarez [Távora] foi candidato a presidente contra o Juscelino [Kubitschek]. Até vem uma entrevista deles todos, no fundo, a favor da Petrobras. E aí a Petrobras se consolidou.” O *Jornal de Debates* ressurgiria ainda em outras três fases, como veremos no capítulo seguinte.

<sup>18</sup> LAMARÃO, Sérgio. GASPARIAN, Fernando. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. CPDOC-FGV.

<sup>19</sup> CARDOSO, Fernando H. Fernando Gasparian, guerreiro e amigo, p. 11.

<sup>20</sup> GASPARIAN, Fernando. O risco de publicar.

<sup>21</sup> O jornal continuou circulando sob o controle de Jayme Martins e, ao final, as máquinas foram enviadas ao Ceará, “para ajudar um jovem, combativo e na época ainda obscuro deputado nacionalista, Paes de Andrade”. CARDOSO, Fernando H. Fernando Gasparian, guerreiro e amigo, p.12.

cém-estatizada Companhia Paulista de Estradas de Ferro, nomeando ainda como presidente o industrial José Ermírio de Moraes. Gasparian é nomeado, também, pelo ministro do Trabalho (no gabinete do primeiro-ministro Tancredo Neves), Franco Montoro, para uma junta interventora na Confederação Nacional da Indústria (CNI) até as eleições seguintes da entidade. Nesse período, segundo Sérgio Lamarão, Gasparian filia-se ao Partido Democrata Cristão (PDC), do qual Sampaio e Montoro faziam parte.<sup>22</sup>

Foram pouco mais de três meses como presidente da junta interventora da CNI, de outubro a janeiro, mas, nesse breve período, com a autoridade de diretor da FIESP e presidente do maior sindicato patronal do país (e numa “dobradinha” com o líder do governo no Congresso, Almino Afonso), Gasparian consegue o apoio da confederação ao projeto de lei que instituía a “gratificação de Natal para os trabalhadores”, o décimo terceiro salário, que seria aprovado em julho de 1962.<sup>23</sup> O presidente interventor da CNI seria também, segundo Fernando Henrique Cardoso, o responsável pelo primeiro aporte financeiro de uma instituição patronal à Universidade de São Paulo (USP), para que se criasse um centro de pesquisa sociológica, o Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho (Cesit), organizado por ele, Fernando Henrique, na cátedra Florestan Fernandes.<sup>24</sup> Uma das últimas ações de Gasparian à frente da CNI foi a concessão de verba do Serviço Social da Indústria (SESI) nacional para o SESI de Pernambuco para a construção de mil casas populares.<sup>25</sup>

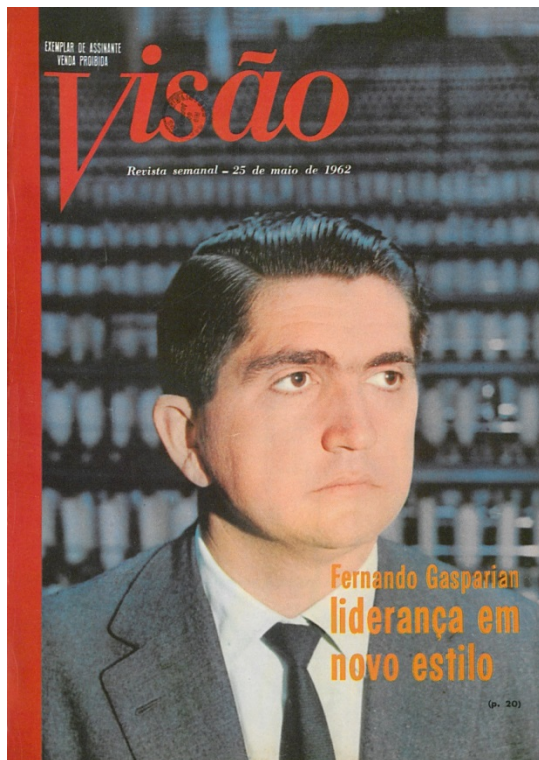
---

<sup>22</sup> LAMARÃO, Sérgio. GASPARIAN, Fernando. Fundado em 1945, o PDC, como seus congêneres europeus e latino-americanos, propunha uma terceira via, isto é, uma alternativa entre o capitalismo e o socialismo. Mas apenas a partir de meados dos anos 1950, com o crescente peso da Vanguarda Democrática – grupo formado por militantes da Ação Católica Brasileira e da Juventude Universitária Católica, como Montoro e Sampaio – no interior do partido e, sobretudo, no início dos anos 1960, seu programa assume, de fato, características marcadamente reformistas, o que acentua, por outro lado, as diferenças internas. Cf. FERREIRA, Marieta de Moraes; FLAKSMAN, Dora. Partido Democrata Cristão (1945). In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. CPDOC-FGV.

<sup>23</sup> Cf. GASPARIAN, Fernando. O risco de publicar; Idem, Nacionalismo, empresariado..., p.230.

<sup>24</sup> “E que deu margem à formação de um enorme conjunto de pesquisadores que vieram a se destacar na vida intelectual brasileira.” CARDOSO, Fernando H. Fernando Gasparian, guerreiro e amigo, p. 12.

<sup>25</sup> ÚLTIMA HORA. Eleita ontem nova diretoria da CNI: 150 milhões de cruzei-



Revista *Visão*, 25 maio 1962. Acervo Biblioteca Nacional

Embora visto como “um industrial identificado pelas posições nacionalistas e progressistas”, Gasparian lembra um “fato importante” ocorrido durante sua presidência na CNI: a ida a uma reunião da Associação Comercial do Rio de Janeiro, em que se discutia a fundação de uma organização de defesa da “livre iniciativa” que, no final, resultaria no Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES). Elencando uma série de nomes presentes, todos “contrários às posições nacionalistas e à intervenção do Estado na economia”, aponta que, evidentemente, não participou de nenhum outro encontro desse grupo, pois nunca compactuara com tais ideias.<sup>26</sup>

---

ros para dar casa aos trabalhadores. Rio de Janeiro, 2 fev. 1962, p. 5.

<sup>26</sup> GASPARIAN, Fernando. Nacionalismo, empresariado..., p. 230-231.

Em 1962 deixa a Companhia Paulista de Estradas de Ferro e a interventoria na CNI. A família expandira os negócios para o setor de gêneros alimentícios e possuía já fábricas em São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio Grande do Norte. Gasparian é tido como referência no meio empresarial e no círculo próximo ao presidente João Goulart. “Um dos líderes de um futuro bem próximo e um dos maiores talentos político-administrativos de nosso país”, diria o *Jornal do Brasil*.<sup>27</sup> Empresário bem sucedido, presidente do maior sindicato patronal do Brasil, diretor da FIESP, presidente da CNI, é capa da revista *Visão* de 25 de maio de 1962: “Fernando Gasparian: liderança em novo estilo”.<sup>28</sup> Aos 32 anos, o nome frequente nas páginas de economia passa a frequentar, também, as páginas de política dos jornais.

### A VOCAÇÃO POLÍTICA

Com a indicação de San Tiago Dantas para primeiro-ministro neste mesmo ano, Gasparian seria indicado para o Ministério da Indústria e Comércio em seu gabinete. Mas a Câmara não aprova o nome de Dantas e Jango indica, então, o senador Auro de Moura Andrade, acertando com ele o nome de alguns ministros, entre os quais Gasparian. Antes de indicar Moura Andrade, no entanto, Jango “pediu-lhe uma carta em que ele renunciava a sua condição de primeiro-ministro [...] como garantia para o caso de os acordos acertados não serem realizados”.<sup>29</sup> O senador, de fato, não os cumpre, e a carta é lida no plenário da Câmara pelo líder do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Almino Afonso. Brochado da Rocha assume como primeiro-ministro, mas o nome de Gasparian, a essa altura, já estava inviabilizado para o cargo. Não por sua posição nacionalista e em favor de um Estado forte na economia, mas, principalmente, por sua defesa de uma tradição “centrista”, vale dizer, de conciliação, na política brasileira, como expõe em agosto de 1962 no Clube Paulistano:

Estamos em um ponto onde as grandes questões do País começam a ser colocadas com radicalização agressiva. É falsa, todavia, a opção a que nos querem forçar. A grande constante da política brasileira é a posição de equilíbrio, de centro. É

<sup>27</sup> JORNAL DO BRASIL. Os nomes da semana. Rio de Janeiro, 30 jan. 1962. Caderno B, p. 6.

<sup>28</sup> Cf. GASPARIAN, Fernando. O risco de publicar.

<sup>29</sup> Idem, Nacionalismo, empresariado..., p. 226.

intolerável, assim, que sob ameaça de sermos [os homens de livre empresa] apresentados ao público com desconfiança e suspeição, sejamos impelidos, pela pressão dos radicais, a posições distanciadas em nossa convicção centrista e democrática.<sup>30</sup>

Se apoiava as reformas de base propostas pelo governo – e sua casa era “um centro de articulação política em apoio às reformas”<sup>31</sup> –, guardava explícita distância tanto do comunismo quanto do macarthismo crescente, afirmando ser necessário encarar “com realidade, e não de maneira fantasiosa, o bloco socialista”.<sup>32</sup> Como aponta Tom Cardoso, Gasparian “nunca foi um homem de esquerda – estava mais próximo do pensamento liberal americano –, mas era admirado por socialistas e odiado pela direita.”<sup>33</sup>

Essas são as razões para ter recebido entusiásticos apoios, mas, também, fortes ataques, quando de sua indicação para o Ministério da Indústria e Comércio, como o proferido pelo *O Estado de S. Paulo*. Em editorial, ao comentar o rompimento entre Moura Andrade e Jango, Júlio de Mesquita Filho termina por atacar a indicação de “um tal sr. Fernando Gasparian”, a quem acusava de “pífio administrador” quando de sua passagem pela CNI, de ter uma carreira fundada “exclusivamente nos milhões que soube amealhar” e de uma ascensão política devida “unicamente às simpatias do sr. presidente da República e dos que com este buscam abrir no regime as brechas pelas quais se introduzirão na cidadela do Estado as hostes subversivas”.<sup>34</sup> O editorialista recusa-se a acreditar que a indicação contara com o apoio de Carvalho Pinto, afir-

---

<sup>30</sup> ÚLTIMA HORA. Líder industrial condena ação das “forças do medo”. Rio de Janeiro, 9 ago. 1962, p. 5.

<sup>31</sup> Cf. SAMPAIO, Plínio de Arruda. Fernando Gasparian. *Teoria e Debate*, São Paulo, v. 20, n. 68, nov./dez. 2006, p. 63.

<sup>32</sup> Cf. JORNAL DO BRASIL. Os nomes da semana, p. 6. Vide também ÚLTIMA HORA. Gasparian: livre empresa é arma certa contra subdesenvolvimento e comunismo. Rio de Janeiro, 24 jan. 1962, p. 2.

<sup>33</sup> CARDOSO, Tom. Fernando Gasparian. O homem que disse não ao não. *IHU on-line*, São Leopoldo, v. 6, n. 200, 16 out. 2006, p. 46. Publicado originalmente no jornal *Valor*, 13 out. 2006.

<sup>34</sup> O ESTADO DE S. PAULO. O novo primeiro-ministro. São Paulo, 3 jul. 1962, p. 3. Gasparian seria um “membro preeminente desse grupo de grandes industriais que se julgam a coberto das investidas comunistas pelo fato de alimentarem a caixa do partido do sr. Luís Carlos Prestes com pingues contribuições e haverem concorrido com os seus fartos haveres para a eleição de deputados federais como o sr. Almino Afonso, por exemplo”.

mando que, caso o governador tivesse sido solicitado de fato a indicar alguém, “certamente que o escolheria entre as personalidades que realmente representassem o nosso Estado, que nele tivessem raízes profundas e cujo passado se resumisse numa folha de reais serviços a nossa terra e ao Brasil”.<sup>35</sup>

Gasparian escreve ao jornal para contestar o editorial, chegando mesmo a transcrever um trecho de discurso de Carlos Lacerda (!) que o elogiava por sua atuação à frente da CNI, bem como palavras de Carvalho Pinto acerca de sua indicação para o ministério. E recusando-se, por sua vez, “a aceitar a razão da má vontade expressa na nota contra [sua] pessoa, lembrada por alguns conhecidos, como sendo originária do fato de ser [ele] descendente próximo de estrangeiros”.<sup>36</sup> Na réplica, o editorialista afirma não retirar uma linha do que escrevera e lembra que as “tendências ou simpatias esquerdistas” de Gasparian procediam da época em que era ainda estudante. “Quanto às suas origens levantinas, não seriam elas, certamente, razão para [o] jornal impugnar a sua nomeação para um Ministério”.<sup>37</sup>

Mesmo com o nome rejeitado entre os setores mais conservadores, partidos oferecem legenda para que Gasparian se candidate a deputado federal. Mas, tal como no *Jornal de Debates*, ele prefere ficar “meio por trás”, apoiando e financiando candidaturas. Da convivência com o “velho” José Ermírio de Moraes na Companhia Paulista, Gasparian relata que o convenceu, quando o industrial resolveu candidatar-se ao Senado por Pernambuco neste mesmo ano de 1962, que o fosse pelo PTB e não pela União Democrática Nacional (UDN). Para tanto, levou a São Paulo, a fim de apresentá-los, o prefeito de Recife, Miguel Arraes, que seria o candidato ao governo de Pernambuco pelo partido.<sup>38</sup> Ambos se elegeram. “Fernando não falava, mas comparecia e apoiava”, lembra Fernando Henrique, quando, também em 1962, ele e Gasparian ajudaram a eleger Rubens Paiva deputado federal pelo PTB, “colaborando em seus discursos e saindo com ele pelo estado de São Paulo afora, pre-

---

<sup>35</sup> Ibidem, p. 3. Logo abaixo do editorial, uma nota acrescenta: “Já estava composto este comentário quando soubemos que a posição do sr. Carvalho Pinto em relação à escolha do sr. Gasparian foi a seguinte: s. exa. não indicou o nome daquele industrial, mas, consultado a respeito pelo presidente Goulart, não se opôs à sua indicação”.

<sup>36</sup> Idem, Dos leitores. São Paulo, 12 jul. 1962, p. 3.

<sup>37</sup> Idem, N. da R. São Paulo, 12 jul. 1962, p. 3.

<sup>38</sup> Cf. GASPARIAN, Fernando. Nacionalismo, empresariado..., p. 225; Idem, Depoimento [1], p. 10.

gando em pequenos comícios”.<sup>39</sup>

Estando tão próximo da política e, com os amigos eleitos, do governo Jango, em 1963, já retornado o sistema presidencialista, seu nome é constantemente ventilado nas rodas do poder. É um dos cogitados para a presidência da Petrobras e novamente para ministro da Indústria e Comércio. Termina sendo indicado pelo presidente – por sugestão do ministro da Fazenda, Carvalho Pinto – ao Conselho Nacional de Economia (CNE), para um mandato de cinco anos. Com a ajuda de Darcy Ribeiro, chefe da Casa Civil, que tomou “as medidas práticas e políticas”, tem o nome aprovado pelo Senado, não sem resistência do “pessoal da direita”, e assume o cargo em 10 de dezembro.<sup>40</sup>

A indicação de Gasparian ao CNE não era fruto apenas de reconhecimento e prestígio. O Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social, elaborado sob o comando de Celso Furtado e anunciado menos de um ano antes, restava praticamente abandonado a essa altura. Em junho, pressionado pelos resultados do plano até então, Jango promovera uma reforma ministerial no intuito de atrair o apoio de empresários e parlamentares moderados e conservadores à política econômica do governo. Para o lugar de San Tiago Dantas, no Ministério da Fazenda, nomeara o ex-governador de São Paulo Carvalho Pinto.<sup>41</sup>

As pressões, porém, continuaram. Descumprindo as metas fixadas com o Fundo Monetário Internacional, o governo acabou por conceder reajustes substanciais ao salário mínimo e ao funcionalismo público e militares. Até mesmo os banqueiros se somaram às pressões depois que uma das medidas do novo ministro os obrigava a comprar títulos do Tesouro sempre que ultrapassassem os limites de crédito permitidos pelo governo. Descontente com o rumo político do Brasil, os Estados Uni-

---

<sup>39</sup> CARDOSO, Fernando H. Fernando Gasparian, guerreiro e amigo, p.12. Outro candidato do PTB eleito deputado federal, pelo estado do Amazonas, foi Almino Afonso (na verdade, reeleito, uma vez que Almino elegera-se para a Câmara em 1958 pelo Partido Social Trabalhista).

<sup>40</sup> Cf. GASPARIAN, Fernando. Encontros com Darcy Ribeiro. *Cadernos do Parlatino*, São Paulo, n. 13, jan. 1998. Instituído pela Constituição de 1946 e instalado em 1949, o Conselho Nacional de Economia tinha como função estudar a vida econômica do país e, por iniciativa própria ou por solicitação dos poderes públicos, opinar sobre as diretrizes da política econômica nacional, interna ou externa, e sugerir as medidas que julgasse necessárias. Cf. Lei nº 970, de 16 de dezembro de 1949.

<sup>41</sup> Cf. SARMENTO, Carlos E. O Plano Trienal e a política econômica no presidencialismo. In: COSTA, Célia M. L.; SILVA, Suelly B. (Coords.). *A trajetória política de João Goulart*. CPDOC-FGV, 2004.

dos suspendem o envio de novos recursos no âmbito da Aliança para o Progresso, firmando acordos diretamente com governadores e prefeitos hostis a Jango.<sup>42</sup> Em novembro, na reunião da comissão coordenadora da Aliança, em São Paulo, o governo brasileiro preferiu concentrar suas expectativas na 1ª Conferência Mundial de Comércio, que ocorreria em março de 1964, em Genebra.

Todas estas questões perpassam o discurso de posse de Gasparian no CNE. Mas o novo conselheiro mostra-se, também, atento e alarmado acerca das consequências (e causas) políticas daí derivadas.

As oportunidades das nações são medidas pela máquina do tempo. [...] a História está aí a nos ensinar que o fenômeno dos eclipses também se verifica no âmbito dos povos. O destino de grandeza que nos está reservado nós o poderemos perder irremediavelmente. Precisamos, todos, reflexionar e com a maior urgência tomar atitudes consequentes, de tal maneira que se implante neste país o *rigor*, antes que sobre ele recaia o *terror*, pela desarticulação de nossa economia. *Rigor para a eficiência*, ou seja, rigor no uso do capital, rigor nas exigências de trabalho, rigor no aproveitamento dos fatores naturais, rigor na planificação do desenvolvimento.<sup>43</sup>

Para que retomássemos o nível de crescimento econômico dos anos anteriores, sobretudo aquele da década de 1950, diz Gasparian, teríamos que “aumentar as inversões, através do incremento da poupança e da ajuda externa” e “obter melhor rendimento dos recursos disponí-

---

<sup>42</sup> Cf. MAYER, Jorge M. PINTO, Carvalho. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. CPDOC-FGV. A Aliança para o Progresso foi formalizada “quando os Estados Unidos e 22 outras nações do continente, entre elas o Brasil, assinaram a *Carta de Punta del Este* em agosto de 1961. De acordo com o documento, os países latino-americanos deveriam traçar planos de desenvolvimento e garantir a maior parte dos custos dos programas, cabendo aos EUA o restante. A administração dos fundos norte-americanos competia em sua maior parte à United States Agency for International Development (USAID)”. Vide ALIANÇA para o Progresso. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. CPDOC-FGV.

<sup>43</sup> GASPARIAN, Fernando. Uma posição nacionalista. In: *Em defesa da economia nacional*. Rio de Janeiro: Saga, 1966, p. 19-20. Grifos do original. As citações seguintes serão indicadas pelos números das páginas.

veis, bens de capital e outros”. Quanto ao primeiro ponto:

*O aumento da poupança* não poderá ser obtido através da redução do nível de vida das camadas menos aquinhoadas do povo, já bastante comprimido. Mas pode ser colhido no refreamento dos gastos hedonísticos, no combate sistemático ao efeito de demonstração que leva parte de nossas elites a hábitos de consumo próprios dos países mais desenvolvidos, alheia que está à realidade do país. Se essa redução representa pouco quantitativamente, tem grande importância do ponto de vista moral, pois não é possível levar as massas a se sacrificarem pelo progresso, se minorias inconscientes fruem uma forma de vida suntuária. (21)

Junto ao sacrifício simbólico de nossas elites hedonistas, teríamos que corrigir os termos desfavoráveis de nosso comércio exterior e, por essa razão, a 1ª Conferência Mundial de Comércio era esperada com grande interesse. Ao esforço interno poderíamos somar a ajuda externa, mas esta nos chegava, todavia, “anêmica e sem expressividade”.

O direito que temos de pleitear tal ajuda busca sua sustentação exatamente naqueles nobres sentimentos que inspiraram John Kennedy e que o levaram a dizer em março de 1962, com consciência de culpa que não era sua mas do papel omissivo de sua pátria: “Durante muito tempo meu país, a nação mais rica de um continente pobre, deixou de cumprir as suas responsabilidades.” Em verdade, o princípio de solidariedade não é algo abstrato e intangível. Sua fonte é a mesma que criou o Direito e as noções do justo e do iníquo. O grande americano que a brutalidade emudeceu voltou seus cuidados para o assunto e propôs uma aliança visando o progresso entre seu país e as nações que compõem este continente esquecido. Pouco se logrou na execução de tão ambicioso plano, mas não devemos nos conformar com o insucesso. Um fluxo substancial de capital estrangeiro permitiria desenvolvimento mais rápido sem aumentar o sacrifício da população. (22-23)

Trazendo à tona números fornecidos pela Comissão Econômica

para a América Latina e o Caribe (CEPAL), porém, Gasparian conclui que “cabe ao esforço interno a grande parcela na construção de nosso progresso, figurando os investimentos estrangeiros – mesmo que acrescidos por iniciativas como a Aliança Para o Progresso – como elemento subsidiário, embora que desejado”. Assim,

uma vez que não podemos aumentar a poupança através da compressão do nível de vida do povo; que a melhoria dos termos de relações de troca não pode ser concedida por medidas unilaterais; que os financiamentos externos são aleatórios, há que concentrarmos nossa atenção e esforço para o máximo *aproveitamento dos fatores de produção de que dispomos*. (24, grifo do original)

O conselheiro elenca, então, uma série de medidas que poderiam ser tomadas para o saneamento do mercado financeiro nacional e ataca a “ociosidade crônica” dos fatores de produção: “parte das terras do país jazem sem aproveitamento porque os que as querem cultivar não as possuem e os que as possuem muitas vezes não se preocupam em cultivá-las”, “a mão de obra – abundante – remanesce marginalizada, como se de sua mobilização não resultasse, de imediato, riqueza”, “nossa rede ferroviária e marítima subtiliza os investimentos realizados” e “as empresas estatais deixam de usar muitas vezes a sua capacidade produtiva para se perderem no jogo de interesses de seus eventuais titulares”. Ataca ainda o “baixíssimo” rendimento da máquina burocrática, cujos “serviços públicos vêm operando, entre nós, com incrível desapego às normas da eficácia” e a “distorção continuada do setor salarial”, “que nem sempre tem logrado o seu maior objetivo, que é o levantamento do nível de vida de toda a coletividade trabalhadora”, uma vez que “as vantagens pecuniárias vêm sendo concedidas atendendo a pressões grupais”, “agravando as demais categorias de trabalhadores que não se constituíram nas ‘clientelas’ privilegiadas”. “Outrossim”, segue, “é preciso cuidar-se do melhor aproveitamento da força de trabalho dos profissionais qualificados – porque a nação já investiu neles e o conhecimento que adquiriram deve reverter em benefício da coletividade”. (25-26)

Só o aumento da eficácia dos fatores disponíveis, o que se conseguirá sempre com sacrifícios e renúncias, evitará que o processo de nosso desenvolvimento fuja do nosso controle e que a nossa

sorte seja manipulada de fora para dentro. Convém repetir: Como os outros fatores não dependem de nós, precisamos nos apegar à melhoria da eficiência do que dispomos, porque só ela promoverá a riqueza do país, recuperará o atraso em que estamos dos povos mais adiantados e possibilitará o aumento real do nível de vida de nossa gente. (27)

### OS TITULARES DO PODER

Na introdução ao livro que colige seu discurso de posse no Conselho Nacional de Economia, diz o autor:

A seleção dos trabalhos trouxe-nos uma grande satisfação: a certeza do dever cumprido e a coerência de nossa posição em defesa da iniciativa privada nacional. Se isto nos for reconhecido, estaremos por demais compensados da luta e do esforço adicional dispendido, não em defesa de uma classe, mas defendendo os interesses nacionais, pois não acreditamos possa um brasileiro discordar de Roberto Simonsen quando afirmou que a indústria nacional desfruta de uma situação excepcional: todos os seus legítimos anseios coincidem com os altos interesses da nacionalidade.<sup>44</sup>

Voltemos, então, à parte inicial do discurso:

Acostumei-me, de cedo, desde os bancos escolares onde fiz vida política, a sentir os problemas da coletividade como os que mais de perto me tocavam. O destino da nação, a sua vida, os seus êxitos, o seu progresso, os seus azares, tudo é a projeção de nosso ser e sobre nós incide diretamente. [...] O mundo contemporâneo é marcado por nações que se traçam um projeto, sendo possível identificar o progresso de cada povo como consciente opção da respectiva coletividade. *O nacionalismo é, destarte, uma imposição dos tempos.* [...] Mas, senhores, não é fácil adotar uma política nacionalista. Porque, antes de tudo, ela exige plena

---

<sup>44</sup> Idem, Introdução. In: Em defesa da economia nacional, p. 9-10.

responsabilidade dos titulares do poder, compreendidos entre aqueles os políticos, os líderes clasistas e os empresários. (18-19, grifos do original)

Vê-se, portanto, que Gasparian segue fazendo fé na aliança forjada intelectualmente durante a década de 1950 no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e sustentada politicamente por trabalhistas (PTB) e comunistas (PCB).<sup>45</sup> A crença no papel progressista do empresariado, bem como na “aliança” com os trabalhadores, eram destacadas pelo presidente do Sinditêxtil-SP e agora conselheiro econômico em agosto de 1962, em evento promovido pela entidade patronal. Trata-se do mesmo discurso que citamos anteriormente, no qual, diante da radicalização política crescente, ele reivindicava “a grande constante da política brasileira”, isto é, “a posição de equilíbrio, de centro”.

Estamos reunidos aqui, homens de livre empresa, devotados apenas à afirmação do nosso trabalho. Os grupos empresariais brasileiros não podem abdicar da confiança em seus próprios esforços e da certeza de que deles depende o progresso e o desenvolvimento do País. [...] A nossa história é exemplo magnífico de convivência e compreensão, e, sobre esses sentimentos humaníssimos construiu o povo o seu caráter. [...] Todavia, devemos estar atentos. Os acontecimentos que sucedem com rapidez e a contaminação do ambiente social pelo ódio é fato perceptível. Estamos em um ponto onde as grandes questões do País começam a ser colocadas com radicalização agressiva. [...] Precisamos reagir contra esse estado de coisas, mesmo porque a nossa inércia significará campo livre para que se estenda sobre a Nação o equívoco terrível das soluções violentas. As forças

---

<sup>45</sup> Forjada também na CEPAL, se considerarmos, conforme Bresser-Pereira, que as ideias do ISEB, “de caráter antes político do que econômico, completavam-se, no plano econômico, com o pensamento estruturalista da CEPAL”. BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Do ISEB e da CEPAL à teoria da dependência. In: TOLEDO, Caio Navarro. (Org.). *Intelectuais e política no Brasil*. A experiência do ISEB. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 204. A bibliografia sobre o ISEB é bastante vasta e diferenciada em termos de juízo crítico. Ver, entre outros, além do ensaio de Bresser-Pereira, JAGUARIBE, Helio. ISEB: um breve depoimento e uma reapreciação crítica. *Cadernos de Opinião*, n.14, out./nov. 1979, p. 94-110.

do medo são hoje pequenas minorias, mas nada se propaga tão rapidamente quanto o temor. O diálogo entre os empresários e os trabalhadores é elemento concreto, da realidade brasileira. Não se deve tolerar a ação insidiosa dos que querem perturbar a harmonia pela insinuação de extremismos inexistentes. O homem de empresa e o operário se irmanam no mesmo interesse: o aumento da riqueza efetiva do País [...].<sup>46</sup>

Mas, se “o homem de empresa e o operário se irmanam no mesmo interesse”, o diálogo entre ambos, bem entendido, precisa ser mediado por outro dos *titulares* do poder. Como aponta Maicon Carrijo ao se deter também sobre o discurso de posse de Gasparian no CNE,

nessa junção dos titulares do poder para consolidação de um projeto nacional, também podemos resgatar um elemento fora desse discurso, mas não muito distante dele em data de publicação: em abril de 1963, Fernando Gasparian, como presidente do Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem, enviou um significativo telegrama ao amigo [Almino Afonso] publicado posteriormente pelo jornal *Folha de S. Paulo* dentro de uma pequena nota sobre as ações do empresário para que os créditos ao setor das indústrias de fiação não fossem restringidos pelo Banco do Brasil. *No documento é gritante a defesa da antiga estrutura sindical num momento em que as forças trabalhadoras se dinamizavam por organizações paralelas*. Fica evidente, frente a alterações que acabaram por reconhecer momentaneamente a legalidade do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT)<sup>47</sup>, como era importante para a associação

---

<sup>46</sup> ÚLTIMA HORA. Líder industrial condena ação das “forças do medo”, p. 5.

<sup>47</sup> No IV Congresso Sindical Nacional dos Trabalhadores, realizado em 1962, em São Paulo, o Comando Geral de Greve transformou-se no Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), que congregava organizações oficiais e *organizações paralelas*, como a Comissão Permanente das Organizações Sindicais (CPOS), o Pacto de Unidade e Ação (PUA) e o Fórum Social de Debates (FSD). Cf. KORNIS, Mônica Almeida; MONTEIRO, Débora Paiva. O movimento sindical urbano e o papel do CGT. In: COSTA, Célia M. L.; SILVA, Suely B. (Coords.). *A trajetória política de João Goulart*.

de empresários orquestrada pelo industrial a manutenção da *participação política da classe operária sob a direção sindical* nos moldes das leis dos anos anteriores, engrossando o coro já iniciado pela FIESP e a CNI.<sup>48</sup>

O telegrama:

No momento em que a nação requer tranquilidade, segurança, paz social e perfeita compreensão dos mútuos interesses das classes patronais e trabalhadoras, este Sindicato não pode deixar de manifestar suas apreensões pela inoportuna revogação dos termos da portaria desse Ministério que proibia a existência de *organizações à margem de legítimas representações de classes*. Estamos certos de que v. exa., reexaminando as profundas implicações de tal ato, irá reconsiderá-lo para integral respeito ao enquadramento da Consolidação da Leis do Trabalho”.<sup>49</sup>

Assim como San Tiago Dantas, Almino seria substituído por Jango na reforma ministerial de junho. Em seu lugar no Ministério do Trabalho assume Amaury de Oliveira e Silva, senador paranaense pelo PTB. Se o “moderado” Gasparian desagradava à direita, não deixava de desagradar à esquerda: segundo Bernardo Kucinski, “em alguns círculos de esquerda perseguia-o a imagem do empresário não cumpridor das obrigações sociais – fama de todo o empresariado nacional na época”.<sup>50</sup>

Nesse mesmo ano, analisando o comportamento do empresariado brasileiro diante da radicalização política, Luiz Carlos Bresser-Pereira, sem deixar de acreditar no potencial progressista do grupo, se perguntava e respondia:

O empresário foi um líder da Revolução Industrial, ou mais frequentemente um colaborador pru-

---

<sup>48</sup> CARRIJO, Maicon. *Cientistas sociais e historiadores...*, p. 70-71. Grifos nossos.

<sup>49</sup> FOLHA DE S. PAULO. Galvão garante crédito ao setor têxtil. São Paulo, 7 abr. 1963, p. 6. Grifo nosso.

<sup>50</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*. In: *Jornalistas e revolucionários*. Nos tempos da imprensa alternativa. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2003, p. 305.

dente da Revolução Ideológica.<sup>51</sup> Perguntamos agora: continua ele, no momento presente, merecedor destes títulos? Em relação ao desenvolvimento industrial já vimos que hoje ele divide e disputa as responsabilidades e iniciativas com o Governo [...]. E em relação à Revolução Ideológica? Continuam os empresários a ter uma posição de vanguarda, continuam a representar um grupo em ascensão, que tem que combater os grupos tradicionais, particularmente a velha aristocracia rural brasileira? Uma série de fatos novos ocorridos todos eles durante o governo Juscelino Kubitschek, nos levam a responder a esta pergunta negativamente.<sup>52</sup>

O ensaio de Bresser, posto lado a lado com a trajetória de Gasparian, constitui um guia para as falas do empresário que, por sua vez, personifica aquilo que o economista vê extinguir-se.

Os empresários constituíam uma classe nova que, para sobreviver e desenvolver-se, precisava lutar tanto no campo econômico, investindo e tornando eficientes suas empresas, quanto no campo político, adotando posições ideológicas novas, que transformassem o sistema de valores vigentes. Assim eles fizeram, em ordem decrescente de dedicação, em relação ao industrialismo [*versus* agriculturalismo], ao desenvolvimentismo [*versus* liberalismo], ao nacionalismo [*versus* cosmopolitismo] e ao reformismo [*versus* conservadorismo]. Seu papel não chegou a ser revolucionário, na medida em que sempre se pautou por uma certa prudência, e porque nunca se manifestou politicamente com plena coesão e coerência; mas indiscutivelmente, a contribuição dos industriais brasileiros foi positiva para a Revolução Ideológica por

---

<sup>51</sup> A “revolução industrial” e a “revolução ideológica” são os dois aspectos do que Bresser chama de a “Revolução Brasileira”, ocorrida a partir dos anos 1930.

<sup>52</sup> BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. O empresário industrial e a revolução brasileira. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 3, n. 8, p. 20, jul./set. 1963.

que o Brasil ainda hoje está passando.<sup>53</sup>

A consolidação da indústria brasileira no final da década de 1950 e a conquista de uma posição de liderança entre as classes produtoras, o recrudescimento do movimento sindical e a conjuntura internacional da Guerra Fria colocaram fim ao “progressismo” do empresariado nacional e provocaram, ainda, “uma desorientação geral por parte dos grupos políticos de esquerda e de direita”.

A esquerda moderada tinha como uma de suas bandeiras a industrialização, que se identificava com o nacionalismo, e tinha nos industriais eventuais aliados. “A primeira fase da revolução social é a revolução burguesa, industrial”, diziam esses elementos. E passavam a apoiá-la. Subitamente, verificaram que a Revolução Industrial já ocorrera e se consolidara, e que os industriais alinhavam-se cada vez mais claramente entre os grupos de direita, aliados a seus antigos adversários da aristocracia rural e do alto comércio importador e exportador. A esquerda tinha agora que reformular totalmente suas posições. Alguns se radicalizaram. Outros encontraram a solução na luta pelas reformas de base. [...] Teses tipicamente conservadoras, incompatíveis com um país em pleno processo de transformação social, começam a ser adotadas pelos industriais. O alarmismo político, a crença na iminência de uma revolução sangrenta de tipo comunista, é uma dessas teses. Na medida em que os grupos de direita mais extremada conseguem convencer os industriais de tal fato, verifica-se imediatamente um processo de radicalização para a direita. A excessiva prudência, senão a oposição decidida às reformas que ora se discutem, particularmente à reforma agrária e à tributária, implicam novamente na adoção de uma linha conservadora pelos industriais brasileiros.<sup>54</sup>

Um estudo sobre o empresariado nacional nesse mesmo período, apresentado em novembro de 1963 como tese de livre-docência junto à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, terminava de modo

---

<sup>53</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>54</sup> Ibidem, p. 23-25.

semelhante:

O delírio direitista a que se entregam alguns grupos industriais [...] espelha a política de avestruz que orienta parte da burguesia industrial: por temor da revolução abdicam a política de reformas, deixando de lado os projetos de hegemonia política para apoiar a estratégia de reação dos grupos dominantes tradicionais.<sup>55</sup>

Mas, diferentemente de Bresser, isto é, desacreditando já num suposto papel “progressista” a ser exercido pelo empresariado brasileiro, Fernando Henrique Cardoso conclui que

a “marcha para o desenvolvimento” transcende o projeto de expansão das burguesias nacionais em formação. Se o empreendedor industrial não é o demiurgo do real, também a burguesia, como classe, não é necessariamente, num país subdesenvolvido, a mola do desenvolvimento. [...] As decisões fundamentais não dependerão apenas da burguesia industrial que, parece, optou pela “ordem”, isto é, por abdicar de uma vez por todas de tentar a hegemonia plena da sociedade, satisfeita já com a condição de sócio menor do capitalismo ocidental e de guarda avançada da agricultura que muito lentamente se capitaliza. Resta verificar qual será a reação das massas urbanas e dos grupos populares e qual será a capacidade de organização e decisão de que serão capazes para levar mais adiante a modernização política e o processo de desenvolvimento econômico do país. No limite a pergunta será então, subcapitalismo ou socialismo?<sup>56</sup>

A tese foi o primeiro trabalho levado a termo pela cadeira de Sociologia I e o Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho (CESIT) da USP. Como destaca Carrijo, “no limite, a pesquisa de Fernando Henrique Cardoso foi um dos primeiros passos para a retirada da força ideológica e política que o nacionalismo tinha angariado nas décadas anteri-

---

<sup>55</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. *Empresário industrial e desenvolvimento econômico*. São Paulo: Difel, 1964, p. 178.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 184-187.

ores, a base para que Cardoso estabelecesse em poucos anos a tese da dependência associada”.<sup>57</sup> O sociólogo e futuro político afirmaria, posteriormente, em mais de uma ocasião:

A nós [o grupo reunido em torno da leitura do *Capital* de Marx] chocava e horrorizava a versão que o ISEB apresentava do que era o pensamento progressista. Porque éramos influenciados por Marx e não aceitávamos: primeiro, a utilização do Estado como instrumento de mobilização; segundo, o endeusamento do empresário como figura central no processo de transformação da sociedade. A esquerda tinha sido influenciada pelo ISEB; depois é que ela passou a influenciá-lo. [...] No começo dos anos 60 escrevi um livro [...] em que faço a crítica das posições do ISEB. Começo aceitando a hipótese que ele formula da existência de um papel progressista da burguesia. As teses a esse respeito eram estruturadas por duas agências formadoras de opinião: o ISEB e o Partido Comunista [PCB], que dominavam a cena intelectual. Por razões diferentes, ambos coincidiam num ponto: devia haver uma aliança entre os trabalhadores e o empresariado, sob a hegemonia deste último. O Estado era o eixo que permitiria essa junção. Por isso, eles disputavam pedaços do Estado para, por meio da alavanca estatal, modificar a sociedade. [...] Fui então verificar se essa hipótese era ou não válida. E encontrei apenas dois empresários – o velho José Ermírio de Moraes e Fernando Gasparian, que entrevistei longamente – que tinham uma visão que coincidia com aquela expectativa de um empresariado nacional que cria o mercado interno, faz a reforma agrária e utiliza o Estado para criar condições para o desenvolvimento. Os outros – estamos entre 1961 e 1963 – estavam todos radicalizando, achando que o comunismo se aproximava, que a reforma agrária era o fim do mundo [...].<sup>58</sup>

<sup>57</sup> CARRIJO, Maicon. *Cientistas sociais e historiadores...*, p. 90.

<sup>58</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. Deve-se discutir com os militares as funções que lhes cabem e os seus limites. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 7 ago. 1983. Cultura, p. 8. Entrevista a Lourenço Dantas Mota.

“Eles [o ISEB] se preocupavam com o crescimento econômico e com a ação do Estado, mas não olhavam primordialmente para a questão das classes. O mundo do ISEB era o mundo do Estado, e o nosso era o mundo das classes”.<sup>59</sup> Nesse sentido, outro dado chama atenção na tese de Fernando Henrique no que diz respeito à relação entre os industriais da “classe nova” (Bresser) e aqueles descendentes da aristocracia rural, de quem *O Estado de S. Paulo* é o representante por excelência:

Efetivamente, quando se compara, por exemplo, as crenças e práticas de um industrial do Nordeste ligado a uma “grande família”, com a ação e os ideais de um industrial de Blumenau, filho de alemães, as diferenças são enormes. Está claro que, em alguns pontos, há o denominador comum da procura do lucro e da defesa da propriedade. Mas os meios de que dispõem para agir e a forma como fazem, quando, por exemplo, precisam de um empréstimo ou são colocados diante de situações que envolvem opções políticas, são bastante diversos. Em qualquer dos casos, porém, é provável que respondam antes às experiências tradicionais do que à nova situação de vida que a industrialização começa a generalizar. [...] Se tomarmos cada industrial em particular veremos que se situa na sociedade mais em função dos outros *status* que possui do que do *status* de empreendedor industrial. Assim, referindo-se aos efeitos negativos da heterogeneidade social da camada empresarial sobre a possibilidade de fortalecimento político dos industriais, um dos entrevistados exprimiu-se de forma a mostrar inequivocamente o tipo de avaliação social que para ele tem sentido: “Há três categorias de industriais: 1 - os ‘edificadores’, que são filhos de antigas famílias empobrecidas mas dignas, que conseguiram reerguer a cabeça; 2 - os ‘nobres’, filhos dos que edificaram indústrias e que, nascidos em berço de ouro, passam a dissipar a fortuna; 3 - os ‘imigrantes’ e destes nem é bom falar...”. O exemplo mostra a persistência de padrões estamentais de avaliação em pessoas cuja

---

<sup>59</sup> Idem, Entrevista. In: MOURA, Flávio; MONTEIRO, Paula (Orgs.). *Retrato de grupo. 40 anos do CEBRAP*. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 27. Entrevista a Fernando Limongi, André Singer, Flávio Moura e Henri Gervaiseau.

atividade prática concreta está longe de orientar-se por valores equivalentes. Não obstante, se na fábrica – na vida econômica – a moral capitalista já impera, no julgamento das possibilidades de uma ação comum para a obtenção de vantagens e possibilidades comuns de influência – na vida política – os preconceitos patrimonialistas arraigados desde o passado escravocrata impedem que industriais descendentes de senhores de escravos ou das “famílias de tradição” situem-se socialmente em termos do que Weber chamaria da “posição do mercado”.<sup>60</sup>

É em meio a esse quadro que agem as “forças do medo” e se insinua o “terror”. Em 19 de dezembro, nove dias depois da posse de Gasparian no CNE, Carvalho Pinto demite-se do Ministério da Fazenda.<sup>61</sup>

Membro destacado de um empresariado cujo nacionalismo se “esvaziava de conteúdo” (Bresser) e cuja aliança imaginada com os trabalhadores – via sindicalismo, sobre o qual o Estado perdera o controle – era substituída por uma aliança bastante palpável com a elite econômica tradicional – apesar dos preconceitos desta última –, falando a uma turma de economistas, em janeiro, o conselheiro faz um apelo:

As realidades mais elementares da vida econômica são ignoradas ou incompreendidas e essa observação vale mesmo em relação àqueles de alto nível cultural e grandes responsabilidades na vida pública nacional. No Brasil o economista não pode fugir à grave responsabilidade de orientador da opinião pública. Essa responsabilidade é especialmente grande no momento em que as paixões políticas provocam tomadas de posição radicais sobre a maioria dos grandes temas do nosso desenvolvimento. Para cumprirdes essa missão, indispensável será cultivar uma virtude que constitui normalmente a marca do economista mas que, nas circunstâncias presentes, adquire especial relevância: refiro-me à objetividade. Objetividade enten-

<sup>60</sup> Idem, *Empresário industrial e desenvolvimento econômico*, 162.

<sup>61</sup> E, convidado por Magalhães Pinto, governador de Minas Gerais e um dos líderes da conspiração contra Jango, aderiria ao movimento. Em 1966, filiado à Arena, elege-se senador por São Paulo. Cf. MAYER, Jorge Miguel. PINTO, Carvalho.

dida como predisposição para a análise isenta e factual dos problemas econômicos. Não exige a objetividade que o economista seja imune às influências do contexto socioeconômico em que atua. O economista terá necessariamente suas preferências ideológicas. Isso, contudo, não o impedirá de ser objetivo desde que distinga, em cada caso, as ilações que resultam de seu trabalho estritamente técnico das que defluem de sua preferência pessoal.<sup>62</sup>

Apelo difícil de ser atendido: a “análise isenta e factual dos problemas econômicos”, como se desses problemas – e sabemos por ele próprio e seu nacionalismo apaixonado – fosse possível excluir a paixão política.

Com a saída de Carvalho Pinto, Ney Galvão, amigo íntimo do presidente, assume o Ministério da Fazenda. Uma de suas primeiras medidas foi a revogação da Instrução nº 255 da Superintendência da Moeda e do Crédito (Sumoc), contra a qual os banqueiros sublevaram-se. Sob sua gestão, também, foi regulamentada a Lei de Remessa de Lucros, antiga reivindicação dos setores nacionalistas que tramitara longamente no Congresso.<sup>63</sup> Presente ao ato de assinatura da regulamentação pelo presidente, e tendo em vista a situação política do país, Gasparian o adverte numa conversa:

Olha, presidente, o senhor precisa rever suas alianças, porque, lá em São Paulo, parte do empresário que o senhor apoia está dando dinheiro para derrubar o seu governo. [...] Acho que o senhor não está informado. O pessoal está se juntando e dando dinheiro para comprar caminhão para a polícia militar do Adhemar de Barros [...]. Eles estão se armando e fazendo um exército, para derrubar

---

<sup>62</sup> GASPARIAN, Fernando. Apelo à objetividade. In: *Em defesa da economia nacional*, p. 228-229. Discurso de patrono da Turma de 1963 do Curso de Análise Econômica do Conselho Nacional de Economia, em 28 de janeiro de 1964.

<sup>63</sup> Aprovada em setembro de 1962, a lei considerava como capital nacional os lucros obtidos em atividades no Brasil e estabelecia o limite de remessas para o estrangeiro em 10% do total do capital registrado das empresas. Cf. SARMENTO, Carlos E. O Plano Trienal e a política econômica no presidencialismo.

o seu governo.

Ao que Jango teria respondido:

Olha aqui, Gasparian, deixa eu dizer uma coisa: política a gente não pode fazer só com ideologia, tem que pensar em amizades e interesses. Se eu penso uma coisa e ele não pensa igual a mim, isso, portanto não vai dar certo? É como o general Amaury Krueel, ele é um “gorila”, mas ele é padrinho do meu filho, meu compadre, é meu amigo. Com ele posso contar.<sup>64</sup>

No mês seguinte, fevereiro, Gasparian é indicado para a Comissão Especial para Assuntos de Petróleo (CEAP), criada para apurar irregularidades na Petrobras e traçar uma política industrial para a empresa.<sup>65</sup> Ainda em fevereiro, torna-se acionista majoritário da Companhia América Fabril, então a maior empresa têxtil da América Latina, com cerca de cinco mil empregados. Em séria crise financeira, a companhia encontrava-se sob intervenção do Banco do Brasil, que ofereceu condições favoráveis para a aquisição – parcelamento da dívida e financiamento para a compra de máquinas.<sup>66</sup>

Embora se mostrasse despreocupado com as conspirações, Jango ordenara ao Banco do Brasil que suspendesse operações de crédito (redesconto de títulos) que atingiam diretamente as indústrias de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Essa situação se agravaria até março, quando Ney Galvão liga para Gasparian pedindo-lhe que reunisse um grupo de empresários para uma conversa no Rio de Janeiro. Segundo o ministro, o presidente estava muito irritado com o setor industrial que vinha se colocando contra o governo. Gasparian lidera uma comitiva que contava, entre outros, com Paulo Vellinho, Jorge Gerdau, Dilson Funaro, Einar Kok e Plínio Kroeff. Finalmente, Galvão anuncia que Jango decidiu revogar a medida e gostaria de encontrar-se com o grupo no dia seguin-

<sup>64</sup> GASPARIAN, Fernando. Nacionalismo, empresariado..., p. 231-232.

<sup>65</sup> Cf. CORREIO DA MANHÃ. Petróleo já tem Comissão Especial. Rio de Janeiro, 7 fev. 1964, p. 1.

<sup>66</sup> Cf. LAMARÃO, Sérgio. GASPARIAN, Fernando. Uma nota bem humorada de Wilson Figueiredo, no *Jornal do Brasil*, afirmava que Gasparian reservaria para Garrincha “um lugar no comando da empresa, a que serviu como operário antes de tecer com dribles desconcertantes a sua glória de craque”. Cf. Fixação no Rio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 fev. 1964. Caderno B, p. 8.

te, 31 de março.<sup>67</sup>

## O GOLPE

Na chegada ao Palácio Laranjeiras os empresários se deparam com a presença da TV e se negam a encontrar o presidente, sob o argumento de que não fariam propaganda para o governo. Gasparian resolve o impasse junto a Raul Ryff, Secretário de Imprensa e, em encontro reservado, o grupo manifesta suas inquietações e pede providências para a pacificação dos ânimos acirrados. Jango, segundo Einar Kok, disse que eles estavam exagerando, que o governo federal estava absolutamente tranquilo e iria controlar inteiramente a situação.<sup>68</sup> Ao final do encontro, lembra Gasparian, o presidente pôs a mão em suas costas e lhe falou: “Mas que estranho: até você, Gasparian, está assustado?” À noite, voltaria com Rubens Paiva ao palácio, mas seriam impedidos de entrar.<sup>69</sup> Finalizando o quadro que descrevemos até aqui:

Naquele tempo [durante o governo de João Goulart] José Ermírio de Moraes, depois senador, e eu estávamos no centro de um grupo de industriais brasileiros, preocupados em criar um núcleo empresarial sólido que contribuísse, com a força de seus negócios e de seu prestígio político, para a defesa da economia nacional e o desenvolvimento autônomo das atividades produtivas. Éramos o que a imprensa denominava, na redução da análise, a burguesia nacional, quase todos herdeiros de companhias industriais familiares, que se confrontavam com o desembarque das corporações multinacionais. Pudemos lutar contra o processo de desnacionalização das empresas brasileiras, que haviam adquirido o ânimo do crescimento durante os anos 50. Mas, infelizmente não nos foi possível impedir o golpe de Estado que viria em

---

<sup>67</sup> Cf. GASPARIAN, Fernando. Nacionalismo, empresariado..., p. 232; KOK, Einar. Entrevista à *Gazeta Mercantil*, São Paulo, 5 abr. 2004 apud VENTURINI, Fabio C. *Estado, grande indústria e militares*. As relações de poder no setor metalmeccânico no Brasil (1964-1978). Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008, p. 228-238.

<sup>68</sup> Cf. KOK, Einar. Entrevista à *Gazeta Mercantil*, p. 231-232.

<sup>69</sup> GASPARIAN, Fernando. Nacionalismo, empresariado..., p. 233.

1964.<sup>70</sup>

No 1º de abril, Gasparian e Paiva (que fizera um discurso na Rádio Nacional contra o golpe nesse mesmo dia) andariam pelas ruas do Rio, “vendo as pessoas nas janelas, a direita toda saudando o golpe”. Nos dias seguintes, visitaria os amigos nas embaixadas, escondidos ou foragidos, não sem notar que era fotografado.<sup>71</sup>

Juntamente com os demais membros, pede exoneração da Comissão Especial para Assuntos de Petróleo. Ainda em abril, a pedido do governador de São Paulo, Adhemar de Barros, o Ministério do Trabalho intervém no Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem do estado, afastando-o da presidência. Depois de recorrer à justiça, reassume e conclui o mandato no início de agosto, elegendo o sucessor. O conselheiro, contudo, não abandona o mandato no Conselho Nacional de Economia, órgão referendado pela Constituição, nem é cassado. Passa, então, a usar o CNE para criticar a política econômica de Roberto Campos (ministro extraordinário para o Planejamento e Coordenação Econômica) e, “como no Congresso as pessoas melhores estavam cassadas”, ganharia destaque na imprensa, falando “o que ninguém falava no Congresso”.<sup>72</sup>

Em novembro é homenageado pela CNI com a inauguração, em Aracaju, entre outras obras do SESI, do Conjunto Educacional Fernando Gasparian, idealizado quando de sua passagem pela presidência da confederação. Presente ao evento, pronuncia ainda um discurso na Assembleia Legislativa de Sergipe, em que não deixa de tecer críticas à política econômica do governo.<sup>73</sup>

No final do ano, segundo conta Samuel Wainer em suas memórias, Gasparian teria assumido, junto com Rubens Paiva, o comando do *Última Hora* de São Paulo.<sup>74</sup> Paiva, de fato, assume a direção do jornal

<sup>70</sup> Idem, Encontros com Darcy Ribeiro.

<sup>71</sup> Idem, Depoimento [1], p. 9. Dos amigos cassados pelo golpe, entre os quais Rubens Paiva e Almino Afonso, a exceção foi José Ermírio de Moraes, que, segundo Gasparian, os militares “não tiveram coragem de cassar”.

<sup>72</sup> GASPARIAN, Fernando. Depoimento [1], p. 9. Vide, por exemplo, FOLHA DE S. PAULO. Descoordenação. São Paulo, 13 maio 1965, p. 4.

<sup>73</sup> Cf. JORNAL DO BRASIL. SESI homenageia Gasparian. Rio de Janeiro, 27 nov. 1964, p. 8; Idem, Gasparian diz que maiores investimentos resolverão os problemas do Nordeste, 28 nov. 1964, p. 11.

<sup>74</sup> “No final do ano anterior [1964], em mais uma tentativa de reanimá-lo [a edição paulista do jornal], eu passara o comando da redação a dois amigos, Rubem [sic] Paiva e Fernando Gasparian. Foi um erro, antes de mais nada por-

em 1965, mas não encontramos registros da participação de Gasparian no episódio. Sendo Wainer, porém, o dono do jornal, é provável que, assim como fizera no *Jornal de Debates*, Gasparian tenha ficado “meio por trás”.

Ainda no final de 1964 muda-se para o Rio de Janeiro, não apenas por conta da aquisição da América Fabril. Tendo demonstrado durante os anos anteriores “uma posição progressista, nacionalista, mesmo estando na indústria”, perdera apoio entre os empresários e ficara numa “situação difícil” em São Paulo. Entre outros fatos, Gasparian relata que:

Numa noite, soltaram uma bomba na casa do senador José Ermírio de Moraes, na Rua Argentina, no Jardim América, quebrando todos os seus vidros; e metralharam a minha casa na Rua México, localizada a três quadras dali. Por sorte eu não me encontrava no local, pois as balas entraram no meu escritório, onde normalmente eu trabalhava.<sup>75</sup>

Com a mudança, passa a participar também do Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem do Rio de Janeiro. Não deixa, no entanto, de participar da vida política e econômica de São Paulo, sendo um dos fundadores, em 1966, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) no estado e tendo, inclusive, o nome cogitado para concorrer pelo partido à eleição indireta para governador.<sup>76</sup> Integra ainda o conselho criado por Niomar Muniz Sodré no *Correio da Manhã* na tentativa de

---

que eles não eram jornalistas, não eram do ramo. Além disso, ambos foram rapidamente assaltados pela sensação de onipotência que geralmente contamina quem assume o controle de um jornal. Em pouco tempo, eles já dispensavam meus conselhos, contrariavam minhas diretrizes. Para mim, o importante naquele momento era assegurar a sobrevivência econômica do jornal, e para tanto era preciso cautela na linha editorial. Gasparian e Rubem Paiva, entretanto, radicalizaram a posição da *Última Hora*. Vi-me forçado a afastá-los da chefia da redação.” WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. Memórias de um repórter. São Paulo: Planeta, 2006, p. 345. O *Última Hora* de São Paulo seria vendido posteriormente ao Grupo Folha.

<sup>75</sup> GASPARIAN, Fernando. Nacionalismo, empresariado..., p. 234; Idem, O risco de publicar. Gasparian relata também que “entraram” em sua casa, em São Paulo. Vale lembrar que ele já frequentava bastante a cidade do Rio de Janeiro, uma vez que ficavam lá a CNI e o CNE.

<sup>76</sup> Na convenção partidária impôs-se o nome do general Dalísio Mena Barreto, que acabou derrotado por Roberto de Abreu Sodré, candidato da Aliança Renovadora Nacional (Arena). LAMARÃO, Sérgio. GASPARIAN, Fernando.

superar a crise financeira enfrentada pelo jornal carioca devido a sua oposição ao regime.<sup>77</sup>

No Rio de Janeiro, também, Gasparian compra uma editora, a Saga, e para dirigi-la chama dois ex-deputados federais cassados pelo golpe, José Aparecido de Oliveira e Hélio Ramos. A editora surgira em 1958 por iniciativa do filósofo Antonio Paim e do jornalista Osvaldo Peralva, ex-membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB) que haviam estado na URSS nos anos 50 e acabaram por romper com o partido depois de retornarem ao Brasil.<sup>78</sup> A compra da “editorazinha”, no entanto, fora mais um meio de ajudar os amigos cassados do que um negócio, com Gasparian apenas por trás.<sup>79</sup> Seu catálogo era, no mínimo, “suspeito”: entre os títulos publicados a partir da aquisição da editora por Gasparian encontramos, entre outros, *México: uma revolução insolúvel* (Arnaldo Pedrosa d’Horta, 1965), *A história da revolução russa*, em três volumes (Leon Trotsky, 1967), *Justine, ou os infortúnios da virtude* (Marquês de Sade, 1967) *Textos* (Ernesto Che Guevara, 1968), *Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco* (Thomas Skidmore, 1969) e *Terrorismo e comunismo: o anti Kautsky* (Leon Trotsky, 1969). O livro de Che Guevara foi o único censurado, tendo seus exemplares apreendidos e, segundo Gasparian, levou Oliveira e Ramos a serem processados – e absolvidos – pela Lei de Segurança Nacional.<sup>80</sup>

<sup>77</sup> Cf. GASPARIAN, Fernando. Depoimento [2]. In: DINES, Alberto, et al. *Histórias do Poder*. 100 anos de política no Brasil. v. 3. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 170. Gasparian não deixa claro o período de sua participação no conselho, lembrando apenas que esta se deu na “fase crítica” do jornal. O *Correio da Manhã* acabaria arrendado ao final de 1969 e deixaria de circular em julho de 1974.

<sup>78</sup> Cf. CARRIJO, Maicon. *Cientistas sociais e historiadores...*, p. 92-93. Paim cursara filosofia na Universidade de Lomonosov, em Moscou e, depois, na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Peralva, superintendente do *Correio da Manhã* nos anos 60, fora cursar a Escola do Partido Comunista.

<sup>79</sup> GASPARIAN, Fernando. O risco de publicar.

<sup>80</sup> *Ibidem*; CARRIJO, Maicon. *Cientistas sociais e historiadores...*, p. 93. Como aponta Carrijo, é curiosa, por isso mesmo, a publicação pela Saga, em 1968, de *Reforma para o Brasil*, do General Olympio Mourão Filho. Ex-integrante, participante ativo do golpe, “o general acabou reconhecido pela posição avessa a certos elementos do governo Castelo Branco, da prorrogação dos mandatos dos governadores em 1965 ao teor da Constituição de 1967”. Para Carrijo, a publicação do livro do general “pode ter sido parte de uma estratégia dos líderes da Saga de se aproximar de uma ala dos militares não totalmente satisfeita com os rumos tomados pelo país depois de 1964” (p. 131-132). Entre os livros publicados antes da aquisição da editora por Gasparian



Jango e Gasparian, s/d. *O Globo*, 14 abr. 2007.

É pela Saga que Gasparian publica, em 1966, já vimos, *Em defesa da economia nacional*, em que reúne três discursos feitos como patrono e paraninfo, o discurso de posse no CNE e dois debates por ele ali suscitados, o primeiro, entre maio e julho de 1965, a respeito do Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG) e o segundo, entre abril e maio de 1966, a respeito das operações de *swap* do governo e da Instrução nº 289 da Sumoc. No primeiro desses debates, que ocupa mais da metade do livro, o conselheiro opositor acusa duramente o governo de ter se afastado do PAEG e adotado uma política econômica “antidesenvolvimentista” ao sacrificar o desenvolvimento econômico em prol do combate à inflação, vale dizer, uma política nitidamente monetarista, tal como preconizada pelo Fundo Monetário Internacional. No segundo, acerca das operações de *swap* e da instrução da Sumoc, critica as medidas por darem às empresas estrangeiras duas vantagens em relação aos concorrentes brasileiros: aumento percentual de crédito e dinheiro a custo substancialmente mais baixo. O dado curioso é que as proposições e críticas do autor nesses debates – “Debates sobre o PAEG” e “Debates sobre a desnacionalização” – se fazem acompanhadas dos pronunciamentos

---

encontramos *O Deus nu: o escritor e o partido comunista* (Howard Fast, 1959), *O caminho socialista da Iugoslávia* (Josip Broz-Tito, 1959) e *O problema nacional do Brasil* (Guerreiro Ramos, 1960). Ao que parece, quando de sua venda à Gasparian, a editora estava inativa.

tos contrários (ou “defesas”) dos conselheiros Glycon de Paiva e Harold Poland (no primeiro) e de José Bonifácio Nogueira (no segundo), seguidos, por sua vez, das réplicas. A essa altura, como destaca Carrijo, os conselhos e agências são amplamente compostos por apoiadores do golpe: Gasparian é o único membro do CNE sem filiação ao IPES.<sup>81</sup> Assim, se José Bonifácio Nogueira mostra-se comedido e técnico, Harold Poland e, principalmente, Glycon de Paiva, absolutamente tomados pelo espírito do 1º de abril, acusam a motivação política, e não econômica, das críticas de Gasparian, lembrando sua ligação com o “governo que se refugiou no Uruguai”, governo este que tinha um “plano comunista de tomada do poder” e “[mercadejava] com moeda demagógica” buscando a “popularidade fácil”, entre outras observações.<sup>82</sup>

### A ALIENAÇÃO DAS ELITES

Ao comentar sua liderança no meio industrial durante a década de 1960, Gasparian evidencia as razões que o levaram a tal posição:

Como os empresários aqui no Brasil em geral não tinham uma vivência política, nem econômica, porque eram pessoas que tinham vindo do nada, ainda não estavam *cultivadas*, não tinham se formado em universidades, nessas reuniões acabei conseguindo alguma liderança.<sup>83</sup>

Sabemos a quem se refere quando fala dos empresários não “cultivados”: aqueles sem “raízes profundas” em terras brasileiras, os “imigrantes”, de acordo com a aristocrática classificação registrada por Fernando Henrique Cardoso em sua tese de livre-docência. São os “homens de empresa”, como Gasparian costuma defini-los e a si próprio, e que refletiam, segundo Fernando Henrique, um novo tipo de liderança industrial – “liderança em novo estilo”, dizia a capa de *Visão* em 1962.

<sup>81</sup> Cf. CARRIJO, Maicon. *Cientistas sociais e historiadores...*, p. 82.

<sup>82</sup> Referindo-se aos debates sobre o PAEG na introdução do livro, Gasparian deixa clara sua posição no CNE, como indicam os verbos: “defendemos”, “pugnamos”, “combatemos”, “pregamos”, “advogamos”, “enfim, lutamos”. Cf. GASPARIAN, Fernando. Introdução. In: *Em defesa de economia nacional*, p. 9-14.

<sup>83</sup> GASPARIAN, Fernando. Depoimento. In: DINES, Alberto et al. *Histórias do Poder*. 100 anos de política no Brasil. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 159. Grifo nosso.

Empresas preocupadas com a reorganização técnica e administrativa constante e com o aumento da produtividade refletem um novo tipo de liderança industrial. Em oposição aos *capitães de indústria* e aos *industriais tradicionais*, os *homens de empresa* não têm mais a obsessão pelo lucro rápido e imediato obtido pela manipulação do mercado ou de favores oficiais, nem a obsessão pela exploração total e irracional do trabalho ou pelo controle usurário dos gastos. Metodização do trabalho, especialização de base tecnológica da produção, expectativa de lucros a prazos médios e espírito de concorrência são as características básicas das preocupações dos homens de empresa.<sup>84</sup>

Essas diferenças seriam mesmo ressaltadas, já em chave crítica, pelo nosso “homem de empresa” – *graduado em engenharia civil e elétrica*, não esqueçamos – em meio ao ambiente político que antecede o golpe. Voltemos ao seu discurso de patrono da Turma de 1963 do Curso de Análise Econômica do CNE, proferido em 28 de janeiro de 1964:

Aceitei-o [o convite] não como homenagem a minha pessoa mas como um tributo que vós, jovens economistas, pretendeis prestar àqueles homens de empresa que se dispõem a aceitar plenamente suas responsabilidades no momento histórico brasileiro. Compreenderam eles que sua participação no desenvolvimento econômico do país não pode se cingir à administração eficiente e dinâmica das próprias empresas. Cabe-lhes o dever inarredável de participar da vida pública do país trazendo-lhe a contribuição de sua experiência no trato de problemas concretos, experiência esta tanto mais importante quanto é certo que *a formação bacharelística das atuais elites brasileiras não lhes confere habilidade especial nesse importante setor*. Se estamos convencidos da importância de nossa contribuição, o que dizer da tarefa dos jovens economistas brasileiros, *vanguarda de uma elite* que, ao assumir a direção do país, em futuro não muito distante, completará *a revolução intelectual*

---

<sup>84</sup> CARDOSO, Fernando H. *Empresário industrial e desenvolvimento econômico*, p. 140. Grifos nossos.

*que está a exigir o nosso desenvolvimento?*<sup>85</sup>

Uma vez consumado o golpe, e visto que a “inabilidade bacharelística” das elites brasileiras era ela mesma uma forma de atuação político-econômica, coube àquele que tanto se orgulhava de seu *nacionalismo* redefinir explícita e ideologicamente essa forma de atuar de nossas elites: elas não seriam inábeis, mas, na verdade, *alienadas*. Assim se pronunciaria, em março de 1966, no Teatro Municipal de São Paulo, ao discursar como paraninfo da Turma de 1965 da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da USP.

Segundo o paraninfo, que não deixou de lembrar sua “dupla experiência como empresário e homem público”, encontrávamo-nos, naquela segunda metade do século XX, “diante do maior desafio de nossa história: o desafio do desenvolvimento”. A “luta” contra o atraso econômico do país, no entanto, tinha um grande obstáculo a vencer.

Exame global da realidade brasileira nos revela que estamos diante de país, sob todos os pontos de vista, bem dotado para o progresso econômico. Não é, portanto, na insuficiência do nosso mercado interno ou na escassez de nossas riquezas naturais que se deve procurar as causas da persistência do nosso subdesenvolvimento. Estas causas são a um tempo mais amplas e menos visíveis. O grande obstáculo no desenvolvimento brasileiro tem sido a renitente e generalizada alienação de nossas elites. [...] Somente a alienação de nossas elites explica o fato de termos sido administrados, através de nossa história, como país de vocação exclusivamente agrícola onde qualquer tentativa de implantar atividades manufatureiras era vista com suspeita e alarme. E essa alienação nos persegue ainda hoje.<sup>86</sup>

---

<sup>85</sup> GASPARIAN, Fernando. Apelo à objetividade, p. 227-228. Grifos nossos. Por “formação bacharelística” das elites devemos entender, claro, a tradicional formação em Direito.

<sup>86</sup> Idem, *Alienação das elites*. In: *Em defesa da economia nacional*, p. 256-257. Discurso de paraninfo da Turma de 1965 da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo, proferido no Teatro Municipal de São Paulo no dia 21.3.1966. Fazemos aqui uma síntese do discurso, deixando de lado a excepcional retórica de Gasparian, que ilustra a “alienação das elites” não apenas com exemplos da economia real, mas recorrendo tam-

Um observador atento, segue Gasparian, poderia distinguir entre nossas elites três formas principais de alienação. A mais importante delas é a “alienação científica”, particularmente “perigosa quando atinge os especialistas nos diversos ramos das ciências sociais”. Ela consiste na transferência para a realidade brasileira de “receitas e regras contidas em livros europeus e americanos”, muito embora inexistam, frequentemente, nos países subdesenvolvidos, os pressupostos para tais receitas e regras.<sup>87</sup> A segunda forma de alienação, a “alienação factual”, “causa estragos não menos consideráveis”, uma vez que, “à consulta dos fatos, nossa elite alienada prefere a cumulação de uma extensa e mal digerida cultura livresca. Se num dado momento os fatos não se coadunam com as fórmulas abstratas de política econômica, tanto pior para eles. Os fatos podem estar errados, os livros não”.<sup>88</sup> Vemos que sua ideia acerca das elites constituídas (e suas alienações) inclui, também, aquela formada pelos egressos do ensino superior, tal como expusera em 1964 no discurso aos “jovens economistas brasileiros, *vanguarda de uma elite*”. Em outro discurso de paraninfo, no mesmo Teatro Municipal, em janeiro, ele já havia acusado esse duplo tipo de alienação, embora se referindo não a uma “elite”, mas aos “mestres da ciência”.<sup>89</sup>

A mais difundida das três formas de alienação, contudo, “por não se achar condicionada ao exercício de atividade científica ou profissão liberal”, é a “alienação psicológica”.

Liga-se ela ao que Albert Hirschman chamou de “group centered idea of growth”, ideia de crescimento centrada sobre o grupo. Diz aquele autor que ao se desencadear um processo de desenvolvimento vem à tona uma série de resistências comandadas pelas classes dominantes, que têm inte-

---

bém à história e à ironia.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 257.

<sup>88</sup> Ibidem, p. 262-263.

<sup>89</sup> “Todos esses procedimentos negativos partem do fato de que os chamados mestres da ciência que detêm o poder recusam-se a olhar a realidade nacional, a partir de seu contexto, preferindo vê-la como estrangeiros ortodoxamente apegados às regras de seus países de origem, sem ao menos a inteligência e a flexibilidade necessários a promoverem a adaptação das normas pré-confecionadas ao modelo em que vão ser aplicadas”. Idem, Problemas nacionais. In: *Em defesa da economia nacional*, p. 247. Discurso de Paraninfo da Turma de 1965 da Escola de Administração de Empresas da Ação Social do Padre Saboya, proferido no Teatro Municipal de São Paulo em 8.1.1966.

resse na manutenção do status quo. Dadas as grandes vantagens do processo dinâmico esse tipo mais primitivo e direto de oposição tende a ser rapidamente eliminado. Surge, porém, algumas vezes, em seu lugar, um tipo de resistência mais sutil, que é exatamente o estudado por Hirschman. As *classes dominantes* abstêm-se de negar a importância do desenvolvimento, mas exigem que ele beneficie igualmente todos os grupos sociais sem qualquer modificação das *posições relativas de riqueza ou poder*.<sup>90</sup>

Nesse ponto Gasparian retoma as diferenças – e os preconceitos – da elite tradicional com relação aos “homens de empresa”. Trata-se, na verdade, de uma disputa pelo poder no topo da pirâmide, diríamos, já que estes últimos constituem, nas palavras do paraninfo, a “elite empresarial” brasileira. Assim, a reação das “classes dominantes” ao processo de desenvolvimento, operado, em grande medida, pela “nova classe”,

assume a forma de uma sistemática desconfiança do sucesso econômico. A ideia do enriquecimento é ligada à de corrupção ou manobras ilícitas. [...] No Brasil de hoje a simples afirmação de que uma pessoa nasceu pobre e está rica já tem o sentido de uma acusação velada. Os *membros da elite empresarial brasileira são vistos como uma “nova classe”*, à qual raramente se reconhece qualquer contribuição para o progresso do país.<sup>91</sup> [...] À luz da “alienação psicológica” se explica facilmente a preferência de que parecem desfrutar os empreendedores estrangeiros em nosso país.<sup>92</sup> Um desen-

<sup>90</sup> Idem, *Alienação das elites*, p. 263. Grifos nossos. O trabalho de Hirschman nesse período, notadamente sua ideia acerca do “crescimento desequilibrado”, teve extrema relevância nas reformulações da teoria do desenvolvimento, com reflexos não apenas na economia, mas nas ciências sociais de modo geral.

<sup>91</sup> No discurso anterior, em janeiro: “Procura-se, hoje, em verdade, encobrir o muito que fizemos e o enorme progresso de que esta cidade e este Estado são espelhos. Edificamos, na verdade, neste país, com muito pouca ajuda externa, um sólido parque industrial. Mas, eis que os empresários brasileiros, responsáveis em grande parte pelo surto de prosperidade alcançado, estão hoje acusados de ineficientes.” Idem, *Problemas nacionais*, p. 238.

<sup>92</sup> Em 1965, no CNE: “Cumpre, finalmente, assinalar o fato extremamente curioso de que no Brasil se investe contra o sistema de iniciativa privada no exato

volvimento baseado em capitais alienígenas poderia, de fato, ser feito com um mínimo de mudança nas estruturas sociais vigentes. Afinal de contas em nosso país os estrangeiros foram sempre os ricos e nós os pobres.<sup>93</sup>

Em se tratando de um discurso de paraninfo, seu encerramento deve, obrigatoriamente, apontar para um futuro promissor. Mas, como verdadeiro libelo que é (e um quase chamado de guerra: “peito aberto”, “luta”, “combate”, “redenção” e “vitória inevitável”), em pleno Teatro Municipal de São Paulo, dirigindo-se aos recém-formados pela USP – dois dos maiores patrimônios da “elite tradicional” paulista –, afirma também que “o futuro do país não está na dependência das elites que hoje detêm o comando do processo socioeconômico”.

Quaisquer que sejam os impactos negativos dessas “alienações”, *não tenho muitas dúvidas de que a força torrencial do desenvolvimento terminará por vencê-las*. O futuro do país não está na dependência das elites que hoje detêm o comando do processo socioeconômico. Elas terminarão por ser substituídas e as condições brasileiras excepcionalmente favoráveis ao desenvolvimento deverão resistir ao impacto negativo de sua ação. Risco haveria, isso sim, se as novas gerações, que hoje saem das escolas, se deixassem colher na armadilha dessas alienações. Contra elas deveis, portanto, imunizar-vos. E o remédio não é difícil nem doloroso. Para evitar a “alienação científica” cumpre desenvolver o sentido da especificidade do fato social. [...] A “alienação factual” tem seu melhor remédio na humildade diante dos fatos [...], sem dispensar jamais a opinião daqueles que, por se acharem ligados às tarefas da produção,

---

momento em que nos países socialistas ocorre movimento em sentido oposto. [...] Estou prevendo uma objeção: nunca no Brasil se falou tanto, como agora, em estímulo à iniciativa privada em relação ao papel do estado dentro da economia, etc... Este fato é incontestavelmente verdadeiro no que se refere à afirmação e pronunciamento formais. Na prática, todavia, permanece a resistência psicológica ao homem de empresa, apresentado como aquele que procura seu ganho às expensas da comunidade.” Idem, Chamada ao debate. In: *Em defesa da economia nacional*, p. 39-40.

<sup>93</sup> Idem, *Alienação das elites*, p. 263-265. Grifos nossos.

têm uma vivência maior dos percalços do desenvolvimento. [...] Quanto à “alienação psicológica” o melhor remédio para ela está na vossa própria mocidade. Ela vos levará a aceitar de peito aberto a grande aventura do desenvolvimento, ansiosos, sem dúvida, por conquistar os melhores prêmios, mas certos de que a principal vitória, que é a redenção econômica do país, pertencerá a todos igualmente. [...] A luta será longa e alguns combates especialmente duros. Teremos, porém, a aquecer nossos corações a certeza de que *nossa vitória* é inevitável.<sup>94</sup>

### AI-5 E AUTOEXÍLIO

No início de 1967 a ditadura promulgaria uma nova Constituição que, entre outros pontos, extinguiu o Conselho Nacional de Economia, prevendo que seus integrantes ficassem em disponibilidade remunerada até o encerramento dos mandatos. Não concordando com essa disposição, Gasparian pede exoneração do cargo em carta enviada ao presidente Costa e Silva, na qual declara também que o órgão foi extinto porque teve “a coragem de dizer a verdade”.<sup>95</sup> Restam-lhe, como espaços institucionais e de visibilidade, os órgãos de classe dos quais ainda participa, onde segue criticando a política econômica do governo.

As críticas de Gasparian à desnacionalização do parque industrial brasileiro, como destaca Carrijo, não eram sem razão: a Câmara dos Deputados acabaria por criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre o assunto em 1968, tendo o ex-conselheiro do CNE como um dos depoentes.<sup>96</sup> E, conforme ainda Carrijo, “a editora Saga tornou-

<sup>94</sup> Ibidem, p. 265-266. Grifos nossos.

<sup>95</sup> Cf. LAMARÃO, Sérgio. GASPARIAN, Fernando; FOLHA DE S. PAULO. Gasparian: CNE fechou por ter dito verdades. São Paulo, 5 abr. 1967, p. 11.

<sup>96</sup> O depoimento de Gasparian foi publicado na íntegra pelo *Correio da Manhã* (Um depoimento sobre a desnacionalização. Rio de Janeiro, 5 maio 1968, 5º Cad., p. 2). Gilberto Paim, que também depusera na comissão, critica o depoimento de Gasparian, afirmando que o industrial torcia fatos à sua maneira, “porém falando em nome de um pensamento econômico nacionalista”. “Naturalmente, o trabalho apresentado à CPI pelo Sr. Fernando Gasparian não é uma peça de análise econômica, mas de elevado teor político, voltada contra os condutores da política econômica do Governo Castelo Branco”. PAIM, Gilberto. Desnacionalização. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 maio 1968, Cad. Especial, p. 5.

se um escoadouro dos debates” então realizados na CPI. Celso Furtado, com os direitos políticos cassados e vivendo em Paris, vem ao Brasil exclusivamente para falar na comissão e seu depoimento compõe a primeira parte de *Um projeto para o Brasil*, que publica pela Saga ainda em 1968. Em 1970 os dados e conclusões da CPI, cuja relatoria coube a Rubem Medina, deputado do MDB, são também publicados pela editora com o título *Desnacionalização: crime contra o Brasil*.<sup>97</sup>

Ao mesmo tempo, o setor têxtil, coração da atividade empresarial de Gasparian, atravessa a segunda metade da década de 1960 em crise. A chegada dos tecidos sintéticos (importados) e a queda do poder aquisitivo, aliados ao seu uso intensivo de mão-de-obra e sua defasagem tecnológica, levam-no a exigir, constantemente, medidas estatais. Na voz de alguns de seus líderes, entre os quais Gasparian e Eurico Amado, o setor é um dos mais críticos à política econômica em curso.<sup>98</sup> Em resposta às constantes críticas da dupla, Roberto Campos lhes dedica uma parte de seu artigo “O ataque dos primitivos”, publicado no *O Globo*. Na parte que lhes cabe (“Como faturar o nacionalismo”), Campos inicia por afirmar que sempre admirou em Gasparian “a capacidade de misturar capitalismo de balcão com socialismo de salão”.<sup>99</sup>

Levando-se em conta, porém, que a ditadura atravessa seu período mais autoritário, as instituições – diante de intervenções ou mesmo cooptações – procuram não bater de frente com o governo. É o que ocorre, por exemplo, com o Conselho Nacional da Indústria Têxtil (CNIT) que, “apesar dos repetidos apelos dos industriais”, recusa-se a “encaminhar às autoridades, à entidade máxima da indústria nacional e à imprensa as dificuldades que atingem [...] a Indústria Nacional de Teci-

---

<sup>97</sup> Cf. CARRIJO, Maicon. *Cientistas sociais e historiadores...*, p. 94-95.

<sup>98</sup> Apoiador do golpe, Eurico Amado fora nomeado pelos militares, juntamente com Hyaty Leal e Orlando Ferraiuolo, para a Junta Governativa da Confederação Nacional da Indústria. Lança-se, então, candidato à presidência da CNI, mas desiste em prol da candidatura do General Macedo Soares, que seria eleito. Representante da Federação das Indústrias do Estado de Sergipe (FIES), passa a criticar o Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG) na CNI. Como represália, tem sua chapa vetada – por interferência do governo – na eleição para a presidência da FIES em 1966. Torna-se, assim, um “parceiro” de Gasparian.

<sup>99</sup> CAMPOS, Roberto. O ataque dos primitivos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 jan. 1970, p. 2. Eurico Amado, por sua vez, responderia a Campos em uma série de artigos na *Tribuna da Imprensa* intitulados “O desespero do tecnocrata ingrato” (I, II, III, IV).

dos”. A recusa leva Gasparian a demitir-se do CNIT.<sup>100</sup> E a prova de que a ditadura não mais aceitaria suas críticas públicas viriam pouco antes da posse de Médici: com base no AI-5, uma das últimas portarias assinadas pelo Ministro do Trabalho, Jarbas Passarinho, o destituía de seu cargo de representante do sindicato têxtil na Federação das Indústrias do Estado da Guanabara, com a justificativa, segundo *O Estado de S. Paulo*, “de que as entidades sindicais devem ter suas representações escoimadas daqueles que, ‘embora eleitos e empossados, não demonstraram condições para garantir a disciplinação da entidade em consonância com a ordem social vigente’”.<sup>101</sup>



Publicidade nos jornais do Rio de Janeiro, 10 maio 1968

A medida o atinge não apenas politicamente. Se algumas das empresas que dirigia pertenciam à família, outras, como a América Fabril, pertenciam a acionistas diversos. Segundo Gasparian, ele era responsável por cerca de dez mil empregados. E sua presença nas diretorias acabava por dificultar os negócios, uma vez que o Banco do Brasil, principal instituição bancária, por conta de uma disposição, não operava com

<sup>100</sup> CORREIO DA MANHÃ. Crise. Rio de Janeiro, 10 abr. 1969, p. 1.

<sup>101</sup> O ESTADO DE S. PAULO. Gasparian destituído. São Paulo, 15 nov. 1969, p. 1. Segundo Gasparian, “através dessa legislação foram cassados vários dirigentes sindicais dos trabalhadores, mas, do sindicato patronal, o meu caso foi o único”. GASPARIAN, Fernando. Nacionalismo, empresariado..., p.234.

quem tivesse sido cassado ou atingido pelo AI-5. Vê-se obrigado, então, a retirar-se das empresas para que elas não fossem mais prejudicadas e, também, porque estava “perdendo a liderança” naquelas das quais era acionista – renuncia à presidência da América Fabril em março de 1970.<sup>102</sup>

Ligação histórica com o movimento estudantil, proximidade com o governo derrubado e a oposição, críticas públicas à política econômica, e até mesmo uma pequena editora de catálogo suspeito: não é difícil imaginar que, com essa “ficha”, Gasparian começasse a ser acompanhado mais de perto pelo aparato repressivo da ditadura. E desde o golpe, como lembra Plínio de Arruda Sampaio, Gasparian e Dalva empenharam-se em ajudar “os companheiros perseguidos pela ditadura, os esconderam em sua própria casa – Plínio mesmo escondeu-se aí durante semanas –, os ajudaram financeiramente a sair do país, foram visitá-los no exílio”. Por conta da “Passeata dos cem mil”, diz Plínio ainda que Gasparian “foi convocado a comparecer ao Ministério da Fazenda, e o então ministro da pasta mostrou-lhe o cheque de sua contribuição para a realização da passeata e retratos de Dalva, junto com Flávio Rangel e Fernando Pedreira, misturados às lideranças estudantis que haviam convocado a manifestação”.<sup>103</sup>

Avisado de que poderia ser preso a qualquer momento por suposto financiamento à subversão e com um convite para *visiting fellow* do Center for International Studies da Universidade de Nova York, muda-se com a família para Londres em abril. Passando cerca de dez dias por mês nos Estados Unidos, a partir de setembro, e até julho de 1971, Gasparian torna-se *visiting scholar* no Royal Institute of International Affairs.<sup>104</sup>

Em janeiro de 1971 uma notícia chegada do Brasil o abalaria: o desaparecimento de seu amigo, ex-deputado, Rubens Paiva. Vera, a filha mais velha de Paiva, estava com os Gasparian em Londres. Ele havia advertido o amigo de que “estavam muito visados, que o momento era perigoso”, o chamou para ir a Londres, mas Paiva recusou-se a deixar o

---

<sup>102</sup> Cf. GASPARIAN, Fernando. Depoimento [1], p. 10.

<sup>103</sup> SAMPAIO, Plínio de Arruda. Fernando Gasparian, p. 63-64. Mesmo depois de deixar a faculdade Gasparian manteve ligação com o movimento estudantil. Fiador do contrato de aluguel da sede da UEE-SP, quando a polícia destruiu o lugar, em 1964, foi processado pelo proprietário e teve que arcar com o prejuízo. Cf. GASPARIAN, Fernando. Depoimento [1], p. 8.

<sup>104</sup> *Ibidem*, p. 10; LAMARÃO, Sérgio. GASPARIAN, Fernando.

Brasil novamente.<sup>105</sup> Gasparian estende o autoexílio e passa a atuar também como *visiting fellow* no Latin American Centre do St. Antony's College, na Universidade de Oxford, onde leciona na área de economia latino-americana.<sup>106</sup>

O desaparecimento de Paiva, o contato com os exilados e a situação política do país despertam-lhe a ideia de criar uma publicação de oposição ao regime. Com Celso Furtado e Luciano Martins em Paris (e Fernando Henrique que, mesmo estando no Brasil, viajava com frequência), Plínio de Arruda Sampaio e Roberto Garcia em Washington, e Paulo Francis – para quem havia intermediado uma bolsa da Fundação Ford e hospedava em seu apartamento mantido em Nova York –, passou a discutir a ideia que resultaria no semanário *Opinião*.

### O RETORNO

Em julho de 1972 Gasparian retorna definitivamente ao Brasil. Durante o período em que esteve fora a América Fabril entrara em crise definitiva. Quando de sua renúncia à presidência as dívidas chegavam a 50% do faturamento. Em julho de 1971 a empresa pediu concordata e, no início de 1972, numa de suas passagens pelo país, tendo em vista o volume das dívidas, o empresário se desfez de suas ações por um valor simbólico, com o Banco do Brasil assumindo o controle.<sup>107</sup> Como aponta Fernando Henrique, “poucos anos depois [do golpe], a política econômica do primeiro governo militar e, sobretudo, a do segundo, esvaziara toda a força produtiva de Gasparian”.<sup>108</sup>

---

<sup>105</sup> PAIVA, Marcelo R. Em nome da mãe. *Brasileiros* [online], São Paulo, n. 98, 25 set. 2015. Entrevista a Daniel Benevides e Luiza Villaméa; PAIVA, Marcelo R.; PAIVA, Maria Eliana F.; PAIVA, Vera Sílvia F. Filhos de Rubens Paiva falam sobre o dia em que o pai não voltou. *Época*, São Paulo, 18 ago. 2015. Depoimento a Aline Ribeiro.

<sup>106</sup> GASPARIAN, Fernando. Depoimento [1], p. 10; LAMARÃO, Sérgio. GAS-PARIAN, Fernando.

<sup>107</sup> Segundo Eurico Amado, quando de sua renúncia Gasparian já deixara em mãos do novo presidente uma procuração para a venda da totalidade de suas ações, no intuito de facilitar as negociações com o governo. Cf. AMADO, Eurico. Um homem tem três metros de altura. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 31 mar. 1970, p. 4. O Banco Central assumiria o controle acionário da empresa em 1978 e em 1983 suas últimas duas fábricas encerrariam as atividades. Após anos de disputas judiciais, em dezembro de 2015 o governo criou um grupo interministerial para extinguir a empresa.

<sup>108</sup> CARDOSO, Fernando H. Fernando Gasparian, guerreiro e amigo, p.12.

Fernando Gasparian retorna, então, não mais como o combativo líder industrial, mas para tornar-se, a partir do lançamento de *Opinião* – o número zero sai em 23 de outubro –, um dos mais combativos editores do país: seria preso três vezes, teria inúmeras conversas com a censura e o aparato militar (a primeira antes mesmo de lançar o jornal), recorreria ao Supremo Tribunal Federal (fazendo com que o governo admitisse formalmente a existência da censura prévia), seria processado (e absolvido) na justiça militar por “propaganda subversiva”, além de ter a sede do jornal atacada, num atentado promovido pela AAB – Aliança Anticomunista Brasileira. Paralelamente ao *Opinião*, compraria a Editora Paz e Terra em 1973 e lançaria, no mesmo ano, pela editora, a revista *Argumento*, que durou apenas quatro números. Lançaria ainda, em 1975, *Cadernos de Opinião* (*Ensaios de Opinião* entre os números 3 e 11), revista publicada até 1980 – três anos depois, portanto, do encerramento do semanário, ocorrido em 1977. Já no final da década, em 1979, abriria em São Paulo e no Rio de Janeiro a Livraria Argumento. E paralelamente à vida de editor – sobre a qual nos deteremos nos capítulos seguintes, quando abordarmos detalhadamente seu “catálogo” – Gasparian segue participando dos debates políticos e econômicos.

Cerca de um ano depois de seu retorno, em junho de 1973, lança pela editora Civilização Brasileira o livro *Capital estrangeiro e desenvolvimento da América Latina: o mito e os fatos*, escrito em sua maior parte durante o período em que viveu na Inglaterra. Detendo-se de forma mais profunda no tema do capital estrangeiro, como sublinha Maicon Carrijo, Gasparian “assinalou a importância de vê-lo não como uma peça isolada, mas como um elemento de um mecanismo ou modelo de desenvolvimento”.<sup>109</sup>

Partindo do estudo da evolução, no subcontinente, das concepções liberal e nacionalista acerca do papel do capital estrangeiro, Gasparian analisa historicamente – de 1870 a 1970 – os modelos de investimento estrangeiro na região e seus efeitos políticos e sociais. Esses modelos teriam levado os países da América Latina “a desenvolvimentos especializados, que não só deixaram de proporcionar a eliminação do atraso econômico, como levaram a impasses de difícil saída”.<sup>110</sup> Uma conclusão que, como bem lembra Carrijo, contrasta com a crença anterior do autor na força “torrencial” do desenvolvimento.

---

<sup>109</sup> Carrijo, p. 101-102.

<sup>110</sup> GASPARIAN, Fernando. *Capital estrangeiro e desenvolvimento da América Latina*. O mito e os fatos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973, p. 4. As citações seguintes serão indicadas pelos números das páginas.

Depois de refutar aquelas que seriam as vantagens e apontar os aspectos negativos do capital estrangeiro, notadamente a desnacionalização da economia, Gasparian apresenta um modelo de desenvolvimento – “financiamentos-com-exportações-industriais” – que rejeita frontalmente a colaboração de empresas estrangeiras, mas aceita, dentro das regras do próprio modelo, os empréstimos internacionais.<sup>111</sup> “Realisticamente”, contudo, era certa a resistência dos países desenvolvidos a tal política, o que só confirmaria sua tese “de que os empréstimos, por trás de sua aparente neutralidade, sempre foram manipulados pelos países estrangeiros”. (172)

A saída, desse modo, estava na renacionalização da indústria brasileira e latino-americana, que deveria ser empreendida por meio de dois tipos de medidas: as “ofensivas” e as “defensivas”. As primeiras objetivavam trazer ou fazer voltar para o controle nacional empresas pertencentes a estrangeiros; as segundas tinham por finalidade evitar que se ampliasse o processo de desnacionalização. Diante da “improvável” continuidade dos investimentos estrangeiros em tais condições, as medidas defensivas tinham pouca relevância, mas, “por via das dúvidas”, poderiam ser adotadas “medidas acauteladoras”, fossem elas “radicais (proibição pura e simples da constituição de empresas com controle acionário externo) ou moderadas (fechamento de certos setores a estrangeiros ou exigência de participação majoritária de nacionais)”. As medidas ofensivas, de fato as que mais interessavam, podiam também ser radicais ou moderadas, e consistiriam “na recompra, pura e simplesmente, da totalidade das companhias estrangeiras existentes no país” ou apenas na garantia de que, “em cada setor, existissem uma ou duas companhias nacionais, classificadas entre as mais modernas e dinâmicas”, para o caso de as estrangeiras recusarem-se a exportar, tarefa que seria assumida pelas nacionais. (181-182)

Tal como acreditava Bresser-Pereira em 1963, o Gasparian do autoexílio – o prefácio é datado de Oxford, março de 1972 – segue acreditando no (possível) papel de liderança progressista a ser exercido pelo “homem de empresa” nacional. Mas torna-se, também, “radicalizado”:

---

<sup>111</sup> Uma década antes, ainda que considerasse o capital estrangeiro “da mais extrema necessidade para a poupança de nossos recursos”, Gasparian já afirmava que se fazia necessária a “melhor disciplinação da aceitação de capital estrangeiro, mormente quando este falha no seu objetivo, vindo a ser empregado num campo industrial já coberto pela iniciativa de brasileiros”. ÚLTIMA HORA. Gasparian: livre empresa é arma certa contra subdesenvolvimento e comunismo. Rio de Janeiro, 24 jan. 1962, p. 2.

“Não há dúvida que nossa análise radicaliza, propositadamente, o ponto de vista desfavorável aos capitais estrangeiros. Com isso, no entanto, se põe a descoberto a completa arbitrariedade da posição liberal”. (127) E, em sendo contrária à posição *nacionalista*, a posição liberal, na América Latina, só poderia ser uma posição “alienada”. A crítica à alienação das elites ganha, agora, contornos francamente anti-imperialistas.<sup>112</sup>

a alienação intelectual comum às elites de países subdesenvolvidos constitui a melhor explicação para o estado de coisas hoje existente na América Latina. Por alienação intelectual entendemos o hábito de aceitar teorizações oriundas de centros desenvolvidos, sem uma análise crítica dos pressupostos em que se baseiam. Essa atitude encerra graves riscos. Em primeiro lugar, porque pode levar à utilização de aparelhos de análises inapropriados para a realidade em exame; em segundo lugar, porque as teorizações econômicas contêm, frequentemente, *elementos doutrinários que implicam uma defesa dos interesses dos países desenvolvidos*.<sup>113</sup>

Se em seu discurso de posse no CNE Gasparian apontara o “terror” no horizonte, na conclusão de seu livro aponta para a possível “explosão” de “uma atitude sociopolítica” que crescia “de maneira irresistível” e descontrolada na América Latina: o nacionalismo. Vemos, então, que não se “radicalizou” de todo: acredita, ainda, numa saída de centro.

---

<sup>112</sup> Anti-imperialismo, inclusive, que embala o livro. Na contracapa: “Nacionalista consciente, o autor nos mostra os perigos que acompanham a penetração do capital estrangeiro quando ele se limita a operar nos campos de risco [...] Livro oportuno, atualizado, irresponsável, é de leitura indispensável a civis e militares que realmente amem seus países e não os queiram transformados em colônias do neoimperialismo”. Na orelha: “Como seu próprio subtítulo [O mito e os fatos] indica, é um livro desmitificador e, acrescentaríamos, *desmistificador* também. Ninguém se iluda: o autor, pelo seu passado e pelo seu presente de patriótico e esclarecido nacionalismo, tem posição contrária à daqueles que defendem o desenvolvimento de nosso País a qualquer preço, inclusive o da alienação temporária de nossa soberania em vários setores de fundamental importância para a própria segurança nacional. [...] Fernando Gasparian não deixa pedra sobre pedra em sua tarefa de *scholar* engajado, de industrial progressista, de patriota brasileiro”.

<sup>113</sup> *Ibidem*, p. 56. Grifo nosso.

As ideias expostas na presente monografia constituem a tentativa de racionalização de uma atitude sociopolítica que cresce, rapidamente, na América Latina e que, se não canalizada de forma adequada, nos levará a distorções inaceitáveis. Senão vejamos. A esmagadora maioria dos autores que têm acompanhado os debates sobre o capital estrangeiro na A. L. reconhece que se está na área diante de um nacionalismo que cresce de maneira irresistível. [...] Ora, presentemente, graças ao imperialismo ideológico da ciência econômica oficial sobre os economistas da A. L., os líderes políticos da área reconhecem apenas a seguinte alternativa: regime de iniciativa privada de portas abertas ao capital estrangeiro ou regime socialista de portas fechadas, não só ao capital estrangeiro, como à iniciativa privada local. [...] Aceitar a continuação do presente dilema significa correr um risco pouco razoável. Por mais moderadas e partidárias da iniciativa privada que sejam, as lideranças latino-americanas serão, mais cedo ou mais tarde, vencidas por uma pressão que cresce cada dia sem nenhuma válvula de escape. E, quando a explosão se der, ficarão irremediavelmente comprometidos não apenas o interesse de empresas estrangeiras, como importantes valores que constituem a contribuição das democracias ocidentais para o progresso da humanidade. O que se propõe neste capítulo é uma alternativa para nos livrar da atual dicotomia que procura se impor à região. [...] Não somos bastante ingênuos para ignorar que a implementação do nosso modelo de desenvolvimento deverá vencer sérios obstáculos. Não porque tenha algo de revolucionário. Sua presente dificuldade decorre, simplesmente, de que a alienação das elites latino-americanas, largamente patrocinada pelos interesses econômicos dos países desenvolvidos, levou a um estado de coisas que nos obrigará a uma cirurgia algo dolorosa. [...] Não serão os estudos de encomenda do *Council for Latin America* ou a absorção no quadro das companhias americanas de parcela crescente das elites latino-americanas que deterão a explosão. Assinalemos, para concluir, que a renacionalização, aspecto do nosso modelo que encontra

maiores resistências, não implica em prejuízo irreparável para as empresas atingidas. [...] Diante disso, não seria para o Governo americano a posição mais racional – econômica e politicamente – aceitar a fórmula aqui proposta, ou outra semelhante, lutando apenas para que a compensação oferecida aos investidores americanos seja justa e razoável? (194-195)

O livro foi lançado em 20 de junho de 1973. Uma semana depois teria início a ditadura uruguaia. Em setembro seria a vez do Chile, que poria em prática o receituário econômico de Milton Friedman: entre o “progresso da humanidade” e o progresso das empresas estrangeiras, os *Chicago Boys* não teriam dúvidas.<sup>114</sup>

*Opinião*, a esta altura já consolidado como a grande plataforma da oposição, é também uma vitrine. Com esse reconhecimento, seu proprietário voltaria a atuar “meio por trás” do jogo político, particularmente junto ao MDB. Em 1974 leva ao Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) – cujos membros colaboravam em peso no semanário – o presidente do partido, Ulisses Guimarães, que “convida o Centro a assessorar o MDB na Comissão Parlamentar de Inquérito das multinacionais e, logo depois, a ajudar a redigir o programa do partido. A decisão do CEBRAP é colaborar a título pessoal, sem comprometer a instituição.”<sup>115</sup> Nas eleições desse mesmo ano, Gasparian financia a campanha de alguns autênticos, ajudando a eleger Lysâneas Maciel, do Rio de Janeiro, e Marcos Tito, de Minas Gerais, para a Câmara dos Deputados, e Marcos Freire, de Pernambuco, para o Senado.<sup>116</sup>

À medida que a abertura política vai se constituindo, Gasparian torna-se mais ativo no partido. Participa constantemente das reuniões da Internacional Socialista a partir de 1976, defendendo a filiação do MDB

<sup>114</sup> “O Gasparian era uma pessoa muito arguta, esteve no Chile, antes do golpe, e viu todas aquelas coisas, inflação, mercado negro, as pessoas fazendo abertamente câmbio muito acima da taxa oficial e, quando voltou, nos disse que para ele era o fim, o governo Allende não ia aguentar”. GOMES, Marcos. Entrevista. In: AZEVEDO, Carlos. *Movimento*. Uma reportagem. Belo Horizonte: Manifesto, 2011, DVD anexo.

<sup>115</sup> SORJ, Bernardo. *A construção intelectual do Brasil contemporâneo*. Da resistência à ditadura ao governo FHC. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 61.

<sup>116</sup> Cf. KENSKI, Vani. *O fascínio do Opinião*, p. 55. A atuação de Gasparian junto ao MDB acentua as diferenças políticas dentro de *Opinião*, o que levaria à saída de seu editor, Raimundo Pereira, e grande parte da equipe, como veremos adiante.

à entidade. Em meio às discussões programáticas e partidárias que se iniciam, sua casa torna-se novamente um centro de articulações políticas, mesmo internacionais, com a constante recepção de políticos latino-americanos e europeus. Tem o nome cogitado para concorrer ao senado por São Paulo nas eleições de 1978, mas a candidatura, ao final, ficaria com Fernando Henrique, segundo Gasparian “porque ele era realmente a pessoa que, no *Opinião*, estava escrevendo mais, mais politicamente. [...] Quer dizer: o Fernando Henrique estava mais em evidência, e então ele ficou como candidato.”<sup>117</sup>

O MDB fluminense, contudo, era dividido entre autênticos e chagistas. Ainda nas eleições de 1978, Nelson Carneiro não conseguiu fazer de Gasparian seu suplente quando buscou a reeleição para o senado (seria reeleito). Tentou, inclusive, impugnar o nome de Flávio Pareto Júnior, imposto pelo diretório comandado por Chagas Freitas.<sup>118</sup> No dia anterior às eleições, Gasparian, Gerardo Mello Mourão, Roland Corbier e Sebastião Nery assinam uma nota, na coluna que Nery mantinha na *Tribuna da Imprensa*, dando “testemunho” daqueles que eram, dentre os candidatos do MDB no estado, os “autênticos”, isto é, aqueles que, de fato, faziam oposição à ditadura. Além disso, pediam atenção aos eleitores para que não caíssem na armadilha de Chagas Freitas, votando nos candidatos por ele apoiados pensando estar votando na oposição.<sup>119</sup>

### O PMDB E A CONSTITUIÇÃO DE 1988

Com o fim do bipartidarismo em novembro de 1979, Gasparian seria um dos fundadores do agora PMDB. Chagas Freitas, impedido pela executiva nacional de se filiar, adere com seu grupo ao Partido Popular (PP) de Tancredo Neves. Mas os conflitos no PMDB fluminense não cessaram. A apresentação dos nomes escolhidos para a comissão provisória do partido no estado é feita de forma mordaz na *Tribuna da Imprensa*, que acusa, já no título: “Uma comissão com autênticos e empresários falidos”. Meramente informativa sobre os demais, sobram obser-

<sup>117</sup> GASPARIAN, Fernando. O risco de publicar.

<sup>118</sup> Chagas Freitas fora o último governador da Guanabara e comandava o MDB local. Com a fusão dos estados da Guanabara e Rio de Janeiro perdeu o comando do diretório então unificado e deixou o partido, para retornar em 1977 e assumir o controle. Nas eleições de 1978, candidatou-se e elegeu-se – indiretamente – governador do Rio de Janeiro. Apoiador do golpe em 1964, era considerado um aliado da ditadura.

<sup>119</sup> NERY, Sebastião. Esta é a oposição autêntica do Rio. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 14 nov. 1978, p. 3.

vações sarcásticas sobre Nelson Carneiro, Roberto Saturnino Braga e, principalmente, Fernando Gasparian, cuja “apresentação” é a mais longa (além de ser o único empresário do grupo):

Antigo dono da América Fabril, fábrica até hoje sob intervenção por não pagar os funcionários, ficou conhecido por seu tráfico nas áreas de esquerda. Depois de uma tentativa frustrada de concorrer a suplente do senador Nelson Carneiro, abortada pois Chagas [Freitas] dono da suplência, pelo acordo com Amaral [Peixoto], não aceitou o preço oferecido por Gasparian. Foi o fundador do semanário *Opinião*, que durante anos primou por uma linha de oposição ao regime, mas sempre se indisponha com as equipes que trabalharam no jornal. Muito embora tenha atribuído o fechamento do jornal às dificuldades com a censura, sabe-se que a decisão de acabar com o jornal foi por falta de condições de reunir uma equipe no mesmo nível das anteriores, já que muitos profissionais não aceitaram trabalhar com ele, face aos antecedentes. Atualmente, Fernando Gasparian está envolvido com negócios de café.<sup>120</sup>

Embora não esteja assinado, o texto, muito provavelmente, por suas características, é de Hélio Fernandes, proprietário do jornal. Um mês depois, na mesma *Tribuna da Imprensa*, uma nota de Paulo Branco informa que Gasparian abdicara de seu cargo na comissão em favor, justamente... de Hélio.<sup>121</sup> Seu substituto, no entanto, acabaria sendo o prefeito de Rezende, Noel de Carvalho. Organizado o partido, Gasparian integra a executiva fluminense a partir de novembro de 1981. Junto a Miguel Arraes, Franco Montoro e Fernando Henrique, entre outros, in-

---

<sup>120</sup> TRIBUNA DA IMPRENSA. Uma comissão com autênticos e empresários falidos. Rio de Janeiro, 26-27 jan. 1980, p. 5. A segunda frase é truncada no original.

<sup>121</sup> Cf. BRANCO, Paulo. Reunião. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 25 fev. 1980, p. 2. Hélio, irmão de Millôr, era próximo de Gasparian. O rompimento entre ambos, pelo que indica a nota de Branco, se deu no interior do (P)MDB fluminense. Durante a década de 1980, Hélio frequentemente se referirá a Gasparian nas páginas da *Tribuna* como o “empresário falido fraudulentamente”, com especial destaque (artigos na capa) nos meses imediatamente anteriores à eleição de 1989.

tegra também a Comissão de Relações Internacionais do PMDB. Enquanto isso, sem descuidar dos negócios e das críticas à política econômica, depõe em outubro de 1981 na CPI do Café, na condição de produtor – desde 1977 era sócio de uma fazenda de café em Minas Gerais.<sup>122</sup>

Por conta das restrições impostas pela reforma da legislação eleitoral, o PP se dissolve em dezembro de 1981 e decide se incorporar ao PMDB. A incorporação – confirmada em convenção nacional conjunta em fevereiro de 1982 – implode o PMDB do Rio de Janeiro. Os chagistas retornam e retomam o controle do partido, impondo a candidatura de Miro Teixeira (egresso do PP) ao governo do estado nas eleições de 1982, vale dizer, à sucessão do próprio Chagas Freitas. Saturnino Braga migra para o Partido Democrático Trabalhista (PDT) e Nelson Carneiro para o PTB, ambos reelegendo-se senadores. Gasparian apoia o candidato do PDT – Brizola, eleito governador – e atua na campanha vitoriosa de Franco Montoro ao governo de São Paulo. Por isso mesmo, é convidado por Montoro para comandar a Eletropaulo, mas tem o nome vetado pelo governo Figueiredo.<sup>123</sup>

Atendendo ao convite de Ulysses Guimarães assume a Secretaria de Relações Internacionais do PMDB. Volta a fixar residência na capital paulista, onde integra a executiva estadual do partido como tesoureiro, além de ser o diretor responsável pelo *São Paulo Hoje*, jornal do diretório lançado em 1984. Seria ainda o tesoureiro da campanha (derrotada) do amigo Fernando Henrique à prefeitura de São Paulo em 1985.

Com toda essa experiência acumulada – e depois de todas as cogitações frustradas –, Gasparian estava pronto para, finalmente, disputar um mandato parlamentar nas eleições de 1986. Um dia antes do pleito, em informe publicitário nos jornais, deixava clara sua principal bandeira: “Tabelamento dos juros já!” Uma semana antes, em 7 de novembro, publicara artigo na página de opinião da *Folha de S. Paulo* “Pelo fim do serviço militar obrigatório”, em favor de sua profissionalização.<sup>124</sup>

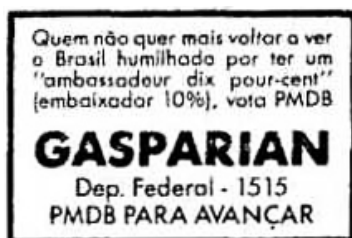
---

<sup>122</sup> JORNAL DO COMÉRCIO. Conta-café é mistério que IBC traz guardado. Rio de Janeiro, 28 out. 1981, p. 3.

<sup>123</sup> Cf. SERRA, José. Paixão, generosidade e coragem. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 out. 2006. Opinião, p. A3; MARTINS, Luciano. Fernando Gasparian: um empreendedor. *Política externa*, São Paulo, v. 15, n. 3, dez./fev. 2006/2007, p. 16.

<sup>124</sup> GASPARIAN, Fernando. Pelo fim do serviço militar obrigatório. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 nov. 1986. Opinião, p. 3.

Embora tenha sido apenas o 26º candidato mais votado do partido – o PMDB paulista conquistou, ao todo, 28 cadeiras – é eleito deputado federal constituinte. No Congresso, seria titular da Comissão de Sistematização, suplente da Subcomissão do Sistema Eleitoral e Partidos Políticos da Comissão da Organização Eleitoral, Partidária e Garantia das Instituições, e relator da Subcomissão do Sistema Financeiro da Comissão do Sistema Tributário, Orçamento e Finanças.



Propaganda de campanha, com referência a Delfim Netto<sup>125</sup>

Em que pese o destaque dado, como já vimos, ao dispositivo constitucional aparentemente insensato – o limite de 12% para os juros – propugnado por Gasparian, sua proposta era, na verdade, mais ampla. Em linhas gerais, a intenção era

*dotar o país de um sistema financeiro que não onerasse as atividades produtivas. Partindo da constatação de que o sistema era oligopolizado [...], preconizava que os bancos não deveriam precisar mais de carta patente para funcionar, bastando o Banco Central autorizar aqueles que tivessem idoneidade moral, conhecimento técnico e capital*

<sup>125</sup> Segundo uma denúncia feita em 1976 pelo adido militar em Paris, Coronel Raimundo Saraiva, o então embaixador na França (Delfim Netto) e dois amigos teriam recebido dinheiro de bancos franceses para facilitar negócios com o Brasil. A denúncia veio a público apenas em 1983, mas o relatório que a continha, conhecido como “Relatório Saraiva”, restou secreto. Para Elio Gaspari, tratava-se de uma denúncia vazia, com o intuito de atingir a reputação de Delfim (à época Ministro do Planejamento do governo Figueiredo). Cf. GASPARI, Elio. É preciso ir a fundo no “Relatório Saraiva”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 nov. 1983, p. 11.

de acordo com a envergadura do empreendimento. Com isso, o número de bancos tenderia a aumentar, aumentando igualmente a competitividade, o que poderia acarretar uma redução das taxas de juros oferecidas no mercado. Defendia também a criação do seguro de depósito de aplicação bancária, visando a resguardar o correntista de uma possível falência do banco. O fundo então formado não poderia ter recursos da União. [...] Outro ponto levantado por Gasparian dizia respeito à proibição da abertura de agências de bancos estrangeiros em território nacional, bem como o aumento da participação estrangeira na composição acionária de bancos brasileiros. Essa proposta também foi aprovada e passou a integrar as Disposições Transitórias da Constituição de 1988.<sup>126</sup>

José Serra, deputado pelo mesmo PMDB, foi um dos maiores críticos ao tabelamento dos juros proposto por Gasparian. A discordância “infelicitaria de vez” uma antiga amizade iniciada em 1962 – quando Gasparian, a pedido do então presidente da UEE-SP, o próprio Serra, tornara-se o fiador do aluguel da sede da entidade, destruída no golpe de 1964.<sup>127</sup> Para se contrapor às críticas, Gasparian publicava informes publicitários nos jornais. Em 28 de maio de 1987, um desses informes – na verdade uma notícia transcrita de *O Estado de S. Paulo* de dois dias antes, conforme explícito no pé do texto – tinha por título, em letras garrafais, “‘Dobradinha’ limita estatização”, e destacava as manobras de Serra e Francisco Dornelles nas alterações dos anteprojetos apresentados à Comissão do Sistema Tributário, Orçamento e Finanças, da qual eram relator e presidente, respectivamente. Dias depois, outro informe, “Pela redução dos juros / Contra o capitalismo sem risco”, buscava esclarecer as “notícias controversas” sobre o trabalho da sua subcomissão, descrevendo algumas das propostas ali apresentadas e aprovadas.

---

<sup>126</sup> LAMARÃO, Sérgio. GASPARIAN, Fernando. Grifo nosso.

<sup>127</sup> “De vez” porque, segundo Serra, o mal-estar entre ambos se iniciara em 1983, no governo Montoro, do qual era secretário do Planejamento. Na ocasião, durante um jantar no sítio de Fernando Henrique e Ruth Cardoso, discutindo as dificuldades financeiras do estado, Serra defendia o aumento de um ponto percentual do então ICM, ao que Gasparian argumentou contra. “Reagi de forma arrogante, e o mal-estar criado, infelizmente, veio a revelar-se duradouro”. SERRA, José. Paixão, generosidade e coragem, p. A3.

Mas durante os trabalhos da Constituinte, segundo Sérgio Lamarão, além das questões econômicas, Gasparian pronunciou-se ainda

contra a pena de morte, a estabilidade no emprego, o presidencialismo, a estatização do sistema financeiro e o mandato de cinco anos para José Sarney. Também manifestou-se contra a participação do capital estrangeiro nas atividades de mineração. Votou a favor do mandato de segurança coletivo, da nacionalização do subsolo, da limitação dos encargos da dívida externa, da criação de um fundo de apoio à reforma agrária, da anistia aos micro e pequenos empresários e da desapropriação da propriedade improdutiva.<sup>128</sup>

Antes de promulgada a nova Constituição, assistiu a muitos dos seus amigos de longa data abandonarem o PMDB para fundarem, em junho de 1988, o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), com vistas ao lançamento de Mário Covas como candidato a presidente da República nas eleições do ano seguinte, uma vez que era certa a candidatura de Ulysses Guimarães pelo PMDB. Segundo Sebastião Nery, numa reunião em São Paulo em que discutiam a fundação do novo partido, José Serra fez uma longa exposição. “Gasparian ouviu e não gostou: — Nesse partido eu não entro. Vai ser uma UDN entreguista.”<sup>129</sup> De fato, seria um dos mais notórios “ulyssistas” em 1989.

Na disputa pela reeleição em 1990 obtém apenas uma suplência. Seguiria, no entanto, envolvido com o partido e a política. Entre 1993 e 1995 foi superintendente do Parlamento Latino-Americano (Parlatino), sendo eleito, em seguida, membro do conselho consultivo da entidade.<sup>130</sup> Ali, Gasparian empenhou-se em levar adiante a ideia da formação de um bloco de países, com objetivos e leis comuns, a União Latino-Americana. O Parlatino, desse modo, seria reconhecido como o órgão representativo dos países e passaria a ter poder deliberativo. “A União Europeia demorou cerca de quarenta anos para sair. Queremos que a União Latino-Americana se concretize em menos tempo”.<sup>131</sup>

<sup>128</sup> LAMARÃO, Sérgio. GASPARIAN, Fernando.

<sup>129</sup> NERY, Sebastião. Lembranças de Gasparian. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 14-15 out. 2006, p. 6.

<sup>130</sup> Para tomar parte nas atividades do Parlatino a condição é ser titular ou suplente de mandato legislativo.

<sup>131</sup> O ESTADO DE S. PAULO. Ex-deputado pretende integrar países latinos.

O limite constitucional dos juros voltaria às manchetes em março de 1995, com a aprovação, pelo Senado, de um projeto de lei complementar que regulamentava o artigo 192, o que significava, na prática, sua entrada em vigor. O governo recém-eleito do amigo Fernando Henrique, absolutamente contrário ao projeto, consegue bloqueá-lo na Câmara, onde restaria sem ser votado. Em entrevista sobre o assunto, Gasparian acusa os banqueiros de mandar no país e a política econômica do governo de estimular uma crescente dependência em relação ao capital especulativo internacional, atraído pelos juros altos. “Não quero atraparalhar o presidente, mas não posso aceitar uma coisa errada”.<sup>132</sup>

### A VOZ DA “CONSCIÊNCIA”

A partir de então Fernando Gasparian, aos poucos, vai saindo de cena, tornando-se o “ex-deputado” e “editor”. Ante a hegemonia neoliberal, sua figura torna-se anacrônica. Seu nome, contraditoriamente, continuaria sendo evocado nas páginas de economia e política dos jornais por conta de seu grande feito quando deputado constituinte. O êxito daquele parágrafo fica claro quando observamos sua capacidade de gerar debate (e desconforto): em 1988, imediatamente após a promulgação da Constituição, quando, em termos práticos, é o primeiro dispositivo a ser revogado; em 1995, na tentativa frustrada de sua regulamentação; em 1997, com a apresentação de emenda alterando sua redação; em 1999, quando a emenda é aprovada no Senado; finalmente, em 2003, quando a emenda é aprovada na Câmara. “Imbecilidade”, “estultice”, “excrecência”, entre outros, eram (são) os termos utilizados para se referir ao tabelamento (o controle) dos juros sempre que ele ressurgia, tal como um fantasma, do cemitério das letras mortas da Constituição.<sup>133</sup>

Gasparian cumpriria, também, durante esses anos, um papel, mesmo que sem muito sucesso: o de boa consciência de Fernando Henrique Cardoso. Ao chegar ao poder, segundo Gasparian, Fernando Henrique tornou-se um governante “comportado”, deixando de lado as ideias que pudessem comprometer o consenso, e “querer governar com o

---

São Paulo, 13 jan. 1996, p. A6. Cf. também LAMARÃO, Sérgio. GASPARIAN, Fernando.

<sup>132</sup> GASPARIAN, Fernando. Autor de proposta crítica política econômica. *Folha de S. Paulo*, 22 jun. 1995, p. 4. Entrevista a Marta Salomon.

<sup>133</sup> É preciso atentar que o tabelamento proposto por Gasparian não dizia respeito apenas à taxa de juro real praticada pelo Governo, mas à concessão de crédito de modo geral, isto é, aquela gerida pelo mercado.

consenso das pessoas não funciona”.<sup>134</sup> Nos contatos frequentes com o amigo, não deixava de mostrar suas discordâncias: “eu falo barbaridades para ele e ele não se ofende”.<sup>135</sup> Podemos imaginar algumas dessas “barbaridades” ditas por Gasparian e, principalmente, sua eloquência, quando das privatizações levadas a cabo. No meio do segundo mandato do amigo tenta fazê-lo “comprar a ideia”:

Fernando, eu vou usar aqui um termo do nosso tempo de estudante, do tempo da campanha do petróleo e tal. Você vai sair do governo com a imagem de entreguista, a palavra é essa. Você precisa fugir disso, rapaz! Vê se nesses últimos dois anos você dá uma virada nisso. E até, como você conseguiu uma imagem de uma pessoa assim... você não é um incendiário, é um sujeito inteligente, fala línguas, todo mundo aí considera você, você tem um alto conceito nos países do Primeiro Mundo. Você podia pegar o Malan agora e mandar lá no Fundo Monetário e dizer: “Eu fiz um acordo que não está dando. A miséria está grande, está subindo, nós não temos condições de tocar o país desse jeito. Então vamos reformular isso aqui. Não deu certo.” [...] E aí você se coloca como líder desses países pobres, porque está todo mundo sofrendo com isso.<sup>136</sup>

Diante do impasse do governo Fernando Henrique em relação ao tratado da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) e com o debate sucessório já colocado, Gasparian via o momento como “decisivo”: “se o país, por exemplo, entrar na ALCA e eleger um presidente como o Serra, estará perdido. [...] Eu só tenho medo de [Lula] ficar o Lula Bom Senso, de se acalmar até o Lula também.”<sup>137</sup>

---

<sup>134</sup> Cf. GASPARIAN, Fernando. O risco de publicar. Fernando Henrique insiste com o amigo sobre a necessidade de concessões para se obter a maioria (ou o consenso). Daí, provavelmente, o “resumo” de Gasparian: “Na verdade, é o seguinte: o Fernando Henrique não tinha vocação para se suicidar como o Getúlio, ser deposto como o Jango, ou querer dar o golpe como o Jânio.”

<sup>135</sup> Ibidem.

<sup>136</sup> Ibidem.

<sup>137</sup> Ibidem. O “bom senso” é uma referência a João Goulart: “logo que ele aceitou ficar presidente sem os poderes de presidente, ele foi o João Bom Senso”, diz Gasparian em outra passagem.

Em 2002, poucos dias depois da tentativa de golpe na Venezuela, em abril, acompanha uma delegação da Comissão de Relações Exteriores da Câmara que vai ao país para levar um voto de solidariedade ao presidente Hugo Chávez.<sup>138</sup> Volta a morar no Rio. Na disputa à presidência, declara apoio a Lula – “vou votar em quem vai baixar os juros” – e se diz “feliz porque o Serra não vai se eleger e isso vai ser muito bom para o país”.<sup>139</sup>

Em 2005, porém, mostra-se um tanto decepcionado com o “consenso” conseguido pelo governo eleito, “porque esperava uma coisa diferente, esperava mudanças importantes na área econômica para fazer o país crescer de maneira sustentada. Nada disso aconteceu.”<sup>140</sup> Gasparian não chegaria a ver a vitória de Lula para um segundo mandato. Faleceu seis dias depois do primeiro turno das eleições de 2006, vítima de infecção generalizada.

#### DE POLÍTICO INTERROMPIDO A EDITOR

“Existem figuras públicas que não são reconhecidas devidamente porque não arredam pé de suas posições quando estas entram em crise na sociedade.”<sup>141</sup> Assim inicia Bresser-Pereira seu artigo em memória de Fernando Gasparian, destacando aquela que foi a principal marca da singular figura que acompanhamos até aqui: a coerência de caráter mantida ao longo da vida.

Eu o conheci nos anos 1950, quando era um empresário nacionalista famoso, o grande defensor da industrialização e da empresa nacional, o representante por excelência da burguesia nacional. Mas já então seus amigos brincavam que ele era “o único representante” dessa burguesia. Não era. [...] mas essa frase já indicava as incompreensões que enfrentaria.<sup>142</sup>

---

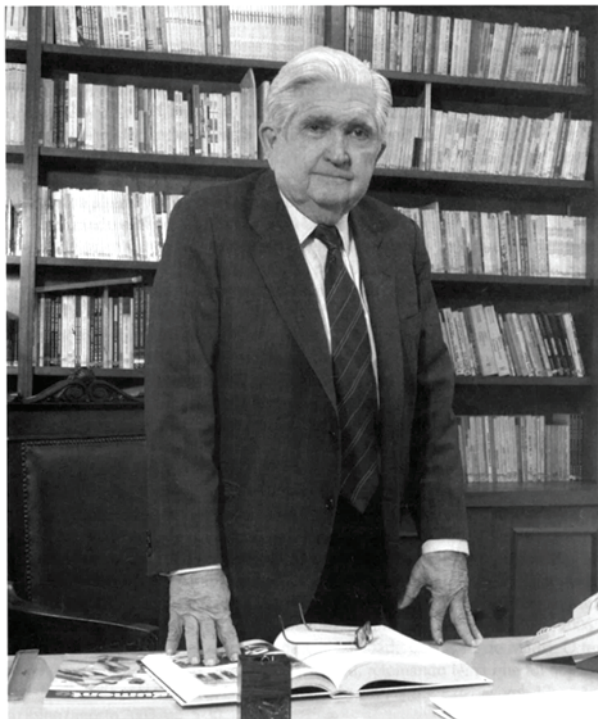
<sup>138</sup> BOECHAT, Ricardo. Amigos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 abr. 2002, p. 6.

<sup>139</sup> JORNAL DO BRASIL. Serra pede socorro a FHC. Rio de Janeiro, 24 set. 2002, p. A3.

<sup>140</sup> VEJA. O que dizem os que apoiaram Lula. São Paulo, v. 38, n. 27, 6 jul. 2005, p. 78.

<sup>141</sup> BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Fernando Gasparian. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 nov. 2006. Dinheiro, p. B2.

<sup>142</sup> *Ibidem*, p. B2.



Gasparian, s/d [200?]. Foto: German Lorca  
*Política externa*, v. 15, n. 3, dez./fev. 2006/2007

Segundo Fernando Henrique, “nos anos da juventude, Fernando já era o que continuou a ser pela vida afora, um sonhador, um lutador”.<sup>143</sup> E, podemos acrescentar, novamente com Bresser, “ao contrário do que aconteceu com seus amigos [...], Gasparian não se deixou encantar pelas ideias modernizadoras e liberais que vinham do norte”. Mesmo porque, vimos, sempre considerou esse “encanto”, ou, “alienação”, como preferia chamar, o maior e mais persistente erro das elites brasileiras e latino-americanas. Talvez não fosse o único representante da “burguesia nacional”, mas, como lembrava,

Não havia um projeto, havia posições individuais.  
 Não existia um grupo organizado, uma articulação

---

<sup>143</sup> CARDOSO, Fernando H. Fernando Gasparian, guerreiro e amigo, p. 11.

clara. As pessoas queriam teorizar a existência de uma burguesia nacional, mas não havia. Organizada, não havia mesmo. Éramos indivíduos isolados que pensavam a indústria nacional, a economia nacional... Nunca chegou a haver uma reunião nacionalista. De vez em quando, alguém se pronunciava sobre alguns temas que continham conteúdo nacionalista.<sup>144</sup>

A posição individual e a proximidade com o governo Jango fariam com que sua vocação, que “era essencialmente para a vida pública”, na opinião de Bresser, fosse abatida em 1º de abril de 1964. Nas palavras do amigo que virou presidente: “Houve época na qual de todo nosso círculo de amizades ele era o mais famoso, o mais rico, o que apontava mais para um futuro promissor. Noutras ocasiões, perseguido pelo governo autoritário, já não tão rico, já não tão promissor.”<sup>145</sup>

Num de seus discursos de paraninfo, Gasparian afirmava ser necessário “que o medo não [contaminasse] os homens lúcidos e os responsáveis pela produção nacional” para, em seguida, repetir a frase de Woodrow Wilson: “Porque há homens que não recebem expressar certas opiniões, embora saibam que serão boicotados em certos círculos influentes do qual depende seu crédito e os meios necessários ao progresso de seus negócios.”<sup>146</sup> Não por acaso, portanto, seria o dono de um jornal chamado *Opinião*.

Mas, lembremos que, muito antes do golpe, Gasparian já havia passado pelo mundo da edição e, como ele mesmo destacava, por “pura política”.<sup>147</sup> Essa colocação deixa clara sua visão sobre o papel privilegiado da imprensa enquanto porta-voz de ideias e interesses no debate público – papel que constitui mesmo a própria imprensa moderna. Dessa forma participara do *Jornal de Debates*; com esse propósito lançaria *Opinião*. Sua primeira editora se insere nesse mesmo princípio. Deixada

<sup>144</sup> GASPARIAN, Fernando. Nacionalismo, empresariado..., p. 227.

<sup>145</sup> CARDOSO, Fernando H. Fernando Gasparian, guerreiro e amigo, p. 11. “Recordo-me, antes de sua partida para a Europa, em 1964, de uma visita de Fernando Gasparian ao Chile, para me rever e a outros amigos exilados. Fui com ele à Corfo, que era a corporação chilena de fomento econômico. Quando se inteirou do número de teares que havia no Chile fez seus cálculos e disse: ‘Minha família possui mais máquinas têxteis do que o Chile...’”. *Ibidem*, p. 12.

<sup>146</sup> GASPARIAN, Fernando. Problemas nacionais, p. 245.

<sup>147</sup> *Idem*, O risco de publicar.

aos cuidados de dois ex-deputados cassados em 1964, para além de Trotsky e Sade a Saga publicaria ainda o relatório de uma CPI cara ao regime, vale dizer, livros de “fundo” e livros “urgentes”, como veríamos também na Paz e Terra, em que ao lado de Eric Hobsbawm encontramos Ulysses Guimarães.

É o autoexílio na Inglaterra, contudo, que marca o ponto de inflexão em suas atividades. Afastando-se das indústrias, em seu retorno ao país ele fará dessas incursões até então marginais pelo mundo editorial (as últimas publicações da Saga datam de 1971) sua principal empresa daí por diante. Mas se ditadura é a principal responsável pela transformação do líder empresarial em editor de prestígio, é preciso destacar que a *escolha* desse lugar se deve, sobretudo, a sua própria formação.

Vimos sua formação política e podemos até cogitar que, caso não tivesse à frente os negócios da família, a essa altura dona de um grande grupo industrial, ele poderia mesmo ter seguido, com sucesso, os amigos Rubens Paiva e Almino Afonso rumo ao parlamento. Destaque-se, ainda, que, depois de entrar na política pela porta esquerda (PSB), diante de suas responsabilidades como empresário, Gasparian desloca-se para o centro. Poderia aí, da mesma forma, ter obtido sucesso político como ministro. Nessa mudança para o centro, porém, não abdica de seus ideais: livre iniciativa, mas, também, reforma agrária. Distante, portanto, do pensamento “liberal conservador” da elite tradicional brasileira e paulista, da qual, como destacava o editorial do *Estadão* em 1962, ele não fazia parte.

De fato, as “raízes” de Fernando Gasparian remetem a um avô paterno mascate que chegou a dono de loja bem estabelecida no Brás ao final da vida, em 1917, a Casa Armênia. A primeira fábrica da família, em sociedade, foi fundada em 1930, mesmo ano de seu nascimento. Apenas em 1938 seu pai fundaria a própria fábrica, o Lanifício Brazilia, dando origem ao que, mais tarde, seria o Grupo Gaspar Gasparian. Um “passado” bastante curto, portanto. E sem “terras herdadas” com que se preocupar.

Com a riqueza que se acumulava e expandia, Gaspar Gasparian pôde proporcionar aos filhos não apenas uma sólida educação formal, como também uma excelente formação cultural. A filiação do jovem Fernando ao PSB de Antonio Candido, Paulo Emílio e Cláudio Abramo não se deu ao acaso, tampouco sua percepção de que, pelas letras, podia-se agir politicamente. Se a riqueza da família o colocava em meio à elite econômica, sua formação cultural (ao mesmo tempo em que consolidava a “ascensão social” dos Gasparian) o afastava *politicamente* dessa mesma elite.

## A FORMAÇÃO CULTURAL

Gaspar Gasparian (1899-1966) “aproveitou bastante a infância e juventude, de modo que a escola não o via muito”. Começou a trabalhar na loja apenas após a morte do pai, trabalho que não o impedia de “sempre arrumar tempo para se divertir e passear”. Viajava todos os anos a Congonhas do Campo, durante a Semana Santa, para vender tecidos e roupas nas feiras da cidade. Não era religioso nem tinha hábitos armênios. Casou-se em 1925 com Zilia, filha de portugueses. Os filhos foram nascendo, os negócios cresceram e a família mudou-se do Brás para Higienópolis em 1938. Como pouco estudara, a esposa “conseguiu fazer com que cursasse uma escola de comércio, à noite”.

O lazer era parte da vida dos Gasparian, que viajavam constantemente nos finais de semana. Gaspar, que sempre gostara de ópera, não perdia uma temporada do Municipal. Admirava pintura, ia muito ao teatro e “refinava o ouvido” ao som de compositores barrocos quase desconhecidos na época. Comprou um piano de cauda para as filhas estudarem, enquanto os meninos aprendiam violino. Nos aniversários da esposa promovia recitais em sua casa, com músicos da orquestra do Municipal se apresentando depois das crianças. A participação na “alta cultura” não impedia Gaspar de adorar o carnaval: “com os filhos adolescentes, ele passava as quatro noites na Avenida São João, participando do corso em carro aberto”. A partir de 1948 foram várias vezes à Europa e Gaspar, embora não falasse nenhuma língua estrangeira, tinha ótima memória para nomes e datas, o que o ajudava a entender os guias. “Acordava cedo e queria conhecer e fotografar tudo”. Com a morte de Zilia, em 1961, Gaspar viajaria sozinho pela primeira vez: faria uma volta ao mundo.

Esse é um breve resumo da vida de Gaspar Gasparian, que se encontra em *Gaspar Gasparian: um fotógrafo paulista*, publicado em 1988.<sup>148</sup> Gaspar, um dos representantes da chamada “Escola Paulista de Fotografia”, tem hoje suas fotos incorporadas ao acervos permanentes da Cisneros Fontanals Art Foundation de Miami, do Museu de Arte de São Paulo, do Museu de Arte Moderna de Nova York e da Tate Modern de Londres.<sup>149</sup>

<sup>148</sup> GORDINHO, Margarida Cintra (Org.). *Gaspar Gasparian*. Um fotógrafo paulista. São Paulo: Marca D'Água, 1988.

<sup>149</sup> Envolvendo-se mais seriamente com a fotografia a partir de meados de 1940, em 1942 Gaspar se associa ao Foto Clube Bandeirante, fundado em 1939. Ali encontraria, entre outros, José Yalenti, Geraldo de Barros, Thomas Far-



Gaspar Gasparian. *Sol nascente*, 1950/1953. [gaspargasparian.com](http://gaspargasparian.com)

Nesse ambiente cresceu Fernando Gasparian. Diferentemente do pai que pouco estudara, Fernando, como vimos, formou-se em engenharia civil e elétrica. Mas, tal como Gaspar, soube “aproveitar” bastante sua juventude:

---

kas e German Lorca (Lorca que, inclusive, era quem registrava as festas em sua casa). A atuação desses fotoclubistas marca a passagem ao modernismo na fotografia brasileira. Gaspar era bastante presente e atuante no clube e, tendo em vista sua condição financeira, também generoso. Em 1950 deixa o Bandeirante juntamente com Angelo Francisco Nuti, Fernando Palmério, Ricardo Belinazzi, Otávio Pini e João de Amorim Júnior para formarem o Grupo dos Seis, que se reunia no estúdio que construira nos fundos de sua casa. Transitando indistintamente entre o pictorialismo e o modernismo, “em que paisagens, naturezas-mortas e cenas de gênero tradicionais convivem com especulações formais arrojadas”, o repertório de Gaspar é essencialmente eclético, como destaca Helouise Costa. Participou de salões/exposições até 1965 (cerca de 80) e recebeu mais de uma dezena de prêmios. A edição mais recente sobre o trabalho de Gaspar Gasparian é aquela organizada por Marcelo Mattos Araújo, Diógenes Moura e Gaspar Gasparian Filho: *Gaspar Gasparian*. Um fotógrafo. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. Há também o *site* [gaspargasparian.com](http://gaspargasparian.com). Sobre a Escola Paulista de Fotografia ver, entre outros, COSTA, Helouise. Escola Paulista de Fotografia: uma vanguarda possível? In: *Vanguarda e modernidade nas artes brasileiras*. Unicamp, Campinas, 2005.

Na verdade, como todo jovem, a gente não ficava só estudando na escola ou indo a festas. A gente tinha uma inquietação que fez com que, por exemplo, um grupo grande da minha geração participasse do movimento cultural de São Paulo. Por exemplo, naquela época, foram fundados os principais museus de arte de São Paulo, como o Museu de Arte Moderna. Havia um grupo – eu não fazia parte desse grupo – mais intelectualizado, que se reunia na biblioteca pública da Consolação, que se chama Biblioteca Mário de Andrade, hoje em dia. Por exemplo, poetas como Décio Pignatari, pessoas que a gente conhecia, que eram da nossa relação, eles se reuniam lá porque iam ver os livros, e daí também frequentei a biblioteca. Peguei um pouco o hábito de frequentar a biblioteca para poder ler livros de ficção. Mas, enfim, participei, por exemplo, de reuniões no Museu de Arte Moderna, quando o Portinari pintou esse grande painel sobre Tiradentes, feito para a Escola de Cataguazes [...]. Enfim, essa era a vida cultural. Havia também o Clubinho, que funcionava no porão do Instituto dos Arquitetos. Era um barzinho onde se reunia a roda intelectual; vivi ali um pouco a vida intelectual de São Paulo, que cresceu nessa altura, e fiquei no meio de pessoas que não eram estudantes de engenharia, não eram da minha área. Tive uma vida acadêmica no sentido europeu, convivendo com pessoas de outras profissões, de outras áreas.<sup>150</sup>

A convivência com intelectuais e artistas e o apreço pela cultura, bem como as amizades daí advindas, se estenderiam também pela vida, do mesmo modo que aquelas surgidas no movimento estudantil. E embora tenhamos separado, neste trabalho, sua formação cultural de sua formação política e empresarial, no intuito de compreendermos melhor sua transformação em editor, está claro que cultura, política – e mesmo negócio – andam de mãos dadas aqui. É esse conjunto de relações (e sua condição financeira, bem entendido) que lhe permite ser um dos grandes aglutinadores de forças na oposição à ditadura.

Podemos vê-lo na escadaria do Teatro Municipal do Rio em fevereiro de 1968, se solidarizando com o pessoal de teatro e cinema quando

---

<sup>150</sup> GASPARIAN, Fernando. Depoimento [1], p. 3.

da greve geral dos teatros contra a censura, ou patrocinando, em outubro, o 1º Concurso Nacional de Piano, quando oferece o terceiro prêmio, atrás apenas do Estado da Guanabara e da Loteria Federal (num belo lance de publicidade, convenhamos, para um empresário “subversivo”).<sup>151</sup> Em 1975, com a falência do *Correio da Manhã* e o leilão de seus bens, arremata o arquivo do jornal, doando posteriormente o imenso acervo fotográfico, iconográfico e textual ao Arquivo Nacional.<sup>152</sup>

Enquanto empresário do setor têxtil, insere a América Fabril no novo contexto da moda brasileira, que adquire relevância cultural e mercadológica notável a partir de meados dos anos 1960. As participações da empresa na Feira Nacional da Indústria Têxtil (FENIT) – ponta de lança desse movimento, com seus shows-desfiles – passam a contar com grande produção: criações de Ney Barrocas, Clodovil, Rudi Gernreich, Emilio Federico Schuberth, show de Wilson Simonal (1965), cenário de Irênio Maia (1966), direção de Flávio Rangel (1968), estandes projetados por Bernardo Figueiredo (1968) e Lina Bo Bardi (1969), para citarmos alguns nomes. Destaque-se que a prisão de Bernardo Figueiredo e Flávio Rangel em 21 de junho de 1968 ocorreu justamente quando ambos saíam do escritório de Gasparian, onde tratavam da FENIT.<sup>153</sup>

Da formação proporcionada pelo pai, herdou também o gosto pelas viagens e recepções. Conheceu boa parte do mundo viajando a negócios ou em férias e, com o golpe, são constantes suas visitas aos ami-

---

<sup>151</sup> Cf. MARIA, Léa. Solidariedade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 fev. 1968. Caderno B, p. 3; JORNAL DO BRASIL. [1º Concurso Nacional de Piano], Rio de Janeiro, 18 out. 1968, p. 14.

<sup>152</sup> A doação ocorreu em 1982. Cf. JORNAL DO BRASIL. História. Rio de Janeiro, 7 ago. 1982, p. 6. Gasparian permaneceria com a coleção completa de exemplares do jornal, fundamentais depois na microfilmagem empreendida pela Biblioteca Nacional. Cf. NUNES, Letícia. Nossa memória que é de papel. *Correio de Notícias*, Curitiba, 29 dez. 1988, p. 4. Entrevista com Esther Caldas Bertoletti.

<sup>153</sup> Foram liberados da prisão no dia 25, um dia antes da passeata dos cem mil. Cf. *JORNAL DO BRASIL*. Intelectuais deixaram prisão. Rio de Janeiro, 25 jun. 1968, p. 17. Sobre a FENIT, a edição de 1968 talvez seja uma das mais lembradas. Com cerca de um milhão de visitantes, o destaque foi o show-desfile promovido pela Rhodia, “Momento 68”, apoiado na estética tropicalista e que tinha Caetano Veloso e Gilberto Gil como protagonistas. Cf. BONADIO, Maria Claudia. *O fio sintético é um show! Moda, política e publicidade: Rhodia S.A. 1960-1970*. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

gos exilados. Em sua estadia na Inglaterra e nessas constantes viagens também estabeleceu e fortaleceu contatos e amizades com políticos e intelectuais, como Mário Soares, Willy Brandt, Eric Hobsbawm, Thomas Skidmore, entre outros. Não por acaso seria secretário de relações internacionais do PMDB e a Paz e Terra seria a editora do historiador inglês e do brasilianista norte-americano. Como aponta Ivan Machado, “Gasparian era um homem internacional na exata acepção da palavra. Circulava nas rodas mais influentes da intelectualidade de esquerda europeia”.<sup>154</sup> Essa vivência internacional resultaria, em 1992, na revista *Política externa*.

Os amigos estrangeiros, invariavelmente, eram recepcionados em sua casa quando no Brasil. Pode-se dizer que, assim como um centro de articulação política, sua casa era também um centro de articulação intelectual e cultural, onde “os comensais [costumavam] valer mais pelo que [possuíam] na cabeça do que na conta bancária”, segundo Sérgio Augusto, que conheceu ali Robert B. Silvers, editor da *New York Review of Books*.<sup>155</sup> Mais tarde, ao se lançar candidato a deputado constituinte, Gasparian receberia o apoio dos amigos, com as camisetas da campanha, por exemplo, desenhadas por Jaguar, Ziraldo e Chico Caruso.<sup>156</sup> Seria, ainda, membro do conselho curador do Memorial da América Latina de 1998 até sua morte.

#### NA ACADEMIA

Nessa teia de amizades, em que se misturam empresários, políticos, intelectuais, artistas, jornalistas, uma “nova classe” ganha destaque: os acadêmicos. E os poucos anos de professor e pesquisador visitante parecem ser muito relevantes nessa nova relação.<sup>157</sup> Sobre sua passagem pelo Latin American Centre do St. Antony’s College, recorda David Gallagher:

---

<sup>154</sup> MACHADO, Ivan Pinheiro. O primeiro-ministro que amava as novelas. *L&PM Blog*, 13 dez. 2011. Machado relembra aqui sua primeira ida à Feira de Frankfurt, em 1976, guiado por Gasparian. Estando ambos em Lisboa após o término da feira, é convidado por Gasparian a acompanhá-lo em jantar com o então primeiro-ministro português Mário Soares.

<sup>155</sup> AUGUSTO, Sérgio. O aristocrata das letras americanas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 dez. 1985. Ilustrada, p. 47.

<sup>156</sup> PASCOWITCH, Joyce. Colaboração oportuna. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 26 out. 1986. Ilustrada, p. 56.

<sup>157</sup> Além, claro, de sua amizade com Fernando Henrique.

El centro siempre ha atraído a latinoamericanos que después se han vuelto importantes: en esa época estaba un Guido di Tella, un Fernando Henrique Cardoso, un Álvaro Uribe. Pero el más memorable de todos, para mí, fue Fernando Gasparian. Gran empresario, gran intelectual y gran demócrata brasileño, había salido al exilio cuando asumió la presidencia de Brasil el despiadado general Garrastazu Médici. A pesar de su tristeza de exiliado, Gasparian trajo una inmensa ola de alegría a St. Antony's, donde fue nombrado profesor visitante. Desde ya, era una persona rara en la academia: un colega con dinero, y muy generoso, incluso para un brasileño. Las fiestas de St. Antony's adquirieron una vida hasta entonces inimaginable: en la brumosa y fría ciudad de Oxford cobraron, gracias a Fernando y a su mujer Dalva, nada menos que vida brasileña.<sup>158</sup>

Na Inglaterra, também, acompanhando as imprensas britânica e europeia mais de perto, Gasparian percebeu algo pouco comum no Brasil: *a presença, nos jornais, de uma intelectualidade acadêmica*, isto é, aquela cuja vida está intimamente ligada ao dia-a-dia da universidade, e que contribui com artigos segundo sua área de atuação, vale dizer, corroborando ou apontando problemas – a partir de dados e análises fundamentadas em suas próprias pesquisas – nas medidas políticas, econômicas ou culturais adotadas pelo Estado.

Lembremos que foi durante esse período que teve a ideia de criar uma publicação em que, como veremos, a presença de intelectuais é tão ou mais importante que a dos próprios jornalistas. E, não obstante a presença de grandes nomes, isto é, intelectuais já reconhecidos, é a nova intelectualidade acadêmica que ganhará espaço em sua futura iniciativa.

---

<sup>158</sup> GALLAGHER, David. Brasil en Oxford. *El Mercurio*, Santiago, 7 dec. 2007. Opinión, p. 2. Segundo ainda Gallagher: “Un día, Gasparian me sugirió una idea genial. St. Antony's había decidido construir un nuevo edificio, uno que combinara un centro residencial para los estudiantes con una biblioteca. La idea era que fuera diseñado por Niemeyer. [...] Si bien la idea de que un brasileño diseñara un edificio en Oxford no era obvia para todos mis colegas, Niemeyer fue contratado”. O projeto, no entanto, acabou não sendo construído. Cf. também NERY, Sebastião. Lembranças de Gasparian, p.6. Quatro esboços do projeto podem ser vistos no site da Fundação Oscar Niemeyer ([www.niemeyer.org.br/obras](http://www.niemeyer.org.br/obras)).

Como lembra Marcus Gasparian, seu pai foi “um dos pioneiros a promover a ponte da academia com a imprensa, como já acontecia lá fora”.<sup>159</sup> A ponte seria erguida com seu dinheiro e Gasparian sabia que para mantê-la de pé, isto é, para que pudesse resistir politicamente, ela deveria resistir também economicamente, ou seja, teria que ser um empreendimento, um negócio, viável.



Tancredo Neves cumprimenta Tom Jobim em jantar na casa de Gasparian durante a campanha presidencial de 1984. Foto: Mathias Rezende. Arquivo Tancredo Neves, CPDOC/FGV

### ***O KNOW HOW INDUSTRIAL***

Quando da compra do *Jundiense* com os outros dois Fernandes, vimos que Gasparian pensara, ainda, em montar uma editora, o que não se concretizou. Em que pese o caráter “intelectual” da ideia, havia também um raciocínio acerca da oportunidade, com os devidos cálculos feitos pelo Fernando industrial: “tinha umas máquinas antigas lá, [e] podia importar máquinas quem era de jornal”.<sup>160</sup> Sebastião Nery, por sua

<sup>159</sup> Cf. BERTOL, Rachel. Paz e Terra chega aos 40 renovada. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 abr. 2007. Prosa & Verso, p. 3.

<sup>160</sup> GASPARIAN, Fernando. O risco de publicar. Na versão de Gasparian, aliás, a compra do jornal teria ocorrido justamente “porque a gente pensava em fa-

vez, conta que

Um dia, em Londres, em 1973 [1972 na verdade], almocei com Fernando Gasparian, Hermano Alves e Carlos Knappi. Knappi disse: “Que loucura é essa sua, de fazer um jornal de oposição com essa censura? Como é que está?” Gasparian, com aquela objetividade armeniana, interessou-se, pegou um papel e perguntou quantos exemplares vendia. “Comecei rodando 50 mil, passei pra 40, agora estou rodando 30.” – “Tá vendendo quanto?” – “24 a 25 mil.” Fez o cálculo dos custos do jornal, tal e tal, e concluiu: “Tá dando lucro. Se vender mais de 15 mil exemplares dá lucro, mas tem que ter um esquema pequeno”.<sup>161</sup>

Pode-se notar, pois, que à formação política e cultural que o leva a escolher seu novo ramo de atividade, Gasparian somaria sua experiência como “homem de empresa”. É essa experiência que o auxilia na trajetória que vai da fundação de um semanário à compra de uma editora – dessa vez como negócio sério – e, uma vez aí estabelecido, à criação de uma livraria. *Opinião* seria a principal vitrine dos lançamentos da Paz e Terra que, por sua vez, seria praticamente o único “grande” anunciante do jornal. A livraria, concebida como uma forma de amenizar as dificuldades de distribuição da editora, acabaria por se tornar um negócio independente. Gasparian seguiria também participando de órgãos e entidades de classe, tornando-se um dos diretores da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) em 1975 e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros entre 1981 e 1984.

Não é estranho, portanto, que, quando de seu retorno ao Brasil em 1972, antes do lançamento de *Opinião* ele tenha ido parar no *Pasquim*, onde, conforme Millôr Fernandes, ajudou com o seu “*know how industrial*”. Segundo o próprio Gasparian:

---

zer uma editora. Então a gente comprou o jornal, mas no fim acabou não fazendo”.

<sup>161</sup> NERY, Sebastião. Minhas confissões ao *Pasquim* (8). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 21 nov. 1986, p. 4. Trata-se de republicação de entrevista dada pelo autor ao *Pasquim* em 1979. De outubro de 1971 a março de 1974 Nery produziu, com Oliveira Bastos e outros jornalistas cariocas veteranos, o semanário *Politika*.

[...] e então eu voltei, e peguei o *Pasquim* que estava financeiramente muito mal. Ajudei a tomar conta do *Pasquim* para ver como era a economia de um jornal desse tipo. O *Pasquim* dava lucro, mas o pessoal, intelectual... assinavam papel em branco pensando que era autógrafo e era promissória... [...] O *Pasquim* mudou quando o Millôr passou a tomar conta. O Millôr interdito o jornal. E eu peguei as dívidas do *Pasquim*, parcelei em 24 meses, avalizei pessoalmente, e o pessoal topou. [...] O *Pasquim* era um aprendizado para saber como fazer com um jornal, quanto custava... para montar o esquema econômico do novo jornal...<sup>162</sup>

É claro que, mesmo com todo o seu “*know how* industrial”, Gasparian não viria a se transformar num “magnata das letras”. Tratava-se, antes, de usar esse conhecimento como forma auxiliar de resistência: é preciso lembrar que, além da censura, com suas consequências também financeiras, o regime exercia ainda forte pressão econômica sobre as várias atividades da oposição, desde a inibição de patrocínios e anúncios à realização de devassas contábeis em busca de irregularidades fiscais. “*Opinião*, a revista *Argumento* e a Paz e Terra não existiam para dar lucro, e sim para fortalecer a oposição ao regime. Não eram empresas, eram uma frente política”, diria anos depois Marcus Gasparian.<sup>163</sup>

---

<sup>162</sup> KENSKI, Vani. *O fascínio do Opinião*, p. 48. Além de uma dívida enorme, o *Pasquim* sofria ainda com desvios internos de dinheiro. Gasparian também adquiriu ações do jornal, doando-as depois a Fausto Wolff, quando da volta deste do exílio em 1978. Cf. KUCINSKI, Bernardo. O jornal da patota: o *Pasquim*. In: *Jornalistas e revolucionários*, p. 205-230. *Opinião*, inclusive, dividiria a redação com o *Pasquim* nos quatro primeiros números. Sobre a ajuda de Gasparian ao jornal ver também FERNANDES, Millôr et al. *Imprensa alternativa: histórico e desdobramentos. A literatura na imprensa alternativa dos anos 70/80*. In: RIOARTE. *Imprensa alternativa & literatura. Os anos de resistência*. Rio de Janeiro: RIOARTE, 1987, p. 18-19.

<sup>163</sup> Cf. FREITAS, Guilherme. Terror cultural. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 mar. 2014. Prosa, p. 6.

## A FRENTE AMPLA NO PAPEL<sup>1</sup>

O senhor tome jeito, seu Gasparian. O senhor está brincando comigo. Eu quero lhe dizer que não tenho medo do cardeal, não tenho medo do *Le Monde*, nem tenho medo de deputado. Se o senhor continuar desse jeito, eu lhe dou um tiro na cara.

Joaquim Cândido da Costa Sena, delegado do DOPS, ao prender Gasparian na gráfica que rodaria o n° 26 de *Opinião*, abril de 1973.

### PARA ENTENDER AS NOTÍCIAS, VOCÊ PRECISA DE *OPINIÃO*

Enquanto realizava seu “estágio” no *Pasquim*, Gasparian seguia discutindo com Raimundo Pereira – jornalista que Bernardo Kucinski havia lhe indicado ainda na Inglaterra – o projeto da nova publicação. Gasparian pensava em algo como a *New Statesman*, uma revista político-cultural semanal criada em 1913 em Londres, ligada aos socialistas fabianos e escrita por intelectuais. Raimundo, que tivera passagem destacada pelo *Jornal da Tarde, Realidade e Veja*, por sua vez, acalentava o projeto de um semanário de informações alternativo a esta última, escrito por jornalistas e, ponto importante, cuja propriedade lhes pertencesse.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> A chamada Frente Ampla, vale lembrar, foi o movimento político surgido em 1966 em torno das figuras centrais de Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek e João Goulart. Com o objetivo de lutar pela redemocratização do país, a frente chegou a realizar mobilizações públicas a partir de 1967, mas teve suas atividades proibidas por uma portaria do governo Costa e Silva em abril de 1968.

<sup>2</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*. In: *Jornalistas e revolucionários*, p. 304/310. Um ponto polêmico com relação ao projeto de *Opinião* diz respeito a sua submissão, ou não, por Raimundo, a uma organização política clandestina específica, a Ação Popular (AP), que iniciara em 1971 a discussão sobre sua integração com o PCdoB. Kucinski afirma que, sem que Gasparian e a redação o soubessem, o projeto foi submetido ao comitê central da AP, que decidiu apoiá-lo e, uma vez lançado o jornal, enviava diretrizes a Raimundo (p. 303). Tal submissão é peremptoriamente negada por Raimundo, Tonico Ferreira e Carlos Azevedo (que seria o contato entre Raimundo e a AP), que negam ainda que a AP ou o PCdoB, enquanto organizações, tivessem qualquer papel determinante sobre a redação do jornal. Vide as entrevistas de Raimundo e Tonico no DVD anexo a AZEVEDO, Carlos. *Movimento*.

Embora não nos detenhamos aqui na contextualização da chamada “imprensa alternativa” dos anos 1970, para a qual remetemos o conhecido livro de Kucinski (que dela fez parte), vale situar *Opinião* nesse panorama. É claro que a razão primeira do semanário é também aquela da maioria dos alternativos: a oposição ao regime. Diferentemente de todos os outros, no entanto, *Opinião* tinha “dono”, ou melhor, um dono. E não estava no horizonte de Gasparian – portanto, de “seu” jornal – qualquer discussão a respeito de uma transformação *radical* da sociedade, horizonte comum à maioria dos alternativos. Como apontava Raimundo Pereira ainda em 1975, “*Opinião* nunca foi um jornal de esquerda. Foi uma coisa que fora daqui você chama de centro-esquerda, ou à esquerda do centro, mas está ali, perto do centro, sem a menor dúvida!”<sup>3</sup> Desse modo, concordamos com Kucinski em sua caracterização do semanário como “alternativo” apenas na medida em que

Gasparian não aceitava o princípio da participação, mas também não pagava os salários de mercado, daí a excepcionalidade de *Opinião*, e seu caráter de imprensa alternativa, mesmo tendo um proprietário capitalista formal. Isso permitiu que Raimundo e sua equipe passassem a se considerar, na prática, coproprietários do jornal.<sup>4</sup>

A classificação de *Opinião* como um veículo de imprensa “alternativo” também é vista com cuidado por Gasparian. Talvez porque a partir de 1975, quando do “surto” alternativo, os termos mais utilizados para designá-lo fossem “imprensa underground”, “imprensa marginal” ou “imprensa nanica”, esta última, inclusive, a mais comum. Gasparian assim se manifesta na coluna *Jornal dos Jornais*, que Alberto Dines mantinha na *Folha de S. Paulo*:

Parece-nos que esta classificação (de imprensa “underground”) não nos é favorável, uma vez que somos uma imprensa legal e não queremos nem pretendemos nos marginalizar. Muito ao contrário, temos lutado contra aqueles que desejam diminuir a importância do papel que vimos exercendo, colocando-nos “à margem”, nos “subterrâ-

---

<sup>3</sup> PEREIRA, Raimundo. *Ex* apresenta a opinião de Raimundo Pereira. *Ex*-, São Paulo, n. 12, jun. 1975, p. 35. Entrevista a Hamilton Almeida Filho.

<sup>4</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião*: a frente natural, p. 308.

neos”. A nosso ver, pertencemos a uma imprensa democrática, independente, não-comercial, jamais subterrânea ou marginal.<sup>5</sup>

Como vemos, o foco da rejeição parece ser a terminologia utilizada para designar os veículos alternativos, já que Gasparian faz questão de destacar o caráter “não-comercial” de *Opinião*. Os termos mais acertados, pois, para ele, seriam “imprensa democrática e independente”. Como lembraria Raimundo: “o grande projeto do jornal foi pegar toda essa frente de liberais, nacionalistas e toda a esquerda. Porque a esquerda sozinha não faria!”<sup>6</sup>

É a necessidade de se formar uma frente política de oposição por conta do momento, portanto, que faz com que as divergências sejam enfim superadas, embora o resultado seja um híbrido entre a ideia original de Gasparian e aquela defendida por Raimundo. Inspirado no semanário inglês *The Guardian Weekly* – uma seleção semanal impressa em papel bíblia de artigos do *The Guardian*, *Le Monde* e *The New York Times* –, Raimundo projeta *Opinião*, nome dado por Gasparian.<sup>7</sup> Tendo Eurico Amado como sócio, Gasparian cria a editora Inúbia, que seria a responsável pela publicação.

O número zero de *Opinião* surge em 23 de outubro de 1972, com seus princípios básicos descritos na primeira frase: “Um jornal que não defende interesses pessoais, não pertence a nenhum partido, não é portavoz de qualquer ideologia e se recusa a aceitar um volume de publicidade que ultrapasse a 20 por cento de sua receita”.<sup>8</sup> Os custos são apresentados detalhadamente, incluindo os salários da equipe (!) e, nas palavras de seu diretor, Fernando Gasparian, depois do investimento inicial o jornal deveria se autossustentar através das vendas.

Seriam 24 páginas, divididas em três editorias: Assuntos Nacionais, Assuntos Internacionais e Tendências & Cultura. Também somos informados de que, “na tentativa de ser um jornal 'aberto' para o grande público, *Opinião* tem ainda uma seção de Lazer e Esporte onde a novidade maior é uma moderna coluna de xadrez”.<sup>9</sup> Mas “a grande novidade de *Opinião*”, como faz questão de ressaltar a apresentação, é a editoria

---

<sup>5</sup> DINES, Alberto. Resposta (1). *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 out. 1975, p. 10.

<sup>6</sup> Cf. KENSKI, Vani. *O fascínio do Opinião*, p. 98

<sup>7</sup> Cf. KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*, p. 303.

<sup>8</sup> *Opinião*. Rio de Janeiro, n. 0, 23 out. 1973, p. 1.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 2.



David Levine.

É preciso também deixar claro o lugar que o jornal pretende ocupar. A resposta vem na forma de pergunta:

**Um jornal de oposição?** — *Opinião* não vai fazer “política” na medida em que não vai fazer propaganda de movimentos políticos ou preservar a imunidade de grupos ou igrejazinhas — garante Raimundo. Mas sua honestidade não deve ser confundida com omissão: — Não temos medo de ter opinião — diz ele. Somos, por exemplo, contra a depredação do ambiente, a exploração do consumidor, o roubo das riquezas nacionais e temos como compromisso a defesa dos direitos do cidadão e das liberdades democráticas.<sup>11</sup>

Segue então uma breve “história” sobre a criação do jornal e uma apresentação de seus responsáveis, mais demorada em torno de Gasparian e sintética acerca de Raimundo, seguida dos principais nomes da equipe – uma equipe diversificada em termos de tendências e grupos de esquerda, com trotskistas, maoístas, comunistas identificados com o PC, dissidentes e independentes.<sup>12</sup>

Ao final, os nomes de alguns dos futuros colaboradores, que se repetem com destaque na contracapa: segundo *Opinião*, para fazer o leitor “entender os fatos mais importantes da política, da economia, do comportamento social e da cultura”, o jornal conta “com colaboradores do porte de” Antônio Callado, Fernando Henrique Cardoso, Millôr Fernandes, Paulo Francis, Hélio Jaguaribe, Chico de Oliveira, Paul Singer, Aloysio Biondi, Washington Novaes, José Arthur Giannotti, Jean-Claude Bernardet, Celso Furtado, Oscar Niemeyer, Lauro de Oliveira Lima, Otto Maria Carpeaux, Chico Buarque de Holanda.

O “porte” dos colaboradores, na verdade daqueles já reconhecidos (e diversificados também eles em termos de tendências políticas), servia não apenas como propaganda, mas, juntamente com o elenco de publicações estrangeiras, tinham a função de, pelo menos, constranger a censura. Nem uns, nem outras surtiriam qualquer efeito prático nesse sentido, no entanto. Mas nada impedia Gasparian de acreditar que *Opinião* seria “uma publicação para durar ‘cem anos’”.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 2.

<sup>12</sup> Cf. KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*, p. 306.

<sup>13</sup> *Opinião*, n. 0, p. 2.

Lançado finalmente em 6 de novembro, as vendas superaram as expectativas. Raimundo Pereira, no número zero, acreditava que o ponto de equilíbrio econômico seria atingido se o jornal vendesse entre 20 e 25 mil exemplares. O primeiro número vendeu mais de 30 mil exemplares e os subseqüentes uma média de 29 mil, com alguns chegando 38 mil.<sup>14</sup> Bernardo Kucinski aponta o impacto causado pelo novo semanário, que “nasceu como se já tivesse cem anos de tradição”, combinando “a afeição clássica com uma linha editorial crítica”, refletindo “maturidade e visão jornalística, um salto de qualidade da imprensa brasileira, alternativa ou não, causando espanto pela qualidade de seus textos e do seu visual”.<sup>15</sup> Na parte gráfica, além da “diagramação elegante” e das caricaturas a traço fino de Cássio Loredano e Luis Trimano, destacavam-se as capas (em rodízio entre as editorias), cuja forte impressão fazia com que as edições fossem por elas identificadas. “Competindo com a cosmética *Veja*”, o alternativo desvendava “por comparação direta” o adesismo da grande imprensa à ditadura, ao abordar assuntos caros ao noticiário, como o “milagre brasileiro”, a distribuição de renda, a dívida externa, os dilemas da oposição, entre outros. A parceria com publicações estrangeiras lhe permitia acompanhar e transmitir “de perto” os principais acontecimentos internacionais. O semanário acabava, assim, por isolar intelectualmente o governo, “já isolado da juventude urbana pelo *Pasquim*”. “Em apenas algumas edições, *Opinião* já se impôs como um semanário influente”.<sup>16</sup>

*Opinião* circula livremente até o número 8. Raimundo e Gasparian haviam adotado o princípio de “rejeitar procedimentos de autocensura, mas, ao mesmo tempo, editar o jornal cuidadosamente, não dando destaque a matérias delicadas que poderiam ser publicadas com descrição”.<sup>17</sup> Enquanto rodavam o número 8, porém, recebem um comunicado do Major Braga, responsável pelo Serviço de Imprensa do Gabinete do Diretor da Polícia Federal (SIGAB), avisando que a partir da edição seguinte o jornal passaria a ter uma “revisão prévia”. Gasparian é intimado a comparecer diante do major para receber instruções, afinal, não aceitara seus “conselhos” e o jornal publicara “coisas inconvenientes”. De fato, antes mesmo de *Opinião* ser lançado, Gasparian fora chamado para

---

<sup>14</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*, p. 316; cf. também FRANCO, Célia de Gouvêa. Há 20 anos, censura liquidava o *Opinião*. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1997. Brasil, p. 16.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 315.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 316.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 317.

uma conversa com Braga. A conversa, “bastante kafkiana” segundo o próprio Gasparian, vale ser transcrita:

Não havia legislação que autorizasse a censura política, e o Major Braga começou a falar com certa cautela: — O senhor vai publicar um jornal. Eu quero avisar ao senhor que aqui no Brasil não existe censura prévia, a não ser por problemas morais. O senhor pode publicar o que quiser. Mas eu queria sugerir que o senhor colaborasse para evitar problemas. — Depois de um bom preâmbulo, ele acabou me mostrando uma lista que a imprensa em geral obedecia. Alguns por imposição de censura prévia, outros porque se autocensuravam. A lista continha 10 itens. Solicitei uma cópia e disse que iria julgar se era da minha conveniência ou não seguir a lista. — O senhor não pode levar esta lista, porque ela é secreta. — Perguntei como iria saber o que era permitido ou não ser publicado. Queria vê-la. Não que o jornal fosse acatar as proibições mas, apenas, para conhecer as regras do jogo. — Ora, não diga isto. Não há regra nenhuma, afinal a imprensa é livre.<sup>18</sup>

A censura se instala na redação, mas ainda era possível discutir e questionar os cortes, ou mesmo “ganhar no cansaço”, com o fechamento de matérias durante a madrugada. Descontente com o serviço, o ministro da justiça, Alfredo Buzaid, chega a transferir o “grupo de elite” da censura, instalado na redação da *Tribuna da Imprensa*, para o *Opinião*. Mesmo assim, o jornal consegue noticiar a morte de Alexandre Vannucchi Leme, militante da Ação Libertadora Nacional.<sup>19</sup> A publicação da

---

<sup>18</sup> MACHADO, José A. Pinheiro. *Opinião X censura*. Momentos da luta de um jornal pela liberdade. Porto Alegre: L&PM, 1978, p. 23-24. Sobre a lista secreta da censura ver (nesse mesmo ano) JORNAL DO BRASIL. *Os documentos da censura*. Rio de Janeiro, 18 jun. 1978. Caderno especial. Além da lista, são apresentadas 270 ordens emitidas pela censura entre 1972 e 1975.

<sup>19</sup> Através de uma “estratégia”: um primeiro artigo narrava uma missa de sétimo dia de um estudante da USP (“Missa para um estudante morto”), sem que fosse dito, entretanto, de quem se tratava. Logo abaixo – na verdade, logo abaixo de um bloco preto com a “publicidade” “Leia e assinie *Opinião*”, marca óbvia de matéria censurada – outro artigo tratava da “Nota oficial sobre a morte do estudante Vannucchi”. Ver *Opinião*. Rio de Janeiro, n. 22, 2-9 abr. 1973, p. 5.



A lista da censura, conforme o caderno especial do *Jornal do Brasil*

notícia proibida derruba o chefe da Polícia Federal no Rio de Janeiro e faz com que o jornal seja punido severamente: a censura seria realizada, agora, diretamente em Brasília.

Tal procedimento gera problemas logo de início. Com a demora na devolução do material enviado a Brasília, o número 24 acaba por ser publicado sem cortes. Tárik de Souza leva à delegacia da PF um exemplar e uma carta explicando as razões, e acaba detido. Raimundo é preso na redação e Gasparian na gráfica, e o jornal é apreendido. Incomunicáveis, são interrogados durante a madrugada e liberados separadamente

pela manhã.<sup>20</sup> Ao receberem, enfim, o material da censura, são autorizados a reimprimir o número, que sai com apenas 16 páginas devido aos cortes.<sup>21</sup> Por conta das dificuldades causadas pela logística do procedimento, *Opinião* acabaria por contratar uma pessoa em Brasília para pegar o material e, pelo telefone, ditar à redação o que havia sobrado depois da censura.<sup>22</sup>

Duas semanas depois do primeiro incidente grave com a censura, com o número 26 pronto para rodar na gráfica, Gasparian é avisado de que a polícia estava no local com ordem de não deixar o jornal ser impresso. Os cortes da censura haviam sido obedecidos. Acompanhado dos deputados Marcos Freire, Chico Pinto e Lysâneas Maciel, Gasparian se dirige à gráfica e exige que o jornal seja impresso, a menos que os policiais tivessem uma ordem por escrito, o que não tinham. Ameaçados, os policiais retornam à delegacia para solicitá-la ao inspetor Costa Sena. Antevendo problemas, Gasparian pede ao pessoal da redação que vá embora, permanecendo no local com os deputados. Temos, então, o episódio narrado na epígrafe deste capítulo:

Meia hora depois chegou o inspetor Costa Sena. Estava apoplético. [...] Chegou na gráfica aos berros: — Aqui ninguém imprime jornal nenhum. E tem mais: ninguém dá ordem nenhuma por escrito. E acabou-se. — Apontou na minha direção: — E o senhor está preso. Vamos embora.<sup>23</sup>

Novo interrogatório e liberação no final do dia. Desde o início de 1973, no entanto, a editora Inúbia articulava um mandado de segurança contra a censura no Tribunal Federal de Recursos (TFR), tendo como procurador Adauto Lúcio Cardoso – ex-ministro do STF que renunciara

---

<sup>20</sup> MACHADO, J. A. Pinheiro. *Opinião X censura*, p. 29-32. Houve, claro, uma grande e rápida mobilização para que as prisões fossem repercutidas, dadas as circunstâncias da época, como atesta ordem emitida pela censura no mesmo dia: “A apreensão do jornal *Opinião* pode ser divulgada, sendo proibida notícia sobre prisão dos diretores e suas declarações, bem como qualquer outra repercussão do fato. (Gen. Nilo Canepa)”. JORNAL DO BRASIL. *Os documentos da censura*, p. 2. Tonico Ferreira, ao comentar o episódio, lembra que quando chegou à casa de Gasparian “estava o ministério do Jango lá”. AZEVEDO, Carlos. *Movimento*.

<sup>21</sup> MACHADO, J. A. Pinheiro. *Opinião X censura*, p. 29.

<sup>22</sup> Cf. KENSKI, Vani. *O fascínio do Opinião*, p. 64.

<sup>23</sup> MACHADO, J. A. Pinheiro. *Opinião X censura*, p. 69.

ao cargo em 1971 justamente num julgamento sobre a censura.<sup>24</sup> Segundo Pinheiro Machado, buscando dar maior força ao mandado, Gasparian procurara os Mesquita para que se juntassem ou assumissem-no sozinho, tendo em vista a importância de *O Estado de S. Paulo* e do *Jornal da Tarde*, ambos sob censura. Convite recusado e mandado enfraquecido, a Inúbia entraria sozinha. Mas, como aponta Machado, a censura tinha como característica não deixar vestígios, uma vez que não havia ordens escritas e a impressão do jornal, acompanhada pela polícia, fazia desnecessária a apreensão.<sup>25</sup> O problema jurídico central, portanto, era a prova da censura. As duas edições do número 24 – uma livre e outra com cortes – eram a prova definitiva daquilo que “não existia”.

Finalmente, o mandado de segurança foi impetrado em maio de 1973, arguindo a inconstitucionalidade do Decreto Lei 1077, de 1970, que estabelecia a censura prévia de caráter *moral* em livros e periódicos (e que tinha como alvo o *Pasquim*).<sup>26</sup> O julgamento atraiu uma plateia enorme e, ao final, em segunda sessão realizada em junho, por seis votos contra cinco, os ministros decidiram que a censura prévia à *Opinião* era inconstitucional. Mal houve tempo para a comemoração, porém: enquanto preparavam o número seguinte o presidente Médici assinava um despacho específico – baseado, por sua vez, em um despacho secreto de 1971 fundamentado no AI-5 – reiterando a autorização da Polícia Federal para estabelecer censura em *Opinião*.<sup>27</sup> A “provocação” não sairia barato (como advertira Ruy Mesquita).

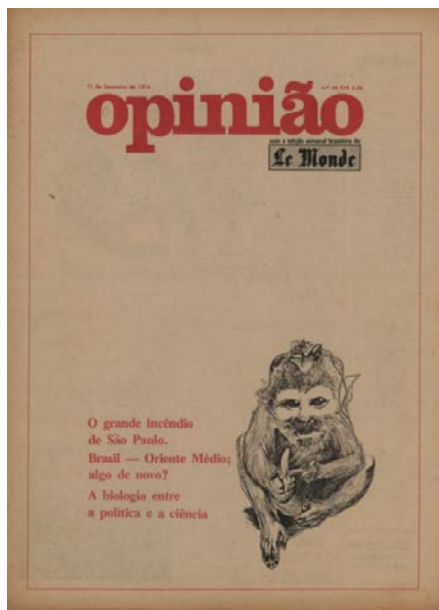
---

<sup>24</sup> Ibidem, p. 37-38. Ex-deputado, ex-presidente da Câmara, com papel destacado no golpe de 1964, o episódio da renúncia de Adauto no STF entrou para os anais do tribunal. Indignado com os rumos do julgamento, o então ministro despiu sua capa, atirou-a sobre a cadeira e abandonou o recinto.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 29.

<sup>26</sup> “Gasparian ainda tentou publicar nos grandes jornais a peça que fundamentou o seu mandado de segurança, sob o pretexto legal de um aviso a ‘terceiros interessados’, mas *O Globo* recuou na última hora e *O Estado de S. Paulo* tentou mas não conseguiu porque já estava sob censura. O documento só saiu no *Correio Braziliense*” [nas edições de 30 de maio e 1º de junho, ocupando uma página inteira]. KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*, p. 326.

<sup>27</sup> MACHADO, J. A. Pinheiro. *Opinião X censura*, p. 59. A vitória do *Opinião* no TFR também não pôde ser noticiada, conforme ordem de 15 de junho: “De ordem superior, fica expressamente proibida a divulgação de notícias e comentários, e a publicação de matérias pagas sobre o semanário *Opinião* (Polícia Federal)”. JORNAL DO BRASIL. *Os documentos da censura*, p. 3.



N. 66, 11 fev. 1974

Após o decreto *Opinião* sofreria “um processo de estrangulamento”, com o claro objetivo de fechá-lo. Segundo Kucinski, o ministro Buzaid chegou a pedir ao presidente que fechasse a editora Inúbia, valendo-se de um relatório do Centro de Informações da Aeronáutica.<sup>28</sup> O

<sup>28</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*, p. 325-326. Vide “Informe do Centro de Informações da Aeronáutica (CISA), de 24/4/1973”, que faz um levantamento do histórico dos sócios da Editora Inúbia (Fernando Gasparian e Eurico Amado), da relação dos funcionários (com residência, salário, vínculos políticos, etc), da relação dos colaboradores nacionais e internacionais e dos telefonemas internacionais; denuncia a publicação como veículo responsável pela difusão do pensamento das organizações de esquerda e de outros notórios comunistas não estruturados, de possuir irregularidades contábeis e trabalhistas, de ter pago salário aos presos políticos Joel Rufino dos Santos e Marlinda Sônia Itô e passagem aérea a Mauro Santayanna; e solicita diversas providências às DSI do Ministério da Justiça, Ministério do Trabalho e Ministério da Fazenda, ao DOPS/Guanabara, ao DOI/II Exército e ao CIEIX (para identificação dos assinantes). Data: 13/11/1972 - 2/5/1973, Grau de sigilo: secreto, Quantificação: 233 f., 47 p. Cf. ARQUIVO NACIONAL. *Inventário*

jornal não é fechado, mas a censura torna-se violenta. São vetados, principalmente, os textos dos “colaboradores de porte”, que definiam o projeto de *Opinião*. Mesmo assuntos tratados na grande imprensa são vetados, assim como as caricaturas. As páginas de cultura passam a ser tão cortadas quanto as das demais editorias. Os artigos traduzidos são cortados ou vetados simplesmente. Nem os anúncios passam sem crivo. Uma parceria entre *Opinião* e a argentina *Crisis* permitia ao jornal publicar alguns artigos em troca de anúncios da revista, mas os anúncios são proibidos. A proscrição de alguns nomes, como Celso Furtado, incluía a publicidade de seus livros. Os (poucos) anunciantes eram pressionados: aguardando um empréstimo do BNDE, a José Olympio teve que cancelar seus anúncios.<sup>29</sup>

Em novembro, o número 55 tem a edição inviabilizada: das 348 laudas enviadas à Brasília, são cortadas 170, e uma ordem expressa proibia o jornal de enviar novos artigos para substituir o material cortado. Gasparian envia uma carta de protesto ao ministro Buzaid, com cópia aos assinantes do jornal e à imprensa estrangeira em que, entre outros pontos, elenca uma série de matérias e assuntos censurados no jornal.<sup>30</sup> A vendagem cai à metade, recuperando-se aos poucos: “sem os artigos dos intelectuais, *Opinião* perde grande parte de seu interesse, apesar do enorme esforço dos jornalistas em produzir material sólido capaz de furar o bloqueio da censura”.<sup>31</sup>

Com a posse de Geisel a censura arrefece, embora continue prévia. A partir daí, o nível de controle sobre o jornal acompanharia as “sístoles” e “diástoles” da abertura. A logística do aparato censor faz com que o semanário deixe de sair às segundas-feiras para sair às sextas a partir de setembro. Em janeiro de 1975 é retirada a censura prévia do *Estado de S. Paulo* e do *Jornal da Tarde* e, em abril, do *Pasquim* (que, por conta do “abuso”, teve sua primeira edição livre apreendida).

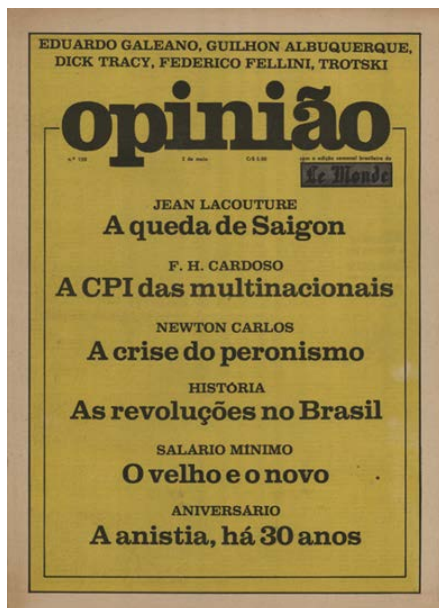
Nesse meio tempo, no final de fevereiro, Raimundo Pereira é demitido por Gasparian e, em solidariedade ao editor, a redação se demite coletivamente. Argemiro Ferreira assume a edição do jornal. Em maio *Opinião* cria um Conselho de Colaboradores, do qual fazem parte Antônio Callado, Antonio Candido, Fernando Henrique Cardoso, Millôr

*dos dossiês avulsos da série Movimentos Contestatórios*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2013, p. 22.

<sup>29</sup> Cf. MACHADO, J. A. Pinheiro. *Opinião X censura*, p. 122-123. A editora da Fundação Getúlio Vargas foi outra a cancelar a publicidade no jornal.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 66-67.

<sup>31</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*, p. 326.



N. 130, 2 maio 1975

Fernandes, Celso Furtado, Paulo Emílio Sales Gomes, Alceu Amoroso Lima, Luciano Martins, Francisco de Oliveira, Paul Singer e Francisco Weffort.

Com o arrefecimento da censura prévia, havia esperança de que também *Opinião* fosse beneficiado e, segundo Gasparian, em comparação ao final do governo Médici, havia, de fato, mais liberdade para tratar de certos assuntos no jornal. O discurso de Geisel em 1º de agosto, entretanto, marca o recuo da ditadura no movimento de abertura. Vladimir Herzog, que fora chefe da sucursal de *Opinião* em São Paulo por um breve período nesse mesmo ano, seria morto em outubro. A censura recrudescer.<sup>32</sup>

No início de 1976, porém, novos boatos indicam o fim da censura prévia. A redação faz pequenos “testes”, que corroboram a expectativa: “depois que o jornal voltava de Brasília, com os cortes, eram introduzidas algumas matérias que não tinham sido mandadas e outras que a cen-

<sup>32</sup> MACHADO, J. A. Pinheiro. *Opinião X censura*, p. 86-87

sura tinha cortado”.<sup>33</sup> Mas tal procedimento não passa batido. Um comunicado do chefe do serviço de censura – por conta do número 176, de 19 de março – deixa claro que a insistência no desrespeito aos cortes implicaria na apreensão do jornal.<sup>34</sup> *Opinião* segue forçando. Em junho, *Veja* deixa de ser censurada. Mas no final de julho o aviso da censura se cumpre: os policiais vão até a gráfica para checar se alguma matéria fugira ao corte, com ordem de apreensão em caso positivo. O número 195 é apreendido. Em outubro fazem o mesmo e apreendem o número 205.

Na madrugada de 15 de novembro, dia das eleições municipais, a sede do jornal sofre um atentado a bomba, reivindicado pela Aliança Anticomunista Brasileira. O episódio se encadeava numa série de atentados ocorridos desde agosto contra a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), o CEBRAP e o bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hypólito. Um inquérito secreto – por tratar-se de “matéria de segurança nacional” – foi aberto, mas nunca levado a cabo, assim como nos casos anteriores. Segundo Gasparian, logo que a polícia chegou à sede do jornal, “antes de investigar a bomba, preocupou-se em procurar coisas que pudessem comprometer. O único documento que acharam foi uma nota do MDB, que apreenderam como material subversivo”.<sup>35</sup>

A censura torna-se, outra vez, implacável. Os cortes agora atingem até mesmo as matérias transcritas, já publicadas, dos grandes jor-

---

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 90.

<sup>34</sup> A se crer no Serviço Nacional de Informações (SNI) – ou, melhor, em Ary de Carvalho –, nesse mesmo período Gasparian teria tentado comprar de Carvalho o jornal *Última Hora* do Rio de Janeiro. Dentre os documentos levantados por Ayrton Baffa nos arquivos do SNI, um informe de 4 de março de 1976 se refere a essa tentativa. Segundo o informe, “Ary de Carvalho não quis vender, mas ameaçou entidades governamentais de vendê-lo a Gasparian, caso não fosse ajudado pelo governo”. “Depois – Baffa cita indiretamente o informe –, Ary concordou em vender três páginas do jornal a Gasparian, que publicaria ali o que bem entendesse”. Cf. BAFFA, Ayrton. *Nos porões do SNI*. O retrato do monstro de cabeça oca. Rio de Janeiro: Objetiva, 1989, p. 116.

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 102-103. O bilhete deixado pela AAB: “A Aliança Anticomunista Brasileira decidiu que não é mais possível deixar sem resposta as ações criminosas, a soldo de Moscou, que este grupo de traidores vem realizando, a longo tempo, em proveito da comunização do Brasil, através do jornaleco *Opinião* e outras publicações. Esta é a nossa mensagem de advertência; da próxima vez, ajustaremos contas pessoais com esses excrementos humanos! A hora da verdade está chegando, Fernando Gasparian e asseclas! Estejam certos que pagarão com a própria vida a traição à Pátria que estão cometendo. Morte à canalha comunista! Viva o Brasil!”

nais. “Gasparian conversa com amigos que foram fiéis ao *Opinião* durante toda a sua trajetória e conclui que não dá mais para continuar”.<sup>36</sup> Se antes, diante da censura ou autocensura geral, a luta tinha uma razão de ser, agora, com a grande imprensa – e até mesmo a maioria dos alternativos – tendo total liberdade, ela parecia sem sentido.

Assim, no número 230, de 1º de abril (quando o Congresso acaba de ser fechado por decreto), a matéria de destaque na capa com o senador Paulo Brossard e um editorial são incluídos de última hora, sem passar pela censura. O longo editorial (escrito por Luciano Martins, segundo Kenski) afirma que aquela seria a última edição de *Opinião* a circular sob censura prévia: “Só voltaremos a circular quando estivermos inteiramente livres de censura. Isto é, LIVRES”.<sup>37</sup>

Acusando o sufocamento econômico como a razão principal da censura que lhe fora imposta, o jornal dá a conhecer aos leitores o tamanho do arbítrio de que era vítima: os 230 números de *Opinião* somaram 5.796 páginas impressas; se fossem acrescentadas as vetadas pela censura seriam 10.548. Com o aumento dos custos gráficos e dos salários, continuar nessas condições significaria assumir um prejuízo semanal superior a 30 mil cruzeiros.<sup>38</sup> E que opinião poderia ser oferecida diante da mutilação, do aviltamento e da desfiguração causada pela censura? – se pergunta o jornal. *Opinião* afirma ter cumprido seu programa e destaca a vitória obtida no TFR, que lhe rendeu, por isso mesmo, atenção especial da censura. É dela, e não de seus leitores, que *Opinião* diz se despedir. Junto ao editorial uma nota do Conselho de Colaboradores endossa a decisão tomada. Como ilustração da página, aquele que seria o novo logotipo do jornal quando de seu retorno – sobre o título, *Opinião*, um carimbo: “livre”.

Na noite de sexta-feira, no entanto, para espanto geral, inclusive do dono do jornal, Fernando Gasparian, *Opinião* circulava livremente – situação que pode ser alterada a qualquer momento. Em todo caso, aparentemente estimulado pela surpresa, ele fazia planos para a próxima edição. “Já te-

<sup>36</sup> KENSKI, Vani. *O fascínio do Opinião*, p. 60.

<sup>37</sup> *Opinião*. Fim de uma etapa. Rio de Janeiro, n. 230, p. 6.

<sup>38</sup> Gasparian disse ter gasto entre 700 e 800 mil dólares em *Opinião*. Raimundo Pereira considera esse valor possível apenas se somadas todas as despesas em torno do jornal, como os pagamentos a advogados, por exemplo, mas afirma também que a partir do número 24 o jornal não mais se pagou. Cf. KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*, p. 319-320.

mos várias matérias preparadas”, explicou a *Veja*, “e posso garantir que será um bom jornal.” Esperançoso, Gasparian calculava “em 10 por cento” as possibilidades de que não aconteça nada e que seu jornal continue a circular.<sup>39</sup>

Na semana seguinte, de fato, era impresso – numa gráfica em São Paulo – o número 231 de *Opinião* (*livre*). Os agentes da Polícia Federal bateram, em vão, às portas da Gráfica Mory, no Rio, na manhã de sexta-feira.<sup>40</sup> Na capa, um retrato de Geisel e o título “Geisel – o AI-5, de novo”. Uma parte da edição chegou a ser distribuída em São Paulo e na região Sul com relativo sucesso. A outra, no entanto, com destino ao restante do país, chegou ao Rio já sendo aguardada pela polícia.<sup>41</sup> A censura prévia cairia apenas em junho de 1978, quando a *Tribuna da Imprensa*, *O São Paulo* e *Movimento* poderiam circular, enfim, livres.



N. 231, 8 abr. 1977

<sup>39</sup> VEJA. Com opinião. São Paulo, 6 abr. 1977, p. 35.

<sup>40</sup> VEJA. Sem opinião. São Paulo, 13 abr. 1977, p. 29.

<sup>41</sup> Cf. MACHADO, J. A. Pinheiro. *Opinião X censura*, p. 17.

## PAZ E TERRA, “UMA EDITORA A SERVIÇO DA CULTURA”

Em 1966, um grupo de protestantes e católicos progressistas reunidos em torno do Centro Ecumênico de Informação (CEI), dentre os quais se destacava Waldo Cesar, discutia “um projeto para a publicação de livros e artigos que analisassem a problemática social a partir de uma perspectiva cristã”.<sup>42</sup> Através de Moacyr Félix, da editora Civilização Brasileira, o grupo entra em contato com o editor Ênio Silveira, cuja resposta é “rápida e prática: fundar uma editora ecumênica”.

Antes mesmo do pleno funcionamento da nova editora – que seria coordenada e dirigida por Félix – é lançada, em julho de 1966, a revista *Paz e Terra*, de nome inspirado na encíclica de João XXIII, *Pacem in Terris*, de 1963.<sup>43</sup> Waldo seria o diretor responsável pela revista até o penúltimo número, quando Moacyr Félix, então o secretário, assume a função.<sup>44</sup> *Paz e Terra*, a revista, seria publicada até dezembro de 1969 – foram apenas 10 números, de periodicidade irregular. Não retomaremos aqui a revista nem os títulos publicados pela editora em sua primeira fase, que, segundo Michele Rosa, “representaram um esforço para aproximar as igrejas e o cristianismo das grandes questões do mundo secular e do marxismo”.<sup>45</sup>

---

<sup>42</sup> CESAR, Waldo. Uma vocação ecumênica. In: FÉLIX, Moacyr (Org.). *Ênio Silveira*. Arquiteto de liberdades. Rio de Janeiro, Bertrand: 1998, p. 413-417. O artigo é uma versão revista de “Um homem de diálogo”, publicado no *Jornal do Brasil* em 20 de janeiro de 1996 por ocasião da morte de Ênio Silveira. Graduado pelo *Ecumenical Institute* do Conselho Mundial de Igrejas, secretário-adjunto da Junta Latino-americana de Igreja e Sociedade (ISAL), com longa e importante militância nos meios protestantes progressistas nacionais e internacionais, Waldo Cesar teve ativa participação nos debates ecumênicos estabelecidos no Brasil a partir da década de 1950. É pai da poeta Ana Cristina Cesar.

<sup>43</sup> Encíclica que, como lembra Waldo, era motivo de polêmica nos círculos conservadores, tanto da igreja quanto da política, por seu caráter ecumênico.

<sup>44</sup> Waldo, por sua militância, já havia sido preso em 1967 e em 1968 tivera que se esconder para não ser preso novamente. Para um estudo mais detalhado da revista *Paz e Terra* e da primeira fase da editora, ver ROSA, Michele Rossoni. *Esquerdisticamente afinados*. Os intelectuais, os livros e as revistas das editoras Civilização Brasileira e Paz e Terra (1964-1969). Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

<sup>45</sup> ROSA, Michele R. *Esquerdisticamente afinados*, p. 121. Alguns dos livros publicados pela editora nessa fase: *A Igreja, o fascismo e a guerra* (Primo Mazzolari, 1966), *Socialismo e cristianismo* (Jean Cardonnel et al, 1967),

Ênio Silveira, sabemos, foi o editor mais perseguido pela ditadura. Teve seus direitos políticos suspensos já no AI-1, foi preso sete vezes e atingido duramente em termos econômicos, com as constantes apreensões de livros e os prejuízos que daí decorriam. Atravessando a década de 1970 de maneira crítica, em 1982 acabaria vendendo 80% da Civilização Brasileira para Manuel Bulhosa, português dono da Bertrand Brasil e, pouco depois, o restante das ações.<sup>46</sup> Em 1973 teve que se desfazer da Paz e Terra. Pagando as dívidas da editora, isto é, comprando-a pelo seu passivo, Fernando Gasparian assume o controle.<sup>47</sup>

A essa altura *Opinião* já é um sucesso – se não financeiro, ao menos político. A editora, como destaca Gasparian, vem se somar ao semanário:

Pra conseguir manter o jornal, uma das coisas que acreditamos, não demais, mas que tentamos, foi

---

*Cristo e política* (Oscar Cullman, 1968), *O marxismo e as religiões* (Henri Desroche, 1968), *Cristianismo e marxismo* (James Klugmann, 1969), *Karl Bart, teólogo da liberdade* (Daniel Cornu, 1971). As publicações, no entanto, não se resumiam ao tema religião e sociedade: *Para uma política latino-americana* (Torcuato di Tella, 1969), *O fantasma de Stálin* (Jean-Paul Sartre, 1967), *O fim da utopia* (Herbert Marcuse, 1969), *Moral e revolução* (Leon Trotsky, 1969), *Sociologia do romance* (Lucien Goldmann, 1967), *Literatura e humanismo* (Carlos Nelson Coutinho, 1967), *Educação como prática de liberdade* (Paulo Freire, 1967), *Brasil: tempos modernos* (Celso Furtado, org., 1968), *Desenvolvimento econômico e desenvolvimento político* (Hélio Jaguaribe, 1969), *Teoria do Brasil* (Darcy Ribeiro, 1972). A editora, portanto, operava numa via de mão dupla, isto é, ao mesmo tempo em que levava a um público mais amplo os ideais *cristãos* progressistas, procurava incutir nos *cristãos* alguns ideais *laicos* progressistas.

<sup>46</sup> Cf. FERREIRA, Jerusa Pires (Org.). *Ênio Silveira*. São Paulo: Edusp/Com-Arte, 2003. [Editando o editor, v. 3]. Manuel Bulhosa já havia adquirido, pouco antes, a editora Difel. Posteriormente ainda, a Civilização Brasileira, juntamente com a Difel e a Bertrand Brasil, seriam adquiridas pelo Grupo Record em 1996.

<sup>47</sup> Tendo como sócios minoritários (de acordo com o antigo *site* da editora) Alceu Amoroso Lima, Barbosa Lima Sobrinho, Berta Ribeiro, Celso Furtado, Dias Gomes, Érico Veríssimo, Fernando Henrique Cardoso, José Aparecido de Oliveira e Wilson Fadul (ex-ministro da saúde de Jango, já acionista e diretor financeiro da editora). Também Max da Costa Santos, ex-deputado cassado em 1964, adquiriu ações da editora. A presença de escritores e intelectuais na sociedade deve-se à troca de direitos autorais por ações. Vide FURTADO, Celso. *Obra autobiográfica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, livro digital.

fazer diversos anúncios. Nós conseguimos alguns poucos de editoras. Se bem que depois, por questões políticas, os anúncios foram suspensos, porque as empresas que anunciavam no jornal eram perseguidas. Então eu cheguei a conclusão de que uma forma da gente conseguir aproveitar o jornal, que tinha uma grande circulação no meio intelectual, era ter uma editora. E, ao invés de fundar uma editora, nós achamos melhor comprar uma editora que já existia, que já tinha certo cunho editorial... Era pequena, mas tinha. E também, ao mesmo tempo, compramos a Paz e Terra porque ela estava em dificuldade financeira, porque ela era ligada a Civilização Brasileira, que ia pedir concordata... Que ia para a falência... E era uma coisa que realmente o Ênio Silveira não merecia. [...] Iniciamos a editora e ficamos usando o jornal *Opinião* pra publicar anúncios da Paz e Terra.<sup>48</sup>

*Opinião* seria a grande vitrine da editora, divulgando suas publicações em grandes e pequenos anúncios, com ilustrações das capas, autores ou resumos das obras, fazendo convites para sessões de autógrafos e lançamentos e, ainda, promoções em que a assinatura do jornal dava direito ao recebimento de livros, escolhidos entre uma lista, pelo assinante.

Ao assumir a Paz e Terra, como aponta Carrijo, Gasparian fez mudanças importantes. Deixou de lado os livros de caráter ecumênico para dedicar seu catálogo cada vez mais às ciências humanas. Livros da área já publicados antes da aquisição da editora são relançados e alguns dos autores permanecem na casa, lançando trabalhos inéditos. Obras e autores da extinta editora Saga são incorporados ao catálogo da Paz e Terra, que é reforçado ainda com o catálogo da José Álvaro Editor, comprada por Gasparian em janeiro de 1974.<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> GASPARIAN, Fernando. Entrevista a Flamarion Maués, 2002, apud CARRIJO, Maicon. *Cientistas sociais e historiadores...*, p. 108-109.

<sup>49</sup> CARRIJO, Maicon. *Cientistas sociais e historiadores...*, p. 113. Sobre a aquisição da José Álvaro Editor, ver as colunas de José Álvaro (“O dia-a-dia da criação”, 5-7 jan., p. 7) e Hélio Fernandes (“Ur-Gente”, 10 jan., p. 3) na *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 1974. Segundo Francisco Antonio Doria, a editora foi fundada nos anos 1950 por José Álvaro, então jornalista do *Correio da Manhã*, e vendida nos anos 1960 para João Rui Medeiros. Tinha em seu catálogo um sucesso de vendas, a coleção Vida e Obra, com biografias de,

Além do catálogo próprio e reforçado pela Saga e pela José Álvaro, a Paz e Terra passa a contar também com os contatos e amizades de Gasparian nos meios universitário e político. Essas relações são fundamentais para o crescimento e consolidação da editora, uma vez que, novamente conforme Carrijo, Gasparian

tinha um papel fundamental [...] no processo que fazia chegar até a editora os originais, contando, em muitas ocasiões, com o contato pessoal para efetuar convites ou receber pedidos de publicação, vários acompanhados com as recomendações dos amigos, sua principal fonte na composição do catálogo, sem que existisse um caminho rígido e pré-determinado para o início do processo de edição de uma obra.<sup>50</sup>

O conselho editorial da Paz e Terra – composto por Fernando Gasparian, Antonio Candido, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso e Max da Costa Santos (este até maio de 1976<sup>51</sup>) – era, portanto, meramente formal, um elenco de nomes “de peso”. Nas palavras de Gasparian: “Nunca se reuniu na verdade como tal. Éramos amigos, conversávamos um com o outro, batíamos um papo aqui e lá. Aí um sugeria um livro, o outro, um autor. Fizemos assim”.<sup>52</sup> De modo semelhante funcionavam as diretorias das coleções, embora apenas cinco dentre todas elas tenham contado com a presença de diretores. Tal como o conselho, essas diretorias eram “compostas por nomes que dotavam a editora de credibi-

---

entre outros, Freud, Sartre, Kafka, Marcuse (esta escrita pelo próprio Doria). Cf. DORIA, Francisco A. 1968, XV - A moveable feast, III. *Longtemps je me suis couché de bonne heure*, 23 mar. 2008. Entre os livros publicados pela editora antes de sua aquisição por Gasparian podemos encontrar *Lições de um ignorante e Fábulas fabulosas* (Millôr Fernandes, 1963, 1964) *Tempo de Ar-raes* (Antonio Callado, 1964), *Março, 31* (Fernando Pedreira, 1964), *O lustre*, *A cidade sitiada*, *A maçã no escuro* (Clarice Lispector, 1963, 1964, 1965), *A luta corporal e Novos Poemas* (Ferreira Gullar, 1966), *Citações do presidente Mao Tsé-tung* (1967, tradução de Clecy Ribeiro) e *Setembro não tem sentido* (João Ubaldo Ribeiro, 1968). Assim como a editora Saga, tudo indica que a José Álvaro também estava inativa (ou com pouca atividade) quando de sua compra por Gasparian.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 126.

<sup>51</sup> Quando, por desentendimentos com Gasparian em relação à sociedade na editora, retoma o dinheiro investido para fundar a editora Graal.

<sup>52</sup> GASPARIAN, Fernando. O risco de publicar.

lidade, além do poder de indicação e de referência marcados por vínculos afetivos e institucionais”, mas acabaram tendo um peso maior, na medida em que serviam também “como uma fonte de avaliação das obras com pedidos de publicação – sem que houvesse, no entanto, o mesmo padrão para todos os livros”.<sup>53</sup>

Esse sistema de “seleção” resultou na publicação, pela editora, desde autores clássicos da esquerda (Marx, Gramsci, Trotsky), intelectuais e pesquisadores de renome internacional (Eric Hobsbawm, Thomas Skidmore, Norberto Bobbio, Manuel Castells, Lucien Goldman), intelectuais e pesquisadores brasileiros de distintas gerações (Alceu Amoroso Lima, Barbosa Lima Sobrinho, Celso Furtado, Darcy Ribeiro, Roland Corbisier, Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort, Paul Singer, Carlos Nelson Coutinho, Roberto Schwarz), jornalistas reconhecidos por reportagens analíticas de fôlego (Sebastião Nery, Neiva Moreira, José Carlos de Assis, Carlos Chagas) a políticos reunidos no MDB (Franco Montoro, Marcos Freire, Antonio Paes de Andrade, Ulysses Guimarães). As indicações e sugestões foram responsáveis ainda pela publicação de uma grande quantidade de teses de jovens pesquisadores, primeiros resultados da expansão da pós-graduação no Brasil.

Ao final, em que pese as diferenças entre os autores elencados, o catálogo da Paz e Terra não era heterogêneo: como destaca Carrijo, “Gasparian construiu um selo editorial aberto à discussão de diversos temas do Brasil e do mundo, *mas que se consolidou, sobretudo, como símbolo de liberdade e de oposição ao governo brasileiro*”.<sup>54</sup> Uma oposição possível, na medida em que,

se em muitos pontos a Paz e Terra esteve próxima do *Opinião* nesses primeiros anos, não se pode afirmar o mesmo para a relação que os dois empreendimentos estabeleceram com a censura. Na editora, a pressão exercida pelo governo foi muito

---

<sup>53</sup> CARRIJO, Maicon. *Cientistas sociais e historiadores...*, p. 126-127. As cinco coleções com diretoria e seus diretores, conforme Carrijo: Literatura e Teoria Literária: Antonio Callado, Antonio Candido e Roberto Schwarz; Estudos Brasileiros: Luciano Martins, Juarez Brandão Lopes e Aspásia Alcântara Camargo; CEDEC/Paz e Terra: José Álvaro Moisés, Marilena Chauí e Paulo Sérgio Pinheiro; Estudos sobre o Nordeste: Chico de Oliveira, Roberto Maia Martins, Moacyr Palmeira e Aécio Alves de Oliveira; Educação e comunicação: Guy de Almeida, Jorge Werthein, Juan Diaz Bordenave, Roberto Atila Amaral Vieira e Argemiro Ferreira.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 256. Grifo nosso.

menor, sem chegar a impedir uma publicação pela casa ou apreender edições recém-saídas das gráficas, o que facilitou, junto a outros elementos, a manutenção do seu funcionamento mesmo com o fim do jornal em 1977.<sup>55</sup>

Segundo Gasparian, que conhecia o aparato censor de perto,

Naquela época, o pessoal estava mais preocupado era com coisas de alta, grande divulgação. Mais ou menos parecido com o [general Francisco] Franco na Espanha. O Franco deixava publicar marxismo, Marx e tal, à vontade. Agora, televisão, jornal que tinha maior tiragem, aí tinha censura. E acontecia aqui também no Brasil isso.<sup>56</sup>

O que não significava, é claro, a ausência de arbitrariedades com relação aos livros, como bem o sabia Ênio Silveira que, inclusive, ao vender a Paz e Terra, tinha pronto para publicação aquele que seria um dos “*best-sellers*” da editora: *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire. Mas, conforme Gasparian, embora o livro estivesse já composto,

a pressão era fortíssima, proibiram importar o livro, e em qualquer língua. Não queriam só que não se imprimisse o livro aqui no Brasil; não queriam deixar importar. Como fizeram com o livro do [Eduardo] Galeano, o *Veias abertas [da América Latina]*. De tudo isso era proibida a importação. Eu resolvi publicar. Corri o risco de publicar, e não aconteceu nada. [...] Publicamos o livro dele [Paulo Freire], sem problema inicialmente, mas correndo o risco.<sup>57</sup>

A publicação e distribuição de *Pedagogia do Oprimido* foram feitas, pois, com cuidado, e seu sucesso de venda contou com o fato de Freire já ser conhecido. O mesmo sucesso não teria, porém, *A Suíça acima de qualquer suspeita*, de Jean Ziegler, publicado em 1977. Avisa-

---

<sup>55</sup> Ibidem, p. 118.

<sup>56</sup> GASPARIAN, Fernando. O risco de publicar.

<sup>57</sup> Ibidem. O livro de Galeano, por sua vez, seria lançado pela Paz e Terra apenas em janeiro de 1978, tornando-se, ao lado dos livros de Paulo Freire, outro dos *best-sellers* da casa.

do por Jorge Zahar sobre uma possível apreensão do livro, Gasparian teve tal cuidado com a edição que, ao final, sem distribuição para a imprensa e sem lançamento, o resultado foi um completo encalhe.<sup>58</sup> Com relação à publicação de *livros*, entretanto, esse episódio constitui, ao que parece, o único caso relevante de prejuízo infligido pela ditadura – mesmo que indiretamente, pois o livro não foi apreendido – à Paz e Terra já sob o comando de Gasparian.<sup>59</sup>

As atividades da editora, claro, como as de Gasparian de modo geral, eram acompanhadas pelo regime, tendo em vista seu caráter “subversivo”. Levantamento feito por Luciana Pereira em um dos arquivos do Departamento de Ordem Política e Social do Rio de Janeiro (DOPS-RJ), que reúne um conjunto de livros apreendidos ao longo de pelo menos cinquenta anos de existência do órgão – mas cujas apreensões se concentram sobretudo nos anos 1960 e 1970 –, mostra que a Paz e Terra é a segunda editora dentre as nacionais com o maior número de livros no “acervo”. São 51 títulos – entre publicados antes e depois da aquisição da editora por Fernando Gasparian. Como esclarece a autora, no entanto, não se trata de edições apreendidas recém-saídas da gráfica, mas em “pequenas ‘batidas’ policiais, operações de busca e apreensão com ou sem mandado, nas coleções privadas, editoras, livrarias, bibliotecas públicas e universidades”.<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> *Ibidem*. A Zahar estava preparando o lançamento de outro livro de Ziegler, *Os vivos e a morte*, mas fora visitada pela polícia por conta do polêmico livro sobre o sistema bancário suíço, que a editora não se arriscara a publicar. *Opinião* já havia publicado em abril de 1976 uma entrevista de Ziegler – sociólogo e deputado suíço – ao *Nouvel Observateur*, tendo como destaque as questões levantadas em *A Suíça acima de qualquer suspeita*. Em março de 1977, antes do lançamento do livro pela Paz e Terra, o jornal publica outra entrevista de Ziegler, desta vez ao *Politique Hebdo*, acerca das mesmas questões.

<sup>59</sup> Segundo Celso Furtado, um dos primeiros a publicar pela “nova” Paz e Terra (*O mito do desenvolvimento econômico*, 1974), “a censura de um livro dependia de decisão ministerial, da qual se podia apelar para a Justiça. Explicasse, assim, que o governo a transferisse implicitamente para os editores, que, temendo o prejuízo, submetiam discretamente os textos de certos autores a *visto prévio* da autoridade policial competente. O problema, portanto, era de natureza financeira. Daí a ideia de Fernando Gasparian de associar certos autores aos riscos financeiros que implicava não submeter-se à censura prévia”. FURTADO, Celso. *Obra autobiográfica*. Grifo do original.

<sup>60</sup> PEREIRA, Luciana L. Costa. *A lista negra dos livros vermelhos*. Uma análise etnográfica dos livros apreendidos pela polícia política no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010, p. 18. Em primeiro lugar, com 60

Publicidade da Paz e Terra em página dupla de *Opinião*

As atividades da editora, claro, como as de Gasparian de modo geral, eram acompanhadas pelo regime, tendo em vista seu caráter “subversivo”. Levantamento feito por Luciana Pereira em um dos arquivos do Departamento de Ordem Política e Social do Rio de Janeiro (DOPS-RJ), que reúne um conjunto de livros apreendidos ao longo de pelo menos cinquenta anos de existência do órgão – mas cujas apreensões se concentram sobretudo nos anos 1960 e 1970 –, mostra que a Paz e Terra é a segunda editora dentre as nacionais com o maior número de livros no “acervo”. São 51 títulos – entre publicados antes e depois da aquisição da editora por Fernando Gasparian. Como esclarece a autora, no entanto, não se trata de edições apreendidas recém-saídas da gráfica, mas em “pequenas ‘batidas’ policiais, operações de busca e apreensão com ou sem mandado, nas coleções privadas, editoras, livrarias, bibliotecas pú-

títulos, está a Civilização Brasileira. A editora Saga também aparece, em quinto lugar, com 13 títulos. Esse conjunto, como adverte a autora, não é representativo para a apreensão de livros no país de modo geral, já que a maioria dos títulos pertence a editoras com sede no Rio de Janeiro, local onde se deram as operações policiais.

blicas e universidades”.<sup>61</sup>

Em sua pesquisa, Pereira mostra também que *Pedagogia do Oprimido* – presente entre os livros apreendidos – foi objeto de comunicado confidencial do DOPS (“Assunto: Publicação subversiva”) cerca de um ano depois de publicado, em março de 1975, por conta de sua adoção no curso normal do Colégio Nossa Senhora da Misericórdia, do Rio de Janeiro.<sup>62</sup> Outro achado da pesquisadora mostra ainda que, mesmo após a Lei de Anistia, as atividades da editora continuaram a ser acompanhadas. Por ocasião do lançamento do livro *Ecos do Ipiranga*, de Alex Solnik e Paulo Caruso, na livraria Argumento do Rio em setembro de 1982, o Serviço de Informações do Departamento de Polícia Federal dispara um informe “confidencial” buscando obter informações acerca do livro de humor que “contém caricaturas com ilustrações às críticas feitas ao Presidente da República e esposa, Ministros de Estado e a atual Política do Brasil”. O pedido, encaminhado ao Serviço Nacional de Informações, ao Exército, à Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e ao Departamento Geral de Investigações Especiais, obtém deste último, como resposta, a recapitulação de toda a trajetória da editora, desde seu vínculo com a Junta Latino-americana de Igreja e Sociedade (ISAL), a publicação da revista *Argumento*, a publicação de *Pedagogia do oprimido* e a compra da José Álvaro Editor. Por fim, um “Em tempo: Com relação à revista [sic] *Ecos do Ipiranga*, nada consta nesta Divisão de Informações”. Como aponta Pereira:

Assim, apesar de nenhuma informação ser dada sobre o livro *Ecos do Ipiranga*, todas as outras entradas nos arquivos policiais são levantadas, construindo-se através do histórico de reincidências. Somos informados da “ação subversiva em larga escala” através da “infiltração e conquista da frente religiosa”, das críticas da revista *Argumento* ao

---

<sup>61</sup> PEREIRA, Luciana L. Costa. *A lista negra dos livros vermelhos*. Uma análise etnográfica dos livros apreendidos pela polícia política no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010, p. 18. Em primeiro lugar, com 60 títulos, está a Civilização Brasileira. A editora Saga também aparece, em quinto lugar, com 13 títulos. Esse conjunto, como adverte a autora, não é representativo para a apreensão de livros no país de modo geral, já que a maioria dos títulos pertence a editoras com sede no Rio de Janeiro, local onde se deram as operações policiais.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 173.

“sistema político-social-econômico vigente no país”, da publicação do livro de Paulo Freire e da união com outra editora de oposição, a José Álvaro. O livro a ser lançado só é mencionado na última linha do documento, como se a resposta ao pedido fosse justamente o perfil *subversivo* e criminoso que é traçado da editora, aplicável por extensão ao seu novo livro.<sup>63</sup>

De todo modo, as ações subterrâneas da ditadura – ou mesmo as visíveis, como no caso da revista *Argumento* – não impediram que a Paz e Terra seguisse adiante como um empreendimento de sucesso, nem mesmo a provável restrição de crédito. Nesse ponto, inclusive, como destaca Carrijo, distintamente da administração do jornal,

onde a equipe de jornalistas tinha poder de decisão sobre os rumos da publicação, gerando uma série de transtornos entre os grupos e o proprietário, na Paz e Terra Fernando Gasparian centralizou as atividades, responsabilizando-se sempre pelas últimas palavras em todos os setores. Para o bom funcionamento da casa editorial, quando esteve à sua frente, afirmou ter ao seu lado nos períodos mais fecundos uma média de vinte funcionários, que o auxiliavam na produção, distribuição e vendas, além da terceirização de algumas atividades, como os serviços gráficos e a tradução. Por mais de uma vez, na entrevista que cedeu a Flamarion Maués, Gasparian lembrou a necessidade de uma administração muito simples, com poucos gastos gerais, enfatizando ser esse um ponto fundamental para a sobrevivência de um negócio do tipo à época.<sup>64</sup>

Em 1983 Gasparian adquiriria ainda a editora Graal, fundada, como vimos, por Max da Costa Santos, que morrera em 1978. A Paz e Terra já havia se constituído, então, como “uma referência para os envolvidos com a crescente produção no campo das humanas em universidades e centros de pesquisa naqueles anos”.<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> Ibidem, p. 176

<sup>64</sup> CARRIJO, Maicon. *Cientistas sociais e historiadores...*, p. 121.

<sup>65</sup> Ibidem, p. 256.

### CONTRA FATO, HÁ ARGUMENTO

Em seu depoimento por ocasião do aniversário de 80 anos de Fernando Henrique Cardoso, em 2011, Antonio Candido discorre sobre um único fato, “um fato menor, mas digno de registro: a sua participação essencial [de FHC] no esforço de um grupo de intelectuais na revista *Argumento*”.<sup>66</sup> Segundo Candido, pouco tempo antes, já no governo Médici, ele, Fernando Henrique e Arnaldo Pedrosa d’Horta haviam pensado em criar uma revista “que pudesse, na medida do possível, furar a carapaça repressiva e manter o pensamento livre com tonalidade crítica”. O projeto não deu certo, “mas pouco depois Fernando Gasparian sugeriu o mesmo e assegurou as condições materiais para a sua realização”.

Além de atrair seus amigos intelectuais afastados do *Opinião* “pela censura ou pelo que ele considerava sectarismo crescente do jornal”, segundo Kucinski, Gasparian também retomava com a revista sua proposta original – preterida no processo de criação do semanário – de uma publicação que funcionasse como um veículo de ideias, escrita por intelectuais.<sup>67</sup> Nascia assim *Argumento* – Revista mensal de cultura. Publicada pela editora Paz e Terra, a revista foi lançada em outubro de 1973. Teria vida curta e fama longa.

Como no *Opinião*, o projeto gráfico da nova publicação coube a Elifas Andreato. Com capa colorida e um formato singular, quase quadrado, média de 150 páginas com textos diagramados em duas colunas, rica iconografia – ilustrações, reproduções, fotografias – e impressa em papel de qualidade, *Argumento* se destacava já, como bem aponta Kucinski, “como um objeto cultural, mais do que uma simples coleção de textos, retomando, na metade do tamanho, a experiência gráfica da *Senhor*”.<sup>68</sup>

Para além de seu aspecto de “objeto cultural”, o grande trunfo da revista era seu conselho consultivo integrado por “intelectuais de peso” (palavras de Candido): Érico Veríssimo, Florestan Fernandes, Paulo Duarte, Sérgio Buarque de Holanda, Simão Mathias, Alceu Amoroso Lima, Hélio Jaguaribe, Aníbal Pinto, Octavio Paz, Torcuato di Tella, Albert Hirschman, Brian Van Arkadie, Dudley Sears e Alain Touraine.

---

<sup>66</sup> CANDIDO, Antonio. Depoimento. *80FHC*, 2011. Candido narra a história da revista também no artigo “Contra fato, haverá argumento?”, publicado em *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 2, dez. 2003.

<sup>67</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião*: a frente natural, p. 329. Kucinski diz que Raimundo Pereira quis participar do projeto, mas Gasparian não deixou.

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 329.



em São Paulo a convite de Candido para ministrar dois seminários na USP.<sup>70</sup>

O editorial de apresentação da revista – escrito por Paulo Emilio – se assumia como um breve manifesto, conforme sua incisiva última frase:

A natureza social tem horror ao vácuo cultural e tende a preenchê-lo de uma forma ou de outra. Uma das formas de fazê-lo é utilizando a dependência, a acomodação, o arrivismo.

A nossa pretende ser a outra forma, a que se definirá no percurso de nosso grupo. Este é vário na idade e na preocupação, mas se unifica no entendimento em criar um veículo novo para o que há de vivo, válido e independente na circunstância cultural brasileira; e um ponto de encontro com o pensamento de outras terras, notadamente as do continente.

Os obstáculos que eventualmente encontrarmos e os estímulos que recebermos serão igualmente indicativos da utilidade de nossa função. Muito intelectual brasileiro foi arrancado de seu mundo e é preciso que encontre um terreno onde possa novamente se enraizar. A limitação de nosso campo poderá ainda ser restringida, mas sempre haverá um papel a ser cumprido pelo intelectual que resolve sair da perplexidade e se recuse a cair no desespero.

Nascemos sem ilusões e não está em nosso programa nutri-las. A independência custa caro e não encoraja as subvenções. Não temos propriamente o que vender mas nos achamos em condições de propor um esforço de lucidez. Esta não é artigo de luxo ou de consumo fácil mas em qualquer tempo é alimento indispensável pelo menos para alguns. Sua raridade é, aliás, sempre provisória; tudo que a lucidez revela tende a se transformar em óbvio.

Contra fato há argumento.<sup>71</sup>

---

<sup>70</sup> Rama ficou encantado com a publicação e cogitou a possibilidade de fazer uma revista latino-americana na esteira de *Argumento*. Cf. VASCONCELOS, Sandra. Ángel Rama no Brasil. In: \_\_\_\_; AGUIAR, Flávio (Orgs.). *Ángel Rama*. Literatura e cultura na América Latina. São Paulo: Edusp, 2001, p. 34.

<sup>71</sup> ARGUMENTO. [Editorial]. Rio de Janeiro, n. 1, out. 1973, p. 1. O editorial

A nova “revista mensal de cultura” obteve sucesso – político, cultural e comercial – imediato: a tiragem de 25500 exemplares dos dois primeiros números foi ampliada para 45500 nos números 3 e 4.<sup>72</sup> Mas assim como o sucesso, a reação também foi imediata.

Dois semanas após o lançamento a Polícia Federal recolhia os exemplares que ainda estavam nas bancas sob a alegação de que *Argumento* era uma revista “clandestina”, uma vez que não havia sido registrada na Divisão de Censura de Diversões Públicas. Segundo reportagem do *Jornal do Brasil*, em Brasília comentava-se que a revista dificilmente voltaria a circular, mesmo com o pedido de registro, pois o processo de liberação ou rejeição podia ser demorado, dependendo da conveniência ou oportunidade da publicação.<sup>73</sup> O registro seria concedido dias depois.

No final de janeiro, porém, o sucesso, que fora imediato, torna-se também fulminante. A Polícia Federal ordena que a revista seja submetida à censura prévia, com 10 dias de antecedência da data de publicação, a partir do número 4. O número, entretanto, já havia sido impresso. Barbosa Lima Sobrinho escreve ao Ministro da Justiça, Armando Falção, pedindo a liberação da revista, com a justificativa de que o número fora impresso conforme as normas então vigentes, e acusando o prejuízo acarretado pela apreensão.<sup>74</sup>

Em abril, ainda na tentativa de liberar a revista, Fernando Henrique Cardoso relata que, pela primeira vez na vida, tentou valer-se da rede de conexões de sua família. Junto com Antonio Candido, procurou o

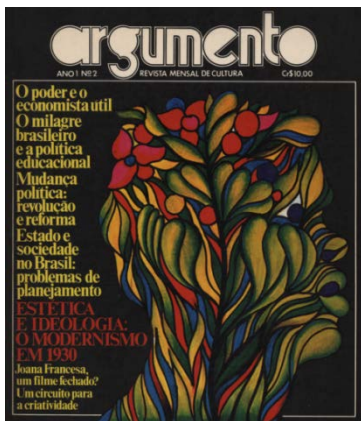
precede mesmo o expediente da revista.

<sup>72</sup> E ainda que sem ter “propriamente o que vender”, chegou a atrair mesmo anunciantes: Datamec, Grupo Financeiro Novo Rio, Alitália, Arredamento Móveis e CCE (eletrônicos), este último nos números 2, 3 e 4. A partir do número 2, além da óbvia publicidade da Paz e Terra, tornam-se frequentes também os anúncios da editora Civilização Brasileira.

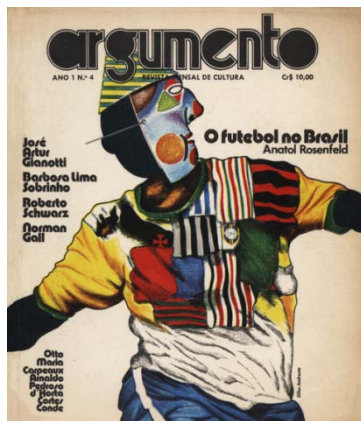
<sup>73</sup> JORNAL DO BRASIL. DPF diz que tirou das bancas *Argumento* por faltar censura prévia. Rio de Janeiro, 17 out. 1973, p. 17.

<sup>74</sup> Idem, STF adverte que a censura tem poder de exceção. 28 ago. 1975, p. 14. É preciso atentar na data da reportagem: o episódio é narrado apenas quando do julgamento final no STF do mandado de segurança impetrado pela editora Paz e Terra, já que a divulgação da apreensão de *Argumento* foi censurada, conforme ordem de 21 de janeiro de 1974: “De ordem superior, fica proibida a divulgação, através dos meios de comunicação social, de noticiário, referência, transcrição, comentário, matéria paga, etc, sobre a Revista *Argumento*, da Editora Paz e Terra. (Gen. Antonio Bandeira)”. JORNAL DO BRASIL. *Os documentos da censura*, p. 5.

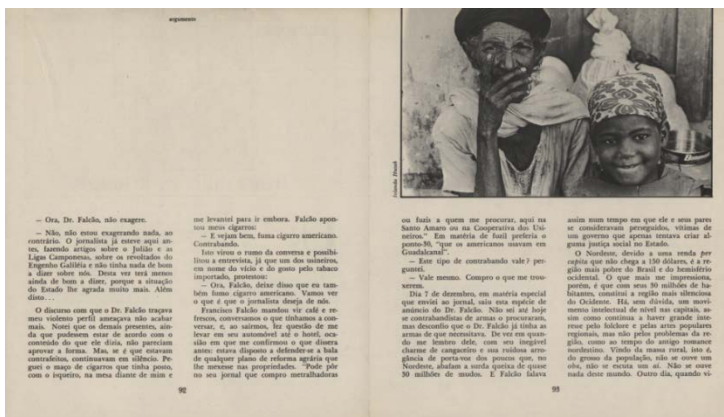
general reformado Oswaldo Cordeiro de Farias, que lhes conseguiu uma entrevista com o general Golbery, chefe da Casa Civil. Golbery, por sua vez, os mandou à busca de Armando Falcão, que os recebeu rispidamente e não tomou providência alguma.<sup>75</sup>



N. 2, nov. 1973



N. 4, fev. 1974



### A diagramação

<sup>75</sup> CARDOSO, Fernando Henrique; WINTER, Brian. Jeitinho. In: *O improvável presidente do Brasil*. Recordações. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015, livro digital.

A última saída buscada por Gasparian foi repetir o que já tentara com o *Opinião*: um mandado de segurança no Tribunal Federal de Recursos contra o Departamento de Polícia Federal, a fim de liberar os 45 mil exemplares do número 4 de *Argumento*.<sup>76</sup> Dessa vez, entretanto, o TFR declara-se incompetente para julgar a matéria, já que a apreensão da revista fora determinada por ato do Presidente da República, passível de julgamento apenas pelo Supremo Tribunal Federal. O TFR lembrava ainda o ocorrido no ano anterior, quando o mandado concedido à editora Inúbia teve como resultado um despacho da presidência reafirmando a censura prévia em *Opinião*.<sup>77</sup>

No final do ano, respondendo ao pedido de informações do STF para a instrução do julgamento, o governo aponta o AI-5 como o documento legal a sustentar a censura prévia imposta à *Argumento*. Segundo parecer do Ministério da Justiça, a revista estava “sujeita às normas constitucionais autorizadoras de medidas coercitivas, idênticas às facultadas no Estado de Sítio, desde que adotadas aquelas em defesa da revolução”.<sup>78</sup> Finalmente, em agosto de 1975, como afirma já no título a reportagem do *Jornal do Brasil* – que faz um resumo do caso desde a apreensão da revista –, o “STF adverte que a censura tem poder de exceção”. Sem aceitar o fato, o grupo responsável pela revista preferiu encerrá-la.<sup>79</sup>

### OS CADERNOS + OS ENSAIOS DE OPINIÃO

A insistência de Fernando Gasparian em fazer publicações contrárias à ditadura, convenhamos, é notável. Com *Opinião* sob censura prévia, e antes mesmo do julgamento final do mandado de *Argumento*, ele coloca nas bancas outra revista: *Cadernos de Opinião*. A associação entre a revista e o semanário é imediata, sendo mesmo realçada pelo uso do logotipo de *Opinião* em seu título.

Estampando na capa o nome dos colaboradores, com grande destaque para o de Celso Furtado (acompanhado do título de seu ensaio “O

<sup>76</sup> CORREIO BRAZILIENSE. Editora recorre ao TFR para liberar revista. Brasília, 25 maio 1974, p. 2.

<sup>77</sup> JORNAL DO BRASIL. STF julgará apreensão de revista. Rio de Janeiro, 21 ago. 1974, p. 20.

<sup>78</sup> Idem, Governo recorre a AI-5 para a censura prévia da revista *Argumento*. 14 dez. 1974, p. 7.

<sup>79</sup> “Nós reagimos com uma declaração, explicando (depois de historiar o caso) que preferíamos encerrar a publicação, porque não aceitávamos a mutilação da censura”. CANDIDO, Antonio. Depoimento.

capitalismo pós-nacional”), os *Cadernos* – publicados pela editora Inúbia – são lançados em 9 de junho de 1975 no Teatro Casa Grande, no Rio, com uma mesa redonda mediada pelo senador Roberto Saturnino Braga na qual, além do próprio Furtado, comparecia também Fernando Henrique Cardoso, que lançava seu livro *Autoritarismo e democratização*, publicado pela Paz e Terra. Contrariamente ao que dissemos de *Argumento*, podemos dizer que os *Cadernos* teriam vida longa, ainda que irregular, e fama curta.

A começar pelo aspecto gráfico, os *Cadernos* em nada lembram a prestigiada revista anterior. Pouco maior que as revistas semanais, em formato brochura, capa sóbria em papel couchê, 110 páginas em pesadas duas colunas, nenhuma ilustração e impressa em papel jornal, esse aspecto melhoraria um pouco no segundo número, com texto diagramado em três colunas, presença sutil de ilustrações (todas caricaturais) e impressão em papel equivalente ao das revistas semanais. Outra disparidade com relação à *Argumento* marca ainda mais fortemente os *Cadernos*: se aquela trazia um numeroso elenco de notáveis em seu conselho consultivo, comissão de redação e direção, esta não traz um único nome sequer além daqueles dos colaboradores. Também não sabemos o que pretende a nova revista, já que não há editorial ou apresentação.

Apesar do mistério, não há mistério algum: o “editor oculto” dos *Cadernos* é, claro, Fernando Gasparian, como seria obrigado a reconhecer mais tarde (obrigado *mesmo*, pela justiça militar). E a ausência de corpo editorial é “estratégica”: sem redação e sem diretor responsável, os *Cadernos de Opinião* não são uma revista, mas uma coleção de livros publicados em série. Não precisavam, pois, ser registrados no Departamento de Censura de Diversões Públicas da Polícia Federal, o que os livrava de uma provável censura prévia.<sup>80</sup>

Assim, resultado da estratégia ou do descuido da polícia, o primeiro número circulou normalmente. O segundo – que trazia logo abaixo do índice a informação “Este livro é uma publicação da Editora Inúbia” – seguia também circulando três semanas depois de lançado, quando na manhã de 6 de agosto agentes da Polícia Federal apreenderam em diversas bancas do Rio cerca de 300 exemplares, sob justificativa de uma ordem emitida pelo Ministério da Justiça. De acordo com o *Jornal*

---

<sup>80</sup> Cf. O ESTADO DE S. PAULO. Diretor explica publicação. São Paulo, 20 ago. 1975, p. 6. A publicação da revista sem a anuência da censura faz com que sua baixa qualidade gráfica revele-se também estratégica: implicando diretamente os custos, reduz o prejuízo a ser causado por uma possível apreensão.

|  |   |
|--|---|
| <p><i>Cadernos de</i><br/><b>opinião</b> <b>1</b> Cr\$ 15,00</p> <p>O capitalismo Pós-Nacional<br/><b>Celso Furtado</b></p> <p>Bertold Brecht<br/>Daniel Leconte<br/>Ed. Kennedy<br/>Betty Mindlin Laler<br/>Geoffrey Barraclough<br/>Hobsbawm Gramsci<br/>Roberto Shwarz<br/>Otávio Paz<br/>Hélio Jaguaribe</p> | <p><i>A partir da próxima semana, em todas as bancas e livrarias, o livro "CADERNOS DE OPINIÃO" n.º 1 contendo o ensaio de Celso Furtado "O CAPITALISMO POS-NACIONAL", além de textos de</i></p> <p><i>preço</i><br/><b>Cr\$ 15,00</b></p> <p><i>Venda pelo reembolso postal</i></p> <p>Bertold Brecht<br/>Roberto Shwarz<br/>Eric Hobsbawm<br/>G. Barraclough<br/>Hélio Jaguaribe<br/>Otávio Paz</p> |
|--|---|

Anúncio em *Opinião* do "livro" *Cadernos de Opinião* n. 1

do Brasil, os diretores da publicação – em provável referência a Gasparian e Eurico Amado – afirmavam desconhecer os motivos da apreensão, embora admitissem que ela pudesse ser devida à publicação, no número apreendido, de uma palestra do Arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara.<sup>81</sup>

De fato. Talvez empolgado com a livre circulação do primeiro número, crente de que a estratégia do "livro" funcionara, Gasparian acabou por cometer um pecado grave aos olhos da ditadura: toda e qualquer menção a Dom Hélder Câmara estava rigorosamente proibida nos "meios de comunicação social". E não bastasse essa proibição, a palestra do Arcebispo de Olinda e Recife, pronunciada na Universidade de Chicago em outubro de 1974, tinha por título uma "sugestiva", diríamos, pergunta: "O que faria S. Tomás de Aquino diante de Karl Marx?". Em sua fala, Dom Hélder parte da leitura empreendida por Tomás de Aquino da obra de Aristóteles, um autor à época proscrito pela Igreja, para tecer relações entre os pensamentos cristão e marxista, concluindo pela necessidade de diálogo entre a Igreja e a obra de Marx.

No dia seguinte à apreensão, segundo Alberto Dines, Gasparian

<sup>81</sup> JORNAL DO BRASIL. *Cadernos de Opinião* é apreendido. Rio de Janeiro, 7 ago. 1975, p. 7. A reportagem informa que os 300 exemplares recolhidos representavam um por cento da publicação, o que nos dá, portanto, uma tiragem de 30 mil exemplares.

foi ao Ministério da Justiça para saber dos motivos, sendo informado de que desconheciam tal ordem. Foi então à Polícia Federal, que também negou a autoria da ação. Sua conclusão era de que tudo não passava de um equívoco.<sup>82</sup> Dines discordava dessa conclusão, e o título de sua nota – “A indefinição como tática” – mostrou-se certo.

A Polícia Federal já havia enviado em 28 de julho um ofício ao ministro Armando Falcão, no qual relatava que a “revista mensal” *Cadernos de Opinião* descumprira “ordem de proibição específica determinada por Vossa Excelência”, citando a publicação da palestra de Dom Hélder. A partir daí, seguia o ofício: “outros artigos publicados na mesma edição caracterizam a tendenciosidade dos responsáveis pela revista [e] apresentam conotações que os identificam com uma autêntica campanha psicológica adversa”. Por fim, relatava que a revista não estava registrada na Divisão de Censura de Diversões Públicas nem apontava os nomes do autor e editor responsáveis pela publicação.<sup>83</sup> Diante do ofício, Falcão solicitara um parecer ao consultor jurídico substituto do Ministério da Justiça, Hélio Fonseca.

Datado de 30 de julho, o parecer é um documento típico da obtusidade e violência instalada no poder e ao redor dele. O “consultor jurídico substituto” afirma que *Cadernos de Opinião* é “um verdadeiro repeto ao governo”, que “a tônica de seus colaboradores é a propaganda subversiva” e que “urge colocar um paradeiro neste abuso”. Pedê a aplicação do AI-5 e recomenda “medidas enérgicas por parte da Polícia Federal”, medidas essas que, “além de imporem castigo à desobediência, traduzirão um claro aviso a todos os grupos que fazem investidas no mesmo sentido”. Propõe a apreensão da revista e afirma que será instaurado um inquérito policial “para a apuração de propaganda subversiva, a ser oportunamente submetido à Justiça Militar”. Para o inquérito, sugere “rigorosa investigação a respeito da editora Inúbia”, “tendente a promover sua extinção”, a “investigação do grau de comprometimento da Cia. Editora Fon-Fon e Seleta [responsável pela impressão] com o grupo responsável pelos *Cadernos*, para o estudo de medidas repressivas” e, por fim, “a avaliação dos custos dos *Cadernos*, bem como a respectiva fonte de receitas, a fim de comprovar apoio financeiro por fontes externas”.<sup>84</sup>

---

<sup>82</sup> DINES, Alberto. A indefinição como tática. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 ago. 1975, p. 6.

<sup>83</sup> CADERNOS DE OPINIÃO. Documentos da apreensão dos *Cadernos de Opinião* 2. Rio de Janeiro, n. 12, jul. 1979, p. 4-5.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 4-5. Ainda quando dos primeiros movimentos do inquérito Dines apresentou um resumo desse parecer em sua coluna. Ver DINES, Alberto.



N. 2, jul. 1975

Estratégia contra estratégia. Se nos embates anteriores com a censura Gasparian tomara a frente, impetrando mandados de segurança, desta vez os papéis se invertiam. Intimado a depor em 25 de agosto, responderia a três horas e meia de interrogatório na Polícia Federal sobre o segundo número dos *Cadernos* (e ainda sobre seu passado político e sua filiação ao MDB), sendo advertido também de que os originais do terceiro número teriam que ser submetidos à censura, apesar de seus protestos contra a decisão, “que constituiria fato inédito no país, onde os livros não são objeto de censura prévia”.<sup>85</sup> Mas, como sublinhava Alberto Dines, “estava decretado: *Cadernos de Opinião* não é livro, é revista”.<sup>86</sup> Um “meio de comunicação social”, portanto.

---

Andanças da censura. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 out. 1975, p. 10.

<sup>85</sup> O ESTADO DE S. PAULO. Diretor explica publicação, p. 6. Foram interrogados também Eurico Amado e o jornalista Jânio de Freitas, superintendente da Cia. Editora Fon-Fon e Seleta.

<sup>86</sup> DINES, Alberto. Andanças da censura. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 ago. 1975, p. 8.

O inquérito instaurado pela Polícia Federal foi distribuído à 1ª Auditoria da Marinha, onde Gasparian acabou denunciado por propaganda subversiva. A denúncia é rejeitada em abril de 1976, mas a promotoria recorre ao Superior Tribunal Militar. Apenas em janeiro de 1978 o caso seria definitivamente encerrado, com o STM confirmando a decisão da primeira instância: a conferência de Dom Hélder transcrita nos *Cadernos* número 2 não era “atentatória à segurança nacional”.<sup>87</sup>

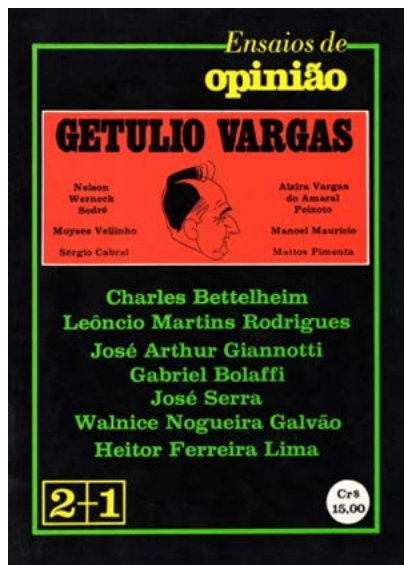
Denunciado por propaganda subversiva e obrigado a registrar e submeter sua “coleção de livros” à censura prévia, Gasparian resolve suspendê-la. E iniciar uma nova, ainda em 1975: a Coleção *Ensaios de Opinião*. Embora um pouco menor no tamanho, o mesmo das revistas semanais, e contendo mais ilustrações, com fotografias pessimamente reproduzidas, o primeiro “livro” da nova coleção é idêntico aos anteriores, mesmo na tipologia do título, trocando apenas “cadernos” por “ensaios”. O detalhe é que, além de repetir descaradamente a “estratégia” anterior<sup>88</sup>, os *Ensaios* traziam uma estranha numeração: seu primeiro número não era o 1, mas o 2+1, leia-se: número 3. Dando destaque ao nome de Getúlio Vargas na capa, o primeiro (o terceiro) número dos *Ensaios* dedica-lhe um dossiê que ocupa metade das 110 páginas do volume, com a publicação, inclusive, de alguns de seus discursos.

Tudo indica, porém, que esse número teve uma circulação bastante restrita. Não encontramos informações de que tenha sido apreendido, tampouco referências ou comentários acerca de seu lançamento, ocorrido, presumimos, entre setembro e dezembro, ou mesmo alguma repercussão posterior.<sup>89</sup> A hipótese mais provável é que Gasparian tenha se valido de mais uma “estratégia” – a mesma que usaria em 1977 ao publicar o livro de Jean Ziegler, *A Suíça acima de qualquer suspeita*, como vimos: um tal cuidado diante da possibilidade de apreensão que, ao final, sem divulgação e sem lançamento, o número acabaria por passar

<sup>87</sup> Cf. FOLHA DE S. PAULO. Inquérito vai à Auditoria. São Paulo, 17 set. 1975, p. 4; O ESTADO DE S. PAULO. Rejeitada denúncia contra editor de semanário carioca. São Paulo, 1 maio 1976, p. 12; JORNAL DO BRASIL. STM não acha subversão em conferência de D. Hélder e encerra caso contra editor. Rio de Janeiro, 27 jan. 1978, p. 18.

<sup>88</sup> Valendo-se também de uma mais efetiva – a impressão em outra cidade –, conforme indica a última página: “Este livro foi impresso na Cia Lithographica Ypiranga”, de São Paulo.

<sup>89</sup> Por se tratar de um “livro”, consta apenas o ano da impressão – 1975 – na segunda página. Nesse mesmo período, contudo, um anúncio em *Opinião* n. 151 (26 set. 1975) informa: “*Cadernos de Opinião* n. 1 volta às bancas”. O anúncio não se repetiu.



N. 2+1, 1975

despercebido não só da polícia, mas também do público. Sabemos, por outro lado, que um dos textos presentes em *Ensaio de Opinião* 2+1, “Amado, respeitoso, respeitável”, polêmico ensaio de Walnice Nogueira Galvão sobre *Teresa Batista cansada de guerra*, de Jorge Amado, foi republicado, pouco tempo depois, na edição de 23 de fevereiro de 1976 do *Jornal de Debates*, o que corrobora sua limitada circulação anterior.

E aqui cabe um aparte em meio aos *Ensaio*s. Tendo Mattos Pimenta – um de seus fundadores, então aos 86 anos – como diretor e Cícero Sandroni como diretor responsável e redator-chefe, o *Jornal de Debates*, onde reencontramos o ensaio de Walnice, retornara à circulação semanas antes, para viver sua quinta fase. E assim como em 1955, tem, mais uma vez “por trás”, Fernando Gasparian.<sup>90</sup>

<sup>90</sup> Na biografia de Cícero Sandroni disponível no site da Academia Brasileira de Letras consta que ele “em 1976 dirigiu, para Fernando Gasparian, a última fase do *Jornal de Debates*”. Também Júlio César Montenegro, em entrevista a Margarida Adamatti, confirma que Gasparian era, de fato, o responsável pelo jornal. Cf. ADAMATTI, Margarida. *A crítica cinematográfica no jornal alternativo Opinião*. Frentismo, estética e política nos anos setenta. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais). Escola de Comunicação e Artes,

No editorial de apresentação da nova fase o semanário republica seu programa original exposto no primeiro número, de 28 de junho de 1946. Logo abaixo, depois de traçar brevemente a trajetória de Mattos Pimenta, escreve Cícero Sandroni:

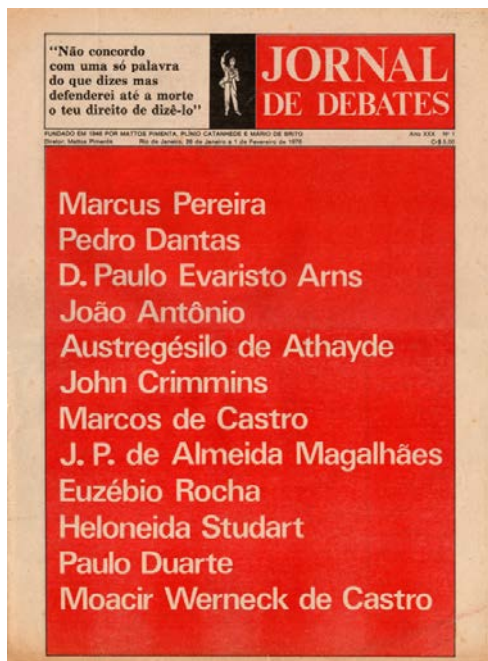
Reiterando posições assumidas naquela época, o *Jornal de Debates* volta a abrir suas páginas a todas as correntes de opinião interessadas em estabelecer o indispensável diálogo para o desenvolvimento da democracia no Brasil. Para tanto é necessário que, como no passado, os leitores, os verdadeiros donos deste jornal, participem ativamente do debate polêmico e vigoroso que propomos. Como nas fases anteriores, todos terão aqui iguais oportunidades de manifestar seu pensamento e suas ideias.<sup>91</sup>

O *Jornal de Debates* segue, portanto, como um veículo de ideias e aberto às manifestações dos leitores. Em seu primeiro número encontramos longos artigos, como o de Austregésilo de Athayde sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos e os de João Paulo de Almeida Magalhães e Luiz Carlos Bresser-Pereira sobre economia, a transcrição de uma conferência sobre o bicentenário da independência americana pronunciada pelo embaixador dos Estados Unidos no Brasil e uma entrevista de duas páginas com Paulo Duarte acerca da situação indígena no país, entre outros. Moacir Werneck de Castro retoma a polêmica do ano anterior em torno da Teoria Literária e João Antônio faz um balanço da literatura produzida em 1975. E já nesse número (!) encontramos também cinco cartas.

---

Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015, p. 6. Em suas duas últimas fases anteriores o jornal esteve sob a direção de Limeira Tejo, que recebeu o título de Mattos Pimenta em 1963, mas o colocou em circulação apenas em 1972, lançando, no entanto, apenas dois números em abril. Em fevereiro de 1973 Tejo o relança e, desta vez, consegue mantê-lo em circulação até dezembro de 1974, quando é novamente encerrado. Cf. CARDOZO, Ivo. O quarto *Jornal de Debates*. *Opinião*, Rio de Janeiro, n. 17, 26 fev. 1973, p. 24; KUCINSKI, Bernardo. Os jornais de resistência. In: *Jornalistas e revolucionários*, p. 88. Kucinski não menciona a ligação de Gasparian com o jornal.

<sup>91</sup> SANDRONI, Cícero. Programa do *Jornal de Debates*. *Jornal de Debates*, Rio de Janeiro, n. 1, 26 jan./1 fev. 1976, p. 2.



N. 1, 26 jan./1 fev. 1976

Além de contar com uma grande participação dos leitores, essa fase do *Jornal de Debates* ficaria marcada, ainda, pelas polêmicas, particularmente no campo da cultura. As polêmicas eram, inclusive, um apelo do jornal. O anúncio do número com o ensaio de Walnice, por exemplo, intitulado “Jorge Amado, um autor cansado de guerra”, informava: “Walnice Nogueira Galvão escreve artigo no *Jornal de Debates* sobre o escritor baiano e afirma que a ficção comandada pelo gosto do mercado mais amplo está proibida de inovar”. E perguntava: “Você concorda? Se está de acordo, leia o que diz Walnice. Caso contrário, leia também e escreva para o *Jornal de Debates* contestando os argumentos da ensaísta”.

Essa abordagem polemista dada pelo jornal às questões culturais adianta, com efeito, o que viria a ser a última fase de *Tendências e Cultura de Opinião*. Isso porque o responsável por levar o *JD* a cumprir plenamente seu programa exposto no primeiro número é Júlio César Montenegro. Em entrevista a Margarida Adamatti, Montenegro conta

que “nessa época foi fazer uma entrevista com Gasparian para *O Globo*” e recebeu então “um convite para retornar à editora Inúbia”. Mas não foi para o *Opinião*, e sim para o *Jornal de Debates*, onde “publicou tantas cartas de leitores sobre homossexualismo e racismo que Gasparian o mandou de volta para *Opinião*”.<sup>92</sup>

Mas não só a passagem de Júlio César Montenegro pelo jornal seria breve. Como em 1955 mais uma vez, o próprio *Jornal de Debates* o seria: o número 13, de 26 de abril, encerra sua quinta fase. Durante esses três meses, nos parece, o semanário de ideias – com suas muitas cartas e polêmicas, mas também com seus longos artigos – funcionou como uma espécie de substituto aos *Ensaio de Opinião*, que depois de seu primeiro (ou terceiro) número não tiveram sequência. E nem teriam em breve. Não podemos negligenciar o aspecto financeiro que envolve essa série de publicações. Nesse mesmo período, *Opinião* tem novamente sua redação esvaziada, não apenas por conta da censura desanimadora, mas, principalmente, pelos salários defasados. É ao *Opinião*, afinal sua principal publicação, que Gasparian dará prioridade.

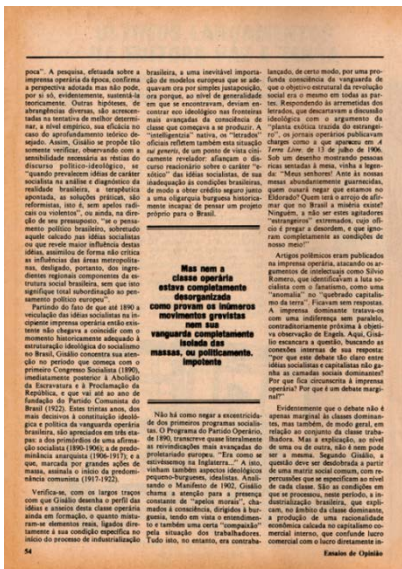
Somente em junho de 1977, dois meses depois, portanto, do fim do semanário, a revista voltaria às bancas, com o “vol. 4” da Coleção Ensaio de Opinião.<sup>93</sup> Retomando o tamanho e a capa do segundo número dos *Cadernos*, mas o papel jornal do primeiro, o número 2+2 dos *Ensaio* se assume graficamente como uma revista, com grande quantidade de ilustrações. Mas continua sendo oficialmente um livro, como “comprova” agora uma ficha catalográfica: CDD - 808.84, CDU - 82-4(082). A coleção não teria, porém, nenhum outro número publicado em 1977.

O número seguinte (2+3), embora datado de 1977, seria lançado apenas em fevereiro de 1978. A capa, menos sisuda, destaca o dossiê dedicado às comunicações apresentadas em dois simpósios da 29ª Reunião Anual da SBPC, realizada em julho de 1977 em São Paulo, que ocupa metade do volume. O “livro” conta com seus primeiros anunciantes: a óbvia Paz e Terra nas capas internas e a Transportes Aéreos Portugueses (TAP) na contracapa. Mas o dado mais relevante é que a revis-

---

<sup>92</sup> Cf. ADAMATTI, Margarida. *A crítica cinematográfica...*, p. 6. Formalmente, porém, o *Jornal de Debates* era uma publicação da Editora Crítica Ltda, do Rio de Janeiro, responsável também pelo semanário *Crítica*, dirigido por Gerardo Mello Mourão e que circulou de agosto de 1974 a novembro de 1975. Assim, ou Gasparian tinha participação também na editora, ou financiava indiretamente/informalmente o jornal.

<sup>93</sup> FERREIRA, Jairo. *Opinião* volta às bancas, mas só com ensaios. *Folha de S. Paulo*, 6 jun. 1977. Ilustrada, p. 8.



A diagramação típica da revista

ta apresenta, pela primeira vez, editores: Fernando Gasparian e Florestan Fernandes Júnior.

A partir daqui, ainda que de maneira um tanto irregular (e formalmente como livros), os *Ensaio de Opinião* teriam publicação contínua pela editora Paz e Terra. Depois de uma breve pausa, em junho é lançado o número 2+4, com dossiê dedicado a Paulo Emilio Sales Gomes e tendo como editores Fernando Gasparian e Jean-Claude Bernardet. Os números 2+5 e 2+6, lançados em julho e agosto, trazem como editores Fernando Gasparian, Theo Santiago e Dalva Gasparian. No número 2+7, o último de 1978 e lançado em novembro, no entanto, a revista volta a não apresentar editor ou editores. Mas apresenta, por outro lado, um "conselho de colaboradores", na verdade – como enfatiza o nome do semanário acima da lista –, o mesmo de *Opinião*: Alceu Amoroso Lima, Antônio Callado, Antonio Candido, Celso Furtado, Fernando Gasparian, Fernando Henrique Cardoso, Francisco de Oliveira, Francisco Weffort, Luciano Martins, Millôr Fernandes, Paul Singer e Ruth Cardoso (esta última substituindo Paulo Emilio, morto em setembro de 1977).

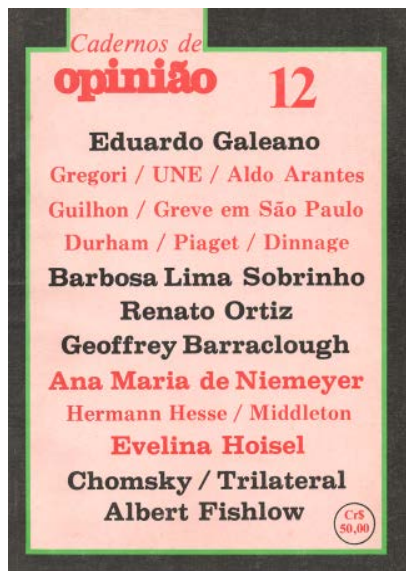
Com essa configuração seriam publicados, *já livres do AI-5*, os números 2+8 em abril – que reproduz artigo de Ralph Della Cava sobre a tortura no Brasil, acompanhado de sua polêmica com Lincoln Gordon, e o 8º capítulo do livro de Marcos de Castro, *Dom Hélder Câmara* – e 2+9 em junho – que dedica mais da metade do volume a um dossiê sobre a questão agrária. E aqui se encerram os *Ensaio de Opinião*: no mês seguinte é lançado o número 12 de *Cadernos de Opinião* – “Revista cultural brasileira, publicada mensalmente” –, em tudo semelhante aos “livros” anteriores. Ou em quase tudo, posto que os detalhes, de modo geral irrelevantes, ajudam a compor aqui um retrato de época. Assim, no lugar da ficha catalográfica encontramos, na primeira página, seu número, mês e ano. Temos informações sobre a distribuição em bancas e livrarias e valor de assinatura. Os nomes “de peso” permanecem no “conselho editorial”. E como “diretor responsável”, Fernando Gasparian.

*Os Cadernos* podem também assumir um programa, ou, estando já no 12º número, explicitá-lo ao leitor. Seu primeiro (e único) editorial não poderia começar por outra afirmação: “A partir deste número adquirimos nossa identidade originária”. E voltando a 1975 esclarece a origem da revista e seu sobrenome:

Matérias da maior importância e que jamais poderiam ser alvo da fúria censória, em qualquer país onde houvesse o mínimo de respeito pela inteligência e pela cultura, eram sumariamente eliminadas das páginas de *Opinião*. Por outro lado, chegavam ao nosso jornal ensaios, estudos, trabalhos que, apesar de sua alta qualidade intelectual, não eram *jornalísticos*. Em virtude mesmo de sua densidade cultural, ultrapassavam o sentido menos permanente, digamos assim, característico das matérias destinadas à editoração em jornal. A umas e outras cumpria, porém, salvá-las, ou porque representassem abordagem de temas palpitantes, ou porque constituíssem decisivas contribuições ao pensamento brasileiro. Com esse duplo propósito concebemos, então, o lançamento de *Cadernos de Opinião*.<sup>94</sup>

---

<sup>94</sup> CADERNOS DE OPINIÃO. Rio de Janeiro, n. 12, jul. 1979, p. 3. Grifo do original.



A volta dos *Cadernos*. N. 12, jul. 1979

São explicadas as estratégias e percalços que acompanhamos até aqui: a adoção do formato de livro, a mudança de nome e a estranha numeração, “no propósito de não conceder um mínimo à censura”, a apreensão do número 2 e o longo processo sofrido, de caráter punitivo e “assentado no princípio medieval de ato de poder revestido de sentido exemplar”, como comprovam os documentos reproduzidos nas páginas seguintes. Ao final, destacando a coerência e apontando para o futuro da revista, afirma: “continuamos mantendo em relação às matérias que divulgamos a mesma orientação de há quatro anos. [A verdade], que é a arma que os poderes autocráticos mais temem, continuará a ser dita nestas páginas, abertas à *intelligentia* brasileira e à universal”.

Mas as páginas dos *Cadernos de Opinião* não continuariam abertas por muito tempo mais. O número 13 (ago./set. 1979) traz Antonio Candido em destaque na capa, dedicando-lhe metade do volume com a reprodução de alguns dos textos presentes no livro em homenagem aos seus sessenta anos, *Esboço de figura*, e republicando também “A verdade sobre a repressão”, que Candido publicara no *Opinião* em janeiro de 1973. A Reunião Anual da SBPC, novamente, é destaque de capa no número 14 (out./nov. 1979), que tem como primeiro artigo a comunica-

ção feita por Celso Furtado na sessão inaugural do evento. O número 15, porém, seria lançado apenas em setembro de 1980. Sutilmente, a revista deixa de ser uma “revista cultural brasileira publicada mensalmente” – periodicidade poucas vezes cumprida, afinal – para ser apenas uma “revista cultural brasileira”. A periodização abaixo do número informa: Dezembro 79/Agosto 80. Seria o último número.

#### ARGUMENTO: A LIVRARIA

Livro só na aparência é bem de consumo. Na realidade, o livro integra o elenco dos bens de produção. Nas sociedades modernas – todas elas marcadas pela chamada “explosão do conhecimento” – a vida produtiva está cada vez mais condicionada à eficácia da intervenção humana, ainda quando pareça que os aparatos eletrônicos estejam substituindo a presença do homem no trabalho. Aquela eficácia, quem a instrumentaliza é o livro, desde os que, senso estrito, classificamos como “livro técnico”, aos que, de forma direta ou indireta, ampliam o acervo de nosso saber, elevando conseqüentemente o nível de nossa competência.<sup>95</sup>

É a partir dessa observação que Fernando Gasparian, valendo-se de seu *know how* industrial, discute em artigo na *Leia Livros* – mais que os aspectos econômicos da *produção* editorial propriamente dita – os aspectos econômicos da *comercialização* do livro no Brasil. A mudança do foco – do início para o fim do processo – se deve à constatação do baixo número de livrarias no país. Conseqüência das dificuldades que se antepunham à comercialização do livro, aí estaria, para Gasparian, o “ponto de estrangulamento do movimento editorial brasileiro”. E as políticas oficiais de amparo ao livro, voltadas à edição, além de não resolverem esse problema, eram elas mesmas problemáticas, como procura demonstrar ao comentar duas dessas iniciativas.

A primeira, a política de coedições do Instituto Nacional do Livro (INL), beneficiava o editor (mediante a divisão dos riscos do investimento), o autor (que recebia os direitos autorais da parte do INL antes do lançamento) e o leitor (porque a redução do “preço da produção in-

---

<sup>95</sup> GASPARIAN, Fernando. Aspectos econômicos da produção editorial. *Leia Livros*, São Paulo, n. 5, 15 set. 1978, p. 32.

dustrial do livro” o barateava). “Ficariam todos felizes”, diz, para acrescentar em seguida:

Nada se teria a objetar contra o plano das coedições, se os recursos do INL não fossem escassos, e se ele não tivesse uma característica antidemocrática: para merecer o financiamento do INL, o livro tem de passar por um crivo – uma comissão que o julga. Ora, no regime sob o qual vivemos [...] é evidente que, mesmo que não queira, aquela comissão não pode julgar em liberdade. E não julgando em liberdade ela cria, automaticamente, critérios discriminatórios nocivos à vida da cultura. O mal não é do plano em si, mas do fato de que o Estado, ao se associar a iniciativas editoriais, levanta o braço de censor da criação intelectual.<sup>96</sup>

Se a parceria com o INL peca pelo que representa, a segunda das políticas, pelo aspecto financeiro, era ainda pior. Denominada “Pró-livro”, consistia numa linha de crédito aberta pelo BNDE às editoras, mas com juros tão altos, e acrescidos de correção monetária, que o financiamento atingia um custo de 50% ao ano. Segundo Gasparian, não havia empreendimento que suportasse essa “escorcha”: os editores que estavam em dificuldade não conseguiram superá-la, e os que não estavam e se deixaram “embair pelo canto de sereia” do Pró-livro nela caíram.

Tendo em vista essas iniciativas, para o dono da Paz e Terra a solução do problema não estava em ajudar o editor, mas em ajudar a comercialização do livro. Haveria, inclusive, “uma grande demanda contida pela imperfeita distribuição de livros no país”.<sup>97</sup> Nesse caso, aponta, eram dois os principais obstáculos a uma rápida expansão do mercado

---

<sup>96</sup> Ibidem, p. 32.

<sup>97</sup> Gasparian afirma que havia então apenas 300 livrarias em todo o país. Não encontramos estatísticas a respeito, mas Luiz Carlos Caversan, na introdução a uma série de pequenas reportagens sobre o mesmo assunto, publicadas dias antes no *Estado de S. Paulo*, aponta para a existência de cerca de 400 delas. Cf. CAVERSAN, Luiz C. Vender livros: murro em ponta de faca. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 set. 1978, p. 30. A diferença, contudo, é irrelevante, tendo em vista que – como registra Gasparian – “com uma população de mais de cem milhões de habitantes dos quais, na pior das hipóteses, mais de cinco milhões tem capacidade financeira para comprar livros”, uma centena a mais ou a menos de livrarias no país não mudaria muito o panorama.

livreiro no Brasil: o custo do dinheiro e o custo dos imóveis. Detendo-se nesses dois pontos – e incorporando o espírito “lobatiano” já evocado no primeiro parágrafo do artigo –, Gasparian sugere os meios para superá-los.

O custo do dinheiro se devia, claro, às altas taxas dos juros bancários. Do lado do editor, que precisava financiar suas vendas, os juros refletiam diretamente no prazo de pagamento que este concedia ao livreiro. Esse prazo era, em geral, de sessenta, ou, no máximo, noventa dias, já que a partir daí o preço do livro começava a encarecer por conta do financiamento tomado pelo editor junto ao banco. Do lado do livreiro, este organizava suas compras de modo a vender os livros antes de pagá-los ao editor. Assim, mesmo julgando que um título fosse vender cinquenta exemplares em seis meses, comprava-o aos poucos, apenas três ou cinco exemplares por vez, para não ter que usar seu próprio capital nem recorrer aos bancos para o pagamento antes da venda. Essa seria a razão pela qual as livrarias prefeririam os *best-sellers* – “em geral de pouco valor cultural” –, visto que a procura concentrada desses títulos as desobrigava de imobilizar seu capital no estoque, enquanto era comum o leitor procurar por um título editado e não encontrá-lo, não porque estivesse esgotado, mas porque grande parte da edição se encontrava ainda na editora. Desse modo, sugere Gasparian, se os juros praticados no Brasil fossem equivalentes aos praticados nos países industrializados, ou houvesse um fundo de financiamento com juros especiais para o comércio de livros, as editoras poderiam conceder 180 dias de prazo para pagamento e as livrarias poderiam comprar em maior quantidade. Além de reduzir os custos da comercialização do livro, tal dinâmica reduziria inclusive os custos da própria produção, uma vez que as tiragens poderiam ser maiores.

Quanto ao custo dos imóveis, Gasparian destaca que o preço do aluguel de um ponto comercial era tão elevado que não se tornava econômico para a abertura de uma livraria e, quando compatível, acabava por onerar de forma excessiva o preço do livro. Na verdade, diz, a venda de livros era uma atividade pouco lucrativa, daí o reduzido número de livrarias no país, e o aumento desse número só seria possível, portanto, se a atividade se tornasse “tão lucrativa como abrir supermercados, lanchonetes e agências bancárias”. Isso poderia ser conseguido com a redução do custo da loja, “através de um programa idêntico ao existente para financiamento de tratores e implementos agrícolas” que financiasse a compra de imóveis para livrarias. Em tais condições, a prestação da compra custaria menos do que o aluguel. Evidentemente, para que não houvesse especulação imobiliária, ficaria proibida a venda posterior do

imóvel para uso em outras atividades.

Depois de reafirmar que esses eram os principais obstáculos à comercialização do livro no país, conclui Gasparian:

O Brasil precisa se convencer de que livro é tão importante quanto batata, cebola, arroz, milho, etc. Mata a fome do espírito, que só os animais não sentem. Existe no Brasil crédito agrícola fornecido pelo governo através do Banco do Brasil e bancos particulares, incluindo financiamento da produção e da comercialização dos produtos agrários a juros de 7 a 15% ao ano, sem correção monetária [...]. Deveria ser feito o mesmo para o livro.

E não deixa de registrar: o crédito disponibilizado pelo governo aos bancos e financeiras em dificuldade era tão favorecido quanto aquele concedido às atividades rurais. “Por que não financiar a venda das editoras às livrarias nas mesmas modalidades? Ou a fértil imaginação burocrática brasileira é incapaz de criar algo de parecido para o livro?” Esse “cultivo”, sabemos, continuaria sem “fertilizante” oficial.

Assim, buscando resolver em parte o problema da comercialização dos livros de sua editora, Gasparian inaugura, sete meses depois, em abril de 1979, na Rua Oscar Freire, em São Paulo, a Livraria Argumento. Como conta Marcus, a Argumento “surgiu porque meu pai não conseguia vender os livros da Paz e Terra e teve uma ideia: ‘vou abrir uma livraria e colocar meus livros lá’”.<sup>98</sup> Se não podia distribuí-los a um maior número de cidades, poderia ao menos, desse modo, disponibilizá-los satisfatoriamente num grande centro.

Ainda que não exclusiva da editora da casa – que abre também um escritório em São Paulo – a livraria seria especializada em ciências sociais e humanas. Por essa razão sua gerente, Suzana Gasparian, irmã de Fernando, acreditava que “quase todos os livros importantes [poderiam] ser encontrados na Argumento”. Por “importantes” leia-se livros teóricos, aqueles de baixo volume de venda, mas procura constante, que as livrarias não mantinham em estoque, como afirmara Gasparian em seu artigo. Indicando a principal característica da nova livraria, Suzana reitera que editoras como Paz e Terra, Brasiliense, Duas Cidades, Zahar

---

<sup>98</sup> GASPARIAN, Marcus. Uma frente contra a ditadura. *Livreiros do Rio*. História e memória. Associação Estadual de Livrarias do Rio de Janeiro, 2013. Depoimento. Marcus repetiria essa mesma queixa três décadas depois...

e Hucitec tinham dificuldade em distribuir seus “livros teóricos que sempre vendem, mas não tão rápido como os *best-sellers*”. Em compensação, diz, “um livro do Darcy Ribeiro ou de um Florestan são sempre importantes, podem passar dez anos, eles sempre serão procurados”.<sup>99</sup>

A especialização da livraria não a impediria de vender também títulos de literatura, revistas e livros importados e mesmo “alguns *best-sellers*”, afinal, outra compensação que não apenas o prazo de validade dos “livros importantes”, diríamos, se fazia necessária para que o negócio sobrevivesse. Além disso, a *Argumento* teria ainda como característica o cuidado com o atendimento, investindo na relação com o cliente/leitor: “com a livraria, Gasparian pretende continuar a tradição do livreiro, atividade que deu lugar ao ‘vendedor de livros’ – mantendo no atendimento pessoas em condições de discutir as obras à venda com os leitores”.<sup>100</sup>

Vemos, pois, que se a livraria surge, enquanto negócio, com a função de amenizar o problema de distribuição da Paz e Terra (e editoras congêneres), sua configuração indica a tentativa também de recuperação de um espaço outrora fundamental no ambiente intelectual. E nesse sentido vale destacar que ela nasce, de fato, *já herdeira* de um passado (ainda que recente) notório. Não apenas porque prestava uma homenagem aos escritores “que colaboravam na antiga revista de mesmo nome, fechada pela censura federal no seu 4º número”<sup>101</sup>, mas, principalmente, porque seu proprietário era o

ex-editor da revista *Argumento* (proibida pela polícia) e do semanário *Opinião*, fechado [...] em sinal de protesto contra o duro cerco da censura. E como os tempos são de abertura, *Argumento* e *Opinião* talvez voltem a circular. Por enquanto, servem de inspiração à livraria, que nasce com as mesmas propostas das duas publicações.<sup>102</sup>

Com tal reconhecimento, não surpreende que a pequena matéria da *Folha de S. Paulo* sobre aquela que seria a noite de inauguração traga como primeiro parágrafo uma lista de notáveis: Antonio Candido, Anto-

<sup>99</sup> FOLHA DE S. PAULO. Uma noite para os intelectuais em SP. São Paulo, 16 abr. 1979. Ilustrada, p. 17.

<sup>100</sup> O ESTADO DE S. PAULO. Duas livrarias com o mesmo propósito. São Paulo, 17 abr. 1979, p. 16.

<sup>101</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>102</sup> FOLHA DE S. PAULO. Uma noite para os intelectuais em SP, p. 17.

nio Callado, Jorge Andrade, Jean-Claude Bernardet, Ecléa Bosi, Ignácio de Loyola Brandão, Celso Furtado, Augusto e Haroldo de Campos, Fernando Henrique Cardoso, Edgar Carone, Carlos Chagas, Millôr Fernandes, Marilena Chauí, Florestan Fernandes, Alencar Furtado, Caio Prado Júnior, Darcy Ribeiro, Barbosa Lima Sobrinho. “Essa gente toda vai estar hoje à noite, às 19 horas, na rua Oscar Freire, 608, quase esquina com a Augusta, inaugurando a nova livraria Argumento”.<sup>103</sup>

Nem todos compareceram, mas foram substituídos por outros personagens à altura, naquela que “foi a noite dos intelectuais, [...] onde muitos abraços eram distribuídos entre alguns dos mais conhecidos escritores e políticos brasileiros”, de acordo com outra matéria da *Folha*.<sup>104</sup> Tamanha reunião não passaria despercebida nem mesmo pela televisão que, “com toda a sua parafernália tecnológica”, acabou por atrair as pessoas que trafegavam pela rua, e “em poucos minutos a pequena livraria não conseguia abrigar as 300 pessoas que queriam ver de perto aquela gente”.<sup>105</sup> Como sublinha Carrijo, a impressão passada pelo repórter é de que “a estreia do novo empreendimento conseguiu mobilizar intelectuais que naquele momento eram verdadeiras ‘estrelas’, com *status* em parte semelhante ao das celebridades dos meios de comunicação de massas”.<sup>106</sup> A chegada dos convidados é descrita no melhor estilo “tapete vermelho”:

Pouco antes das 19 horas, começaram a chegar as primeiras personalidades: Antonio Callado, Paulo Duarte, Florestan Fernandes e Severo Gomes. Talvez esses quatro personagens tenham sido os únicos dos convidados célebres a conseguir entrar na livraria e conversar com o público. – O senhor é o grande mestre? – pergunta um homem simples, perplexo no meio de tanta gente importante. – Eu não sou grande mestre – responde o intelectual com um sorriso. – O senhor é o grande mestre Florestan Fernandes e eu gostaria de poder cumprimentá-lo. – E meio trêmulo, aquele homem que

<sup>103</sup> *Ibidem*, p. 17. A matéria é bastante curta, mas ganha destaque na página. Além do grande corpo do título, é encimada por quatro fotos que ocupam duas vezes mais espaço que o texto. Os retratados são Fernando Henrique Cardoso, Darcy Ribeiro, Millôr Fernandes e Ignácio de Loyola Brandão.

<sup>104</sup> *Idem*, Os intelectuais se reúnem entre livros e tira-gosto. São Paulo, 18 abr. 1979. Ilustrada, p. 35.

<sup>105</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>106</sup> CARRIJO, Maicon. *Cientistas sociais e historiadores...*, p. 123.

dizia ser estudante de Filosofia, consegue abraçar o mito. Enquanto isso, o tumulto aumentava na porta da livraria, com a chegada dos primeiros carros oficiais, que traziam os deputados Flávio Bierrenbach, Fernando Morais, Robson Marinho e Airtton Soares.<sup>107</sup>

“A alegria é geral” e “uma certa euforia por poder rever velhos amigos tomava conta dos convidados”. Antonio Callado, que queria muito rever os seus, lembra o déficit de livrarias no país e diz que “ter em São Paulo uma livraria como esta, ligada a uma editora como a Paz e Terra, é muito bom. É a ligação do Rio de Janeiro com São Paulo. É curioso como São Paulo e o Rio estão longe um do outro”. Observação parecida é feita – “em meio a um sorriso cinematográfico” – por Bruna Lombardi, que autografava a segunda edição de seu livro de poemas, *No ritmo dessa festa*, e estava ali também “para rever essas pessoas maravilhosas”. Para Bruna, “dessa livraria, a coisa mais importante é que ela servirá de ponto de encontro”.

Um tanto alheia à festa estava Ecléa Bosi, que “carregava um enorme pacote embaixo dos braços, e meio perdida na multidão [...] procurava com muita ansiedade” por Gasparian. Tratava-se, segundo Ecléa, de *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*, uma antologia de textos de Simone Weil que ela mesma organizara para publicação pela Paz e Terra. Ecléa explica ao repórter que, “além da importância filosófica de sua mensagem, Simone foi operária metalúrgica. Combateu na Guerra Civil Espanhola e deixou páginas impressionantes sobre a condição operária”.<sup>108</sup>

Em se tratando de uma festa de intelectuais, as conversas giravam em torno de novos livros e – como havia adiantado a matéria anterior da *Folha* – da possibilidade de *Argumento e Opinião* voltarem a circular. O “ex-editor” confirma a intenção, embora se refira apenas à revista: “vou ver se marco uma reunião ainda essa semana para voltarmos a publicar a *Argumento* – comentava com muita alegria Fernando Gasparian. Só está faltando o Antonio Candido, que está viajando. Acredito que a livraria é um bom lugar para nos reunirmos e debatermos a revista”. O suplente ao

---

<sup>107</sup> FOLHA DE S. PAULO. Os intelectuais se reúnem..., p. 35. As citações seguintes são do mesmo texto.

<sup>108</sup> Como aponta Carrijo, e como já vimos, o episódio mostra o quão importante era a relação direta com o editor para que uma obra fizesse parte do catálogo da Paz e Terra. Cf. CARRIJO, Maicon. *Cientistas sociais e historiadores...*, p. 125. O livro de Weil foi publicado ainda em 1979 pela editora.

Senado Fernando Henrique Cardoso – que, “cercado pelos deputados”, levara “mais de uma hora para conseguir entrar na livraria” – declarava, em apoio: “estar aqui hoje, é para mim um protesto contra a censura, já que o *Opinião* e a *Argumento* foram fechados. Soube que o Gasparian pretende voltar com essas publicações, acho ótimo, e estou pronto a voltar a colaborar”. Tratava-se, sabemos, de uma alegria breve. O curioso é que nessa mesma noite foi lançado, também, o número 2+8 de *Ensaio de Opinião*. A reportagem, no melhor estilo “celebridades”, como vimos, não faz nenhuma referência ao fato, talvez por serem os *Cadernos/Ensaio* a menos “célebre” das publicações de Gasparian.<sup>109</sup>

Sem a volta da revista, uma nova livraria *Argumento* surgiria seis meses depois, dessa vez no Leblon, Rio de Janeiro. Segundo Marcus Gasparian, sua mãe havia ficado brava com seu pai, já que ele havia prometido que a livraria seria aberta no Rio, não em São Paulo. Dalva e Marcus abriram, então, a *Argumento* carioca.<sup>110</sup> Outra inauguração, outra festa, e uma cobertura parecida, dessa vez no *Jornal do Brasil*. À diferença da inauguração em São Paulo, no entanto, a festa no Rio teve uma estrela principal: “Mais que um encontro entre autores e leitores, a noite de autógrafos que marcou a inauguração da Livraria *Argumento* foi um encontro com Miguel Arraes. Em pleno Baixo Leblon, o acontecimento reuniu ex-exilados, políticos, artistas, intelectuais e estudantes”.<sup>111</sup>

A expectativa em torno da presença de Arraes, que retornara ao Brasil um mês antes, depois de quinze anos no exílio, “era enorme” e sua chegada “causou correrias, pisões, cotoveladas, pois ninguém se conformava em ter ido até ali sem conseguir apertar sua mão ou, pelo menos, vê-lo de perto”. Ladeado por Antonio Callado e Cristina Tavares, o governador cassado de Pernambuco autografava *Tempo de Arraes*

---

<sup>109</sup> “Comprimida entre salgadinhos, brindes e livros, parte da elite intelectual do país reuniu-se no dia 17 de abril para inaugurar a livraria *Argumento* de Fernando Gasparian, ex-editor do jornal *Opinião* e da revista *Argumento* (apreendida pela polícia em 1974). Na mesma noite, Gasparian lançou o segundo [sic] número da revista *Ensaio de Opinião*, que veio substituir os *Cadernos de Opinião*, também apreendidos pela polícia”. MOVIMENTO. Registro. São Paulo, 23-29 abr. 1979, p. 14.

<sup>110</sup> GASPARIAN, Marcus. Uma frente contra a ditadura.

<sup>111</sup> JORNAL DO BRASIL. Entre livros, vinhos e salgadinhos, um encontro com Arraes no Baixo Leblon. Rio de Janeiro, 19 out. 1979. Caderno B, p. 4. Além da cobertura no estilo “celebridades”, as reportagens tem em comum a fixação nos “tira-gostos” ou “salgadinhos”... As citações seguintes são do mesmo texto.

(de Callado, reeditado pela Paz e Terra) e *Conversações com Arraes* (organizado por Tavares e Fernando Mendonça, publicado pela editora Vega). Também Márcio Moreira Alves, que havia retornado de seu exílio de dez anos no mesmo dia em que Arraes, autografava *Trabalhadores da Revolução Cubana* (outra publicação da Vega). Mas era em volta da mesa de Arraes que tudo acontecia.

Atrizes declaravam fidelidade eterna ao “Governador”. Beth Mendes foi uma que bradava aos quatro ventos “sentir uma coisa” sempre que via Arraes. Uma mãe aproveitou para apresentar o filho adolescente, “nascido depois de 64 e o melhor aluno em Organização Social e Problemas Brasileiros”. Outros faziam questão de posar ao lado do político, para alegria do batalhão de fotógrafos profissionais que cobravam de Cr\$ 200 a Cr\$ 300 por pose. Um jovem se aproximou da mesa – com 15 livros debaixo do braço – e pediu a Miguel Arraes que fizesse uma dedicatória em cada um: “para minha mãe, para minha tia, para meu irmão”... e daí por diante. A todos Miguel Arraes dirigia um sorriso complacente. Num determinado momento, tentou-se organizar uma fila, pois os leitores, impacientes, cercavam a mesa por todos os lados. A iniciativa foi interpretada, por uma advogada presente, como a burocratização da espontaneidade da massa. “Massa?” – questionou alguém. “É. Para a esquerda, mais de seis pessoas já é massa”.

O sucesso era tamanho que os exemplares da livraria esgotaram.<sup>112</sup> Enquanto Gasparian providenciava uma nova remessa, “bancários aproveitavam para passar um abaixo-assinado”, “jovens tentavam vender *A Hora do Povo*” e outros “faziam propaganda do livro de Fernando Gabeira, *O que é isso, companheiro?*”. Arraes não esperou a chegada dos livros, apesar da insistência de Gasparian. “Às 11 horas da noite, acompanhado de três amigos, embarcou num Volkswagen vermelho – com o decalque da ‘Anistia, Ampla, Geral e Irrestrita’ – e partiu sob protestos”.

É com essa imagem – o decalque da “Anistia, Ampla, Geral e Irrestrita” – que encerramos o percurso traçado até aqui: o de Fernando

<sup>112</sup> Segundo a reportagem foram cerca de 300 autógrafos e 650 exemplares vendidos de *Tempo de Arraes* e 480 de *Conversações com Arraes*.

Gasparian enquanto principal editor da oposição à ditadura durante a década de 1970.<sup>113</sup> Tal reconhecimento não teria ocasião e lugar mais oportunos, pois, que a dupla inauguração, no ano da Anistia, de uma livraria ligada ao seu nome.

---

<sup>113</sup> Assim como fora Ênio Silveira nos anos 1960, com sua editora e sua revista *Civilização Brasileira*. Não podemos esquecer que Gasparian, além de *Opinião*, fez também da Paz e Terra – adquirida, justamente, de Ênio – um espaço da oposição. Os editores são ideologicamente distintos, é certo, mas exercem esse protagonismo em contextos também diferentes.

## A EDUCAÇÃO DAS ELITES

### PARA ALÉM DA FRENTE AMPLA

Após o primeiro encontro com Fernando Gasparian para discutir o que viria a ser o *Opinião*, Raimundo Pereira escreve aos amigos:

Esteve aqui a burguesia nacional em pessoa e me propôs fazer um semanário em bases inglesas – um dono que paga e acha dinheiro e um editor que edita – no Brasil. Todas as ideias foram discutidas rapidamente com ele. Pergunta: como ficariam suas indústrias? Resposta: venderia todas, dedicaria todo seu talento administrativo a criar um órgão como esse no Brasil. Pergunta: e os grupos nacionais, os compromissos com as linhas nacionalistas? Resposta: nenhum; eu (Raimundo) faria um jornal independente etc. etc. Resta agora só a questão essencial: É uma pessoa honesta, decente, com a qual se possa embarcar numa canoa dessas por um mar de trevas e tempestades? Enfim, eu queria que vocês dessem suas impressões pessoais. A uma certa altura a gente se alia ao próprio demônio para trabalhar com um mínimo de decência, mas é preciso saber exatamente que diabo é ele [...].<sup>1</sup>

Segundo Bernardo Kucinski – que, lembremos, indicou Raimundo a Gasparian:

Para saber exatamente quem era o patrão Fernando Gasparian, Raimundo mandou o jornalista Luís Paulo Costa [...] em expedição de reconhecimento a Pau Grande, a vila operária onde moravam os demitidos da América Fabril. Essa investigação, essencial ao encaminhamento da proposta de aliança junto à direção do PCdoB, foi favorável a Gasparian.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião*: a frente natural, p. 306.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 306. Conforme dissemos no 2º capítulo, não nos deteremos na aliança (ou não) com o PCdoB.

Ao pensar a relação entre o empresário e o semanário, Kucinski destaca que essa relação “é geralmente interpretada como apoio de uma *burguesia nacional* a uma *frente ampla* de oposições”. Mas, no que concordamos,

ainda que continuasse um nacionalista, Gasparian não poderia mais ser descrito ou singularizado como um representante de interesses de uma *burguesia nacional* que, após o golpe, deixou de existir como fração articulada da burguesia. Ao propor o projeto *Opinião*, Gasparian expressou o desejo de desempenhar um novo papel social, de não ser mais o *representante da burguesia nacional*, conforme registro [a carta citada acima] de Raimundo Pereira.<sup>3</sup>

Que esse novo “papel social” a que se refere Kucinski seja – estamos em 1972 – o de *aglutinador das forças de oposição à ditadura*, não resta dúvida, afinal, o projeto de *Opinião* é o projeto de constituição de uma frente ampla. Sobre esse novo papel social, ainda, afirmamos no primeiro capítulo que, se a ditadura era a principal responsável pela transformação do industrial em editor, a *escolha* desse lugar se devia, sobretudo, a sua *formação*, a mesma que o alçou à liderança entre os “homens de empresa” e ao posto de “representante da burguesia nacional”.

Fernando, vimos, pertence à primeira geração dos Gasparian a contar com sólida formação educacional; não vem, como lembrava *O Estado de S. Paulo*, de uma família “quatrocentona”. Retomemos uma de suas declarações, sintomática nesse sentido: “Como os empresários aqui no Brasil em geral não tinham uma vivência política, nem econômica, porque eram pessoas que tinham vindo do nada, ainda não estavam *cultivadas*, não tinham se formado em universidades, nessas reuniões acabei conseguindo alguma liderança”.<sup>4</sup> Assim, se grande parte de nossas elites já cultivadas (com “raízes profundas”, inclusive) permanecia, em suas palavras, “alienada”, uma nova parcela da elite econômica, a “elite empresarial”, estava ainda por se cultivar.

---

<sup>3</sup> Ibidem, p. 305. Grifos do original. Some-se a esse “desejo” a própria dificuldade da representação, isto é, a participação nas entidades patronais pós-golpe.

<sup>4</sup> GASPARIAN, Fernando. Depoimento. In: DINES, Alberto et al. *Histórias do Poder*, p. 159. Grifo nosso.

Acreditamos, por isso mesmo, que o trabalho editorial de Fernando Gasparian durante os anos 1970, visto em série e junto a sua trajetória e sua insistente crítica às elites brasileiras, nos permite vislumbrar um ideal subjacente ao projeto de frente ampla de oposição à ditadura: *o de educação progressista das elites*. Se *Opinião* era visto como “elitista” ou “intelectualizado” demais por muitos de sua própria redação, seu dono e diretor não tinha dúvidas quanto a isso: “A ideia de Gasparian era a de fazer um jornal que influenciasse diretamente a classe dirigente da economia brasileira, um jornal para influir nas lideranças, ‘para uma elite intelectual e financeira’, como declara Gasparian, ‘para influir no líder sindical, nos militares.’”<sup>5</sup> Mais que um veículo informativo, um veículo formativo portanto, tal como a fabiana *New Statesman*, fundada “with the aim of permeating the educated and influential classes with progressive ideas.” (grifo nosso).

Não obstante a afirmação, no número zero, de que “*Opinião* propõe-se a atingir uma ampla faixa de leitores” a despeito de seu “tom de seriedade – que poderia sugerir uma publicação dirigida apenas a intelectuais”, uma pesquisa realizada no final de 1974 e comentada no jornal em dezembro 1975 mostra que das “quase 200 mil pessoas” que o liam semanalmente (a maioria, portanto, compartilhando um mesmo exemplar), “40% pertenciam à classe A, 42% à classe B, 18% à classe C, sem nenhum leitor na classe D”.<sup>6</sup>

Muitos acreditam que a maioria dos nossos leitores seja estudantes e professores, de colégios ou universidades, mas na verdade é também numeroso o contingente de analistas de computação e programação, religiosos, sindicatos e embaixadas estrangeiras que estão entre os leitores assíduos. O jornal tem ainda como assinantes dois ex-presidentes, seis ex-governadores, 14 secretários e ex-secretários de estado, oito ministros, além de muitos deputados e senadores, o que bem demons-

<sup>5</sup> KENSKI, Vani Moreira. *O fascínio do Opinião*, p. 85. Grifos nossos.

<sup>6</sup> Cf. OPINIÃO. Os que leem e assinam *Opinião*. Rio de Janeiro, n. 163, 19 dez. 1975, p. 7. Segundo o texto, ainda: “Interessante notar, de acordo com a mesma pesquisa, que o jornal tem mais leitores na classe A que o *Jornal do Brasil* e mais leitores na classe B que *O Globo*, motivo suficiente para que fosse programado pelos mesmos anunciantes, o que não ocorre pelo fato de *Opinião* ser um jornal independente que não altera sua linha editorial para agradar anunciantes.”

tra sua repercussão na área política.<sup>7</sup>

Segundo Vani Kenski “as lideranças sindicais e alguns membros da ala mais progressista da Igreja liam o *Opinião* e reproduziam em suas publicações, em linguagem mais acessível, as notícias mais interessantes”.<sup>8</sup> Como o semanário “exigia um certo grau de formação para ser lido” havia conquistado, “principalmente, estudantes e profissionais recém-formados”: “*Opinião* foi uma espécie de universidade para esses estudantes que não tinham o que ler e nem uma orientação maior, *em termos ideológicos*, na própria universidade”, diz Fernando Henrique Cardoso em entrevista a Kenski.<sup>9</sup> Mas não só em termos “ideológicos”:

Tratava-se, inicialmente, de um jornalismo analítico e interpretativo, mais do que opinativo, refletindo a influência do modo de pensar dos intelectuais que colaboravam com o jornal e lhe davam um tom. Um jornalismo crítico, contrastando com o triunfalismo do governo Médici. [...] Pela sua alta qualidade editorial, *Opinião* comandou o respeito das elites em geral, inclusive dos conservadores, que o viram inicialmente não como manifestação de imprensa alternativa no sentido de algo precário e radical, mas, ao contrário, como uma proposta de jornalismo moderno e sério, um produto superior do jornalismo brasileiro convencional.<sup>10</sup>

Kucinski também aponta que, “em *Opinião*, o nacionalismo entrou mais em decorrência da visão maoísta [que a redação tinha] do imperialismo como fenômeno central do processo político mundial, do que das posições nacionalistas de seu proprietário”.<sup>11</sup> A marca mais visível de Gasparian está na atenção que o semanário dispensava à economia, área pela qual, sabemos, tinha especial interesse. Essa marca é visível mesmo em *Argumento*, ainda que em menor medida, e notável nos *Cadernos/Ensaios de Opinião*. Ao interesse pela área juntava-se uma constatação sua: em janeiro de 1964, no discurso aos economistas formados

<sup>7</sup> Ibidem, p. 7.

<sup>8</sup> Cf. KENSKI, Vani. O fascínio do *Opinião*, p. 85.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 87. Grifo nosso.

<sup>10</sup> KUCINSKI, Bernardo. Os jornais de resistência. In: *Jornalistas e revolucionários*, p. 83-84.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 84.

no Curso de Análise Econômica do CNE, que constituíam “a vanguarda de uma elite”, o patrono da turma dizia não existir, no país, “uma cultura econômica bem assentada”, como existia “uma cultura jurídica, literária ou médica”.<sup>12</sup>

*Opinião* cumpria, assim, um papel de veículo “formador”, como reconheceria Raimundo Pereira:

ele [Gasparian] queria um jornal de intelectuais e cientistas e nós queríamos um jornal de jornalistas. Tivemos a competência de fazer o jornal, de dar conta da tarefa, mas o importante mesmo eram os intelectuais, os grandes nomes que foram trazidos por Fernando Gasparian. Nós, os jornalistas, só ficamos importantes quando a censura começou a cortar tudo, após o número 23.<sup>13</sup>

Ao comentar o fim do semanário na citada reportagem de *Veja* sobre o número 230, seu proprietário afirmava: “caso a censura acabe, pretendo fazer um jornal sem redação fixa, à base de colaborações do Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Paul Singer e outros – eles são a alma do jornal, e continuam comigo”.<sup>14</sup> Ao citar Cardoso e Singer ao lado de Furtado, entretanto, Gasparian destaca algo mais: a presença de duas temporalidades divididas pelo golpe de 1964. Nomes conhecidos e censurados, como Furtado e Antonio Callado, voltariam a ter contato com o público por meio do *Opinião* e de *Argumento* e *CADERNOS/Ensaio de Opinião*, bem como entrariam para o catálogo da Paz e Terra, enquanto outros, já reconhecidos nos meios universitários mas desconhecidos fora deles, como Cardoso e Singer, conheceriam a “fama” da mesma maneira. Essa dupla temporalidade se estende aos jornalistas e críticos que voltaram ou cresceram nas páginas do semanário e das revistas.

É a presença em peso da *intelectualidade acadêmica*, contudo, isto é, da *universidade*, o que marca o empreendimento editorial de Fernando Gasparian, do *Opinião* à Paz e Terra (contrapondo-se, diríamos, ao “peso” dos nomes dos colaboradores da velha guarda). Vimos que o autoexílio inglês é determinante para o tipo de publicação almejado pelo diretor de *Opinião*, não apenas por proporcioná-lo a leitura da imprensa local, mas, igualmente, por achar-se ele próprio, Gasparian, inserido no

<sup>12</sup> GASPARIAN, Fernando. Apelo à objetividade, p. 227.

<sup>13</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião*: a frente natural, p. 310.

<sup>14</sup> VEJA. Com opinião, p. 35.

ambiente universitário durante esse período.<sup>15</sup> No retorno ao Brasil o ex-líder industrial encontraria o momento propício (nesse aspecto, claro) para levar sua ideia adiante: consolidava-se, então, no país, a atividade de pesquisa – e sua consequente especialização – no interior da universidade.

### O INTELLECTUAL, CIENTISTA SOCIAL

Em 1968 a ditadura promove a grande reforma do ensino superior brasileiro. Entre as principais mudanças introduzidas estavam a criação da carreira acadêmica/universitária (em substituição à cátedra vitalícia) e a implementação de um sistema de pós-graduação no país. Menos de dez anos depois, em setembro de 1977, Almino Afonso, que retornara do exílio um ano antes, em entrevista ao jornal *Versus*, discorre sobre a participação dos intelectuais no debate político do período. Ao refletir sobre a contribuição do intelectual, o ex-ministro de Jango destaca o surgimento, a partir de meados da década de 1970, de um “novo estilo de comportamento acadêmico”, propiciado pela carreira universitária e a crescente realização de pesquisas em nível de pós-graduação. Esse novo estilo, diz Almino, contrasta com o período anterior ao golpe, “quando predominavam, entre nós, trabalhos de caráter ensaísta”.<sup>16</sup> E, pelas particularidades do campo, isto é, tendo em vista seus objetos de estudo,

---

<sup>15</sup> Inserção que é lembrada na orelha de *Capital estrangeiro e desenvolvimento da América Latina*: “Fernando Gasparian não deixa pedra sobre pedra em sua tarefa de scholar engajado, de industrial progressista, de patriota brasileiro”, o que (“scholar engajado”), aos ouvidos de um cientista social, como apontava Joelmir Beting, poderia “soar como palavrão”. Cf. BETING, Joelmir. [Notas econômicas]. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 jun. 1973, p. 23.

<sup>16</sup> AFONSO, Almino. O intelectual e a política. *Versus*, São Paulo, n. 14, p. 15, set. 1977. Entrevista a Francisco Weffort. Weffort, lembremos, era sociólogo. Sobre os trabalhos de “caráter ensaísta”, segue Almino: “muitos deles [eram] realmente criadores e brilhantes. Mas, onde ficava o diagnóstico de nossa realidade social? Onde pesquisas sobre a estrutura da classe operária no Brasil? [...] Um sem número, enfim, de problemas que devem ser objetos de estudos científicos, constituindo uma contribuição especificamente intelectual, porém já norteadas por uma preocupação política. Uma atividade assim permitiria colher dois resultados, cada qual o mais importante: apoio a uma programação política realmente fundada na realidade; base para um conhecimento científico da sociedade brasileira, mais profundo e mais abrangente”. Não podemos esquecer que, durante o período chileno de seu exílio, Almino Afonso lecionou na Universidade Católica (1972-1973) e foi diretor da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) (1973-1974).

não é surpresa que, na “crista da onda” – tanto na universidade quanto *no debate político* – estivessem os cientistas sociais.

Nos dois últimos anos, em especial, cresce uma outra forma de manifestação intelectual. Parece claro que, na crista da onda, estão os cientistas sociais. Através de conferências, seminários, de publicação de ensaios ou de resultados de pesquisa, o cientista social passou a analisar, criticamente, o processo social e político. Em outras oportunidades, numa sociedade aberta onde a ação política fosse assegurada a todos, essa crítica talvez não ultrapassasse o âmbito da ciência, ou talvez, quando muito, influísse indiretamente no processo político. Hoje, porém, ela ganha uma ressonância política autônoma.<sup>17</sup>

De fato, é significativo o desenvolvimento das Ciências Sociais na década de 1970, o que pode ser medido, segundo Maria Hermínia Tavares de Almeida, “tanto pela vigorosa construção institucional, cristalizada no surgimento e/ou consolidação dos programas de pós-graduação e dos centros privados de pesquisa, quanto pelo volume e qualidade da produção acadêmica”.<sup>18</sup> Sobre o processo de consolidação do campo disciplinar das Ciências Sociais no Brasil, ainda, vale destacar, conforme Sergio Miceli, que,

enquanto em São Paulo [na Escola de Sociologia e Política e na Universidade de São Paulo] os cientistas sociais se tornam cada vez mais profissionais acadêmicos, metidos de roupa e tudo na construção da corporação em cujo êxito eles eram os maiores interessados e os primeiros beneficiários, os praticantes das Ciências Sociais cariocas são, em sua maioria, e com as exceções conhecidas, membros por inteiro das elites políticas e culturais.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>18</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. *Tomando partido, formando opinião*. Cientistas sociais, imprensa e política. São Paulo: Sumaré, 1992, p. 28. A autora, lembremos, foi a secretária de redação de *Argumento*.

<sup>19</sup> MICELI, Sergio. Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol. 1. São Paulo: Vértice/IDESP, 1989, p. 87.

Não é por acaso, pois, que, dentre os intelectuais, estivessem na “crista da onda” os cientistas sociais agrupados no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). Fundado em 1969, com aporte financeiro da Fundação Ford, o CEBRAP reuniu professores e pesquisadores ligados, em sua maioria, à USP, alguns deles afastados compulsoriamente da universidade após o AI-5.<sup>20</sup>

Ao longo de toda a década, mas particularmente na sua primeira metade, o CEBRAP foi um polo dinamizador e ponto de referência para a vida acadêmica brasileira no domínio das Ciências Sociais. Esse papel deveu-se à sua produção interna, mas também à sua capacidade de acolher e organizar o debate de ideias fermentadas em outros centros nacionais.<sup>21</sup>

Analisando a participação do grupo no *Opinião*, Almeida destaca que ele foi responsável por 55 dos 121 artigos de cientistas sociais publicados no semanário.<sup>22</sup> A esse grupo, ainda, “foram se somando cientistas sociais já conhecidos ou em começo de carreira nas universidades paulistas – especialmente USP e Unicamp –, pertencentes ao círculo de influência” do centro.<sup>23</sup> “Pelo menos para o grupo do CEBRAP – segue a autora – a colaboração no semanário foi uma via de ingresso na política, não só devido ao prestígio público que ganharam, como pela ponte que por aí estabeleceram com o MDB”.<sup>24</sup> A presença do CEBRAP em *Argumento*, que teve apenas quatro números, se restringe a um artigo de José Arthur Giannotti e outro de Fernando Henrique Cardoso (que esta-

<sup>20</sup> Foram afastados da USP Fernando Henrique Cardoso, José Arthur Giannotti, Elza Berquó e Paul Singer. Chico de Oliveira, que entra para o centro em 1970, havia trabalhado com Celso Furtado na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e não tinha ligação com a USP ou outra universidade.

<sup>21</sup> ALMEIDA, Maria H. T. *Tomando partido, formando opinião*, p. 28.

<sup>22</sup> É preciso destacar que a autora inclui sob essa classificação não apenas os cientistas sociais *stricto sensu*, mas, também, os economistas, historiadores, filósofos etc. Paul Singer (19 artigos), Fernando Henrique (12) e Chico Oliveira (11) são os três maiores colaboradores do grupo.

<sup>23</sup> ALMEIDA, Maria H. T. *Tomando partido, formando opinião*, p. 25.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 26. A colaboração no *Opinião* (e na *Argumento* e nos *Cadernos*, adicionamos) leva ao grupo o *prestígio público*, pois, enquanto pesquisadores, já contavam com duas revistas do próprio centro desde 1971: *Cadernos CEBRAP* e *Estudos CEBRAP*.

ria presente também no número 5, conforme a contracapa do último número). Por outro lado, dos cerca de 67 nomes que encontramos na revista, 32 eram ligados à USP/Unicamp. Nos *Cadernos/Ensaio*s, que tem em Fernando Henrique o nome mais constante (sete artigos e um debate com Celso Furtado), dos 106 colaboradores brasileiros, 44 tinham essa ligação com as universidades paulistas.<sup>25</sup>

As contribuições dos cientistas sociais – os principais “educadores progressistas” do projeto de frente ampla (política e intelectual) de Gasparian – se dedicam, sobretudo, a duas questões principais: na economia, o modelo de desenvolvimento econômico; na política, o retorno da democracia. A concordância entre eles nem sempre é pacífica<sup>26</sup>, e o mesmo pode ser dito com relação ao proprietário das publicações. Conforme Maicon Carrijo:

Com esses contatos, alguns que vinham de longa data e muitos próximos, nem sempre existia uma afinidade completa. O caso de Fernando Henrique Cardoso, que pode ser desdobrado para outros membros do CEBRAP, é novamente exemplar. Em 1973, mesmo ano do lançamento do livro de

<sup>25</sup> Aos quais podemos somar Peter Fry, Gerard Lébrun e, pela ligação com Antonio Candido, Ángel Rama e Marta Traba, colaboradores também de *Argumento*. Os outros membros do CEBRAP que escrevem nos *Cadernos* são Giannotti (3 artigos), Chico de Oliveira (2) e Ruth Cardoso (2). Cf. Base de dados Periodismo Literário e Cultural, NELIC, UFSC. Para a lista completa de colaboradores de *Argumento*, ver COTA, Débora. *Contra fato, há Argumento*. Leitura de uma revista cultural de resistência. Dissertação (Mestrado em Literatura). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001; para a lista dos colaboradores da seção Tendências e Cultura de *Opinião*, ver MARQUARDT, Eduard. *Cultura em Opinião*. As páginas de “Tendências e Cultura” (1972-1977). Dissertação (Mestrado em Literatura). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. Com relação ao semanário, o levantamento de Almeida não inclui os nomes das demais áreas (literatura, cinema, etc) ligados à USP/Unicamp.

<sup>26</sup> Para uma leitura desses textos, ver BELLUCO, Hugo A. de Lemos. *Ciências Sociais e pensamento político*. O grupo da USP e a frente democrática a partir dos seminários *Opinião* e *Movimento* (1972-1981). Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015. Belluco aponta três grandes linhas de pensamento e atuação: a autonomista (Francisco Weffort e José Álvaro Moisés), a marxista (Chico de Oliveira e Florestan Fernandes) e a liberal (Fernando Henrique e José Arthur Giannotti). Weffort deixaria o CEBRAP para, junto com Moisés, fundar em 1976 o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC).

Gasparian editado pela Civilização Brasileira, o sociólogo publicou no jornal *Opinião* um importante artigo intitulado “Os mitos da oposição”, dividido em duas partes. Nele, curiosamente, sintetizou sua crítica aos princípios do nacional desenvolvimentismo – as falsas crenças da esquerda, de acordo com sua análise –, colocando-se do lado oposto do que foi apresentado em algumas passagens pelo amigo dono do jornal no livro que acabara de ser lançado.<sup>27</sup>

Talvez por isso Fernando Gasparian (man)tenha Celso Furtado entre seus principais colaboradores. O economista está presente no conselho de redação de *Argumento* e no conselho de colaboradores de *Opinião*, e contribui em todas as publicações. São cinco artigos em *Opinião*, dois em *Argumento* e outros quatro nos *Cadernos/Ensaios* (além do debate com Fernando Henrique no lançamento da revista).

Mas se os critérios da pesquisa científica passam a pautar os estudos sociais e as humanidades<sup>28</sup>, também é verdade que, nesse mesmo período, há uma crescente politização das reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que passam a contar, a partir justamente do início dos anos 1970, com a presença também das “ciências” sociais e humanas, incluindo aí os estudos literários. Como destaca Almeida, “de evento de importância científica transformaram-se em foro nacional de debate dos grandes temas da política nacional, logrando uma projeção para além dos circuitos estritamente científicos e acadêmicos”.<sup>29</sup> Além de *Opinião*, os *Cadernos/Ensaios* dão ampla repercussão aos congressos da SBPC, reproduzindo uma série de comunicações apresentadas no evento, inclusive algumas sobre literatura.

---

<sup>27</sup> CARRIJO, Maicon. *Cientistas sociais e historiadores...*, p. 107. A respeito das colaborações de Fernando Henrique, Tonico Ferreira lembra: “nós, jornalistas, aconselhávamos os intelectuais a escreverem de forma mais acessível. O Fernando Henrique, algumas vezes, tomou esse conselho muito ao pé da letra e tentava ser popular usando expressões como ‘é aí que a porca torce o rabo’. Os primeiros textos dele acabaram sendo aprimorados na redação e acho que isso ajudou ele a escrever melhor”. FOLHA DE S. Paulo. Semanário lançado FHC. São Paulo, 30 mar. 1997. Brasil, p. 16.

<sup>28</sup> Sem deixar de fora a literatura: vide a polêmica em torno da teoria literária na segunda metade da década, ou, melhor, a polêmica em torno do estruturalismo enquanto teoria aplicada ao estudo da literatura.

<sup>29</sup> ALMEIDA, Maria H. T. *Tomando partido, formando opinião*,

Ao final da década, os intelectuais acadêmicos e as discussões no campo da ciência brasileira de modo geral contam já com seu espaço público garantido: “a partir da experiência de *Opinião* a participação de intelectuais acadêmicos na imprensa tornou-se comum e reproduziu-se em veículos de circulação mais ampla, tão logo a censura prévia foi levantada”.<sup>30</sup>

### **OPINIÃO: ABERTURA E LIMITE**

Quando do projeto da publicação, Raimundo já deixara claro nas discussões internas que uma de suas ideias básicas acerca de *Opinião* era a de que o jornal deveria ser

um jornal escrito – na maior parte possível – por jornalistas profissionais que tenham uma visão crítica das coisas de seu tempo. Se não tivéssemos terríveis limitações de dinheiro [...] minha proposta seria trabalhar exclusivamente com jornalistas profissionais. Isso nos permitiria ter um texto claro e atraente para sermos acessíveis a mais gente e não ficarmos nas eternas igrejinhas de leitores da revista *Civilização Brasileira*, de *Senhor* e outras publicações do gênero. O *Guardian Weekly*, de certa forma, é o modelo de semanário que tenho em mente, quando falo em textos de jornalistas profissionais que são acessíveis a muitos e apresentam ao mesmo tempo uma visão crítica.<sup>31</sup>

Segundo Elifas Andreato, Raimundo “não conseguia entender o papel dos artistas e intelectuais”.<sup>32</sup> A censura, porém, faria com que muitos dos colaboradores “de peso” citados no número zero de *Opinião* pouco colaborassem. Próximo ao fim do jornal, outros, ainda, seriam mesmo criticados em suas páginas. Embora não intervisse, Gasparian “ressentia-se sempre que o jornal criticava seus amigos, artistas ou intelectuais”.<sup>33</sup> Paulo Francis, um dos nomes de peso, deixaria o jornal por discordar da edição feita em seus textos.<sup>34</sup>

---

<sup>30</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>31</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*, p. 311.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 310.

<sup>33</sup> Ibidem, p. 309.

<sup>34</sup> KENSKI, Vani. *O fascínio do Opinião*, p. 53.

A relação entre a equipe do jornal e seu dono seria também conflituosa. Uma das divergências, ainda quando do projeto de *Opinião*, dizia respeito ao tamanho da equipe. Para Gasparian, por conta das despesas, ela deveria ser reduzida. Raimundo, por sua vez, queria uma grande redação, o que conseguiu, em parte, “diminuindo o salário dos participantes e montando, ao mesmo tempo, uma rede de colaboradores”.<sup>35</sup> Essa divergência diz respeito ao que seria, afinal, *Opinião*. Como vimos, Gasparian queria um semanário escrito por colaboradores de destaque, intelectuais, enquanto Raimundo e seu grupo queriam um semanário de informações, isto é, jornalístico. Com o agravamento da censura esse conflito só aumentaria. Tendo que trabalhar dobrado, como vimos, para produzir matérias suficientes para uma edição, mas recebendo salários “que outros jornalistas não aceitariam”, a redação passaria a se considerar a “verdadeira dona” do jornal.

As diferenças entre Gasparian e a redação, na verdade, se acumulavam. Ainda em julho de 1973, por exemplo, Gasparian ficara muito irritado com um artigo – por conta da linguagem irônica utilizada – sobre Magalhães Pinto, já que o Banco Nacional, do então senador, era o único que ainda lhe abria as portas.<sup>36</sup> Nesses conflitos, cabia aos intelectuais o papel de mediadores, com destaque para Fernando Henrique Cardoso.

As eleições de 1974 acentuam ainda mais as diferenças ideológicas no interior do jornal. A cobertura de *Opinião* apontava para uma derrota do MDB e enfatizava as divisões internas do partido, elogiando o grupo dos autênticos ao mesmo tempo em que criticava os emedebistas moderados, muitos deles amigos de Gasparian. Tal posicionamento seria corrigido pouco antes de 15 de novembro, quando, afinal, o MDB obtém significativa vitória. Logo depois, porém, *Opinião* faz uma dura crítica ao deputado federal eleito pelo MDB de Minas Gerais, Marcos Tito. Dizendo-se membro da ala “autêntica” do partido durante a campanha, Tito negara essa filiação em sua primeira entrevista coletiva. A redação não sabia, mas o deputado havia sido um dos eleitos com o apoio de Gasparian.<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> *Ibidem*, p. 49-50.

<sup>36</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*, p. 327-328.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 332; KENSKI, Vani. *O fascínio do Opinião*, p. 55. Gasparian chegou a pedir a demissão do autor da matéria, Luiz Bernardes. Houve, no entanto, conciliação, e duas semanas depois, em resposta a uma carta à redação de Edgar Godoy da Mata Machado (ex-deputado federal do MDB mineiro casado pelo AI-5), a redação assumia, entre outros pontos, que “*Opinião* errou

A abertura do governo Geisel começa a fraturar o projeto de frente representado por *Opinião*. Segundo Marcos Gomes, o ponto crítico da relação surge quando Gasparian, diante do panorama de abertura, propõe a publicação de anúncios gratuitos da Petrobrás no jornal, o que não é aceito pela redação.<sup>38</sup> Ao mesmo tempo, Raimundo e equipe já se dedicam ao projeto de um novo jornal, nos moldes do que desejavam antes de *Opinião*.

As diferenças levam, por fim, à ruptura e, no número 122, de 7 março de 1975, uma nota informa que “a direção de *Opinião* decidiu substituir o editor do jornal, o sr. Raimundo Rodrigues Pereira, e foi surpreendida com a demissão coletiva da redação”.<sup>39</sup> Segundo Gasparian, a crise definitiva se deu quando um artigo de Franklin de Oliveira, feito a seu pedido, foi publicado pelo editor como carta à redação. A demissão era uma questão de caráter pessoal. Para Raimundo, por sua vez, o principal motivo era de caráter ideológico, tendo em vista as diferenças de posição acerca do processo de abertura do regime. Sem acordo para a permanência do editor, cerca de 40 jornalistas decidem sair também, em solidariedade a Raimundo.<sup>40</sup>

Na saída, intermediada por uma comissão de intelectuais, ficou estabelecido que a equipe não atacaria Gasparian nem iria à Justiça do Trabalho, e que Gasparian daria à equipe acesso aos arquivos de *Opinião* e compraria duas cotas do novo jornal, como sinal de apoio.<sup>41</sup> Mas a demissão em massa favorece o surgimento de boatos, tais como o de que o jornal teria “se descaracterizado como jornal de oposição, que havia feito acordos, [...] um realinhamento mais para o centro”, perdendo, assim, sua característica de frente, estando inteiramente dominado pelo

---

na matéria sobre o deputado Marcos Tito”. Sobre o episódio, ver também a entrevista de Luiz Bernardes no DVD anexo a AZEVEDO, Carlos. *Movimento*.

<sup>38</sup> Cf. GOMES, Marcos. Entrevista. In: AZEVEDO, Carlos. *Movimento*. Gasparian, conforme Kucinski, nega essa versão (nota 2, p. 118).

<sup>39</sup> *Opinião*. Substituição. Rio de Janeiro, n. 122, 7 mar. 1975, p. 2.

<sup>40</sup> KENSKI, Vani. *O fascínio do Opinião*, p. 56. Os primeiros sinais da “distensão” na frente ampla representada por *Opinião* são destacados por Raimundo no número zero de *Movimento*: “Outro fator que inquietava a redação era o fato de a substituição do editor se dar num momento da conjuntura política nacional particularmente delicado, com os realinhamentos de várias correntes políticas, em que as forças democráticas se viam ameaçadas e seduzidas”. PEREIRA, Raimundo. Nasce um jornal. *Movimento*, São Paulo, n. 0, s/d, p. 4.

<sup>41</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião*: a frente natural, p. 333.

Partidão.<sup>42</sup> Por isso, em seu editorial de despedida no número 230, *Opinião* afirmaria repudiar “os radicalismos, de direita ou de esquerda”: “aos primeiros pagamos o nosso tributo no atentando a bomba [...], ao segundo pagamos o preço da incompreensão e até da calúnia contra nossas intenções”.<sup>43</sup>

Parte do grupo da editoria de cultura, no entanto, não segue para o novo jornal. Ao não dar importância às questões da área, Raimundo “já havia gerado uma oposição interna de caráter não partidário, e sim centrada na crítica aos seus métodos, liderada pelo editor de Tendências & Cultura, Júlio César Montenegro”.<sup>44</sup> Além disso, se nas questões políticas e econômicas a união em torno de *Opinião* como um jornal de frente conseguia deixar as divergências quase sempre em segundo plano, o mesmo não se dava com as questões culturais. O grande número de colaborações para a editoria acabava por gerar uma disputa pelo espaço e, neste momento, a característica de frente desaparecia. De um lado, havia o grupo liderado por Montenegro, crítico da ortodoxia de esquerda na área e mais afeito aos temas da contracultura, reelaborados pelo pensamento francês contemporâneo; do outro, representantes dessa mesma ortodoxia, mais afeitos à ideia de uma cultura “nacional-popular”, como Fernando Peixoto, que não por acaso seria o primeiro editor de cultura de *Movimento*. As divergências na editoria, por sua vez, acabavam por refletir-se nas discussões sobre o comando da redação, com o grupo de Montenegro exigindo a autonomia das editorias, o que o restante da equipe não aceitava.<sup>45</sup>

Argemiro Ferreira, com passagem por diversos jornais do Rio de Janeiro, assume como editor. Segundo Paulo Markun, além do conselho de colaboradores – que não se reunia, servindo mais como uma lista de notáveis em apoio ao jornal –, foi criado, também, uma espécie de conselho editorial informal, composto por Gasparian e membros do CE-BRAP, que se reunia regularmente uma vez por semana ou a cada quinze dias em São Paulo para discutir as tendências e linhas a serem adota-

---

<sup>42</sup> KENSKI, Vani. *O fascínio do Opinião*, p. 57.

<sup>43</sup> *Opinião*. Fim de uma etapa, p. 6.

<sup>44</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*, p. 332. Montenegro e Raimundo eram amigos desde o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), de onde Raimundo fora expulso em 1964.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 324; KENSKI, Vani. *O fascínio do Opinião*, p. 73; MORICONI, Ítalo. *Ana Cristina Cesar*. O sangue de uma poeta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, p. 37. Sobre a editoria de cultura de *Opinião*, ver MARQUARDT, Eduard. *Cultura em Opinião*.

das.<sup>46</sup> As relações profissionais no jornal também são alteradas. O número de jornalistas e colaboradores é diminuído e Gasparian passa a pagar salários comparáveis aos da praça, embora sem carteira assinada. Alguns dos jornalistas da antiga equipe retornam.<sup>47</sup> Em julho seria lançado *Movimento*, o novo jornal de Raimundo e a ex-equipe de *Opinião*.

Assim seguiria o jornal por pouco mais de um ano, até junho de 1976, convivendo com uma censura que vai, aos poucos, diminuindo sua força e também sua venda. Os salários já defasados e o desânimo com a censura ocasionam a saída de Argemiro e de alguns jornalistas, como Sérgio Augusto, editor da seção de cultura. A imprensa tradicional oferece melhores condições e *Opinião* vai sendo esvaziado. Os que permanecem, nessas condições, sentem-se no direito de ditar a linha editorial.<sup>48</sup> Por um breve período, entre as edições 187 (a última com Argemiro) e 200, *Opinião* chega a ampliar o número de páginas, das habituais 24 para até 32. Sem editor, a função é dividida entre os secretários Oséas de Carvalho e Genilson Cezar (substituídos, posteriormente, por Carlos Clémen e Marcus Penchel), o que acaba por oportunizar a autonomia dos editores-assistentes.

Contando com essa autonomia, além de sua amizade com Genilson, Júlio César Montenegro retorna ao jornal para assumir a seção de cultura, depois do breve período no *Jornal de Debates*. No *JD*, a atuação de Montenegro fugira mesmo ao controle do editor, Cícero Sandroni, como atesta João Antônio em carta datada de 8 de março de 1976 a Caio Porfírio Carneiro. Nesse mesmo dia, o *JD* publicara uma carta intitulada “Chega de demagogia”, na qual um leitor “inteligente, escrevendo bem, vivo”, “manda pau” em seu trabalho, chamando-o, entre outras coisas, de maniqueísta, machista e servil reproduzidor de gírias. João Antônio pergunta a Caio se ele não gostaria de responder ao leitor, mandando uma apreciação dos seus livros ao jornal, “a cargo do editor, Cícero Sandroni”. O amigo envia a apreciação ao jornal, mas ela não é publicada. Em nova carta a Caio, datada de 18 de março, diz João Antônio:

[...] fiquei pensando na carta que você mandou ao *Jornal de Debates*. A situação lá é um bocado complicada e a grande verdade é que certas coisas escapam ao controle de Cícero Sandroni, afinal meu amigo há mais de dez anos. Assim, peço-lhe que você remeta cópia da carta que fez diretam-

<sup>46</sup> Cf. KENSKI, Vani. *O fascínio do Opinião*, p. 57.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 57-58.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 59.

te ao endereço pessoal dele. No momento, parece-me ser o único meio garantido de chegar à publicação no *JD*. [...] Recebo agora sua carta, quando o lado de lá desta já estava pronto. Muito obrigado pela cópia. Estou tomando a liberdade de enviá-la (é uma cópia assinada) diretamente ao endereço pessoal de Cícero Sandroni.<sup>49</sup>

Não por acaso, o último conflito interno de *Opinião* teria a editoria de cultura como epicentro. Ainda no início de 1976, uma crítica contundente à *Gota d'água*, peça de Chico Buarque e Paulo Pontes, “teve péssima repercussão na redação” e acabou não sendo publicada. Outras críticas, no entanto, seriam, como aquelas de José Arrabal às peças *A longa noite de cristal*, de Oduvaldo Vianna Filho, e *Ponto de Partida*, de Gianfrancesco Guarnieri.<sup>50</sup> Mas a gota d'água (!), de fato, seria o tratamento dado ao filme *Xica da Silva*, de Cacá Diegues. Conforme Margarida Adamatti, “o proprietário do jornal ficou irritadíssimo com a palavra ‘abacaxica’. Era o pior que se poderia dizer de um filme. Gasparian não queria divulgar os textos para não ofender Carlos Diegues”. Montenegro manteve os textos mas Gasparian, por sua vez, solicitou a Antonio Callado e a Roberto DaMatta artigos em defesa do filme.<sup>51</sup> O

---

<sup>49</sup> ANTÔNIO, João. *Carta aos amigos Caio Porfirio Carneiro e Fábio Lucas*. São Paulo: Ateliê/Oficina do Livro, 2004, p. 68-70.

<sup>50</sup> ADAMATTI, Margarida. *A crítica cinematográfica no jornal alternativo Opinião*, p. 360-361. Segundo Adamatti, não há consenso – nas entrevistas por ela realizadas – sobre quem foi o autor da crítica não publicada. Também como lembra a autora, embora *Gota d'água* tenha saído ilesa da crítica em *Opinião*, poucos meses depois, em abril, no *Jornal de Debates*, o mesmo José Arrabal lhe dedicaria uma crítica negativa, gerando polêmica (*Gota d'água*: essa Noviça Rebelde. *Jornal de Debates*, Rio de Janeiro, n. 11, 12 a 18 abr. 1976, p. 9-10). Arrabal conta a Adamatti que “escreveu o texto sobre *Gota d'água* especialmente para o *Jornal de Debates*” a pedido de Montenegro, que assistira à peça e não gostara nem um pouco.

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 360. Os textos de Callado e DaMatta, assim como os de Carlos Frederico (cineasta e autor da crítica intitulada “Abacaxica”), Beatriz Nascimento (historiadora) e Carlos Hasenbalg (sociólogo) ocupam a maior parte da seção de cultura de *Opinião* n. 206 (15 out. 1976, p. 18-21), sob a chamada “Xica da Silva: Genial? Racista? Digno do Oscar? Abacaxi?” Na entrevista a Adamatti, Montenegro lembra que Cacá Diegues enviou uma carta cheia de palavrões a Gasparian e que ele, Montenegro, queria publicá-la como resposta do cineasta, mas Gasparian não deixou. Sobre esse episódio, ver também o depoimento de Glauber Rocha em HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PE-

conflito entre o dono e a equipe do jornal só cresceria nos meses seguintes. Como aponta Ítalo Moriconi,

se os conflitos [da equipe de cultura] antes eram contra o populismo de Raimundo, agora passavam a ser contra a política cultural da frente ampla e o liberal-conservadorismo de Gasparian e de seus amigos intelectuais. Eles queriam um jornalismo cultural de esclarecimento humanista, baseado na ideia de uma cultura universal. De maneira não muito diferente da cabeça de Raimundo, privilegiavam arte engajada e não se interessavam pela politização das questões subjetivas, que para muitos eram coisa de veado e sapatão. Ficava de um lado o *establishment* maior do *Opinião*, e de outro a aliança entre o pessoal de Montenegro e a nova geração universitária.<sup>52</sup>

Argemiro Ferreira não deixa de corroborar as palavras de Ítalo: para o ex-editor, a partir de sua saída o jornal torna-se “porta-voz dos homossexuais e divulgador de brigas internas da esquerda”.<sup>53</sup> Desse modo, podemos dizer que *Opinião* se descaracteriza como instrumento *da* oposição, embora continue sendo instrumento *de* oposição.

Tal crise deveu-se justamente a um choque entre as ideias do dono de *Opinião* e as ideias da redação, estas muito mais sensíveis e afinadas com o espírito crítico ora emergente. Convivência entre a oposição tradicional – que vive apoiada em alianças espúrias – e esta outra disposta a questionar toda verdade apoiada em exercício disfarçado de autoritarismo: isto foi a tentativa fracassada da união entre Fernando Gasparian e a mais recente redação de *Opinião*.<sup>54</sup>

A divulgação dessas brigas talvez seja o último dos méritos do semanário. Isso porque, somado à infame censura de que era vítima, à

REIRA, Carlos Alberto M. Pereira. *Patrulhas ideológicas*. Marca reg. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 24-34.

<sup>52</sup> MORICONI, Ítalo. *Ana Cristina Cesar*, p. 37-38.

<sup>53</sup> KENSKI, Vani. *O fascínio do Opinião*, p. 59.

<sup>54</sup> MORICONI, Ítalo. O fim temporário de *Opinião*. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 16-17 abr. 1977. Suplemento da Tribuna, p. 7.

liberdade já gozada pelos jornais tradicionais e, ainda, à proliferação – aliada a uma certa liberdade também – dos jornais alternativos, a principal razão do ocaso político de *Opinião* a partir do final de 1976 está no fato de que, como aponta Elio Gaspari, “três anos de abertura haviam mudado a cena política [,] o MDB impusera-se como partido oposicionista e começava a se apresentar como *alternativa de poder*”.<sup>55</sup>

É a *perspectiva de poder* que leva à ruptura da frente ampla de oposição, cujo espaço legal (apenas) é o MDB. Dada essa perspectiva, é preciso, pois, que cada grupo, cada tendência dentro do partido procure seu espaço *exclusivo* para falar. *Opinião* nunca fora um jornal de “esquerda”, e esse espaço era ocupado agora por *Movimento*. A porção de “centro”, por sua vez, já podia se valer da grande imprensa. É aqui que o jornal perde a razão de ser. Reforçando esse aspecto, vemos que as diferenças em *Opinião* já não se resumiam nem mesmo mais apenas às questões de cultura. Conforme Kucinski,

a redação já se cansara da resistência pela resistência e precisava levantar novas bandeiras, uma delas a da crítica à complacência na área da cultura e em *relação aos amigos de Gasparian*. E produzia artigos ostensivamente críticos aos intelectuais do CEBRAP, ao MDB ou a personalidades [a ele] ligadas.<sup>56</sup>

Para Gasparian, o jornal deveria priorizar a crítica ao regime. Ao direcionar críticas à oposição, *Opinião* estaria fazendo o jogo da censura, que, obviamente, não se importava em liberar os ataques. Essa é sua alegação para intervir na edição: “Aí eu interferi muito no jornal, para segurar, [...] porque era uma tremenda besteira”.<sup>57</sup> Na redação, as pressões eram atribuídas – não por acaso, como vimos – ao CEBRAP.

A censura de Gasparian levaria à crise final. Genilson Cezar e Júlio César Montenegro são demitidos e, duas semanas depois, com o encerramento do jornal, é dispensado todo o pessoal. Ana Cristina Cesar, que publicara um artigo com Ítalo Moriconi no número 229, conta:

<sup>55</sup> GASPARI, Elio. Alice e o camaleão. In: \_\_\_\_; HOLLANDA, Heloisa B. de; VENTURA, Zuenir. *Cultura em trânsito*. Da repressão à abertura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 17. Grifo nosso. A “liberdade” dos grandes jornais e mesmo dos alternativos, claro, é bastante relativa.

<sup>56</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*, p. 336. Grifo nosso.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 336; KENSKI, Vani. *O fascínio do Opinião*, p. 74.

O *Opinião* fechou. O Gasparian demitiu todo mundo no culminar de uma crise. A princípio ele dava liberdade aos editores mas ninguém tinha carteira assinada. No momento que ele começou a pressionar as editorias e exercer censura interna (especialmente contra ataques a figuras “de esquerda” – Callado, Houaiss, Werneck etc.) (e assuntos considerados “irrelevantes” como: sexo), o pessoal chiou e chegou-se a um impasse com todo mundo exigindo carteira assinada e direitos trabalhistas (“Já que você quer se impor como PATRÃO, trate-nos então como um patrão”). Conclusão: demissão coletiva e fechamento do jornal (sob desculpa de censura). O n. que está nas bancas (onde eu, Chico [Alvim] [...], Ítalo [Moriconi] e até LCL [Luiz Costa Lima] nos despedimos – viste?) é o penúltimo. Montenegro está articulando uma revista – vou participar das reuniões com vontade de trabalhar e largar universidade.<sup>58</sup>

Aluizio Maranhão, então editor de economia, corrobora o relato de Ana Cristina:

No último ano eu fiz parte dessa equipe até que chegou o momento em que o Gasparian queria intervir muito no jornal. [...] Quando o patrão começa a interferir na sua liberdade de escrever, não dá mais certo. Aí, ele precisa te pagar mais, assinar a sua carteira.<sup>59</sup>

A mesma reportagem de *Veja* sobre o número 230 de *Opinião* informa que os doze jornalistas da redação acusavam Gasparian, em carta enviada ao sindicato, de ter demitido quatro jornalistas em represália a reivindicações trabalhistas. Em sua resposta, Gasparian afirma ter demitido apenas Genilson e Montenegro, e o restante da equipe apenas após decidir fechar o jornal, ressaltando que os chamaria de volta caso *Opinião* sobrevivesse. Também uma nota na *Folha de S. Paulo* repercuta a

<sup>58</sup> CESAR, Ana Cristina. *Correspondência incompleta*. Org. Armando Freitas Filho e Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, p. 144-145. A revista articulada por Montenegro se chamaria, afinal, *Beijo*, e seria lançada em novembro.

<sup>59</sup> MARANHÃO, Aluizio. Depoimento. *Memória do jornalismo brasileiro*, 20 jun. 2008. Entrevista a Esther Medina, Giuliana Azevedo e Leandro Morgado.

acusação, relatando que as redações de jornais do Rio de Janeiro haviam recebido cópias da carta, enviadas pelo sindicato, que fornecia “preciosa advertência” à equipe que fosse assumir *Opinião*.<sup>60</sup>

Segundo Kucinski, Gasparian ainda tentou montar uma nova redação, convidando Ferreira Gullar, que voltava do exílio, para dirigi-la, mas não conseguiu. Teria convidado também, sem sucesso, Cícero Sandroni para fechar uma edição.<sup>61</sup> O número 231 teve, afinal, Paulo Vieira e José A. Pinheiro Machado como editores. Mas esse seria definitivamente o último número de *Opinião*. O pioneirismo do jornal, surgido ainda nos anos mais duros da ditadura, acabou por desgastá-lo antecipadamente quando do processo de abertura política. Esse desgaste, no entanto, não é vazio de sentido,

afinal, foi a existência de *Opinião* que permitiu a eclosão da evidente divergência entre as formas de pensar e atuar tradicionais, semi-bacharelescas, conchaveiras, e as formas de pensar e atuar mais recentes, curtidas no estilhaçamento mental dos apartamentos pequeno-burgueses e no ambiente terrífico da Universidade pós-68.<sup>62</sup>

A penúltima edição de *Opinião*, o número 230, além da matéria destacada – “Brossard: Os rumos do MDB” – trazia ainda duas chamadas: “Futebol: alegria do povo ou alienação?” e “Barthes: Para que serve o intelectual?”. Interessa-nos aqui a segunda interrogação expressa na capa. Trata-se de uma longa entrevista concedida por Roland Barthes a Bernard-Henri Lévy, publicada pouco antes, em 10 de janeiro, na revista *Le Nouvel Observateur*.<sup>63</sup>

Entre questões acerca de seus livros, seu trabalho como crítico e outras, Barthes fala de seu posicionamento político. Apesar de seu aspecto de “assunto cultural” a matéria não está publicada na seção Tendências & Cultura, mas no que seria a seção internacional (Mundo). Não constando qualquer informação no expediente já desde o número anterior – onde encontramos apenas o nome de Gasparian como diretor e uma

<sup>60</sup> VEJA. Com opinião, p. 35; ARNT, Ricardo. Apenas uma questão de opinião. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 mar. 1977. Ilustrada, p. 40.

<sup>61</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*, p. 337.

<sup>62</sup> MORICONI, Ítalo. O fim temporário de *Opinião*. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 16-17 abr. 1977. Suplemento da Tribuna, p. 7.

<sup>63</sup> BARTHES, Roland. Para que serve um intelectual? *Opinião*, Rio de Janeiro, n. 230, 1º abr. 1977, p. 16-18. Entrevista a Bernard-Henry Lévy.

longa lista de colaboradores –, não temos como saber quem seriam os responsáveis por sua escolha e publicação. Mas não nos surpreenderíamos se fossem os antigos “dissidentes da editoria de cultura” (na expressão de Kucinski): a fala de Barthes parece constituir o testamento do grupo deixado aos seus leitores. Conhecedores de suas posições (do grupo e de Barthes), talvez isso nos soe mesmo um tanto óbvio. Vejamos a entrevista, destacando as questões acerca do posicionamento político do entrevistado.

Diante da colocação de Lévy de que, se fosse preciso defini-lo, o rótulo de “intelectual de esquerda” lhe cairia bem, Barthes afirma que caberia à esquerda incluí-lo entre seus intelectuais, destacando, entretanto, que ele entende a esquerda não como uma ideia, mas como uma sensibilidade obstinada, uma vez que, em seu caso, “há um fundo inalterável de anarquismo”. Daí sua sensibilidade extremada em relação à ubiquidade e resistência do poder – ele está por toda parte e é eterno. São os poderes o que lhe afeta, “onde quer que eles estejam”, e talvez por isso ele se considere mais “esquerdista” do que “à esquerda”. O que “complica as coisas” é que ele, Barthes, não tem o “estilo” do esquerdismo. Perguntado se acredita que um estilo ou uma recusa de estilo sejam suficientes para fundar uma política, responde afirmativamente: “ao nível do sujeito, uma política se fundamenta existencialmente nisso”.

Por outro lado, segundo Barthes, até então “a sensibilidade de esquerda se determinava em relação a cristalizadores que não eram programas e sim grandes temas” (o anticlericalismo antes de 1914, a paz no entreguerras, a Resistência, a Guerra da Argélia). “Hoje”, diz ele, “pela primeira vez, não há mais nada disso: há Giscard [d’Estaing], que é, do mesmo modo, um cristalizador fraco, ou então um Programa Comum, o qual eu não vejo como, mesmo sendo bom, poderia mobilizar uma sensibilidade”.<sup>64</sup>

Barthes almoçara pouco antes com o presidente de centro-direita, atitude que, lembra Lévy, não foi aprovada pela esquerda, o que o entrevistado vê como uma indignação fácil: “foi chocante, incorreto. Não se deve tocar no inimigo, comer na mesma mesa com ele. Deve-se permanecer puro. Isto tudo faz parte das ‘boas maneiras’ da esquerda.” O entrevistador lhe pergunta se ele não tem vontade de retomar suas *Mitologias*, “ampliando o trabalho à esquerda, com as novas mitologias da es-

---

<sup>64</sup> Giscard d’Estaing era o presidente da França, cumprindo mandato de 1974 a 1981. O Programa Comum era o programa de reformas acordado entre o Partido Socialista, o Partido Comunista Francês e os Radicais de Esquerda em 1972.

querda”. Para Barthes, “é evidente que em 20 anos muita coisa mudou. Houve Maio de 1968, que liberou, abriu a linguagem da esquerda, com o inconveniente de lhe conferir uma certa arrogância”. Mas afirma que só o faria no dia em que a própria esquerda apoiasse a iniciativa. Acerca de uma dessas “mitologias”, Lévy lhe questiona se estaria claro para ele que Giscard seria “o inimigo”. Num sentido, tendo em vista aqueles que o presidente representa, sim, responde, mas “há uma dialética da história que faz com que um dia, talvez, ele seja menos nosso inimigo do que qualquer outro...”

Lévy aponta que, no fundo, sua política parece ser uma política “provisória, minimal, minimalista”, ao que Barthes afirma que essa noção de política mínima lhe interessa e lhe parece ser quase sempre “a menos injusta”. Esse mínimo “é o totalmente intratável, é o problema do fascismo”. Lévy lhe pergunta então se alguém deste limite, “fixado bastante no alto”, as coisas não seriam equivalentes e as escolhas políticas indiferentes. Barthes responde que tal limite “não está tão no alto assim”, uma vez que considera fascista “todo regime que não apenas impede que se digam as coisas, como também, e principalmente, *obriga* a dizê-las” (grifo do original) e, ainda, “que esta é a tentação constante do poder, seu natural”. O limite, pois, pode ser logo alcançado. “Um minimalista político ainda pode desejar, querer a revolução?”

A revolução constitui para todo mundo uma imagem agradável e é, no entanto, uma realidade certamente terrível. Observe que a revolução poderia permanecer como uma imagem, e poder-se-ia desejar esta imagem, militar por esta imagem. Mas ela não passa de [não é só] uma imagem; há encarnações da revolução. E, veja você, é isto que complica o problema... Eu chamaria as sociedades onde a revolução triunfou de sociedades “decepcionantes”. Elas serviram de palco a uma decepção maior da qual muitos de nós fomos vítimas [somos muitos a sofrer]. [...] No meu caso, seria demagógico falar de revolução; falaria antes de subversão. É uma palavra mais clara para mim do que a palavra revolução. Ela significa: vir por baixo para abalar as coisas, desviá-las, levá-las aos lugares onde [não] são esperadas.<sup>65</sup>

<sup>65</sup> Ibidem, p. 18. Aqui começamos a encontrar alguns problemas com a tradução/edição da entrevista que se tornarão graves adiante. Sobre a questão da revolução, em passagem anterior, Barthes já afirmara que a burguesia e o pro-

Questionado se, no final das contas, o liberalismo não seria também uma posição mínima bastante conveniente, Barthes afirma haver “dois liberalismos”: “Um liberalismo que é quase sempre, subterraneamente, autoritário, paternalista, do lado da boa consciência. E há também um outro liberalismo, mais ético que político, para o qual deveria ser encontrado um outro nome. Alguma coisa como uma profunda suspensão do julgamento”. “É uma ideia de intelectual?”, pergunta o entrevistador, ao que Barthes responde: “Trata-se, certamente, de uma ideia de intelectual”. Lévy lembra então que, houve um tempo, os intelectuais se consideravam o “sal da terra”.

Pessoalmente, eu diria antes que eles são o desejo da sociedade. O desejo no sentido estrito, isto é, que não serve para nada, a não ser que seja recuperado. Há regimes que se esforçam justamente para recuperar esses desejos que somos nós. Mas, em essência, um desejo não serve para nada. Em certo sentido, os intelectuais não servem para nada. [...] O desejo orgânico prova o *trajeto* da matéria que conduz a ele. O desejo humano, por exemplo, prova o trajeto nutritivo. Bem, o intelectual prova, ele mesmo, um trajeto histórico do qual ele é, de uma forma ou de outra, o desejo. Ele cristaliza, sob a forma de desejo pulsões, invejas, complicações, bloqueios, que pertencem provavelmente a toda sociedade. Os otimistas dizem que o intelectual é um “testemunha”. Eu diria antes que ele não passa de um “traço”.<sup>66</sup>

---

letariado haviam se tornado abstrações, enquanto a pequena burguesia, por outro lado, estaria por toda parte. Quanto às “sociedades decepcionantes”, é preciso lembrar de sua viagem à China em 1974. Sobre ela Barthes escrevera apenas um artigo: “Alors, la Chine?”, publicado no mesmo ano no *Le Monde*. *Seus Cadernos da viagem à China seriam publicados apenas em 2009*. Na entrevista, Lévy lhe coloca a questão: “o senhor não se refere a uma das suas mais recentes viagens”. Barthes: “Escrevi pouco, mas olhei e escutei tudo com a maior atenção e a máxima intensidade. Dito isso, para escrever é preciso outra coisa, é preciso um tempero qualquer que deve ser somado à escuta e ao olhar, e que eu não encontrei lá. [...] De fato, eu não encontrei na China nenhuma possibilidade de estímulo de ordem erótica, sensual ou amorosa. Por razões contingentes, admito. E talvez estruturais: penso particularmente no moralismo do regime”. (p. 16)

<sup>66</sup> Ibidem, p. 18.

Lévy conclui: “portanto, segundo o senhor, ele é totalmente inútil”. “Inútil mas perigoso”, diz Barthes:

todo regime forte quer controlar seus passos. Seu perigo é de ordem simbólica; é tratado como uma doença vigiada, um apêndice que incomoda, mas que é conservado para fixar, em um espaço controlado, as fantasias e exuberâncias da linguagem.

Antes de seguirmos, porém, uma nota: onde se lê “desejo”, leia-se “dejeto”. É difícil acreditarmos que a “troca” tenha sido um mero erro de tradução (não creditada), uma vez que o termo utilizado por Barthes é *déchet*.<sup>67</sup> Se numa das citações anteriores havia a falta de um “não”, facilmente perceptível no contexto, aqui, embora também seja possível recuperarmos o termo correto (“o desejo humano [...] prova o trajeto nutritivo”), a situação é no mínimo engraçada. Talvez o copidesque tenha exagerado, mas, não fosse *Opinião* censurado tenazmente e não desconfiaríamos do censor, afinal, o termo aparece nada menos que oito vezes (além da pergunta intercalada: “O que o senhor entende por ‘desejo’ [sic]”).

Claro que os contextos de França e Brasil são diferentes, mas a entrevista de Barthes, por outro lado, não deixa de apontar um certo vazio no campo político da esquerda de modo geral, ou, melhor dizendo, mais temporal que local. É preciso reter aqui o entendimento de Barthes acerca desse lugar – a esquerda – não como ideia, mas como *sensibilidade*. Daí que se considere mais “esquerdista” do que “à esquerda”. Conforme sugerimos acima, ao final, contra a vontade de Gasparian e seus amigos, *Opinião* se descaracteriza como instrumento *da* oposição para se tornar um instrumento *de* oposição, notadamente em sua editoria de cultura que, como disse Kucinski, “já estava cansada da resistência pela resistência e precisava levantar novas bandeiras”.

Se a ditadura, principalmente após 1968, era o “cristalizador”, o grande tema determinante de uma sensibilidade não só de esquerda como política de modo geral – quando ela se torna o limite mínimo, o intratável<sup>68</sup> –, agora, tal como Giscard na França de Barthes, ela é um

<sup>67</sup> *Dejeto* é a palavra utilizada por Mario Laranjeira em sua tradução. Cf. BARTHES, Roland. Para que serve um intelectual. In: *O grão da voz*. Entrevistas. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 364-393.

<sup>68</sup> Vale dizer, juntando muitos daqueles que apoiaram o golpe e que depois passaram a fazer oposição ao regime (de Eurico Amado a Antonio Callado) e também parte da esquerda que havia optado pela luta armada e cujo objetivo

“cristalizador fraco”, e um “programa comum” em torno da abertura não é capaz de mobilizar essa sensibilidade, mesmo porque a perspectiva de poder torna difícil a construção de um programa “comum”. Para os dissidentes da cultura de *Opinião*, mais esquerdistas que à esquerda, mais subversivos que revolucionários, divulgar as “brigas internas da esquerda” é denunciar os poderes que lhes afetam, “onde quer que eles estejam”.

Segundo Júlio César Montenegro, houve por parte do grupo “uma tentativa de dinamizar o jornalismo cultural através da crítica aos conchavos e a aliança de grupos, através do questionamento de posições tradicionalmente estabelecidas em alguns setores da intelectualidade”.<sup>69</sup> Com o fim de *Opinião*, essa crítica tem continuidade em *Beijo*. O “artigo” de abertura do jornal, em seu primeiro número, não por acaso, é um jogo de múltipla escolha de nomes. Intitulado “Constituinte: o jogo da múltipla escolha”, conta com uma breve introdução:

Sociólogos, democratas, empresários, portadores de doença infantil, Ulysses, autênticos, estudantes, militares, moderados... de repente o debate. Pactos, reconciliações, aberturas, reformas. Capa de revista: e os operários? Constituinte. Como? Por quê? A quem serve? Bandeiras amplas. Saídas elitistas, saídas verdadeiras, saídas populares, saídas democráticas. Declarações. Quem é quem? Sabe-se até o ponto – aqueles que frequentam as páginas da política – em que se avisa o sujeito da declaração. Mas que interesses operam ao fundo? Resta ao leitor imaginá-los de acordo com seu conhecimento, maior ou menor, desse ou daquele declarante. Evidentemente, as coisas não são tão homogêneas, ao menos no plano das intenções. Mas qual a eficácia política nesse plano? Abaixo, algumas das recentes declarações oriundas de vários segmentos da oposição e situação (oficial e oficiosa). Um teste e um estímulo ao talento dedutivo do leitor, que terá na múltipla escolha um auxílio para a tarefa que, concordamos, não é das mais fáceis.<sup>70</sup>

---

ultrapassava o retorno à democracia.

<sup>69</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*, p. 337.

<sup>70</sup> AUGUSTO, Marcus e CEZAR, Genilson. *Constituinte. O jogo da múltipla escolha. Beijo*, Rio de Janeiro, n. 1, nov. 1977, p. 3.

Seguem-se então quatorze declarações, com três ou quatro opções de resposta, em que encontramos Francisco Weffort, Magalhães Pinto, Paulo Brossard, Fernando Henrique Cardoso, “Documento do MDB”, Jarbas Passarinho, Hélio Silva, Octavio Ianni, Luís Carlos Prestes, Jarbas Vasconcelos, Fernando Gasparian, Raimundo Pereira, Prudente de Moraes Neto, Sílvio Frota, Jorge Amado, Chico Pinto, Chico de Oliveira, Glauber Rocha, Nelson Werneck Sodré e até Thomas Jefferson, entre outros. A desconfiança, vemos, é generalizada.

Não se trata, portanto, de diferenças *apenas* acerca do jornalismo cultural. É certo que, nesse ponto, os dissidentes da cultura afastam-se tanto da ortodoxia de esquerda e sua ideia de cultura nacional-popular, quanto do esclarecimento humanista e sua ideia de cultura universal que, se diferentes, acabam unidos na “política cultural da frente ampla”, privilegiando a arte engajada, como dissera Ítalo Moriconi que, não por acaso, faz parte de *Beijo*. Trata-se também do dejetivo. Não há um programa político comum – *qual a eficácia nesse plano?*, pergunta o jogo da Constituinte. Os dissidentes da cultura resolveram não esperar o apoio da esquerda para questionar seus mitos.<sup>71</sup>

Mas o discurso de *Beijo*, curtido “no estilhaçamento mental dos apartamentos pequeno-burgueses e no ambiente terrorífico da Universidade pós-68”, crítico do modo de pensar da esquerda militante, do “liberalismo de boa consciência”, da *intelligentsia* cebrapiana, de *Movimento*, da cultura nacional-popular etc, é minoritário. Entre opinar e movimentar-se na arena política, parece não haver tempo para o beijo, ou, voltando ao equívoco barthesiano da tradução, para o desejo. O sucesso do jornal – apenas seis números são publicados, o último em maio de 1978<sup>72</sup> – foi inversamente proporcional àquele da outra publicação surgida de *Opinião: Movimento* teve 334 números e circulou até novembro de 1981.

---

<sup>71</sup> “Devido talvez ao rigor da censura sobre outras áreas editoriais, a seção que mais se destacou na última fase de *Opinião* foi ‘Tendências e Cultura’, onde o tom polêmico era mais acirrado e muitas questões levantadas causaram impacto não só pela forma nova como eram expressas (num articulismo meio desenfreado, subjetivo, mas combativo e apaixonado) como também por colocarem em discussão totens e mitos da esquerda brasileira”. MORICONI, Ítalo. O fim temporário de *Opinião*, p. 7.

<sup>72</sup> Além de Montenegro (Administração) e Genilson Cezar (Diretor responsável), *Beijo* tinha ainda outros 38 “diretores”. Para uma leitura do jornal, ver CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Um *Beijo* pra vocês. Literatura e imprensa alternativa, anos 70. *Boletim de Pesquisa NELIC*, Florianópolis, v. 12, n. 18, p. 5-60, 2012.

E se o pós-68 é a diferença entre *Opinião* e *Beijo*, aqui, antes de 1968, houve 1964, e o pós-64 é a diferença entre *Opinião* e *Movimento*. Tônico Ferreira lembra:

a gente não queria um jornal [chamado] *Opinião*, porque a gente achava: ‘vai chamar *Opinião*, isso é coisa de... parece coisa do passado’. Lembrava o show *Opinião*, de 1964. A gente não queria o passado, a gente não queria ditadura, mas não queria João Goulart.<sup>73</sup>

Quando das prisões de Raimundo e Gasparian em abril de 1973, Tônico foi incumbido pela redação de ir à casa do diretor de *Opinião* para levar a decisão a que haviam chegado:

[...] falei: “Com licença, nós achamos que a dona Dalva e a Sizie [esposa de Raimundo] têm que sair daqui agora, ir lá para a polícia, bater na porta da polícia e dizer: “nossos maridos estão aí e nós queremos eles de volta”. Puta, foi um desastre. Os caras falavam assim: “isso é provocação!”, tudo era provocação, essa é que era a nossa diferença. [...] A nossa diferença era essa. Tinha o pessoal que não queria se mexer, tinha uma esquerda que não queria se mexer, que era a esquerda antiga, e tinha a esquerda que foi se enfiar nas coisas da luta armada. Nós estávamos no meio, que era a única posição razoável, era a que mais incomodava o governo.”<sup>74</sup>

Marcos Gomes, editor de economia de *Opinião* e *Movimento*, dá outro exemplo dessa diferença: “Você chegava na casa dele [Gasparian], vinha um garçom, perguntavam se você queria whisky, vodca, suco de laranja, soda limonada”. Ao que o entrevistador, Carlos Azevedo, complementa: “Aquilo era agressivo para os esquerdistas da época.”

Então, a gente não estava muito a fim, digamos assim, isso era um papel que aquela turma do Partido estava mais acostumada a fazer. Nós saía-

<sup>73</sup> FERREIRA, Tônico. Entrevista. In: AZEVEDO, Carlos. *Movimento*. “Assunto” era o nome que tinham em mente.

<sup>74</sup> Ibidem.

mos da redação, a gente queria conviver com a família, ir para a praia, a um cinema, jogar uma pelada. [...] Acho que ele [Gasparian] viu que era uma redação muito diferente para seus padrões, a gente fala esse negócio da bermuda do Raimundo [era um escândalo para ele o Raimundo ir para a redação de bermuda, toda esfiapada]. [...] Não éramos jornalistas e intelectuais de Ipanema.<sup>75</sup>

Poderíamos dizer, com Barthes, que era “chocante”, “incorreto” – “agressivo” –, o que demonstra a “cristalização” necessária da ditadura para que, de aliados, não se transformassem em adversários. Vemos também a medida que separa a política da cultura:

Mas ali nós tínhamos, se não me engano, duas frentes: tinha uma do Gasparian, que era mais questão dos amigos dele, das coisas; e tinha a outra com o pessoal da cultura, que era o Júlio César Montenegro, que eles queriam fazer do jornal uma vanguarda do movimento artístico no Brasil, que não era o nosso objetivo. A gente não ia ficar brigando por questões estéticas quando estavam em jogo questões políticas. A gente achava que não precisava.<sup>76</sup>

A posse de Geisel, no começo de 1974, iria “distender” também as relações no interior de *Opinião*: “então, a oposição começou a se dividir. Dentro do jornal, esse era o problema. Nós, de certa maneira, expressamos uma ala popular do movimento democrático que começou a se distinguir disso”, diz Raimundo.<sup>77</sup> Na discussão do projeto do novo jornal surgiu a ideia de que “ele tinha que ser em São Paulo, porque lá nós tínhamos mais apoio nas redações, [...] levantou-se, também, que o

---

<sup>75</sup> GOMES, Marcos. Entrevista. In: AZEVEDO, Carlos. *Movimento*. Militante de longa data da Ação Popular (assim como Azevedo), Marcos havia sido vice-presidente da UNE entre 1966 e 1967, preso por dois meses em 1968 e novamente entre 1969 e 1971, quando enfrentaria também as torturas. Conforme Raimundo, “o cara de quem o Gasparian gostava pessoalmente era o Marcos, que era o fino, um sujeito sempre de blazer e tal”. PEREIRA, Raimundo. Entrevista. In: AZEVEDO, Carlos. *Movimento*.

<sup>76</sup> FERREIRA, Tonico. Entrevista. In: AZEVEDO, Carlos. *Movimento*.

<sup>77</sup> PEREIRA, Raimundo. Entrevista. In: AZEVEDO, Carlos. *Movimento*.

movimento social era mais forte lá”.<sup>78</sup> Nessa discussão, ainda,

se decidiu por unanimidade que se pretendia um jornal mais popular e que, diante da impossibilidade de ser lido ou mesmo comprado amplamente, por exemplo, por trabalhadores sindicalizados, falasse de temas que pudessem interessar a esses trabalhadores e numa linguagem que pudesse ser entendida por eles [...]. Disso decorreu uma preocupação de *Movimento* em descrever as condições de vida das massas, apresentar a cena brasileira, a gente brasileira.<sup>79</sup>

Segundo Bernardo Kucinski – membro do Conselho de Redação do novo jornal –

Em *Movimento*, torna-se explícito e demarcado o programa político de frente ampla que em *Opinião* aparecia de forma difusa. [...] Na passagem entre os dois programas há uma sutil mudança de linguagem, com o aparecimento de novas adjetivações políticas, como “personalidades democráticas”, ou “combativo”. Redefine-se o objetivo editorial, para atingir os setores mais populares, em contraposição aos objetivos quase que estritamente intelectuais do *Opinião*.<sup>80</sup>

Desse modo, procurando “expressar” a ala “popular” e distanciar-

---

<sup>78</sup> GOMES, Marcos. Entrevista. In: AZEVEDO, Carlos. *Movimento*.

<sup>79</sup> PEREIRA, Raimundo. Nasce um jornal. *Movimento*, São Paulo, n. 0, s/d, 1975, p. 6.

<sup>80</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Movimento*: o jornal dos jornalistas. In: *Jornalistas e revolucionários*, p. 346. O Conselho de Redação de *Movimento* era composto por Aguinaldo Silva, Antônio Carlos [Tônico] Ferreira (diretor responsável), Bernardo Kucinski (editor especial), Elifas Andreato, Fernando Peixoto, Francisco [Chico] de Oliveira, Francisco [Chico] Pinto, Jean-Claude Bernardet, Marcos Gomes (editor especial), Maurício Azedo, Raimundo Pereira (editor) e Teodomiro Braga. Assim como *Opinião* contava com intelectuais de peso em seu Conselho de Colaboradores, *Movimento* contava com “personalidades democráticas” em seu Conselho Editorial, “nomes representativos da política e cultura brasileira”: Alencar Furtado, André Forster, Audálio Dantas, Chico Buarque, Edgar da Mata Machado, Fernando Henrique Cardoso, Hermilo Borba Filho e Orlando Villas-Boas.

se do intelectualismo de *Opinião, Movimento* “propunha-se a realização de uma estética popular, arejada, com textos curtos, leves, mais ‘nervosos’ no sentido de serem portadores de uma energia mais dinâmica e ágil do que os de seu antecessor”.<sup>81</sup> A “Cena brasileira”, misto de crônica/reportagem (à la *new journalism*), já existente no *Opinião*, ganha destaque (assim como a correlata “Gente brasileira”), uma vez que “coadunava com a decisão de priorizar a temática popular, e era mais tolerada pela censura que via nessas reportagens peças literárias sem valor político”.<sup>82</sup>

A “distensão” (e a dialética barthesiana), contudo, seguiria seu curso: no final de abril de 1977, semanas após o encerramento de *Opinião*, “*Movimento*, tal como fora fundado, dois anos antes, tinha acabado. Ele continuaria a existir, mas seria outro”.<sup>83</sup> Sem mais possibilidade de um *programa comum*, aquele “explícito e demarcado”, parte da redação – Kucinski e Aguiar à frente – deixa o jornal para fundar, em seguida, *Em Tempo*.

Mas, naquele fim de abril o jornal rachou, e ali uma era da imprensa alternativa começou a acabar. E mais: uma era do jornalismo brasileiro de esquerda começou a acabar, aquela iniciada com *Última Hora* e seus ideais nacionalistas da década de 1950 – de que Gasparian era raiz, parte e fruto –, e uma nova era de (re)partidarização do espaço jornalístico se abriu”.<sup>84</sup>

Tonico, posteriormente, revê a postura da equipe, desde a saída de *Opinião*:

Por que nós saímos da ditadura com a mesma imprensa que começamos a ditadura? A ditadura durou 20 anos. Entramos com *Folha de S. Paulo*, *Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e saímos com *O Globo*, *JB*, *Folha* e *Estado de S. Pau-*

<sup>81</sup> AGUIAR, Flávio. Imprensa alternativa: *Opinião, Movimento e Em Tempo*. In: MARTINS, Ana L.; LUCA, Tania R. (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012. Livro digital. Dividindo a função com Ricardo Maranhão, José Miguel Wisnik e, a partir de 1976, com Maria Rita Kehl, Aguiar foi um dos editores de cultura de *Movimento* de 1975 a 1977.

<sup>82</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Movimento: o jornal dos jornalistas*, p. 356.

<sup>83</sup> AGUIAR, Flávio. Imprensa alternativa.

<sup>84</sup> *Ibidem*.

lo. Não aconteceu nada, não surgiu nenhum jornal. [...] Por quê? Culpa da direita? Não, culpa da esquerda. [...] A esquerda no Brasil só sabe se dividir, não precisa de inimigos. Então, vão se dividindo, se dividindo, se dividindo...<sup>85</sup>

Raimundo responde também à questão:

Quando a censura acabou, o Gasparian poderia ter feito um semanário, não fez. Não é fácil fazer um órgão de imprensa. A classe social que o Gasparian representava, a burguesia progressista, da qual, sinteticamente, acho que ele foi o último representante digno, não tinha disposição de lutar contra a ditadura para empurrar o regime democrático brasileiro para além disso que se está vendo aqui hoje.<sup>86</sup>

#### **ARGUMENTO E CADERNOS: PASSAGEM E HOMENAGEM**

Com um editorial em tom de manifesto, *Argumento* colocava-se como uma forma de preenchimento crítico do “vácuo cultural” – ou “vazio cultural”, como a questão ficou mais conhecida<sup>87</sup> – que teria se abatido sobre o país. Em julho de 1971, em resposta a um questionário da revista *Visão*, elaborado com o objetivo de fazer o balanço cultural de 1970, artistas e intelectuais constatavam que um perigoso “vazio cultural” estava se instalando no país. Entre os motivos apontados como responsáveis pela pouca produção, dois se destacavam: AI-5 e censura. Zuenir Ventura, porém, ao comentar as respostas, pergunta: “o AI-5 e a censura teriam sido os únicos responsáveis pelo impasse em que se encontra a cultura brasileira?” Embora não discorde, vai além:

Envolvidos no desespero de uma luta perdida em que estão em jogo a sua dignidade e a sua sobrevivência, os intelectuais brasileiros nem sempre tiveram lucidez para perceber que, inde-

<sup>85</sup> FERREIRA, Tonico. Entrevista. In: AZEVEDO, Carlos. *Movimento*.

<sup>86</sup> PEREIRA, Raimundo. Entrevista. In: AZEVEDO, Carlos. *Movimento*.

<sup>87</sup> E como constava também na primeira redação do manuscrito. Ver PINTO, Pedro Plaza. A apresentação de *Argumento*. *Revista da Cinemateca Brasileira*, São Paulo, n. 2, jul. 2013, p. 142-148.

pendentemente do AI-5, a cultura vive uma fase de transição [...]. Quase sempre sem levar em consideração que nos últimos sete anos o Brasil se afirmou através da franca adoção do modelo capitalista de desenvolvimento e que esse modelo determina formas peculiares de cultura.<sup>88</sup>

Em agosto de 1973 – poucas semanas antes da estreia de *Argumento*, portanto –, na mesma revista *Visão*, Zuenir retoma o assunto, dessa vez apontando que o “vazio cultural” estaria sendo preenchido de três maneiras: por uma cultura explicitamente crítica, por uma contracultura que buscava dentro do próprio consumo novas formas de expressão, mas, principalmente, por uma cultura comercial, de simples entretenimento.<sup>89</sup>

Buscando preencher o vácuo com o que houvesse de “vivo, válido e independente” na circunstância cultural brasileira de então, em oposição à acomodação, ao arrivismo e, destacamos, à dependência, os intelectuais de *Argumento* parecem, pois, já ter adquirido uma “consciência amena” acerca da consolidação da indústria cultural no país. Ao mesmo tempo, não nutrem ilusões: se o AI-5 e a censura não explicam de todo o panorama, muito contribuem para o quadro. Assim como *Opinião* um ano antes, *Argumento* surge num momento bastante autoritário da ditadura. Obstáculos e restrições, portanto, são esperados, e serão mesmo indicativos do sucesso da revista, que, *ante a arbitrariedade e o consumo fácil*, se propõe como um esforço de *lucidez* (vide Zuenir), destacando o papel iluminista a ser cumprido pela intelectualidade, portadora privilegiada do *argumento*.<sup>90</sup>

Esse esforço de lucidez se traduz na revista notadamente na forma do ensaio, que responde por metade dos artigos publicados. E se faz também notadamente a partir da literatura ou do campo cultural (isto é, cinema, teatro, artes plásticas, etc.), que respondem por metade dos ensaios, com a economia, a política e a sociologia, juntas, respondendo, grosso modo, pelos demais. Publicadas nas últimas páginas, as resenhas formam o segundo grande corpo de textos da revista. Foram 23 em ape-

---

<sup>88</sup> VENTURA, Zuenir. O vazio cultural. In: GASPARI, Elio et al. *Cultura em trânsito*, p. 47.

<sup>89</sup> Idem, A falta de ar. In: GASPARI, Elio et al. *Cultura em trânsito*, p. 60.

<sup>90</sup> Para uma leitura mais demorada do editorial de apresentação da revista, ver CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Resistir: quem há de? In: ANTELO, Raul et al. *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas/ABRALIC, 1998, p. 169-175.

nas quatro números, novamente com destaque para o campo literário e cultural.<sup>91</sup>

Que questões culturais ocupem a maior parte de uma “revista mensal de cultura” parece-nos evidente. Não podemos nos esquecer, no entanto, do caráter francamente político de *Argumento*. Dessa perspectiva, podemos dizer que a revista filia-se – ainda – à tradição que não só vê o intelectual como o portador do argumento, como também o *ensaio* como a forma privilegiada de expressão e a *cultura* como o lugar privilegiado de enunciação acerca do estado de uma dada sociedade. Já em seu primeiro número *Argumento* publicava dois ensaios que se tornariam “clássicos”: “Literatura e subdesenvolvimento”, de Antonio Candido, e “Cinema: trajetória no subdesenvolvimento”, de Paulo Emílio Salles Gomes.

Contra os fatos, no entanto, não eram permitidos argumentos. Anos depois, num texto em homenagem a Antonio Candido, Fernando Henrique Cardoso lembraria: “Contra fatos (isto é, arbitrariedades), dizia o slogan da revista, há argumentos. O iluminismo que pregávamos foi, naturalmente, apagado pela estupidez da censura”.<sup>92</sup>

Uma nova tentativa de “iluminismo” – mais “fosca”, é preciso reconhecer – surgiria com os *Cadernos de Opinião*. E para entendermos melhor a proposta dos *Cadernos*, é preciso voltar à origem de *Opinião* e ao fim de *Argumento*.

Raimundo Pereira lembra que quando das discussões iniciais em torno do semanário, Gasparian “tinha um modelo: um editor que pede a grandes nomes que façam matérias, o que é muito mais barato”.<sup>93</sup> Bernardo Kucinski, por sua vez, ao discorrer rapidamente sobre o fim de *Argumento* (e apesar de um equívoco quanto ao episódio da apreensão), nos traz um dado bastante relevante, ao apontar que “Fernando Gasparian decidiu suspender a revista não só devido à apreensão, também porque – Kucinski cita Elifas Andreato – ‘se sentia desprestigiado por não

---

<sup>91</sup> Para o levantamento detalhado dos textos, bem como uma leitura da revista, ver COTA, Débora. *Contra fato, há Argumento*. Leitura de uma revista cultural de resistência. Dissertação (Mestrado em Literatura). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

<sup>92</sup> CARDOSO, Fernando Henrique. Um ex-aluno. In: D’INCAO, Maria Angela; SCARABÓTOLO, Eloísa Faria (Orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida*. Ensaaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras / Instituto Moreira Salles, 1992, p. 39.

<sup>93</sup> PEREIRA, Raimundo. Entrevista. In: AZEVEDO, Carlos. *Movimento*.

ter autonomia para decidir sobre a publicação”<sup>94</sup>

Parece-nos, no entanto, que, diferentemente do que ocorreria com *Opinião* em 1977, quando a censura prévia seria *uma* das razões (embora bastante relevante) para seu encerramento, no caso de *Argumento* ela é de “fato” a razão. Afinal, do ponto de vista financeiro, com tiragem superior a 45 mil exemplares, *Argumento* estava vendendo mais que o próprio *Opinião*, vale dizer, estava dando lucro à editora, como bem o devia saber Gasparian. Por outro lado, é razoável também que Gasparian, o “ideador” – e financiador – de *Argumento*, se sentisse desprestigiado por não ter autonomia para decidir sobre a publicação, *tal como já demonstrava* em relação ao *Opinião* – embora nesse caso se tratasse mais da falta de autoridade diante da autonomia da redação. O ponto decisivo, talvez, no caso de *Argumento*, tenha sido o longo processo entre a apreensão da revista (janeiro de 1974) e a decisão final do STF (agosto de 1975), quando ela é “oficialmente” encerrada.

Isso nos leva a afirmar que, mais que a *Argumento*, são os *Cadernos de Opinião* que melhor realizam a ideia original de Fernando Gasparian: uma publicação que funcionasse como um veículo de ideias e escrita por intelectuais, à qual acrescentamos: *barata e sob seu controle*. A edição dos *Cadernos*, desse modo, se daria como na Paz e Terra, onde ele tinha completa autonomia e autoridade para decidir sobre os livros (e ideias) a serem publicados, ao mesmo tempo em que contava com as sugestões e indicações dos amigos.

Se *Argumento* era escrita basicamente por intelectuais brasileiros, os *Cadernos* fazem amplo uso dos acordos que Gasparian estabelecera com jornais e revistas americanas e europeias em torno de *Opinião*, além de republicarem textos já saídos em outras revistas latino-americanas. As traduções correspondem à metade dos textos publicados nos dois primeiros números. Há ainda a recuperação de textos de décadas anteriores e trechos de livros recentes ou a serem lançados.

A observação dos *Cadernos* em seu conjunto nos permite traçar, ainda, outras características da revista. A primeira delas diz respeito aos dois primeiros números: vistos em série a partir de *Argumento*, eles apontam para uma continuidade entre as publicações. Tal como em *Argumento*, predominam aqui os textos “culturais”. Encontramos, além disso, por exemplo, no primeiro número dos *Cadernos*, o ensaio de Roberto Schwarz já publicado em *Argumento* n. 4 (“Criando o romance brasileiro”) e, no segundo número, contribuições de Ángel Rama e Marta Traba que, tudo indica, destinavam-se à publicação em *Argumento*.

<sup>94</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Opinião: a frente natural*, p. 329.

O terceiro número dos *Cadernos* (ou, melhor, o primeiro dos *Ensaio*s), contudo, estabelece uma quebra nessa continuidade – e, também, marca a “independência” editorial de Gasparian: o amplo (e benevolente) dossiê sobre a era Vargas – que reproduz, inclusive, alguns dos discursos de Getúlio – não caberia, sabemos, em *Argumento*, uma revista feita e afeita à intelectualidade paulista, que tem na rejeição à herança varguista um ponto de honra. Mas é nesse período, vimos, que os Gasparian criam suas “raízes” industriais.

O quarto número, único lançado em 1977, retoma a linha editorial inicial. A partir do quinto número, porém, os *Cadernos/Ensaio*s vão se caracterizando cada vez menos como uma revista de cultura, passando a predominar em suas páginas os textos de sociologia, política e economia. A revista também adota, de modo crescente e em termos gerais, um paradigma textual mais próximo ao “científico”, ou, “universitário”: além de acompanhar de perto as reuniões anuais da SBPC, trazendo em suas páginas comunicações ali apresentadas, os *Cadernos/Ensaio*s publicam uma grande quantidade de artigos (não apenas de sociologia, economia ou política) cujas tabelas, vocabulários e notas de rodapé não deixam dúvida acerca de sua origem acadêmica. Aqui, talvez, não se possa negligenciar a participação de Dalva Gasparian na revista, primeiro como coeditora, depois como secretária da redação. Em 1975 Dalva entra para o curso de Ciências Sociais da PUC-Rio.

Entre os colaboradores, aqueles ligados ao CEBRAP e/ou USP e Unicamp são presença constante. Essa presença e ascendência acentuada da universidade paulista nos *Cadernos/Ensaio*s não significa o abandono, por parte de Gasparian, de seu ideário nacional-desenvolvimentista. Se sua avaliação da era Vargas marca o primeiro termo do binômio, é sua apreciação pelo pensamento de Celso Furtado o que marca o segundo. Furtado, já destacamos, está no primeiro número de *Argumento*, no primeiro número dos *Cadernos*, faz parte do Conselho de Colaboradores de *Opinião*.

A discussão sobre a literatura (ou a cultura, de modo geral) na revista tem como característica principal a presença majoritária de textos “culturais” traduzidos, particularmente da *Le Nouvel Observateur* e da *New York Review of Books*. Há que se levar em consideração o surgimento, nesse mesmo período, de revistas *de fato* culturais ou ao menos mais restritas ao campo (*Almanaque*, *José*, *Escrita*, etc.). Também chama atenção a presença de distintas orientações críticas – Roberto Schwarz, Walnice N. Galvão, Luiz Costa Lima, Silviano Santiago, Antonio Callado –, bem como as distintas origens destas colaborações: as de Schwarz já haviam sido publicados ou estavam sendo lançadas em livro;

a de Walnice e as de Costa Lima eram, tudo indica, inéditas quando publicadas na revista; as de Silviano foram apresentadas nas reuniões da SBPC de 1978 e 1979; um dos textos de Callado foi apresentado como conferência na Universidade de Cambridge em 1974 e outro apresentado na mesa dividida com Silviano na SBPC de 1978.

De todas as características, contudo, a mais marcante, sem dúvida, é aquela que marca uma passagem e uma homenagem: os nomes mais atuantes de *Argumento* e *Cadernos* estão ligados, fundamentalmente, a dois grupos: o grupo Clima, que se constituiu em torno da revista de mesmo nome, publicada entre 1941-1944, como Antonio Candido e Paulo Emílio Sales Gomes; e outro, mais novo, que se constituiu através do CEBRAP, fundado em 1969, como Fernando Henrique Cardoso, José A. Giannotti e Roberto Schwarz.

A leitura dos *Ensaios/Cadernos* nos aponta a inversão de posição desses nomes. Se aqueles de Clima eram proeminentes em *Argumento*, nos *Cadernos* essa posição é ocupada pelos nomes ligados ao CEBRAP. É certo que a mudança de posições está ligada, também, aos perfis das revistas. *Argumento* era uma revista cultural com espaço para sociologia, economia e política, um perfil que tem continuidade nos dois primeiros números dos *Cadernos*. A partir do número 5 os *Cadernos* invertem essa hierarquia, ainda que passe a se chamar, oficialmente, uma “revista cultural brasileira” a partir do número 12.

Essa mudança de posições se deve, notadamente, à formação e emergência de uma nova intelectualidade, especializada desde a graduação, cujos escritos e ideias, como dizia Almino Afonso, tem suporte na pesquisa desenvolvida na universidade ou em centros de pesquisa. Ao mesmo tempo, no processo de abertura do regime as questões *urgentes* são aquelas que dizem respeito à atuação política e à economia, e esses intelectuais são os mais bem aparelhados para os debates.

Basta lembrar alguns nomes, até bem pouco tempo limitados, em sua significação, à vida universitária, que hoje são figuras nacionais, requisitados pelos jornalistas, citados a cada instante, como Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort, Paul Singer, Chico Oliveira, Maria da Conceição Tavares, José Arthur Giannotti, e tantos outros que transcendem os limites do campo acadêmico.<sup>95</sup>

---

<sup>95</sup> AFONSO, Almino. O intelectual e a política, p. 13.

Por fim, resta clara a perda da relevância política das questões culturais no período, vale dizer, a cultura, de modo geral, deixa de ser um *locus* intelectual relevante para se pensar os problemas do país e sua saída da ditadura.

*Clima* (a revista e o grupo) e CEBRAP têm como ponto em comum, de partida ou chegada, a Universidade de São Paulo. Os *CADERNOS/Ensaio*s cumprem, pois, um ritual de passagem: o *peso* intelectual do primeiro grupo é herdado pelo segundo, que assume o protagonismo. Ao primeiro, sintomaticamente, cabe um lugar da homenagem: a Paulo Emilio, morto em 1977, no número 6, e a Antonio Candido, pelo seu aniversário de 60 anos, no número 8.



Antonio Candido e Fernando Henrique Cardoso a caminho de Brasília na tentativa de rever a censura à *Argumento*, em abril de 1974. Reprod. DANTAS, Vinicius. *Bibliografia de Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2002

Os *Cadernos de Opinião* seriam encerrados com um número cuja periodização – dez. 1979/ago. 1980 – já indicava sua saída de cena. Coincidentemente, em sua edição de 8 de outubro de 1980, *Veja* trazia uma matéria sobre o “surto” de revistas culturais verificado a partir do final da década de 1970.<sup>96</sup> Com o fim da censura prévia e ocupando o espaço aberto pela partidarização veloz da imprensa alternativa, diz a

<sup>96</sup> VEJA. O debate em revista. São Paulo, 8 out. 1980, p. 81-82.

reportagem, surgiram revistas de baixa tiragem, feitas por pouca gente e cujo êxito editorial não se media mais exclusivamente por seu sucesso entre o público universitário, mas também por sua capacidade de suscitar temas ou polêmicas. Dos exemplos mencionados destaca *Oitenta*, *Almanaque* e *Rádice*, além da *Encontros com a Civilização Brasileira*, uma das tiragens recordes (20 mil exemplares), mas, neste último caso, para apontar seu descompasso: “ainda a tribuna de algumas nobiliárquicas figuras da *intelligentzia* nacional [...], com uma linguagem tão vetusta quanto seus temas [...], a *Civilização*, querendo ocupar o espaço deixado por si mesma, ocupou um espaço que foi corroído pela década”.<sup>97</sup> Analisando mais detidamente a questão, diz o autor:

---

<sup>97</sup> As demais revistas citadas, nem todas culturais, são *Temas*, *Contraponto*, *Religião e Sociedade*, *Revista Brasileira de Economia*, *Conjuntura Econômica*, *Revista de Economia Política*, *Polêmica* e *Arte em Revista*. Das destacadas pela reportagem, porém, apenas *Oitenta* surgiu em 1979. *Almanaque* e *Rádice* surgiram em 1976, correndo, portanto, principalmente a segunda, o risco de serem censuradas previamente. *Encontros com a Civilização Brasileira*, por sua vez, foi lançada em julho de 1978, um mês depois apenas de retirada a censura prévia dos últimos jornais, e talvez por isso mesmo tenha adotado uma estratégia já nossa conhecida: como explica seu diretor-responsável Ênio Silveira na apresentação do número 1, ou, melhor, do “volume 1”, a revista não é uma revista, mas uma “coleção de livros” – como registra devidamente sua ficha catalográfica, tal qual à dos *Ensaio de Opinião*. É preciso lembrar que a emenda constitucional aprovada pelo Congresso em outubro de 1978 – que revogava todos os Atos Institucionais – tem validade somente a partir de 1º de janeiro de 1979 e, também, que a nova Lei de Segurança Nacional sancionada em dezembro de 1978 continuava tipificando o crime de “propaganda subversiva”. Ainda sobre os destaques da reportagem, *Rádice* era a única revista realmente alternativa, sem apoio editorial. *Almanaque* era publicada pela Brasiliense, *Encontros* pela Civilização Brasileira e *Oitenta* pela L&PM. Sobre as revistas culturais desse período há uma série de estudos realizados pelo Núcleo de Estudos Literários & Culturais da Universidade Federal de Santa Catarina (NELIC/UFSC). Na revista do núcleo – *Boletim de Pesquisa NELIC*, disponível no Portal de Periódicos da UFSC – podem ser encontrados desde apontamentos iniciais sobre várias delas (frutos de trabalhos de iniciação científica) a artigos de maior fôlego acerca de algumas (que foram também objetos de dissertações e teses), além de artigos sobre o periodismo literário e cultural dos anos 1970 no Brasil de modo geral. Aos trabalhos já citados sobre a seção “Tendências e Cultura” de *Opinião* e a revista *Argumento*, podemos acrescentar as dissertações de TELLES, Renata. *Glória póstuma. Almanaque* objeto de estudo (1999), VALDATI, Nilcéia. *O livro está pronto. E agora? Uma leitura de Escrita* (2000), DIAS, Simone. *José e 34 Letras através do espelho* (2000), CANDIDO, Jeferson. *Dois lados da moeda? Versus*,

Entre as lições do recente surto de revistas culturais – resumido em mais títulos, especialização e tiragens menores – uma delas é abalar o mito de que, uma vez fechada a negra cortina dos anos de intensa repressão, o país se iluminaria com súbita prodigalidade. [...] De qualquer forma, hoje, ao contrário de há cinco ou sei anos, quando as fatias do bolo cultural eram distribuídas entre menos parceiros, não bastam figuras ilustres e amplas frentes intelectuais para levar avante um projeto.<sup>98</sup>

E cita, em seguida:

‘Antigamente, muita gente comprava uma publicação como forma de protesto, mas hoje a compra é mais racional, menos emocional’, diz Fernando Gasparian, um veterano no assunto, responsável pelos *Cadernos de Opinião* e pela extinta *Argumento*.

#### FIM DE UMA ETAPA

Retomando o que dizia Almino Afonso em 1977:

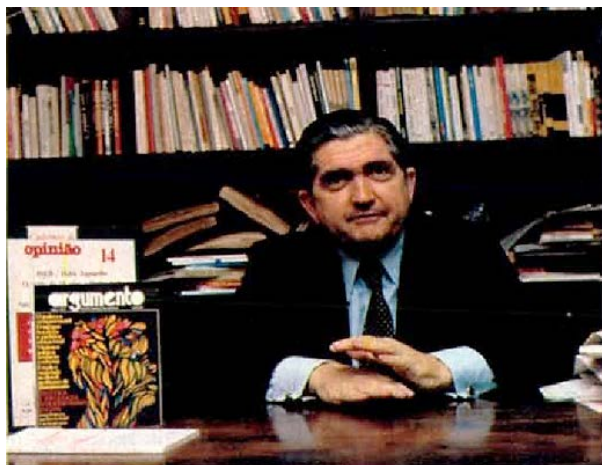
Num país de crescente complexidade como o nosso, é um absurdo essa separação entre o homem de ação política e o homem de pensamento, entendido como tal os intelectuais dos vários tipos. O relacionamento entre ambos é uma necessidade cada vez maior [...]. Eu me pergunto em que instância esse relacionamento poderá dar-se [...] e creio que não há outra instância mais adequada do que o partido político.<sup>99</sup>

---

um jornal alternativo, e *Cultura*, uma revista do MEC (1976-1978) (2008) e MACIEL, José Virgílio S. (*Revista de Poesia e Crítica*. Passagens (2012) e a tese de CHAGA, Marco Antonio C. *Rapsódia de uma década perdida*. O *Folhetim* da *Folha de S. Paulo* (1977-1989) (2000), todos sob a orientação da professora Maria Lucia de Barros Camargo e defendidos no Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC.

<sup>98</sup> VEJA. O debate em revista, p. 82.

<sup>99</sup> AFONSO, Almino. O intelectual e a política, p. 14.



Fernando Gasparian, ao lado de suas revistas.  
Foto: Fernando Pimentel. *Veja*, 8 out. 1980

As festas de inauguração da Livraria Argumento, separadas – a primeira em abril, a segunda em outubro – pela promulgação da Anistia (em 28 de agosto), são extremamente simbólicas no que diz respeito ao duplo projeto de Gasparian: a frente ampla de oposição e a (tentativa de) educação (progressista) das elites.

Na primeira, o destaque é a reunião de “parte da elite intelectual do país” e “alguns dos mais conhecidos escritores e políticos brasileiros”, entre os quais o já suplente de senador Fernando Henrique Cardoso. É “a noite dos intelectuais”, a maioria deles colaboradora de *Opinião*, *Argumento* e dos *Cadernos*, frentes de combate à ditadura na resistência pela escrita. Mais que estrelas, como faz crer a reportagem da *Folha de S. Paulo*, esses intelectuais são célebres porque, diríamos, são “heróis da resistência”. Uma oposição escrita que ganhava – e talvez não haja termo melhor que este –, *literalmente*, corpo. A inauguração da livraria em São Paulo é a celebração dessa resistência. “A pequena livraria não conseguia abrigar as 300 pessoas que queriam ver de perto aquela gente”. É preciso atentar, contudo, que esses heróis, apesar de célebres, não são populares. Por “300 pessoas” entenda-se um *distinto público letrado*: é o estudante de filosofia quem cumprimenta Florestan Fernandes. Os operários se encontram no livro à procura do editor, numa imagem bastante significativa.

Na segunda, o foco é exclusivo no líder que retorna. Uma vez promulgada, a Anistia traz de volta à linha de frente de combate os políticos, ou melhor, *as lideranças políticas*, por isso mesmo exiladas. Os “homens de pensamento” dão lugar aos “homens de ação”, que não escrevem, são escritos: Arraes autografava – destaque-se – não livros seus, mas que o tinham como figura emblemática ou como entrevistado. Mais que atrair populares à livraria, sua presença na inauguração adquire um caráter simbólico: o encontro entre o líder político popular e o público intelectualizado (“ex-exilados, políticos, artistas, intelectuais e estudantes”, que não se conformavam “em ter ido até ali sem conseguir apertar sua mão ou, pelo menos vê-lo de perto”).<sup>100</sup> O “vácuo político” que havia permitido, segundo Almino, o protagonismo dos artistas e estudantes na década de 1960 e dos intelectuais, notadamente os cientistas sociais, na década de 1970, volta a ser preenchido.

Com a re/construção dos partidos, restava agora atravessar a ponte que ligava os “homens de pensamento” aos “homens de ação”. O movimento seria intenso. E muitos dos “intérpretes”, para lembrarmos Bauman, acabariam, eles próprios, convertidos em – não resistimos ao termo, outra vez –, *literalmente*, legisladores. Depois de quase uma década atuando no campo das ideias, Gasparian faria também sua travessia, trocando o papel pelo partido. Seria um dos deputados constituintes. Mas ao final de todo esse processo uma questão permanecia ainda:

Já hoje ninguém ignora que o Brasil atravessa a pior crise de sua história econômica. [...] Muitas causas tem sido apontadas para esse estado de coisas. A principal delas vem sendo, contudo, sistematicamente esquecida: refiro-me ao despreparo, alienação e falta de real interesse pela coisa pública de parte das elites brasileiras.<sup>101</sup>

Talvez porque, como destaca Tônico Ferreira, dele tenhamos saído com *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. Revendo o fim de *Opinião*, diz Gasparian:

Quando, em 1977, o jornal fechou [...] pessoas como o próprio Fernando Henrique não queriam

<sup>100</sup> E outra imagem bastante significativa, os jovens que “faziam propaganda do livro de Fernando Gabeira, *O que é isso, companheiro?*”, completa o quadro.

<sup>101</sup> GASPARIAN, Fernando. O fracasso das elites. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 mar. 1989, p. A3.

escrever, porque queriam ficar solidárias comigo. E eu disse: — Não, eu não sou profissional disso. Nós vamos fechar. A *Folha* [de S. Paulo] ia publicar um artigo que eu publicaria, mas que a censura cortava no *Opinião*, então deixa a *Folha* publicar! Ela não publicava antes porque estava numa linha bem-comportada, de autocensura. Agora que também está livre lá, publica!<sup>102</sup>

No golpe de 2016 os editoriais dos grandes jornais pouco diferiram daqueles de 1964.<sup>103</sup>

---

<sup>102</sup> GASPARIAN, Fernando. O risco de publicar.

<sup>103</sup> E a dialética barthesiana, mais uma vez, se fez presente: vide ZANINI, Fábio. Conspiração gourmet. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 mar. 2016. Poder, p. A11.

## P. S.

A dívida que toda uma geração de políticos e intelectuais tem para com *Opinião* e para com Fernando Gasparian é imensa.

Fernando Henrique Cardoso

### PAZ E TERRA: DA DITADURA AO MERCADO

Eleito deputado constituinte, Gasparian deixaria a editora, já sediada em São Paulo, sob a direção do filho Marcus. A partir dos anos 1990, “com o esvaziamento do espaço da casa, já sem a força do bloco heterogêneo da oposição e do seu principal alvo, foram buscadas algumas mudanças”: coleções foram encerradas, novas séries surgiram, havendo, também, uma “preocupação com o formato dos livros e dos seus conteúdos, sinalizando uma procura de outro sentido para o selo, tão marcado pela oposição ao regime”.<sup>1</sup>

Com a morte de Gasparian a família chegou a cogitar a venda da editora, mas, novamente, preferiu apostar em mudanças, uma vez que, como afirmava Marcus em 2008, “a editora nasceu mais como um projeto político do que como negócio. Isso não se justifica mais hoje. O Brasil, o mundo, o mercado editorial mudaram”.<sup>2</sup> No início de 2011, outra vez, novas mudanças são anunciadas: a editora cria um selo de ficção, entra na área de infantis e reorganiza suas marcas. Faltava então “concluir uma etapa difícil: a análise dos 1200 títulos da editora para saber o que [ficaria] em cada selo e o que [sairia] de catálogo – destino provável de obras datadas como *Golpe de Estado: um manual prático*, de Edward Luttwak”.<sup>3</sup> Sobre essas mudanças, agora mais profundas, dizia Marcus: “éramos uma editora universitária sem reitor, só tínhamos teses”.

Mas, como ele próprio constatara em 2008, de fato, o mercado

<sup>1</sup> CARRIJO, Maicon. *Cientistas sociais e historiadores...*, p. 260-261.

<sup>2</sup> VEJA. Da política para os negócios. São Paulo, 14 maio 2008, p. 146. Esse breve texto acompanha uma resenha de Moacyr Scliar do livro *Dois vidas*, de Janet Malcolm, que dava início à nova fase da editora, notadamente no aspecto gráfico.

<sup>3</sup> COZER, Raquel. Paz e Terra estreia projeto editorial em março. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 fev. 2011. Sabático, p. S2.

editorial havia mudado: como tudo o mais, transformara-se num jogo dominado por grandes “*players*”.

Você demora um tempão para fazer um livro, gasta uma fortuna, vai buscar o maior livreiro, com a maior rede de lojas para expor aquele produto e não consegue nem deixar em consignação. [...] Se a Saraiva, o principal *player* do negócio está com essa cabeça de só vender os *best-sellers* vai ser muito difícil recuperar o investimento. [...] Quando um negócio não nasce para ser um negócio mas uma frente política, ele sofre muito, é difícil consertar. [...] Percebi que não havia possibilidade de recuperação. Chega a um ponto onde você não consegue escoar seu livro. [...] Se você não tiver em seu catálogo um *best-seller* você não consegue colocar um livro que é ótimo.<sup>4</sup>

Não por acaso, consolidam-se também os grandes grupos (ou *players*) editoriais no Brasil – nacionais ou em sociedade com grupos estrangeiros. Diante desse quadro, e sem força para seguir sozinha, a Paz e Terra acabaria sendo vendida ao Grupo Record em dezembro de 2012. Em nota, Marcus dizia que seu pai “estaria muito feliz em saber que a Paz e Terra se incorporou ao Grupo Record, um grupo editorial brasileiro independente que investe na cultura nacional”.<sup>5</sup>

#### ARGUMENTO: UMA LIVRARIA CARIOCA

Em meio ao panorama da abertura, a livraria inaugurada em 1979 seguiria como ponto de encontro e lugar privilegiado para as noites de autógrafos de escritores, acadêmicos, economistas ou políticos identificados com a oposição (ou, agora, com parte dela) em São Paulo e no Rio. Depois de atravessar a “*década perdida*”, no entanto, no início dos anos 1990, nem os livros importantes de validade indeterminada nem os *best-sellers* seriam suficientes para manter aberta a pioneira Argumento

<sup>4</sup> GASPARIAN, Marcus. Uma frente contra a ditadura.

<sup>5</sup> FOLHA DE S. PAULO. Grupo Editorial Record compra a editora Paz e Terra. São Paulo, 20 dez. 2012. Segundo Raquel Cozer, Fernando Gasparian já havia oferecido a editora a Sérgio Machado, dono do grupo, em 2006. “Ficaram de falar após a Feira de Frankfurt, em outubro. Fernando morreu enquanto Machado estava no evento”. COZER, Raquel. PAINEL DAS LETRAS. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 dez. 2012. Ilustrada, p. E7.

de São Paulo. A livraria seria unicamente carioca a partir de então.

Mas a Argumento do Rio, embora a principal, não seria a única livraria dos Gasparian. Quando de sua volta a São Paulo, Gasparian e Dalva compraram outra pequena livraria, a Livre, que conviveria com a Argumento paulista até o fechamento desta. Localizada na praça Vila-boim e administrada por Dalva, a Livre seria “um dos pontos de encontro dos tucanos da chamada República de Higienópolis”.<sup>6</sup> Mudaria seu nome para Livraria Argumento Livre no final dos anos 1990 e seguiria em funcionamento, sempre sob o comando de Dalva, até o retorno do casal ao Rio, já no início dos anos 2000.

Se a livraria paulista não resistiu ao tempo, a carioca, por outro lado – administrada pelos irmãos Marcus, Laura e Eduardo –, expandiu-se, mudando em 1993 para um espaço maior na mesma rua Dias Ferreira, onde se mantém até hoje. Em 2000 abriu uma filial na Barra da Tijuca, no Shopping Rio Design. Entre 2006 e 2010 teve ainda uma filial em Copacabana. Até 2015 Dalva se fazia presente na livraria do Leblon. Morreu em maio de 2017, aos 86 anos.



A livraria em 2017

Desde a inauguração em 1979 muita coisa mudou. “As estantes que exibiam centenas de livros sobre sociologia deram lugar aos de gas-

<sup>6</sup> REINERT, Helô. Onde os tucanos se encontram. *Época*, São Paulo, 2 ago. 1999.

tronomia”.<sup>7</sup> Mas a Argumento, com suas duas lojas, continua sem vendedores. “São todos livreiros”, diz Marcus, que comenta também: “é curioso, depois de passado tanto tempo vem gente de fora do Rio e diz: ‘Essa é a livraria que era ligada ao *Opinião*, do Gasparian’. Isso dá muito orgulho”.<sup>8</sup>

#### A NOVA ORDEM MUNDIAL E A *POLÍTICA EXTERNA*

Dez anos depois de inaugurada a Livraria Argumento o processo de abertura política no Brasil chegava, enfim, ao seu último estágio: a eleição direta para Presidente da República. Em 9 de novembro, seis dias antes do primeiro turno da tão esperada eleição, um outro acontecimento brilha na TV: caía o Muro de Berlim. A década que assistiu ao retorno da democracia no Brasil assistiu também ao derretimento da Guerra Fria. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas é dissolvida em dezembro de 1991.

Mudou a configuração mundial de poder, muda a posição relativa ocupada por vários países nas escalas das hierarquias econômica e política, está mudando a natureza das relações entre eles e não estão ainda definidas as regras e práticas que vão caracterizar a nova ordem internacional emergente. [...] Em face dessa situação é absolutamente indispensável manter uma janela permanentemente aberta para o mundo de modo a, através da informação significativa, da reflexão e do debate, contribuir para formar a consciência das transformações em curso e de como elas podem afetar um país como o Brasil. [...] A Editora Paz e Terra, fiel à sua tradição de suscitar o debate sobre as grandes questões de nosso tempo, como fez editando as revistas *Argumento* e *Cadernos de Opinião*, se propõe agora a lançar esta revista em colaboração com o Programa de Política Internacional e Comparada da USP.<sup>9</sup>

<sup>7</sup> Era a constatação de Marcus quando da abertura da loja em Copacabana. Cf. ESQUENAZI, Raquel. Em boa companhia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 maio 2006. Domingo, p. 46.

<sup>8</sup> GASPARIAN, Marcus. Uma frente contra a ditadura.

<sup>9</sup> *POLÍTICA EXTERNA*. Apresentação. São Paulo, v. 1, n. 1, jun. 1992, p. 3-4.

Essas são algumas das palavras da apresentação de *Política externa*, cuja capa traz em destaque o título “A nova ordem internacional”, seguido dos nomes de Hélio Jaguaribe, Samuel Huntington, Paulo Nogueira Batista e Zbigniew Brzezinski. A revista é lançada em junho de 1992, através de uma série de debates em Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. Seu modelo é a americana *Foreign Affairs*<sup>10</sup> – na qual, inclusive, foram publicados originalmente os artigos de Huntington e Brzezinski –, que inspira também seu projeto gráfico.<sup>11</sup> Segundo Luciano Martins, Fernando Gasparian pensava “que era um absurdo não existir no país uma revista acadêmica de larga difusão voltada para a discussão das grandes transformações em curso no mundo e suas consequências para o Brasil. Foi assim que criou esta revista.”<sup>12</sup>

Fundada por Gasparian e inserida na “tradição” da Paz e Terra, como sublinha a apresentação, não nos surpreende que o conselho editorial de *Política externa* tenha nomes em comum àqueles de *Argumento e Cadernos de Opinião*, ou que nelas colaboraram. Além de Gasparian, compõem o conselho Celso Lafer, Fernando Henrique Cardoso, Guillermo O’Donnell, Hélio Jaguaribe, João Paulo dos Reis Velloso, José Álvaro Moisés, José Augusto Guilhon Albuquerque, Luciano Martins e Paulo Nogueira Batista.

O dado curioso é que “os editores”, que assinam a apresentação, não constam no expediente, nem constariam nos próximos sete anos (!). Gasparian seria creditado como diretor responsável somente a partir do vol. 7, n. 3 (dez. 1998) e os editores somente a partir do vol. 8, n. 3 (dez. 1999), com Celso Lafer e Gilberto Dupas (que recém entrara para a revista) dividindo a função.<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> Fundada em 1922, a *Foreign Affairs* é publicada pelo *Council on Foreign Relations*, *think tank* sediado em Nova York especializado em política externa e assuntos internacionais americanos.

<sup>11</sup> Bastante sóbrio, em formato brochura, aspecto de livro e sem ilustrações, o projeto é de Elifas Andreato e Chico Nunes. Em 2003, com projeto de Isabel Carballo, a revista seria remodelada, mudando de tamanho e alterando radicalmente a capa, que passa a ser ilustrada.

<sup>12</sup> MARTINS, Luciano. Fernando Gasparian: um empreendedor. *Política externa*, São Paulo, v. 15, n. 3, dez./fev. 2006/2007, p. 15.

<sup>13</sup> Celso Lafer, quando do lançamento da revista, era o Ministro das Relações Exteriores do governo Collor. Permaneceu no cargo de abril a setembro de 1992, sendo substituído, no governo Itamar, por Fernando Henrique Cardoso. Voltaria a comandar o Itamaraty nos dois últimos anos (2001-2002) do segundo mandato de FHC. Gilberto Dupas era o coordenador da Área de Assuntos Internacionais do Instituto de Estudos Avançados da USP, onde se ori-



Vol. 7, n. 4, mar./maio 1999



Vol. 22, n. 1, jul./set. 2013

Em 2001 o conselho editorial é reformulado: permanecem Gasparian, Celso Lafer, Fernando Henrique Cardoso, Hélio Jaguaribe, Luciano Martins, Gelson Fonseca Jr. (que substituiu Paulo Nogueira Batista, morto em 1994) e Gilberto Dupas, passando a fazer parte Boris Fausto, Carlos Eduardo Lins da Silva, Jacques Marcovitch, Marco Aurélio Garcia, Marcos de Azambuja, Maria H. Tavares de Almeida e Roberto Teixeira da Costa.

De periodicidade trimestral cumprida rigorosamente (apenas uma edição dupla em 1997) e com número de páginas variável, além dos artigos *Política externa* comporta principalmente resenhas e reproduções de documentos (resoluções, discursos, etc.). A revista é absolutamente focada.<sup>14</sup> Seus colaboradores mais comuns são pesquisadores da área

---

ginou o Grupo de Análise de Conjuntura Internacional (GACInt), incorporado em 2005 ao Instituto de Relações Internacionais da mesma universidade. Em 2002 Dupas fundaria o Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IE-EI), incorporado à UNESP em 2009.

<sup>14</sup> No vol. 20, n. 1 (jun./ago. 2011) é criada a seção “O mundo na ficção”, dedicada a “resenhas de trabalhos de ficção que têm as relações internacionais no fulcro de seu enredo”.

ligados a universidades, diplomatas e membros de agências governamentais ou paragovernamentais. Como as publicações anteriores de Gasparian, conta com artigos traduzidos, sobretudo da própria *Foreign Affairs*. Embora receba textos enviados espontaneamente, conforme sua política editorial, cabe ao conselho selecionar as colaborações.<sup>15</sup>

O perfil de *Política externa*, portanto, não é o das revistas acadêmicas no sentido estrito do termo, ainda que conte com apoio institucional da universidade e seu índice demonstre o crescimento constante das pesquisas e da especialização durante esses anos.<sup>16</sup> Seu “público alvo”, segundo o antigo *site*, são “empresários, diplomatas, cientistas políticos, entre outros profissionais”.<sup>17</sup> É uma “revista acadêmica de larga difusão”, como queria seu fundador.

A análise dos artigos nela publicados, claro, foge completamente ao escopo deste trabalho. Se o evidente predomínio de nomes próximos ou ligados a um mesmo partido político (PSDB) em seu conselho editorial estimula mais ou menos as críticas à política externa oficial conforme o governo de plantão, é uma tarefa que deixamos aos pesquisadores da área. Gasparian, registre-se, tinha participação ativa no conselho.

Após sua morte, Helena Gasparian, filha e diplomata de carreira,

---

<sup>15</sup> Um rápido levantamento no índice remissivo publicado no vol. 21, n. 2 (set./nov. 2012) permite destacar entre os autores mais recorrentes Celso Laffer, Luciano Martins e Carlos Eduardo Lins da Silva, membros do conselho editorial da revista, Amaury Porto Oliveira e Celso Amorim, diplomatas, e Vera Thorstensen, professora da FGV-SP e assessora econômica da Missão do Brasil em Genebra de 1995 a 2010. Dos autores traduzidos destacam-se Abraham Lowenthal, Stanley Hoffmann e Samuel Huntington, ligados a universidades americanas. Acerca de Huntington, *Política externa* publicou toda a polêmica ocorrida na *Foreign Affairs* no segundo semestre de 1993 em torno de seu ensaio “Choque de civilizações?”, reproduzindo o ensaio, as críticas e sua resposta no vol. 2, n. 4, mar. 1994.

<sup>16</sup> Com a entrada de Dupas, a revista passa a contar com o apoio da Área de Assuntos Internacionais do IEA-USP/GACInt e, a partir de 2002, também do IEEI. No mesmo período, o vol. 10, n. 1 (jun./ago. 2001) é o último a contar com o apoio (ao menos formal) do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais e Política Comparada da USP, do qual faziam parte J. A. Guilhon Albuquerque e José A. Moisés.

<sup>17</sup> Assim, procura contar também com o apoio de anunciantes. Como na *Foreign Affairs*, sobressaem em meio às páginas de *Política externa* os encartes em papel colorido e brilhante dedicados à publicidade de grandes empresas, geralmente estatais (Petrobrás, Banco do Brasil, Banespa, CESP), mas também privadas (Banco Econômico, Odebrecht, Siemens).

torna-se a editora responsável. Celso Lafer deixa o posto de coeditor em 2008 e Gilberto Dupas segue como editor até sua morte, em 2009, quando Carlos Eduardo Lins da Silva assume a função. Ao lado dos antigos, novos nomes entraram para o conselho. Com a venda da Paz e Terra em 2012, a revista passou a ser publicada pela HMG Editora, criada por Helena. Não encerrada oficialmente, seu último número é o duplo vol. 24, ns. 1/2, jul./dez. 2015. Desde 1992 a política editorial da revista permanece inalterada, continuando a apontar para “a difícil e controvertida constituição de uma Nova Ordem Mundial”.

#### HERANÇA: ARGUMENTO 2000

“Da proposta antiga, o que ficou foi a ideia de suscitar o debate literário e político. Na nova versão, também são discutidas questões culturais de maneira mais ampla, ecológicas e sobre comportamento”, dizia Marcus Gasparian em outubro de 2003, ao lançar uma revista cujo projeto vinha sendo elaborado há dois anos: *Argumento*.<sup>18</sup> “Reedição”, “volta” e “retorno” são os termos que permeiam os comentários sobre o lançamento – exatos trinta anos depois daquele de sua predecessora.<sup>19</sup> Mas, como indicam a fala de Marcus e o editorial do primeiro número, o que temos é uma *nova Argumento*. Herdeira, claro, de uma história, como aponta de saída:

Alguns precedentes envolvem o lançamento desta revista. Primeiro, a história de um nome – *Argumento* –, que a muitos leitores imediatamente fará recordar a antiga e antológica “revista mensal de cultura” da Editora Paz e Terra. Circulou entre os anos 1973 e 1974, em quatro edições, difundiu as ideias de um grupo genial [...], fez muito barulho até ser censurada pela ditadura militar. Acabou por batizar a livraria. Agora volta a ser nome de revista. O bravo *slogan* daqueles tempos, criado por Paulo Emílio Salles Gomes, “Contra fato, há argumento”, foi substituído pelas palavras singe-

<sup>18</sup> GASPARIAN, Marcus. Na ponta da língua. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 out. 2003. Caderno B, p. B8. Entrevista a Heloisa Tolipan.

<sup>19</sup> Além da matéria citada, ver BRASIL, Ubiratan. Esforço de lucidez marca retorno da *Argumento*. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 nov. 2003. Caderno 2, p. D4; FOLHA DE S. PAULO. *Argumento* volta mais “arejada”. São Paulo, 1º nov. 2003. Ilustrada, p. E4.

las que definem a nova versão: “Uma livraria em revista”. A nova *Argumento* é, assim, nessa trajetória brevemente narrada, a revista que renasceu na livraria, entre os clientes, as conversas, as prateleiras. [...] *Argumento* é, em essência, um mosaico de opiniões. Ou, na definição que acabou emergindo no *making-off*, uma revista de livreiro.<sup>20</sup>

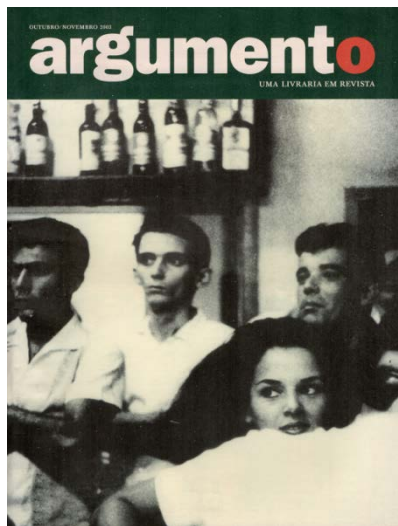
Bimensal, publicada pela editora *Argumento* e tendo como editores Marcus Gasparian, Nina Schipper e Flávia Lins e Silva, foram treze números entre outubro de 2003 e março de 2006.<sup>21</sup> Inicialmente vendida apenas na própria livraria e por cadastro, a partir do número 3 passa a ser distribuída em livrarias de São Paulo, Belo Horizonte e Brasília e, a partir do número 6, a contar ativamente com assinatura. Seu sucesso pode ser medido pelo crescente número de páginas – das 42 do primeiro número à média de 65 dos últimos – e pela crescente tiragem – dos 5 mil exemplares iniciais, dobrados a partir do número 4, aos 15 mil a partir do número 8.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> ARGUMENTO. Editorial. Rio de Janeiro, n. 1, out./nov. 2003, p. 3. Sobre o livreiro, segue o texto: “ele sabe que nem todo o tempo do mundo será suficiente para a leitura, na íntegra, das edições que comercializa [...]. [Seu] doce remédio é a leitura de fragmentos, daquela orelha muito bem escrita, de uma apresentação esclarecedora. Tem seu gênero preferido até, mas o ofício fez dele leitor de romance, crônica, poesia, culinária e outros mais”.

<sup>21</sup> A Editora *Argumento* foi criada em 2002, como parte do Grupo Paz e Terra. Entre outros títulos, reeditou *O mergulhador*, de Vinicius de Moraes e Pedro de Moraes (2002), publicou *A “Geração AI-5” e Maio de 1968: duas manifestações intransitivas*, de Luciano Martins (2004) e *Pif Paf quarenta anos depois*, caixa com a edição fac-similar dos oito números da revista de Millôr (2005). Nina Schipper, profissional do ramo editorial, foi uma das fundadoras da editora Casa da Palavra, passando posteriormente pela Paz e Terra e Rideel e estabelecendo-se na 34. A partir do número 11 consta como editora licenciada da revista. Flávia Lins e Silva, escritora de livros infantis e juvenis, roteirista e diretora cinematográfica, assume como editora apenas a partir do número 10. O projeto gráfico é de Pedro Gaia. Em formato canoa, diagramada em duas colunas, *Argumento* se destaca por ser impressa em papel fosco. A capa, também fosca, é ilustrada apenas por uma fotografia em preto e branco ou sépia, sem chamadas – que surgem a partir do número 4, numa estreita sobrecapa que reproduz a mesma área da imagem. As ilustrações são de Eduardo Filipe.

<sup>22</sup> Uma boa vitrine para a publicidade de editoras e gravadoras, mas também de joalherias, agências de viagens e pequenos negócios locais.



N. 1, out./nov. 2003



N. 13, mar. 2006

Tal como “um agradável passeio pelas estantes”, a “livraria em revista” apresenta grande diversidade de conteúdo, em que pese a predominância da literatura. Publica ensaios, poemas, crônicas, literatura infantil, ensaios fotográficos, entrevistas, receitas, etc. e tem seções peculiares, como “Orelhas” (que reproduz orelhas de livros) e “Cartas célebres”. À medida que cresce e se consolida, passa a ser organizada em torno de pequenos dossiês ou temas, como Argentina, Amazônia, Guimarães Rosa, Sartre, “dândis”, “sonhos e utopias”, para citarmos alguns.<sup>23</sup>

Já a “revista de livreiro” se faz notar pelos muitos textos ou trechos recuperados ou extraídos de livros, para além das orelhas: um fragmento de ensaio de Baudelaire ou alguns dias dos *Diários índios* de Darcy Ribeiro, por exemplo. Mas *Argumento* conta, igualmente, com muitos colaboradores, inclusive com colunistas fixos: Ruy Castro, Sergio Augusto, Flora Süssekind, Roberto Marinho de Azevedo, Scarlet Moon, Jaguar e Alcione Araújo. A partir do número 4 (maio 2004) – “retomando a iniciativa do jornal *Opinião* e da revista *Argumento* nos

<sup>23</sup> Vale destacar que a seção de literatura infantil deixa a revista para se expandir com o lançamento de *Argumentinho – uma livraria em revistinha*, que acompanha *Argumento* a partir do número 11 (out. 2005).

anos 70”, como lembra o editorial –, passa a publicar também resenhas da *New York Review of Books*.

E há, afinal, a herança, resgatada no primeiro editorial: “homenagem seja feita, [...] a cada número *Argumento* vai publicar um artigo da antiga fase da revista”. Intitulada “Memórias *Argumento*”, a seção é inaugurada com “Trinta milhões de mudos”, de Antonio Callado (n. 2, nov. 1973). “Joana Francesa, um filme fechado?”, de Jean-Claude Bernardet (também do n. 2), é o texto recuperado no segundo número (dez. 2003), que traz ainda um artigo-depoimento de Antonio Candido sobre a trajetória da revista, “Contra fato, haverá argumento?”. A seção, porém, não teria continuidade. E seria mesmo difícil a republicação sistemática: além do número de páginas necessárias – a antiga *Argumento* se destacava, notadamente, por seus ensaios –, havia que se considerar o perfil dos leitores e a própria relevância dos textos. Mas a herança da revista não se esgota em sua predecessora: apesar de poucos e irregulares, encontramos em *Argumento* também artigos e entrevistas publicados originalmente nos *Ensaio*s e em *Opinião*.<sup>24</sup>

Herdeira e tributária de publicações que marcaram época, cabe à revista ainda a justa homenagem ao nome por trás dessa fortuna: em todos os números, abaixo do sumário, está Fernando Gasparian, ou, melhor, o *Vovô Brasilis*.

---

<sup>24</sup> Sob a chamada “Ensaio de Opinião”, o número 3 (mar. 2004) apresenta o trecho inicial de “A Geração AI-5”, de Luciano Martins (n. 11, 1979), que, em conjunto com “Maio de 68”, outro ensaio do autor, estava sendo lançado em livro pela editora *Argumento* (vide nota 176). No número 6 (out. 2004), a seção “Cartas célebres” resgata uma dupla de textos publicada nos *Ensaio*s (n. 4, 1977): “Eu pago!”, de Millôr Fernandes, e o artigo que lhe deu origem, “Não pago!”, escrito em 1888 por Martim Francisco Ribeiro de Andrada em forma de carta dirigida à “Exa. e Ilma. Sra. D. Fazenda Nacional”. O número 8 (mar. 2005) traz o ensaio “Feijoada e *soul food*”, de Peter Fry (também de *Ensaio*s n. 4) e duas entrevistas de *Opinião*: Érico Veríssimo em “Entrevistas célebres” (“Sou contra a censura”, n. 13, jan./fev. 1973), e Becki Klabin, *socialite*, em “Memórias *Opinião*” (“Povo somos eu e meus 5 empregados”, n. 18, mar. 1973). Encontramos ainda uma “memória falha”: publicada na seção “Cartas célebres” de *Argumento* n. 4 (maio 2004), “Revisão e autoria”, a conhecida carta de Roberto Schwarz ao editor da Paz e Terra (ou seja, Fernando Gasparian), não chegou a ser publicada, de fato, nos *Cadernos de Opinião*, como informa a nota. Há, contudo, uma carta de Luciano Martins publicada nos *Cadernos*, na qual lamenta e corrige os erros de revisão em seu ensaio... “A Geração AI-5”. Em tempo: nas três vezes em que aparece em *Argumento* n. 4, o sobrenome de Roberto está grafado como Schwarz.

**VOVÔ BRASILIS**



Eduardo Filipe e Margas

Vovô Brasilis, por Eduardo Filipe e Margas

## BIBLIOGRAFIA

- ADAMATTI, Margarida Maria. *A crítica cinematográfica no jornal alternativo Opinião*. Frentismo, estética e política nos anos setenta. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- AFONSO, Almino. Fernando Gasparian, um símbolo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 out. 2006. Opinião, p. A3.
- \_\_\_\_\_. O intelectual e a política. *Versus*, São Paulo, n. 14, p. 12-16, set. 1977. Entrevista a Francisco Weffort.
- AGUIAR, Flávio. Imprensa alternativa: *Opinião, Movimento e Em Tempo*. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012. Livro digital.
- ALMEIDA, Maria H. Tavares de. *Tomando partido, formando opinião*. Cientistas sociais, imprensa e política. São Paulo: Sumaré, 1992.
- AMADO, Eurico. Um homem tem três metros de altura. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 31 mar. 1970, p. 4.
- ANTELO, Raúl. As revistas literárias brasileiras. *Boletim de pesquisa NELIC*, v. 1, n. 2, p. 3-11, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984.
- ANTÔNIO, João. *Carta aos amigos Caio Porfírio Carneiro e Fábio Lucas*. São Paulo: Ateliê / Oficina do Livro, 2004.
- ARGUMENTO. [Editorial]. Rio de Janeiro, n. 1, p. 1, out. 1973.
- ARGUMENTO. Editorial. Rio de Janeiro, n. 1, p. 3, out./nov. 2003.
- ARNT, Ricardo. Apenas uma questão de opinião. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 mar. 1977. Ilustrada, p. 40.
- ARQUIVO NACIONAL. *Inventário dos dossiês avulsos da série Movimentos Contestatórios*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2013.
- AUGUSTO, Sérgio. O aristocrata das letras americanas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 dez. 1985. Ilustrada, p. 47.
- AZEVEDO, Carlos. *Movimento*. Uma reportagem. Belo Horizonte: Manifesto, 2011.
- BAFFA, Ayrtton. *Nos porões do SNI*. O retrato do monstro de cabeça oca. Rio de Janeiro: Objetiva, 1989.
- BARTHES, Roland. Para que serve um intelectual. In: *O grão da voz*. Entrevistas: 1962-1980. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 364-393.

- \_\_\_\_\_. Para que serve um intelectual? *Opinião*, Rio de Janeiro, n. 230, 1º abr. 1977, p. 16-18. Entrevista a Bernard-Henry Lévy.
- BAUMAN, Zygmunt. *Legisladores e intérpretes*. Sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BELLUCO, Hugo A. de Lemos. *Ciências Sociais e pensamento político*. O grupo da USP e a frente democrática a partir dos seminários *Opinião e Movimento* (1972-1981). Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- BERNARDES, Luiz. Entrevista. In: AZEVEDO, Carlos. *Movimento*. DVD anexo. Entrevista concedida a Carlos Azevedo, 30 nov. 2009.
- BERTOL, Rachel. Paz e Terra chega aos 40 renovada. *O Globo*, Rio de Janeiro, 14 abr. 2007. Prosa & Verso, p. 3.
- BETING, Joelmir. [Notas econômicas]. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 jun. 1973, p. 23.
- BOECHAT, Ricardo. Amigos. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 abr. 2002, p. 6.
- BONADIO, Maria Claudia. *O fio sintético é um show!* Moda, política e publicidade: Rhodia S.A. 1960-1970. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- BRANCO, Paulo. Reunião. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 25 fev. 1980, p. 2.
- BRASIL, Ubiratan. Esforço de lucidez marca retorno da *Argumento*. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 nov. 2003. Caderno 2, p. D4.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Fernando Gasparian. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 nov. 2006. Dinheiro, p. B2.
- \_\_\_\_\_. Do ISEB e da CEPAL à teoria da dependência. In: TOLEDO, Caio Navarro de (Org.). *Intelectuais e política no Brasil*. A experiência do ISEB. Rio de Janeiro: Revan, 2005, p. 201-232.
- \_\_\_\_\_. O empresário industrial e a revolução brasileira. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 3, n. 8, p. 11-27, jul./set. 1963.
- CADERNOS DE OPINIÃO. [Editorial]. Rio de Janeiro, n. 12, p. 3, jul. 1979.
- \_\_\_\_\_. Documentos da apreensão dos *Cadernos de Opinião* 2. Rio de Janeiro, n. 12, p. 4-5, jul. 1979.
- CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Resistência e crítica: revistas culturais brasileiras nos tempos da ditadura. *Boletim de pesquisa NELIC*, v. 10, n. 15, p. 5-33, 2010.
- \_\_\_\_\_. Sobre revistas, periódicos e *qualis* tais. *Outra travessia*, Flórida-

nópolis, v. 40, n. 1, p. 21-36, 2003.

\_\_\_\_\_. Resistir: quem há de? In: ANTELO, Raúl, et al. *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas/ABRALIC, 1998, p. 169-175.

CAMPOS, Roberto. O ataque dos primitivos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 20 jan. 1970, p. 2.

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: *Literatura e sociedade*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014, p. 13-25.

\_\_\_\_\_. Depoimento. *80FHC*, 2011. Disponível em [www.fhc80anos.com.br](http://www.fhc80anos.com.br).

\_\_\_\_\_. Clima. In: *Teresina etc.* 3ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007, p. 141-156.

\_\_\_\_\_. A sociologia no Brasil [1959]. *Tempo Social*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 271-301, jun. 2006.

\_\_\_\_\_. Contra fato, haverá argumento? *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 7-8, dez. 2003.

\_\_\_\_\_. A literatura e a formação do homem. In: *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades / 34, 2002, p. 77-92.

\_\_\_\_\_. Uma visão latino-americana. In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio (Orgs.). *Literatura e história na América Latina*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2001, p. 263-270.

\_\_\_\_\_. Marxismo e militância. *Praga*, São Paulo, n. 1, p. 5-26, set./dez. 1996. Entrevista concedida a José Pedro Renzi em fevereiro de 1992.

\_\_\_\_\_. A inteligência crítica e o gosto pela independência. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 abr. 1984. Cultura, p. 11.

\_\_\_\_\_. Literatura e subdesenvolvimento. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 7-24, out. 1973.

CARDOSO, Fernando H.; WINTER, Brian. Jeitinho. In: *O improvável presidente do Brasil*. Recordações. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. Livro digital.

CARDOSO, Fernando H. Fernando Gasparian, guerreiro e amigo. *Política externa*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 11-13, dez./fev. 2006/2007.

\_\_\_\_\_. Um ex-aluno. In: D'INCAO, Maria Angela; SCARABÔTOLO, Eloísa Faria (Orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida*. Ensaios sobre Antonio Candido. São Paulo: Companhia das Letras / Instituto Moreira Salles, 1992, p. 37-40.

\_\_\_\_\_. Deve-se discutir com os militares as funções que lhes cabem e os seus limites. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 ago. 1983. Cultura, p. 8-11. Entrevista concedida a Lourenço Dantas Mota.

\_\_\_\_\_. *Empresário industrial e desenvolvimento econômico*. São Paulo: Difel, 1964.

CARDOSO, Tom. Fernando Gasparian. O homem que disse não ao não. *IHU on-line*, São Leopoldo, v. 6, n. 200, p.46-48, 16 out. 2006.

CARRIJO, Maicon V. Silva. *Cientistas sociais e historiadores no mercado editorial do Brasil*. A coleção Estudos Brasileiros da editora Paz e Terra (1974-1987). Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CESAR, Ana Cristina. *Correspondência incompleta*. Org. Armando Freitas Filho e Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

CESAR, Waldo. Uma vocação ecumênica. In: FÉLIX, Moacyr (Org.). *Ênio Silveira*. Arquiteto de liberdades. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998, p. 413-417.

CONTINENTE SUL/SUR. Porto Alegre: IEL, n. 2, nov. 1998.

CORREIO BRAZILIENSE. Editora recorre ao TFR para liberar revista. Brasília, 25 maio 1974, p. 2.

CORREIO DA MANHÃ. Crise. Rio de Janeiro, 10 abr. 1969, p. 1.

COSTA, Helouise. Escola Paulista de Fotografia: uma vanguarda possível? In: *Vanguarda e modernidade nas artes brasileiras*. Unicamp, Campinas, 2005. Disponível em [www.iar.unicamp.br/dap/vanguarda/](http://www.iar.unicamp.br/dap/vanguarda/)

COTA, Débora. *Contra fato, há Argumento*. Leitura de uma revista cultural de resistência. Dissertação (Mestrado em Literatura). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

COZER, Raquel. Caso antigo 1 / Caso antigo 2. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 dez. 2012. Ilustrada, p. E7.

\_\_\_\_\_. Paz e Terra estreia projeto editorial em março. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 fev. 2011. Sabático, p. S2.

DIAS, Simone. *José e 34 Letras através do espelho*. Dissertação (Mestrado em Literatura). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

DICIONÁRIO Histórico-Biográfico Brasileiro. CPDOC-FGV. Disponível em [cpdoc.fgv.br](http://cpdoc.fgv.br)

DINES, Alberto. Resposta (1). *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 12 out. 1975, p. 10.

\_\_\_\_\_. Andanças da censura. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 out. 1975, p. 10.

\_\_\_\_\_. Andanças da censura. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 24 ago. 1975, p. 8.

\_\_\_\_\_. A indefinição como tática. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 10 ago. 1975, p. 6.

- DORIA, Francisco Antonio. 1968, XV - A moveable feast, III. *Long-temps je me suis couché de bonne heure*, 23 mar. 2008. Disponível em <http://famadoria.blogspot.com.br>.
- ESQUENAZI, Raquel. Em boa companhia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 maio 2006. Domingo, p. 46.
- ESTADO DE S. PAULO, O. Ex-deputado pretende integrar países latinos. São Paulo, 13 jan. 1996, p. A6.
- \_\_\_\_\_. Duas livrarias com o mesmo propósito. São Paulo, 17 abr. 1979, p. 16.
- \_\_\_\_\_. Rejeitada denúncia contra editor de semanário carioca. São Paulo, 1 maio 1976, p. 12.
- \_\_\_\_\_. Diretor explica publicação. São Paulo, 20 ago. 1975, p. 6.
- \_\_\_\_\_. N. da R. São Paulo, 12 jul. 1962, p. 3.
- \_\_\_\_\_. O novo primeiro-ministro. São Paulo, 3 jul. 1962, p. 3.
- FERNANDES, Hélio. [Ur-gente]. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 9 out. 2006, p. 9.
- FERNANDES, Millôr, et al. Imprensa alternativa: histórico e desdobramentos – A literatura na imprensa alternativa dos anos 70/80. In: RIOARTE. *Imprensa alternativa & literatura*. Os anos de resistência. Rio de Janeiro: RIOARTE, 1987, p. 9-42.
- FERRAZ, Márcia. Fernando Gasparian, personagem de uma época. *Nossa América*, São Paulo, n. 24, 2006.
- FERREIRA, Argemiro. Fernando Gasparian e o desafio de *Opinião*. *Tribuna da imprensa*, Rio de Janeiro, 9 out. 2006, p. 10.
- FERREIRA, Carlos Tônico. Entrevista. In: AZEVEDO, Carlos. *Movimento*. DVD anexo. Entrevista concedida a Carlos Azevedo, Marina Amaral e Natália Viana, 22 out. 2009.
- FERREIRA, Jerusa Pires (Org.). *Ênio Silveira*. São Paulo: Edusp/Com-Arte, 2003. Série Editando o editor, v. 3.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FLAKSMAN, Dora. Partido Democrata Cristão (1945). In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. CPDOC-FGV. Disponível em [cpdoc.fgv.br](http://cpdoc.fgv.br)
- FIGUEIREDO, Wilson. Fixação no Rio. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15 fev. 1964. Caderno B, p. 8.
- FOLHA DA MANHÃ. O povo está convidado a assistir à grandiosa concentração patriótica. São Paulo, 11 jan. 1953. Assuntos Gerais, p.10.
- FOLHA DE S. PAULO. Grupo Editorial Record compra a editora Paz e Terra. São Paulo, 20 dez. 2012. Ilustrada (Folha de S. Paulo *online*).
- \_\_\_\_\_. Editor Fernando Gasparian morre em SP. São Paulo, 9 out. 2006. Brasil, p. A12.
- \_\_\_\_\_. *Argumento* volta mais “arejada”. São Paulo, 1º nov. 2003. Ilus-

trada, p. E4.

\_\_\_\_\_. Semanário lançou FHC. São Paulo, 30 mar. 1997, p. 16.

\_\_\_\_\_. Os anos 70, n. 20: Imprensa. São Paulo, 10 fev. 1980. Folhetim. Série especial.

\_\_\_\_\_. Os intelectuais se reúnem entre livros e tira-gostos. São Paulo, 18 abr. 1979, Ilustrada, p.35.

\_\_\_\_\_. Uma noite para os intelectuais em SP. São Paulo, 16 abr. 1979. Ilustrada, p. 17.

\_\_\_\_\_. Inquérito vai à Auditoria. São Paulo, 17 set. 1975, p. 4.

\_\_\_\_\_. [Publicidade] Tarde de autógrafos. São Paulo, 19 jun. 1973, p. 8.

\_\_\_\_\_. Gasparian: CNE fechou por ter dito verdades. São Paulo, 5 abr. 1967, p. 11.

\_\_\_\_\_. Descoordenação. São Paulo, 13 maio 1965, p. 4.

\_\_\_\_\_. [Panorama político] Petrobrás. São Paulo, 26 mar. 1963, p. 3.

FOUCAUL, Michel; DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. e Trad. Roberto Machado. 23ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 2007, p. 69-78.

FRANCO, Célia de Gouvêa. Há 20 anos, censura liquidava o *Opinião*. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1997. Brasil, p. 16.

FREITAS, Guilherme. Terror cultural. *O Globo*, Rio de Janeiro, 22 mar. 2014. Prosa, p. 6.

FURTADO, Celso. *Obra autobiográfica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GALLAGHER, David. Brasil en Oxford. *El Mercurio*, Santiago, 7 dec. 2007. Opinión, p. 2.

GASPARI, Elio. Alice e o camaleão. In: \_\_\_\_\_; HOLLANDA, Heloisa B. de; VENTURA, Zuenir. *Cultura em trânsito*. Da repressão à abertura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 12-37.

\_\_\_\_\_. É preciso ir a fundo no “Relatório Saraiva”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 nov. 1983, p. 11.

GASPARIAN, Fernando. O risco de publicar. In: FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Lições de casa*. Últimos diálogos sobre educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. Livro digital. Entrevista concedida a Sérgio Guimarães, jan. 2001 e 7 jan. 2005.

\_\_\_\_\_. Depoimento. Projeto Memória do Movimento Estudantil. UNE. Entrevista concedida a Carla Siqueira, 9 jun. 2005. Disponível em [www.mme.org.br](http://www.mme.org.br)

\_\_\_\_\_. Nacionalismo, empresariado e o Golpe de Estado de 1964. *Projeto História*, São Paulo, v. 29, t. 1, p. 223-236, dez. 2004. Entrevista concedida a Maria Aparecida de Paula Rago, 7 jan. e 19 set. 2004.

\_\_\_\_\_. Depoimento. In: DINES, Alberto; FERNANDES Jr., Florestan;

- SALOMÃO, Nelma. *Histórias do Poder*. 100 anos de política no Brasil. Vol. 3 (Visões do Executivo). São Paulo: Editora 34, 2000, p. 159-177.
- \_\_\_\_\_. Encontros com Darcy Ribeiro. *Cadernos do Parlatino*, São Paulo, n. 13, jan. 1998.
- \_\_\_\_\_. Autor de proposta crítica política econômica. *Folha de S. Paulo*, 22 jun. 1995, p. 4. Entrevista concedida a Marta Salomon.
- \_\_\_\_\_. A luta contra a usura. In: ALMEIDA, Roberto Fernandes de (Coord.). *A luta contra a usura*. O limite constitucional dos juros anuais de 12% está em vigor. Rio de Janeiro: Graal, s/d [199?], p. 1-22.
- \_\_\_\_\_. O fracasso das elites. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2 mar. 1989, p. A3.
- \_\_\_\_\_. Pelo fim do serviço militar obrigatório. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 nov. 1986. Opinião, p. 3.
- \_\_\_\_\_. Aspectos econômicos da produção editorial. *Leia Livros*, São Paulo, n. 5, p. 32, set. 1978.
- \_\_\_\_\_. O empresário nacional conta zero na vida política do país. *Movimento*, 5 fev. 1977, p. 11-12. Entrevista.
- \_\_\_\_\_. *Capital estrangeiro e desenvolvimento da América Latina*. O mito e os fatos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Em defesa da economia nacional*. Rio de Janeiro: Saga, 1966.
- \_\_\_\_\_. s/título [Dos leitores]. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 jul. 1962, p. 3.
- GASPARIAN, Marcus. Uma frente contra a ditadura. *Livreiros do Rio*. Associação Estadual de Livrarias do Rio de Janeiro. Depoimento. Disponível em [www.aelrj.org.br](http://www.aelrj.org.br)
- \_\_\_\_\_. Na ponta da língua. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19 out. 2003. Caderno B, p. B8. Entrevista a Heloisa Tolipan.
- GIANNOTTI, José Arthur. Burocratas da cultura. *Opinião*, Rio de Janeiro, n. 124, 21 mar. 1975, p. 20.
- \_\_\_\_\_. “Mais claro do que mil sóis”. *Opinião*, Rio de Janeiro, n. 90, 29 jul. 1974, p. 14-15.
- \_\_\_\_\_. O contexto e os intelectuais. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 49-59, fev. 1974.
- GLOBO, O. Fernando Gasparian, editor e ex-deputado. Rio de Janeiro, 8 out. 2006, p. 37.
- GOMES, Marcos. Entrevista. In: AZEVEDO, Carlos. *Movimento*. DVD anexo. Entrevista concedida a Carlos Azevedo, 30 nov. 2009.
- GORDINHO, Margarida Cintra (Org.). *Gaspar Gasparian*. Um fotógrafo paulista. São Paulo: Marca D’Água, 1988.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto M. Pereira. *Patrulhas ideológicas*. Marca reg. São Paulo: Brasiliense, 1980.

HOUAISS, Antonio (Coord.). Literatura. In: *Ciclo de debates do Teatro Casa Grande*. Rio de Janeiro: Inúbia, 1976, p. 167-202.

JAGUARIBE, Helio. ISEB: um breve depoimento e uma reapreciação crítica. *Cadernos de Opinião*, n.14, out./nov. 1979, p. 94-110.

JORNAL DO BRASIL. Serra pede socorro a FHC. Rio de Janeiro, 24 set. 2002, p. A3.

\_\_\_\_\_. Entre livros, vinhos e salgadinhos, um encontro com Arraes no Baixo Leblon. Rio de Janeiro, 19 out. 1979. Caderno B, p. 4.

\_\_\_\_\_. *Os documentos da censura*. Rio de Janeiro, 18 jun. 1978. Caderno especial.

\_\_\_\_\_. STM não acha subversão em conferência de D. Hélder e encerra caso contra editor. Rio de Janeiro, 27 jan. 1978, p. 18.

\_\_\_\_\_. STF adverte que a censura tem poder de exceção. 28 ago. 1975, p. 14.

\_\_\_\_\_. *Cadernos de Opinião* é apreendido. Rio de Janeiro, 7 ago. 1975, p. 7.

\_\_\_\_\_. Governo recorre a AI-5 para a censura prévia da revista *Argumento*. 14 dez. 1974, p. 7.

\_\_\_\_\_. STF julgará apreensão de revista. Rio de Janeiro, 21 ago. 1974, p. 20.

\_\_\_\_\_. Desnacionalização. Rio de Janeiro, 30 de abr. 1968, p. 10.

\_\_\_\_\_. Os nomes da semana. Rio de Janeiro, 30 jan. 1962. Caderno B, p. 6.

JORNAL DO COMÉRCIO. Conta-café é mistério que IBC traz guardado. Rio de Janeiro, 28 out. 1981, p. 3.

JOSÉ. José no espelho. Rio de Janeiro, n. 9, p. 2-17, dez. 1977.

KENSKI, Vani Moreira. *O fascínio do Opinião*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

KUCINSKI, Bernardo. O homem que lia os jornais para o presidente. *Communicare*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 13-29, 2009. Entrevista concedida a Carlos Costa e Dulcília Buitoni.

\_\_\_\_\_. Homenagem a Fernando Gasparian. *Carta Maior*, 9 out. 2006. Disponível em [www.cartamaior.com.br](http://www.cartamaior.com.br)

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*. Nos tempos da imprensa alternativa. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.

LAFER, Celso (Org.). *Esboço de figura*. Homenagem a Antonio Candido. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

LAMARÃO, Sérgio. Gasparian, Fernando. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. CPDOC-FGV. Disponível em [cpdoc.fgv.br](http://cpdoc.fgv.br)

VALCÁRCEL, Javier Lasarte. *Territorios intelectuales*. Pensamiento y

- cultura en América Latina. Caracas: La Nave Va, 2001.
- MACHADO, José A. Pinheiro. *Opinião X censura*. Momentos da luta de um jornal pela liberdade. Porto Alegre: L&PM, 1978.
- MARANHÃO, Aluizio. Depoimento. *Memória do jornalismo brasileiro*. Entrevista concedida a Esther Medina, Giuliana Azevedo e Leandro Morgado, 20 jun. 2008. Disponível em [mjb.mer-curiotecnologia.net.br](http://mjb.mer-curiotecnologia.net.br)
- MARQUARDT, Eduard. *Cultura em Opinião*. As páginas de “Tendências e Cultura” (1972-1977). Dissertação (Mestrado em Literatura). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- MARTINS, Luciano. Fernando Gasparian: um empreendedor. *Política externa*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 15-16, dez./fev. 2006/2007.
- MASCARO, Eymar. Perfil - Fernando Gasparian: Tabela da fama a Gasparian / “Um espião de dupla face”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 maio 1988, p. 6.
- MAYER, Jorge M. Pinto, Carvalho. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. CPDOC-FGV. Disponível em [cpdoc.fgv.br](http://cpdoc.fgv.br)
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia da Letras: 2001.
- \_\_\_\_\_. Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. Vol. 1. São Paulo: Vértice / IDESP, 1989, p. 72-110.
- MORICONI, Ítalo. *Ana C*. O sangue de uma poeta. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar*. Cultura política brasileira e modernização autoritária. Rio de Janeiro: Zahar: 2014.
- MOURA, Flávio; MONTEIRO, Paula (Orgs.). *Retrato de grupo*. 40 anos do CEBRAP. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- NERY, Sebastião. Lembranças de Gasparian. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 14-15 out. 2006, p. 6.
- \_\_\_\_\_. Esta é a oposição autêntica do Rio. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 14 nov. 1978, p.3.
- \_\_\_\_\_. Brasil de Sabá. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 21-22 mar. 1970, p. 4.
- NOVOS ESTUDOS. Opinião da indústria: é preciso controlar o capital estrangeiro. Rio de Janeiro, 2/8 fev. 1962, p. 7.
- O’SHAUGHNESSY, Hugh. Fernando Gasparian, publisher and industrialist. *The Independent*, London, 25 out. 2006. Disponível em [www.independent.co.uk](http://www.independent.co.uk).
- ORTIZ, Renato. Notas sobre as Ciências Sociais no Brasil. *Novos Estu-*

- dos CEBRAP*, n. 27, p. 163-175, jul. 1990.
- PAIM, Gilberto. Desnacionalização. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 maio 1968, Cad. Especial, p. 5.
- PAIVA, Marcelo Rubens. Caros generais, almirantes e brigadeiros. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 jan. 2010. Caderno 2, p. D10.
- \_\_\_\_\_. Em nome da mãe. *Brasileiros* [online], São Paulo, n. 98, 25 set. 2015. Entrevista a Daniel Benevides e Luiza Villaméa.
- \_\_\_\_\_; PAIVA, Maria E. F.; PAIVA, Vera S. F. Filhos de Rubens Paiva falam sobre o dia em que o pai não voltou. *Época* [online], São Paulo, 18 ago. 2015. Depoimento a Aline Ribeiro.
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil*. Entre o povo e a nação. Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990.
- PEREIRA, Luciana L. Costa. *A lista negra dos livros vermelhos*. Uma análise etnográfica dos livros apreendidos pela polícia política no Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- PEREIRA, Raimundo. Entrevista. In: AZEVEDO, Carlos. *Movimento*. DVD anexo. Entrevista concedida a Carlos Azevedo, Marina Amaral e Natália Viana, 9 out. 2009.
- \_\_\_\_\_. *Ex* apresenta a opinião de Raimundo Pereira. *Ex-*, São Paulo, n. 12, p. 34-39, jun. 1975. Entrevista a Hamilton Almeida Filho.
- \_\_\_\_\_. Nasce um jornal. *Movimento*, São Paulo, n. 0, s/d, 1975, p. 4/6.
- PINTO, Pedro Plaza. A apresentação de *Argumento*. *Revista da Cinemateca Brasileira*, São Paulo, n. 2, p. 142-148, jul. 2013.
- POLÍTICA EXTERNA. Carta dos editores. São Paulo, v. 15, n. 3, p. 5-7, dez./fev. 2006/2007.
- \_\_\_\_\_. Apresentação. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 3-4, jun. 1992.
- PONTES, Heloisa. *Destinos mistos*. Os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RABAHIE, Júlia; FAUSTINO, Rafael. *Contracorrente*. A história intelectual de Raimundo Rodrigues Pereira. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2013.
- REINERT, Helô. Onde os tucanos se encontram. *Época*, São Paulo, 2 ago. 1999.
- REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. Sá (Orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil*. 50 anos do Golpe de 1964. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- RIBEIRO, Renato J. O intelectual e seu outro: Foucault e Sartre. In: MORAES, Denis de. *Combates e utopias*. Os intelectuais num mundo

- em crise. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 245-260.
- RIBEIRO, Sabrina. Fernando Gasparian: um empresário que nunca se vendeu. *A Nova Democracia*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 32, dez. 2006. Disponível em [www.anovademocracia.com.br](http://www.anovademocracia.com.br)
- RIBEIRO, Teresa. Paz e Terra desponta com propostas novas e velha bandeira de coragem. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 jan. 1990. Letras, p. F1.
- RÓNAI, Cora. Fernando Gasparian, como um pai. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 out. 2006. 2º Caderno, p. 12.
- ROSA, Michele Rossoni. *Esquerdisticamente afinados*. Os intelectuais, os livros e as revistas das editoras Civilização Brasileira e Paz e Terra (1964-1969). Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- SAMPAIO, Plínio de Arruda. Fernando Gasparian. *Teoria e Debate*, São Paulo, v. 20, n. 68, p. 62-64, nov./dez. 2006.
- SOSNOWSKI, Saúl (ed.). *La cultura de un siglo*. América Latina en sus revistas. Buenos Aires: Alianza, 1999.
- COSTA, Célia M. L.; SILVA, Suely B. da (Coords.). *A trajetória política de João Goulart*. Dossiê. CPDOC-FGV, 2004. Disponível em [cpdoc.fgv.br](http://cpdoc.fgv.br)
- SCHWARZ, Roberto. Amor sem uso. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 1, p. 3, dez. 1981.
- SERRA, José. Paixão, generosidade e coragem. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 out. 2006. Opinião, p. A3.
- SILVA, Carlos E. Lins da. A contribuição de Fernando Gasparian à imprensa brasileira. *Política externa*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 17-19, dez./fev. 2006/2007.
- \_\_\_\_\_. Fernando Henrique revê teoria da dependência. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 22 abr. 1995. Brasil, p. 6.
- SOARES, Mário. Depoimento de Mário Soares sobre Fernando Gasparian. *Política externa*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 9-10, dez./fev. 2006/2007.
- SORJ, Bernardo. *A construção intelectual do Brasil contemporâneo*. Da resistência à ditadura ao governo FHC. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- SOSNOWSKI, Saúl (Org.). *La cultura de un siglo*. América Latina en sus revistas. Buenos Aires: Alianza, 1999.
- SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária*. Polêmicas, diários & retratos. 2ª ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- TELLES, Renata. *Glória póstuma*. Almanaque objeto de estudo. Dissertação (Mestrado em Literatura). Centro de Comunicação e Expressão,

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis 1999.

TRIBUNA DA IMPRENSA. Uma comissão com autênticos e empresários falidos. Rio de Janeiro, 26-27 jan. 1980, p. 5.

ÚLTIMA HORA. Líder industrial condena ação das “forças do medo”. Rio de Janeiro, 9 ago. 1962, p. 5.

\_\_\_\_\_. Eleita ontem nova diretoria da CNI: 150 milhões de cruzeiros para dar casa aos trabalhadores. Rio de Janeiro, 2 fev. 1962, p. 5.

\_\_\_\_\_. Gasparian: livre empresa é arma certa contra subdesenvolvimento e comunismo. Rio de Janeiro, 24 jan. 1962, p. 2.

VALCÁRCER, Javier Lasarte (Org.). *Territorios intelectuales*. Pensamiento y Cultura en América Latina. Caracas: Fondo Editorial La Nave Va, 2001.

VALDATI, Nilcéia. *O livro está pronto. E agora?* Uma leitura de Escrita. Dissertação (Mestrado em Literatura). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

VASCONCELOS, Sandra G. T. Ángel Rama no Brasil. In: \_\_\_\_\_. AGUIAR, Flávio (Orgs.). *Ángel Rama*. Literatura e cultura na América Latina. São Paulo: Edusp, 2001, p. 33-38.

VEJA. Da política para os negócios. São Paulo, n. 2060, p. 146-147, 14 mai. 2008.

\_\_\_\_\_. O que dizem os que apoiaram Lula. São Paulo, n. 1912, p. 78, 6 jul. 2005.

\_\_\_\_\_. O debate em revista. São Paulo, n. 631, p. 81-82, 8 out. 1980.

\_\_\_\_\_. Sem *Opinião*. São Paulo, n. 449, p. 29-30, 13 abr. 1977.

\_\_\_\_\_. Com *opinião*. São Paulo, n. 448, p. 37, 6 abr. 1977.

VENTURA, Zuenir. Os impasses da criação. In: \_\_\_\_\_. GASPARI, Elio; HOLLANDA, Heloisa B. de. *Cultura em trânsito*. Da repressão à abertura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 38-85.

VENTURINI, Fabio Cesar. *Estado, grande indústria e militares*. As relações de poder no setor metalmeccânico no Brasil (1964-1978). Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. Memórias de um repórter. São Paulo: Planeta, 2006.

WOLFF, Fausto. Amarcord, Gasparian! *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 out. 2006. Caderno B, p. B2.

ZANINI, Fábio. Conspiração gourmet. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 mar. 2016. Poder, p. A11.

**Cadernos de opinião** 1

O capitalismo Pós-Nacional  
**Celso Furtado**

Bertold Brecht  
Daniel Lescoste  
Sen. Ed. Kennedy  
Betty Mindlin Lafer  
Geoffrey Barraclough  
Hobsbawm/ Gramsci  
Roberto Schwarz  
Otávio Paz  
Hélio Jaguaribe

CR 13,00

**Cadernos de opinião**

Fernando Henrique Cardoso  
Jean-Paul Sartre  
Adorno/Sartre/Brecht  
Helder Câmara

Gabriel García Márquez  
Angel Rama/Marta Traba  
Sergio Cabral/Marta Rosa  
Lucia Tosi  
Celso Furtado/F.H. Cardoso

CR 13,00

**Ensaio de opinião**

**GETULIO VARGAS**

Charles Bettelheim  
Leônidas Martins Rodrigues  
José Arthur Gicantoni  
Gabriel Bolaffi  
José Serra  
Waldemar Nogueira Galvão  
Heliôr Ferreira Lima

CR 13,00

**Ensaio de opinião**

André Glucksmann  
Bresser Pereira  
Macciochi/Phillipe Sollers  
Millôr Fernandes

A. Rosenfeld/Roberto Schwarz

Paulo Brossard  
Peter Fry  
Kalecki/Jean Robinson  
Fernando Henrique Cardoso  
Eduard Carone

CR 13,00

**Ensaio de opinião**

**ESTADO, CIÊNCIA E PODER**

Charles Vanheke  
Berta G. Ribeiro  
Julia Kravosa  
Eduardo Matarazzo Suplicy  
Allen Kelly  
John Kenneth Galbraith  
Eric Hobsbawm  
Gonim da Fonseca  
Florestan Fernandes Junior

CR 13,00

**Ensaio de opinião**

**PAULO EMILIO**

Ruth Cardoso  
Euzique Iglesias  
René de Maupassant  
Clifford Geertz  
Antonio Callado  
Gary Wills  
Andrei Sakharov  
Francisco de Oliveira

CR 13,00

**Ensaio de opinião**

Francisco C. Weyffort

Luís Costa Lima  
Janice Perlman  
Jean Ziegler  
Truffaut / Renoir  
Hélio Pellegrino  
Berta Ribeiro  
Millôr / Marx

CR 13,00

**Ensaio de opinião**

**SIMONSEN**

Luciano Martins  
Albert Fishlow  
Eric Hobsbawm  
Eduardo Galeano  
John Kenneth Galbraith  
Alain Touraine  
J. A. Guillion Alimqueque  
William Gaos  
José Alvaro Maia

CR 13,00

**Ensaio de opinião**

**UM MINISTRO AGRIQUE OS ÍNDIOS**

David Ribeiro

**DESIGN DE PODER E DE ORGANIZ. DO ESTADO**

Eric Hobsbawm

Armando Caldeira  
Sônia Lima  
J. A. Salinas Gouveia  
Eduard Matarazzo Suplicy  
L. F. Ramos  
Luís Roberto de Azeiteiro Neto

CR 13,00

**Ensaio de opinião**

**O desenvolvimento do ponto de vista interdisciplinar**  
Celso Furtado

Hélio Jaguaribe  
Eduard Carone  
Sérgio Boff  
Sobraly Poffiani  
José F. Guimarães de Sá  
Giovanni Vanni  
Edu. Suplicy  
Roberto Schwarz  
E. H. Carr  
Paul Singer  
Marcelo de Moraes  
José Siqueira

CR 13,00

**Ensaio de opinião**

MIGUEL ABRAES:  
GREVE NA FABRICA

**A QUESTÃO AGRÁRIA**

Briza Araújo  
Frederic Braudel  
Euglio DiGianni

Ilsema  
Muller  
de  
Pantuflex  
de  
Torres

João F. Guimarães de Sá

LUCIANO MARTINS:  
A DEBATE DAS

CR 13,00

**Cadernos de opinião** 12

Eduardo Galeano  
Gregori / UNE / Aldo Arantes  
Guilhem / Greve em São Paulo  
Durham / Piaget / Dinnage  
Barbosa Lima Sobrinho  
Renato Ortiz  
Geoffrey Barraclough  
Ana Maria de Niemeyer  
Hermann Hesse / Middleton  
Evelina Hoisel  
Chomsky / Trilateral  
Albert Fishlow

CR 13,00

**Cadernos de opinião** 13

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES:  
O SISTEMA FINANCEIRO BRASILEIRO

ANTONIO CANDIDO

Henrich de Oliveira  
Celso Lafer

Dorival Ferreira  
Roberto Schwarz

Nelson Siqueira Galvão

PIERRE VILLAR:  
SOBRE NAÇÕES E NACIONALISMO

Fernando Henrique Cardoso  
Burtyn Ribeiro  
Roberto Santoro  
John Kenneth Galbraith  
Charles Komaroff

CR 13,00

**Cadernos de opinião** 14

ISEB / Hélio Jaguaribe  
O saldo de 15 anos / Padre Avila  
Woody Allen / Joan Didion  
Silviano Santiago / Luiz Costa Lima

CR 13,00

**Cadernos de opinião** 15

CR 13,00

Chomsky / Greve em São Paulo / Durheim / Piaget / Dinnage / Barbosa Lima Sobrinho / Renato Ortiz / Geoffrey Barraclough / Ana Maria de Niemeyer / Hermann Hesse / Middleton / Evelina Hoisel / Chomsky / Trilateral / Albert Fishlow

CR 13,00

INDEXAÇÃO

CADERNOS/ENSAIOS DE OPINIÃO



## ÍNDICE GERAL

**FURTADO, Celso. O capitalismo pós-nacional. Uma interpretação da "crise" econômica atual. Cadernos de Opinião, n. 01, [jun.] 1975, p.4-25.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Capitalismo; História; Poder; Relações internacionais

**Notas de resumo:** O ensaio faz um histórico das grandes fases do capitalismo como sistema de trocas internacionais, analisando, em seguida, as relações entre o seu centro e a periferia e destacando, ao final, o agravamento das tensões nessas relações, que aponta para "uma concepção do desenvolvimento que implica em novo projeto de civilização". [O ensaio foi apresentado em conferência sobre as transformações [então] recentes da economia mundial em março de 1975 na Universidade de Teerã]

**Autores citados:** FUNDBARG, Erik; HYMER, Stephen; IMLAH, Albert Henry; KENWOOD, Albert George; LOUGHEAD, Alan Leslie; MAIZELS, Alfred; MANSER, William A. P.; ROWTHORN, Bob;

**GUINLE, Eduardo. A Light e seus negócios da China. Cadernos de Opinião, n. 01, [jun.] 1975, p. 6-33.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Economia; Energia; Estado; Política

**Notas de resumo:** O artigo acusa a manipulação de capital e despesas como fonte de lucros abusivos por parte das companhias de serviços, tomando como exemplo a Light & Power. Ao final, discorre sobre possíveis medidas a serem tomadas pelo Estado para corrigir a situação. [Em nota, o editor comenta as estratégias das multinacionais quando de seu interesse em vender as operações ao Estado, citando como exemplo a Light, então em tratativas para a venda de suas operações. Esta é a razão para a republicação do artigo de Guinle, publicado originalmente no Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1933.]

**Autores citados:** SACKETT, Frederic; TÁVORA, Juarez;

**BRECHT, Bertolt. Cinco maneiras de dizer a verdade. Cinco dificuldades no escrever a verdade. Cadernos de Opinião, n. 01, [jun.] 1975, p.34-40.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavras-chave:** Capitalismo; Fascismo; Luta de classes; Verdade

**Notas de resumo:** Partindo da constatação de que a Europa [então] submerge na barbárie, Brecht aponta para as dificuldades - tais como a cora-

gem necessária para escrevê-la, a inteligência para reconhecê-la e sua transformação em arma - de se trazer à tona a verdade, isto é, a ligação entre capitalismo e barbárie. [Texto escrito em 1934; publicado na revista *Notre Temps*, Paris, 1935; publicado na *Revista Civilização Brasileira* n. 5/6, 1966]

**Autores citados:** CONFÚCIO; DARWIN, Charles; HEGEL; LENIN, Vladimir Ilitch; LUCRÉCIO; MARX, Karl; MORE, Thomas; SHAKESPEARE, William; SWIFT, Jonathan; VOLTAIRE, François;

**SCHWARZ, Roberto. Criando o romance brasileiro. Cadernos de Opinião, n. 01, [jun.] 1975, p.41-53.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

**Palavras-chave:** Brasil; Ideologia; Realismo; Romance

**Notas de resumo:** O ensaio aborda a contradição entre a forma do romance realista (europeu) e a matéria local nos primeiros romances realistas brasileiros, tomando como caso de análise o romance "Senhora", de José de Alencar. Para Schwarz, essa contradição - não levada adiante por um senso de realidade - é o legado mais profundo de Alencar para a tradição de nosso Realismo. [Publicado originalmente em *Argumento* n. 4, fev. 1974]

**Autores citados:** ALENCAR, José de; ALMEIDA, Manuel Antônio de; ALTHUSSER, Louis; ALVIM, Clarinda; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; ASSIS, Machado de; BALZAC, Honoré de; BENJAMIN, Walter; CANDIDO, Antonio; COUTINHO, Afrânio; DEAN, Warren; DUMAS FILHO, Alexandre; FEUILLET, Octave; JAMES, Henry; HAUSER, Arnold; LUKÁCS, Georg; MACEDO, Joaquim Manoel de; MAQUIAVEL, Nicolau; NABUCO, Joaquim; PROUST, Marcel; RODRIGUES, Nelson; ROSA, Guimarães; SARTRE, Jean-Paul; TREVISAN, Dalton; VELOSO, Caetano; WEBER, Max;

**PINSKY, Mirna Gleich. Teatro infantil. Importância e realidade. Cadernos de Opinião, n. 01, [jun.] 1975, p.54-56.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** Educação; Infância; Mercado; Teatro

**Notas de resumo:** Apontando a importância do teatro na educação da criança, a autora afirma que, ao contrário de países como URSS e EUA, a experiência do teatro infantil no país carece de reconhecimento por parte do público, das escolas, do governo e mesmo da grande maioria de autores.

**Autores citados:** AYALA, Walmir; BELINKY, Tatiana; BENEDETTI, Lúcia; CAMARGO, Joracy; CIAMBRONI, Ronaldo; CURADO, Eduardo; DAVIS, Jed H.;

GOUVEIA, Júlio; LOURENÇO, Pasqual; MACHADO, Maria Clara; PEREIRA, Jurandir; PFULL, Oscar Von; QUAGLIA, Walter; WATKINS, Mary Jane Larson;

**MINDLIN, Betty. Em busca do feminino. Cadernos de Opinião, n. 01, [jun.] 1975, p.57-60.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavras-chave:** Cultura; Feminismo; Psicologia; Sociedade

**Notas de resumo:** A autora aborda as dificuldades nas discussões sobre o feminismo, notadamente diante de uma psicologia feminina marcada por dois aspectos, reforçados pela cultura: a proximidade da mulher com a natureza e seu afastamento de atividades públicas.

**Autores citados:** JAQUETTE, Jane; MILLET, Kate; VARNHAGEN, Rahel; WOLF, Virginia;

**ZANOTTO, Ilka. Da função da crítica. Cadernos de Opinião, n. 01, [jun.] 1975, p.61-62.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** Arte; Crítica; Liberdade; Verdade

**Notas de resumo:** Assumindo que "a crítica é o duro ofício de dizer verdades", o texto discute a posição do crítico e as dificuldades e incompreensões diante de seu trabalho. Resgatando algumas discussões em torno do exercício da crítica, a autora afirma ser necessária total liberdade para que esta se torne verdadeiramente o veículo da Verdade.

**Autores citados:** ARISTÓTELES; BARTHES, Roland; EMMET, Alfred; ESSLIN, Martin; FRANCE, Anatole; HEIDEGGER, Martin; KANT, Immanuel; NIETZSCHE, Friedrich; PRADO, Décio de Almeida;

**HOBBSAWN, Eric J. O grande Gramsci, das lutas à prisão. Cadernos de Opinião, n. 01, [jun.] 1975, p.63-71.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

Nome pessoal como assunto: GRAMSCI, Antonio

**Palavras-chave:** Biografia; Marxismo; Século XX; Teoria

**Notas de resumo:** A partir das [então] recentes edições e traduções das obras e também de uma biografia de Gramsci, Hobsbawn discorre sobre o pensamento filosófico e a teoria política do comunista italiano e discute seu legado e sua relação com o pensamento comunista do século XX, em que se destaca, provavelmente, como o mais original. [Publicado originalmente na NY Review of Books, 4 abr. 1974]

**Autores citados:** ALTHUSSER, Louis; BALIBAR, Etienne; BERNSTEIN, Eduard; BORDIGA, Amadeo; CAMMET, John M.; CAPRIOGGIO, Sergio; CORTESI,

Luigi; CROCE, Benedetto; ENGELS, Friedrich; FIORI, Giuseppe; FUBINI, Elza; GRAMSCI, Antonio; HOARE, Quintin; KAUTSKY, Karl; KORSCH, Karl; LAWNER, Lynne; LENIN, Vladimir Ilitch; LUKÁCS, Georg; LUXEMBURG, Rosa; MARX, Karl; MAQUIAVEL, Nicolau; MARTOV, Julius; PAGGI, Leonardo O.; PAPI, Fulvio; PLEKHANOV, (Georgi Valentimovitch); RIAZANOV, David; SECHI, Salvatore; SMITH, Geoffrey Nowell; STRADA, Vittorio; TOGLIATTI, Palmiro; TROTSKI, Leon; WEBB, Beatrice; WEBB, Sidney;

**BARRACLOUGH, Geoffrey. Adolf Hitler, o ex-mito. Cadernos de Opinião, n. 01, [jun.] 1975, p.72-81.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - História

Nome pessoal como assunto: HITLER, Adolf

**Palavras-chave:** Biografia; Fascismo; História; Século XX

**Notas de resumo:** Partindo da mistificação em torno de Hitler, Barraclough comenta várias das biografias do líder nazista, apontando os problemas e acertos das publicações e tecendo também suas considerações acerca da ascensão e dos projetos de Hitler. Ao final, destaca e comenta ainda os últimos lançamentos sobre Hitler e o Nacional Socialismo alemão. [Publicado originalmente na NY Review of Books, 3 abr. 1975]

**Autores citados:** ABEL, Theodore; ALLEN, William Sheridan; ASCHERSON, Neal; BINION, Rudolf; BRACHER, Karl Dietrich; BROSZAT, Martin; BULLOCK, Alan; CROSS, Collin; DAHRENDORF, Ralf; FEST, Joachim; HEIDEN, Konrad; HILDEBRAND, Klaus; JÄCKEL, Eberhard; KAHLER, Eric; LAQUEUR, Walter; LEY, Robert; MASER, Werner; MERKL, Peter H.; MOMMSEN, Hans; MOSSE, George L.; NOAKES, Jeremy; NOLTE, Ernst; OLDEN, Rudolf; ORLOW, Dietrich; PAYNE, Robert; PRIDHAM, Geoffrey; RAUSCHNING, Hermann; SCHOENBAUN, David; SCHRAMM, Percy Ernst; SPEER, Albert; STERN, Joseph Peter; TREVOR-ROPER, Hugh; VON MULLER, Karl A.; WECHLER, Hans-Ulrich; WEISS, John; ZECHLIN, Egmont;

**PAZ, Octavio. O escritor e a política. Cadernos de Opinião, n. 01, [jun.] 1975, p.82-83.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

**Palavras-chave:** Democracia; Instituições; Literatura; Política

**Notas de resumo:** Diante da crise política mexicana, Paz afirma que, enquanto cidadão, apoia o nascimento de um movimento popular independente, mas, enquanto escritor, sua posição é "outra", isto é, de "marginalidade" em relação ao Estado, partidos, ideologias e mesmo a sociedade, uma vez que o escritor "não fala sequer em nome de si próprio". [Publicado originalmente em Plural, suplemento do jornal Excélsior, México, out.

1972]

**KENNEDY, Edward M. Além da détente. Cadernos de Opinião, n. 01, [jun.] 1975, p.84-94.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Economia; Poder; Política; Relações internacionais.

**Notas de resumo:** Para o autor, a era além da détente na relação EUA-URSS "deve enfatizar os métodos de dar a essas relações tanto liberalidade como profundidade". Kennedy elenca algumas medidas para o processo que se abre, destacando que a relação entre os dois países deverá levar em conta também os problemas mundiais mais amplos. [Publicado originalmente na Foreign Policy, 15 set. 1974]

**LECONTE, Daniel. Laos, o difícil caminho da independência nacional. Cadernos de Opinião, n. 01, [jun.] 1975, p.95-103.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Colonialismo; Guerra; Oriente; Política

**Notas de resumo:** O autor comenta a situação política do país dois anos após o acordo de cessar-fogo na guerra civil. Governado em conjunto por duas forças opostas, as tensões políticas favorecem o imobilismo econômico. "Nada no quadro atual autoriza previsão de mudanças espetaculares". [Publicado originalmente no Le Monde Diplomatique, abr. 1974]

**JAGUARIBE, Helio. O Vietnã e os Estados Unidos. Cadernos de Opinião, n. 01, [jun.] 1975, p.104-111.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - História

**Palavras-chave:** Colonialismo; Guerra; Oriente; Socialismo

**Notas de resumo:** Partindo da rendição de Saigon ao Vietnã do Norte ocorrida em 30 de abril, o artigo relembra as lutas anticoloniais do Vietnã de 1920 à vitória sobre os EUA. O autor se detém, então, nas razões da intervenção americana na região e no papel dos EUA na ordem mundial. Ao final, Jaguaribe afirma ser certo que a nova Indochina será socialista. [Publicado também na Estudios Internacionales, n. 31, Santiago, jul./set. 1975]

**Autores citados:** ARON, Raymond; KAHIN, George McTurnan; LEWIS, John W.; LISKA, George; LUKACS, John; SCHLESINGER, James; VAN ALSTYNE, Richard Warner;

**CARDOSO, Fernando Henrique. O autoritarismo e a democratização necessária. Cadernos de Opinião, n. 02, [jul.] 1975, p.3-8.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Autoritarismo; Capitalismo; Democracia

**Notas de resumo:** Trata-se da introdução de "Autoritarismo e democratização". Segundo o autor, os ensaios reunidos no livro têm dois eixos principais: um analítico e fundamentado empiricamente, que "procura caracterizar as formas predominantes de autoritarismo e os modos pelos quais se organiza a acumulação capitalista no Brasil"; e um claramente valorativo, que "busca delinear as insuficiências das soluções autoritárias" e vislumbrar possíveis alternativas democráticas.

**Autores citados:** BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos; CANDIDO, Antonio; FERNANDES, Florestan; FIRTH, Raymond; HOLANDA, Sérgio Buarque de; MARTINS, Carlos Estevam; MARX, Karl; SANTOS, Wanderley Guilherme dos; WEBER, Max;

**CONTAT, Michel; SARTRE, Jean-Paul. Autorretrato de Sartre aos setenta anos. Cadernos de Opinião, n. 02, [jul.] 1975, p.9-27.**

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Biografia; Filosofia; Literatura; Século XX

**Notas de resumo:** Na longa entrevista a Michel Contat, Sartre faz um balanço de sua vida, de suas posições políticas e de sua obra. A entrevista, segundo a apresentação, "se pretende uma continuação oral de 'Les mots'", uma vez que Sartre não podia mais ler e escrever por estar quase cego. [Entrevista publicada originalmente, em três partes, na *Nouvel Observateur*, entre junho e julho de 1975]

**Autores citados:** ARON, Raymond; BARTHES, Roland; BEAUVOIR, Simone de; CAMUS, Albert; GIDE, André; LÉVI-STRAUSS, Claude; STENDHAL;

**ADORNO, Theodor. Sartre e Brecht, engajamento na literatura. Cadernos de Opinião, n. 02, [jul.] 1975, p.28-37.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

**Palavras-chave:** Estética; Formalismo; Literatura; Política

**Notas de resumo:** O ensaio discorre sobre o engajamento na literatura e na arte, tendo como ponto de partida Sartre e Brecht. Apontando as diferenças entre ambos, Adorno critica duramente as ideias e realizações dos autores. Adorno discute ainda o experimentalismo contemporâneo a partir de Kafka e Beckett, bem como as diferenças entre as tradições culturais alemã e francesa. [Tradução da versão publicada na *New Left Review*, n. 87/88, set./dez. 1974]

**Autores citados:** BECKETT, Samuel; BENJAMIN, Walter; BRECHT, Bertolt; ENZENSBERGER, Hans Magnus; HEGEL; KAFKA, Franz; KLEE, Paul; MANN,

Thomas; MARCUSE, Herbert; SARTRE, Jean-Paul;

**CÂMARA, Hélder (Dom). O que faria S. Tomás de Aquino diante de Karl Marx? Cadernos de Opinião, n. 02, [jul.] 1975, p.38-42.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavras-chave:** Filosofia; Política; Religião

**Notas de resumo:** Dom Hélder parte da leitura empreendida por Tomás de Aquino da obra de Aristóteles, um autor à época proscrito pela Igreja, para tecer relações entre os pensamentos cristão e marxista, concluindo pela necessidade de diálogo entre a Igreja e a obra de Marx. [Palestra pronunciada na Universidade de Chicago, out. 1974]

**Autores citados:** AQUINO, São Tomás de; ARISTÓTELES ; MARX, Karl;

**TOSI, Lucía. Criatividade científica da mulher. Cadernos de Opinião, n. 02, [jul.] 1975, p.43-50.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Ciência

**Palavras-chave:** Ciência; Comportamento; Mulher

**Notas de resumo:** O ensaio discorre sobre a situação da mulher no campo científico, apontando a discriminação intelectual. Segundo a autora, as cientistas recebem salários menores, não fazem parte de comissões, não ocupam cargos de grande responsabilidade e muito raramente recebem bolsas de auxílio à pesquisa.

**Autores citados:** FRANKLIN, Rosalind; FRIEDMAN, Betty; LEJEUNE, Monique; LEPRINCE-RINGUET; MACCOBY, Eleanor E.; ROSSI, Alice B.; SAMUEL, Pierre; SKLODOVSKA-KIRI, Marija; TERMAN, L.M.; VIGUÉ, Micheline; WATSON, James D.; WOOLF, Virginia;

**BERMEJO, Ernesto González; MÁRQUEZ, Gabriel García. A imaginação no poder em Macondo. Cadernos de Opinião, n. 02, [jul.] 1975, p.51-54.**

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA - Literatura

**Palavras-chave:** América Latina; Literatura; Política

**Notas de resumo:** Na entrevista a Eduardo Gonzáles Bermejo, García Márquez fala sobre seus livros "Cem anos de solidão" e "O outono do patriarca" e de seus planos futuros para o cinema e a televisão com Ruy Guerra e Francesco Rossi. O escritor discorre ainda sobre a função política do escritor. [Publicado originalmente em Crisis, n. 24, abr. 1975]

**Autores citados:** DEBRAY, Regis; GUERRA, Ruy; ONETTI, Juan Carlos; ROSSI, Francesco;

**MIGNONA, Eduardo. Viagem ao mundo de Gabo. Cadernos de Opinião, n. 02, [jul.] 1975, p.54-55.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: MÁRQUEZ, Gabriel García

**Palavras-chave:** América Latina; Biografia; Literatura

**Notas de resumo:** O texto discorre sobre a importância de "Cem anos de solidão" a partir de comentários feitos pelo próprio autor - García Márquez - e por contemporâneos do escritor, que descrevem personagens e lugares e falam da fama que García Márquez conquistou na Colômbia e no mundo. [Publicado originalmente em Crisis, n. 24, abr. 1975; consta lista de trabalhos publicados por García Márquez]

**Autores citados:** MÁRQUEZ, Gabriel García;

**MÁRQUEZ, Gabriel García. O outono do patriarca. Cadernos de Opinião, n. 02, [jul.] 1975, p.56-61.**

**Vocabulário controlado:** FICÇÃO

**Notas de resumo:** Trecho do romance de mesmo nome.

**Cadernos de Opinião. A cultura da resistência. Cadernos de Opinião, n. 02, [jul.] 1975, p.62.**

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavras-chave:** América Latina; Cultura; História; Modernidade

**Notas de resumo:** Servindo de apresentação aos ensaios de Marta Traba e de Ángel Rama, o breve texto aponta aquelas que seriam as duas coordenadas conjugadas historicamente no desenvolvimento da América Latina: "a correspondente às culturas que por múltiplas contribuições autóctones e estrangeiras conseguiram sedimentar-se nos séculos coloniais e no começo da República"; e "a representada pelo impacto modernizador procedente da Europa e dos EUA [...] nos últimos 150 anos".

**TRABA, Marta. Um lugar com limites. Cadernos de Opinião, n. 02, [jul.] 1975, p.63-70.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** América Latina; Cultura; Política

**Notas de resumo:** Para Traba, "a partir das guerras de independência, o tema número um do continente (América Latina) foi o da dependência". A autora discorre, então, historicamente, sobre a "obstinação" da cultura em desvelar essa questão, destacando os avanços e dilemas da produção cultural latino-americana com vistas a romper a acusada dependência - notadamente por meio de uma "cultura da resistência". [Publicado original-

mente com o título "La cultura de la resistência" em "Literatura y praxis en América Latina". Org. Fernando Alegría. Caracas: Monte Ávila, 1974]

**Autores citados:** ARENAS, Reynaldo; BROCH, Herman; CARPENTIER, Alejo; CASSIRER, Ernest; CUEVAS, José Luis; DESNOES, Edmundo; ELIZONDO, Salvador; ENZENSBERGER, Hans Magnus; FRANK, André Gunder; GRASSMAN, Marcelo; LAM, Wilfredo; LUKÁCS, Georg; MARIÁTEGUI, José Carlos; MÁRQUEZ, Gabriel García; ONETTI, Juan Carlos; PAZ, Octavio; PONCE, J. García; RIBEIRO, Darcy; RULFO, Juan; SÁBAT, Hermenegildo; SZYSZLO, Fernando; Zaid, Gabriel;

**RAMA, Ángel. Transculturação na narrativa latino-americana. Cadernos de Opinião, n. 02, [jul.] 1975, p.71-82.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

**Palavras-chave:** América Latina; Literatura; Modernidade

**Notas de resumo:** Rama centra sua análise na literatura latino-americana produzida a partir de meados do século XX, quando a modernização se impõe ao subcontinente. Tomando de empréstimo o conceito de transculturação de Fernando Ortiz, Rama o aplica a essa literatura, que opera - nos níveis linguístico, da composição literária e dos significados - uma narrativa da transculturação. Detém-se, então, em quatro escritores: Guimarães Rosa, José María Arguedas, Juan Rulfo e García Márquez. [Publicado originalmente na Revista de Literatura Hispanoamericana, n. 5, abr. 1974]

**Autores citados:** ADORNO, Theodor; ALEXIS, Jacques Stephan; ANDRADE, Mário de; ARGUEDAS, José Maria; BASTOS, Augusto Roa; BELTRÁN, Gonzalo Aguirre; BEALS, Ralph L.; BERMEJO, Ernesto González; CARPENTIER, Alejo; CASTRO, Américo; CORTÁZAR, Julio; ENZENSBERGER, Hans Magnus; FREYRE, Gilberto; FUENTES, Carlos; GARIBAY, María; GRIVEL, Charles; HARRIS, Mark; HORKHEIMER, Max; LANTERNARI, Vittorio; LARRETA, Enrique; LÉVI-STRAUSS, Claude; LLOSA, Mário Vargas; MALINOWSKI, Bronislaw; MALLEA, Eduardo; MARECHAL, Leopoldo; MARIÁTEGUI, José Carlos; MÁRQUEZ, Gabriel García; ORTIZ, Fernando; PORTILLA, Miguel Leon; QUIROGA, Horacio; RADCLIFFE-BROWN; REGO, José Lins do; ROSA, Guimarães; RULFO, Juan; SCORZA, Manuel; SÉJOURNÉ, Laurete; WACHTEL, Nathan; WAGLEY, Charles;

**CABRAL, Sérgio. Noel Rosa, 200 músicas em 26 anos, 4 meses e 23 dias de vida. Cadernos de Opinião, n. 02, [jul.] 1975, p.83-90.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

Nome pessoal como assunto: ROSA, Noel

**Palavras-chave:** Brasil; Música; Samba

**Notas de resumo:** O autor discorre sobre a vida e obra de Noel Rosa e os primórdios da industrialização e comercialização da música popular no Brasil, entremendo ao texto canções de Noel.

**Autores citados:** ALMIRANTE; ALVES, Chico; BARRO, João de; BATISTA, Wilson; PRAZERES, Heitor dos; ROSA, Noel;

**BRAGA, Roberto Saturnino; CARDOSO, Fernando Henrique; FURTADO, Celso. A crise econômica mundial e o modelo político brasileiro. Cadernos de Opinião, n. 02, [jul.] 1975, p.91-110.**

**Vocabulário controlado:** DEBATE

**Palavras-chave:** Brasil; Economia; Política

**Notas de resumo:** Em debate mediado por Saturnino Braga, Celso Furtado retoma seu ensaio "O capitalismo pós-nacional", publicado no número 1 dos "Cadernos de Opinião", e Fernando Henrique Cardoso discorre sobre seu livro "Autoritarismo e democratização", cuja introdução abre esse número da revista. [Trata-se do debate de lançamento dos "Cadernos de Opinião", no Teatro Casa Grande, ocorrido em junho de 1975]

**Ensaio de Opinião. Getúlio Vargas. Ensaio de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.4.**

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavras-chave:** Brasil; Economia; História; Trabalho

**Notas de resumo:** Texto comenta a importante presença de Getúlio Vargas na história do Brasil e traz um breve resumo dos textos que tratam sobre ele neste volume do Ensaio de Opinião.

**Autores citados:** ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de; ARANHA, Oswaldo; ASSIS, Machado de; CABRAL, Sérgio; PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral; SODRÉ, Nelson Werneck; VARGAS, Getúlio; VELLINHO, Moisés;

**SODRÉ, Nelson Werneck. A época de Vargas. Ensaio de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.5-12.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Democracia; Ditadura; Fascismo; História; Política

**Notas de resumo:** O autor começa o texto explicando o conceito da Época Vargas (1930 - 1945 e 1945 - 1954) e descreve todos os marcos históricos deste período. Discorre sobre a trajetória do político desde o seu retorno em 1945 até o suicídio em 1954. [Consta nota de apresentação sobre o autor e seus escritos sobre Getúlio Vargas]

**Autores citados:** DUTRA, Eurico Gaspar; VARGAS, Getúlio;

**VARGAS, Getúlio. Discurso de Ano Novo (31/12/51). Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.13-16.**

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavras-chave:** Brasil; Economia; Periferia; Política

**Notas de resumo:** Discurso feito após onze meses de governo, onde Getúlio Vargas analisa a situação do Brasil, sua dívida externa, a utilização de capital estrangeiro e os investimentos futuros fazendo também um esboço do programa de recuperação nacional.

**PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. A criação do Partido Trabalhista Brasileiro. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.17-19.**

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Nação; Política; Trabalho

**Notas de resumo:** A entrevista fala do surgimento do partido político PTB, criado por Getúlio Vargas; dos movimentos que o influenciaram; do sentido programático do partido; explicou porque Getúlio criou primeiramente o PSD e depois o PTB com objetivos diferentes entre si; discutiu a aliança PSD-PTB e a fidelidade do partido ao programa idealizado por Vargas.

**Autores citados:** VARGAS, Getúlio;

**VARGAS, Getúlio. Discurso no estádio do Vasco (1/5/51). Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.20-23.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Brasil; Poder; Política; Sindicalismo

**Notas de resumo:** Getúlio Vargas comenta seu retorno ao governo depois de seis anos através da escolha do povo, pede a união dos trabalhadores em sindicatos para que estes, considerados muito importantes, possam ajudá-lo a cumprir seus planos de melhora do país que envolvem uma Legislação Trabalhista, investimento no ensino gratuito, assistência médica e social para trabalhadores rurais, moradia e aumento do salário mínimo.

**VARGAS, Getúlio. Discurso do Dia do Trabalho (1/5/52). Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.24-26.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Economia; Periferia; Política; Sindicalismo

**Notas de resumo:** O discurso de Getúlio Vargas ressalta a importância dos trabalhadores, organizados em sindicatos, para o desenvolvimento do país e do próprio governo. Fala de como costuma escutar os líderes de cada classe e das melhorias que tem feito para os operários e trabalhadores, dando-lhes também liberdade sindical.

**VARGAS, Getúlio. Discurso no Palácio Rio Negro. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.27-28.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Economia; Industrialização; Política; Trabalho

**Notas de resumo:** Começa o discurso parabenizando os trabalhadores e falando do crescimento da indústria e da economia no país. Compara este crescimento à desvalorização do salário mínimo e anuncia a fixação dos novos níveis deste salário que serão condizentes com a necessidade do povo. Comenta a importância dos sindicatos nesta nova conquista salarial, fala que está cumprindo as promessas feitas e termina incentivando os trabalhadores a nunca deixarem de lutar pelos seus direitos.

**Autores citados:** ARANHA, Oswaldo;

**VELLINHO, Moisés. À margem da Revolução de 30. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.29-31.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Democracia; Ditadura; Política; República; Revolução

**Notas de resumo:** O autor relata como teve início a Revolução de 30, sua duração e seu final. Comenta a atuação de Getúlio Vargas durante a revolução e as consequências de sua participação neste período do país.

**Autores citados:** ARANHA, Oswaldo; BARBOSA, Rui; ASSIS, Machado de; CASTILHO, Júlio de; VARGAS, Getúlio; VOLTAIRE, François;

**ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de. Reformas na América Latina. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.32-35.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** América Latina; Capitalismo; Economia; Nacionalismo; Socialismo

**Notas de resumo:** O texto trata das reformas ocorridas na América Latina através da influência da Grande Depressão de 1929 e da Segunda Guerra Mundial (1939-45). Comenta a reação dos Estados Unidos para se fortalecer no pós-guerra, a Revolução Mexicana e o nacionalismo que cresceu muito neste período nos países sul americanos, incluindo o Brasil através do Estado Novo.

**Autores citados:** TROTSKI, Leon; VARGAS, Getúlio; ZAPATA, Emiliano;

**CABRAL, Sérgio. Getúlio Vargas e a música popular brasileira. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.36-41.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** Economia; MPB; Nacionalismo; Política

**Notas de resumo:** O autor comenta a influência da música popular brasileira e das rádios no governo de Getúlio Vargas e o que este fez através destes meios de comunicação para se promover politicamente. Fala também da crise das rádios nacionais e do auxílio que estas receberam de Getúlio.

**Autores citados:** BABO, Lamartine; BARBOSA, Orestes; COSTA, Miguel; FILHO, André; FREIRE JR.; GUIMARÃES, Francisco; PRESTES, Julio; SINHÔ; VALENÇA, João; VARGAS, Getúlio;

**PIMENTA, Matos. Forças armadas, Petrobrás e Standard Oil. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.42-44.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Economia; Nacionalismo; Política

**Notas de resumo:** O texto comenta a relação entre a deposição de Vargas pelas Forças Armadas e a entrega da exploração do petróleo brasileiro a Standard Oil, segundo testemunho do "Wall Street Journal", do "New York Times" e do "Financial Times". [Consta a Carta-testamento de Getúlio Vargas (24/08/54)]

**Autores citados:** VARGAS, Getúlio;

**Ensaios de Opinião. URSS: sociedade socialista, ou capitalismo de Estado?. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.45.**

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavras-chave:** Capitalismo; Política; Socialismo

**Notas de resumo:** Apresentação feita aos textos de Charles Bettelheim e de Leôncio Rodrigues que tratam do marxismo e socialismo soviéticos.

**Autores citados:** LUKÁCS, Georg; RODRIGUES, Leôncio Martins; SARTRE, Jean-Paul;

**BETTLHEIM, Charles. A luta de classes na União Soviética. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.46-61.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Comunismo; Economia; Política; Socialismo

**Notas de resumo:** O texto analisa o início do socialismo na União Soviética, suas vantagens e seus pontos fracos. Fala sobre a economia, as classes sociais e suas lutas e como grandes pensadores como Marx, Stálin e Lenin influenciaram na trajetória da URSS até o momento atual.

**Autores citados:** ENGELS, Friedrich; LENIN, Vladimir Ilitch; MARX, Karl; STALIN, Josef; TROTSKI, Leon;

**RODRIGUES, Leôncio Martins. Bettelheim e a luta de classes na União Soviética. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.62-69.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Burguesia; Capitalismo; Política; Socialismo

**Notas de resumo:** O autor discute e faz uma crítica ao livro "A Luta de Classes na União Soviética: Primeiro Período, 1917-23" de Bettelheim, resumindo seus principais pontos e discordando do autor do livro no que diz respeito ao controle de uma "burguesia de Estado" sobre a União Soviética.

**Autores citados:** BETTLHEIM, Charles; LENIN, Vladimir Ilitch; MARX, Karl; STALIN, Josef; TROTSKI, Leon;

**Ensaios de Opinião. SBPC. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.70.**

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavras-chave:** América Latina; Economia; Filosofia; Urbanismo

**Notas de resumo:** Apresentação dos textos de José Arthur Giannotti, que trata do papel do filósofo, e de Gabriel Bolaffi, que fala sobre urbanismo e habitação. Ambos os textos foram apresentados na XXVII Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, realizado em julho de 1975 no campus da Universidade Federal de Minas Gerais.

**GIANNOTTI, José Arthur. Por que filósofo?. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.71-72.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Filosofia

**Notas de resumo:** O autor comenta o papel do filósofo na história e atualmente; a relação estabelecida entre a filosofia e o poder do estado e o importante papel do filósofo atual, que na maioria das vezes é um professor que deve utilizar técnicas de comunicação modernas e estimular o nascimento de cidadãos livres.

**BOLAFFI, Gabriel. Habitação e urbanismo: o problema e o falso problema. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.73-83.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavras-chave:** América Latina; Economia; Poder; Urbanismo

**Notas de resumo:** O autor comenta o problema da habitação no Brasil e até que ponto este é um problema real. Apresenta a situação real do país e mostra soluções possíveis para ela. [Comunicação apresentada no Simpósio de Habitação da XXVII Reunião Anual da SBPC em julho de 1975.]

**Autores citados:** FERNANDES, Florestan; RUSSELL, Bertrand;

**SERRA, José. O desenvolvimento da América Latina. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.84-95.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** América Latina; Economia; Periferia; Política

**Notas de resumo:** O autor apresenta uma análise econômica e política da América Latina para demonstrar as causas que prejudicam o seu desenvolvimento. Apresenta também soluções possíveis que auxiliariam o crescimento destes países.

**Autores citados:** BIANCHI, A.; PINTO, Anibal;

**GALVÃO, Walnice Nogueira. Amado: respeitoso, respeitável. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.96-100.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

**Palavras-chave:** Best-seller; Crítica; Ficção; Literatura; Mercado

**Notas de resumo:** Walnice tece críticas à literatura best-seller e ao escritor Jorge Amado, considerado no texto um autor de mercado. Faz uma análise do livro "Tereza Batista Cansada de Guerra", comparando seus personagens e enredo aos de Brecht, Buñuel e Defoe.

**Autores citados:** AMADO, Jorge; ASIMOV, Isaac; ASSIS, Machado de; BALZAC, Honoré de; BRADBURY, Ray; BRECHT, Bertolt; BUÑUEL, Luis; CARVALHO, José Cândido de; CLARKE, Arthur; CREPAX, Guido; CRUMB; CUNNINGHAM, E. V.; DEFOE, Daniel; EBING; DISNEY, Walter Elias; FEIFFER, Jules; FLEMING, Ian; FREUD, Sigmund; FREYRE, Gilberto; GOSCINY; HEINLEIN, Robert A.; HAILEY, Arthur; JUNG, Carl-Gustav; KUBRICK, Stanley; McBAIN, Ed; ROSA, Guimarães; TABARY; UDERZO; VASCONCELOS, José Mauro de; VERÍSSIMO, Érico; WOOLF, Virginia;

**Ensaios de Opinião. "Um simples e clássico conflito de trabalho". Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.101.**

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavras-chave:** Imprensa; Liberalismo; Política; Revolução

**Notas de resumo:** Apresentação dos textos de Jean Daniel e Edgar Morin que discutem a liberdade de imprensa a partir de artigo publicado pelo jornal francês "Le Monde", também publicado nesta revista.

**Autores citados:** DANIEL, Jean; FAUVET, Jacques; MORIN, Edgar; SEGUÍ;

**Le Monde. Revolução e liberdade. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.102.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Democracia; Ditadura; Revolução; Socialismo

**Notas de resumo:** O artigo trata da liberdade de imprensa, citando exemplos de jornais europeus e de suas influências sobre as revoluções.

**Autores citados:** FANFANI; SEGUÍ; SOARES, Mario;

**DANIEL, Jean. Os pontos nos "ii". Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.103.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Comunismo; Imprensa; Liberalismo; Socialismo

**Notas de resumo:** O texto trata da repercussão do caso do diário de Lisboa "República" na França, que teve sua publicação proibida por ter feito acusações políticas utilizando-se da liberdade de imprensa.

**Autores citados:** COT, Jean Pierre; MAIRE, Edmund; MARCHAIS, George; MAUROY, Pierre; MITERRAND, François; MOREAU, Jacques; MORIN, Edgar; ROCARD, Michel; SEGUÍ; SOARES, Mario;

**MORIN, Edgar. A liberdade revolucionária. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.104.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Imprensa; Liberalismo; Política; Revolução

**Notas de resumo:** O texto trata da liberdade de imprensa e, em especial, do caso do "República", diário de Lisboa que interferiu política e socialmente na revolução portuguesa.

**LIMA, Heitor Ferreira. Os primeiros empréstimos externos. Ensaios de Opinião, n. 02+1, [?] 1975, p.106-110.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Brasil; Economia; Independência; Política

**Notas de resumo:** O texto trata do primeiro empréstimo externo feito pelo Brasil - o qual decretava sua independência política, mas iniciava sua dependência econômica - e todas as consequências que este trouxe para o desenvolvimento do país.

**Autores citados:** BOUÇAS, Valentim; LEMOS, Claudionor de Sousa; REIS, F. T. de Sousa;

**CARDOSO, Fernando Henrique. O consumo da teoria de dependência nos EUA. Ensaios de Opinião, n. 02+2, [jun.] 1977, p.6-15.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** América Latina; Crítica; Economia; Estados Unidos; Política

**Notas de resumo:** O texto trata dos estudos sobre a teoria da dependência econômica dos Estados Unidos, sua evolução histórica e sua influência na

América Latina. [Consta nota de apresentação do autor e texto]

**Autores citados:** AGUILAR, Alonso; AHUMADA, Jorge; ALTHUSSER, Louis; BAGU, Sergio; BARAN, Paul; BODENHEIMER, Suzanne; CASANOVA, Pablo Gonzales; CORDOBA, Armando; DILTHEY, Wilhelm; FERNANDES, Florestan; FRANK, André Gunder; FREYRE, Gilberto; FURTADO, Celso; GARCIA, Antonio; GRACIARENA, Jorge; GRAMSCI, Antonio; HIRSCHMAN, Albert O.; KALECKI, Michael; KEYNES, John Maynard; LUKÁCS, Georg; MANNHEIM, Karl; MARX, Karl; MYRDAL, Gunnar; NURKSE, Ragnar; PINTO, Anibal; PRADO JR., Caio; PREBISCH, Raúl; SARTRE, Jean-Paul; SIMONSEN, Roberto; SINGER, Hans; SWEEZY, Paul Marlor;

**BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos. O Estado na economia brasileira. Ensaios de Opinião, n. 02+2, [jun.] 1977, p.16-23.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Burguesia; Capitalismo; Economia; Estado; Política

**Notas de resumo:** O autor fala da estatização da economia brasileira, mostrando sua origem através das diferentes fases do Estado (sempre capitalista e dependente) e qual a influência da mesma para o desenvolvimento do país. [Consta nota de apresentação do texto]

**Autores citados:** COSTA, Margaret Hanson; COUTINHO, Luciano; GRAMSCI, Antonio; HOBBSAWN, Eric J.; MARX, Karl; REISHTUL, Henri Philipe; REZENDE, Fernando; SIMONSEN, Mário Henrique; TAVARES, Maria da Conceição;

**ROBINSON, Joan. Michal Kalecki, um profeta esquecido. Trad. LAMARÃO, Sérgio. Ensaios de Opinião, n. 02+2, [jun.] 1977, p.24-31.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Capitalismo; Ciência; Economia

**Notas de resumo:** O texto trata da descoberta da teoria do emprego pelo economista Michal Kalecki, o qual não foi tão valorizado e reconhecido quanto o economista Maynard Keynes que escreveu sobre a mesma teoria de maneira menos completa. [Consta nota de apresentação do texto]

**Autores citados:** KALECKI, Michael; KEYNES, John Maynard; PIRANDELLO, Luigi;

**DURHAM, Eunice Ribeiro. A dinâmica cultural na sociedade moderna. Ensaios de Opinião, n. 02+2, [jun.] 1977, p.32-35.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** Cultura; Industrialização; Sociedade; Trabalho

**Notas de resumo:** A autora faz neste texto uma análise dos fenômenos culturais e apresenta uma relação entre cultura e a sociedade no que diz

respeito a sua evolução, permanência e valorização. [Comunicação apresentada na Reunião Anual da SBPC]

**Autores citados:** MARX, Karl;

**CARDOSO, Ruth. Favela: conformismo e invenção. Ensaios de Opinião, n. 02+2, [jun.] 1977, p.36-43.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Antropologia; Brasil; Economia; Política; Sociologia

**Notas de resumo:** Baseada em conceitos de autores como Turner, Durkheim e Lévi-Strauss, a autora faz uma análise e uma crítica ao que é social, ao desenvolvimento da sociedade e comenta o que é conformismo e invenção nas favelas. [Comunicação apresentada na Reunião Anual da SBPC]

**Autores citados:** DURKHEIM, Emmile; GIANNOTTI, José Arthur; HOGGART, R.; LEFEBVRE, Henri; LÉVI-STRAUSS, Claude; LEWIS, Oscar; TURNER, Victor;

**FRY, Peter. Feijoada e soul food: notas sobre a manipulação de símbolos étnicos e nacionais. Ensaios de Opinião, n. 02+2, [jun.] 1977, p.44-47.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** Brasil; Colonialismo; Cultura; Negros

**Notas de resumo:** O texto trata dos valores culturais, símbolos étnicos e nacionais adquiridos através da colonização, principalmente da influência da cultura africana no Brasil e no mundo. [Comunicação apresentada na Reunião Anual da SBPC]

**Autores citados:** BROWN, Dee; DOUGLAS, Mary; DURHAM, Eunice Ribeiro; FREYRE, Gilberto; RODRIGUES, Nelson; GOLDWASSER, Maria Júlia; VELHO, Yvone Maggie Alves;

**SCHWARZ, Roberto. Anatol Rosenfeld, um intelectual estrangeiro. Ensaios de Opinião, n. 02+2, [jun.] 1977, p.48-53.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Fascismo; Filosofia; Judaísmo; Literatura; Nazismo

**Notas de resumo:** O autor escreve sobre o intelectual alemão que morava em São Paulo, trabalhando como freelance, escrevendo e dando cursos de literatura e filosofia. Fala dos intelectuais que ele admirava e desprezava e de como ele influenciou nossa cultura. [Consta nota de apresentação do texto]

**Autores citados:** ADORNO, Theodor; BENJAMIN, Walter; BRECHT, Bertolt; CARPEAUX, Otto Maria; ENZENSBERGER, Hans Magnus; FREUD, Sigmund; HARTMANN, Nicolai; HEGEL; KRAUS, Karl; LUKÁCS, Georg; MANN, Thomas;

MARX, Karl; NIETZSCHE, Friedrich; ROSENFELD, Anatol; SARTRE, Jean-Paul; SCHILLER, Friedrich von; SCHOPENHAUER, Arthur;

**BROSSARD, Paulo. O Senado mutilado. Ensaios de Opinião, n. 02+2, [jun.] 1977, p.54-57.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Brasil; Nação; Política

**Notas de resumo:** O texto trata dos 150 anos do Senado brasileiro, que recebia homenagem do Instituto dos Advogados Brasileiros e, segundo Brossard, encontrava-se "mutilado" devido à falta de normalização institucional do país. [Palestra no Instituto dos Advogados Brasileiros em 21 de julho de 1976, em homenagem aos 150 anos do Poder Legislativo]

**Autores citados:** REVEL, Jean-François;

**FERNANDES, Millôr. Eu pago! Ensaios de Opinião, n. 02+2, [jun.] 1977, p.58-63.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Brasil; Economia; Política

**Notas de resumo:** O autor faz uma crítica à Fazenda Nacional ao mencionar todos os impostos que deve pagar, mesmo aqueles que já foram pagos de alguma maneira. Ele assume pagar tudo de maneira conformista, pois não faz parte do grupo de miseráveis do país. Em contraposição, apresenta como apêndice o documento "Não pago!", carta escrita por Martim Francisco Ribeiro de Andrada em 1888 a "Ilma. e Exma. Sra. D. Fazenda Nacional" que alega não pagar os tributos cobrados por esta por ser um miserável. [Consta nota de apresentação do texto]

**CARONE, Edgard. Manifesto de maio. Ensaios de Opinião, n. 02+2, [jun.] 1977, p.64-72.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Brasil; Comunismo; Economia; Ideologia; Política

**Notas de resumo:** O texto trata da história do Manifesto de Maio de 1930, de Luiz Carlos Prestes, destacando suas críticas às classes dominantes e à posição dos tenentistas que apoiavam a Aliança Liberal, tecendo ainda algumas considerações sobre a ideologia de classe em 1930 e a passagem de Prestes do tenentismo ao comunismo.

**Autores citados:** BUKHARIN, Nikolai; PRESTES, Luis Carlos;

**GLUCKSMANN, André. "Nem todos somos proletários". Trad. VEIGA, Pedro Luiz; PENIDO, Stella. Ensaios de Opinião, v.04, n°.02+2, [jun.] 1977,**

**p.73-104.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Capitalismo; Economia; Imperialismo; Marxismo

**Notas de resumo:** O autor faz uma análise econômica da França neste texto, explicando o que é o terciário (uma nova classe trabalhadora), comentando o patronato e as camadas sociais existentes com o objetivo de esclarecer certos dogmas da esquerda tradicional. [Publicado originalmente na Temps Modernes, jan.-fev. 1974; apresenta parte da entrevista de Edmund Maire a Jean Daniel, diretor da Nouvel Observateur, em 09/07/73]

**Autores citados:** ARON, Raymond; BARNAVE, Antoine; BREPOHL, Klaus; DANIEL, Jean; DUHAMEL, Alain; DUVERGER, Maurice; FOURIER, Charles; HAMELET, Michel P.; HILFERDING, R.; HOBSON, John A.; KAUTSKY, Karl; LENIN, Vladimir Ilitch; MAIRE, Edmund; MARX, Karl; REVEL, Jean-François; WHYTE, W. H.;

**MACCIOCCHI, Maria-Antonieta. Elementos para uma análise do fascismo. Ensaios de Opinião, n. 02+2, [jun.] 1977, p.105-109.**

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Fascismo; Política; Socialismo

**Notas de resumo:** Nesta entrevista concedida ao Politique Hebdo, Maria Antonietta Macciocchi fala sobre o fascismo na Itália e sua repercussão no mundo; seu desenvolvimento e declínio. Alega que o fascismo não deve ser esquecido e deve ser analisado em todas as suas formas.

**Autores citados:** GRAMSCI, Antonio; REICH, Wilhelm;

**SOLLERS, Philippe. Uma grande discussão sobre o mecanismo fascista. A dança histórica de Hitler e Mussolini. Ensaios de Opinião, n. 02+2, [jun.] 1977, p.110-112.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - História

**Palavras-chave:** Fascismo; Marxismo; Socialismo

**Notas de resumo:** O autor comenta o trabalho de Maria Antonietta Macciocchi e de outros intelectuais que foi intitulado "Elementos para análise do fascismo", tratando o fascismo como algo que não deve ser esquecido. O fascismo deve ser estudado e trazido para a atualidade como forma de repensar a história e construir um melhor futuro em termos políticos e sociais. [Consta nota de apresentação do texto]

**Autores citados:** FREUD, Sigmund; GRAMSCI, Antonio; MACCIOCCHI, Maria-Antonieta; MARX, Karl; REICH, Wilhelm;

**Ensaios de Opinião. Paulo Emílio Salles Gomes. Ensaios de Opinião, n.**

**02+3, [fev.] 1977, p.6.**

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavras-chave:** Efeméride; Memória; Morte

**Notas de resumo:** Por ocasião da morte de Paulo Emílio Salles Gomes no dia 09 de setembro de 1977, seus companheiros da revista escrevem uma homenagem à sua memória. Paulo Emílio foi membro do Conselho de Colaboradores de "Opinião" e um dos principais organizadores e dirigentes de "Argumento".

**Ensaio de Opinião. Estado, Ciência e Poder - SBPC. Ensaio de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.7.**

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavras-chave:** Brasil; Ciência; Economia; Estado

**Notas de resumo:** Apresentação dos textos que serão publicados na revista e que fizeram parte de dois simpósios da XXIX reunião da SBPC, na cidade de São Paulo, em julho de 1977: "Estado e Economia no Brasil", coordenado por Francisco de Oliveira e "Ciência e Poder", coordenado por José A. Giannotti.

**Autores citados:** GIANNOTTI, José Arthur; OLIVEIRA, Francisco de;

**OLIVEIRA, Francisco de. Estado e ciência econômica: a contribuição da Economia para a teoria do Estado. Ensaio de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.8-13.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Capitalismo; Ciência; Economia; Política; Socialismo

**Notas de resumo:** O texto questiona o papel do Estado na economia apresentando teorias de Marx, Keynes e a neoclássica-marginalista que se transformaram em ideologias e mostraram seus próprios conceitos de Estado. O texto termina com um questionamento sobre que tipo de regime político a forma de Estado atual pode criar. [Comunicação apresentada no simpósio "Estado e economia no Brasil" durante a XXIX Reunião Anual da SBPC em julho de 1977]

**Autores citados:** GALBRAITH, John Kenneth; KEYNES, John Maynard; LENIN, Vladimir Ilitch; MARX, Karl; SWEEZY, Paul Marlor;

**MELLO, João Manuel Cardoso de. O estado brasileiro e os limites da "estatização". Ensaio de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.14-16.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Brasil; Capitalismo; Economia; Estado; Política

**Notas de resumo:** O texto apresenta uma análise da interferência do Es-

tado brasileiro na economia, explicando a diferença entre capitalismo concorrencial e capitalismo monopolista (que vigora no Brasil) e mostrando como o país reage às crises conforme estes capitalisms. [Comunicação apresentada no simpósio "Estado e economia no Brasil" durante a XXIX Reunião Anual da SBPC em julho de 1977]

**Autores citados:** SCHUMPETER, Joseph Alois;

**CARDOSO, Fernando Henrique. Expansão Estatal e Democracia. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.17-20.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** América Latina; Democracia; Economia; Estado

**Notas de resumo:** O texto trata do papel do Estado, da atuação do setor público nos países da América Latina e da maior proximidade que este deveria ter em relação à sociedade favorecendo assim o desenvolvimento democrático do país. [Comunicação apresentada no simpósio "Estado e economia no Brasil" durante a XXIX Reunião Anual da SBPC em julho de 1977]

**CARDOSO, Fernando Henrique. A questão da democracia contemporânea. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.21-24.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Brasil; Democracia; Economia; Estado; Polícia

**Notas de resumo:** O autor fala da relação existente entre economia e política, sociedade civil e Estado e também do papel desenvolvido pela democracia para estabelecer um equilíbrio entre eles. [Comunicação apresentada no simpósio "Estado e economia no Brasil" durante a XXIX Reunião Anual da SBPC em julho de 1977]

**BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello. A intervenção do Estado no período recente. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.25-27.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Brasil; Economia; Estado; Política

**Notas de resumo:** O autor contrapõe as empresas públicas às empresas privadas, fazendo um balanço da estatização da economia e levantando seus prós e seus contras. [Comunicação apresentada no simpósio "Estado e economia no Brasil" durante a XXIX Reunião Anual da SBPC em julho de 1977]

**COUTINHO, Luciano. O setor produtivo estatal: autonomia e limites. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.28-33.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Brasil; Capitalismo; Economia; Estado

**Notas de resumo:** O autor faz uma análise da situação econômica brasileira, comentando o investimento público, as pequenas e médias empresas privadas e que recebem investimento de capital estrangeiro e as empresas privadas. Comenta a crise econômica e apresenta algumas perspectivas e limites para o fim desta. [Comunicação apresentada no simpósio "Estado e economia no Brasil" durante a XXIX Reunião Anual da SBPC em julho de 1977]

**GIANNOTTI, José Arthur. As ciências como forças produtivas. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.34-36.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Ciência

**Palavras-chave:** Capitalismo; Ciência; Socialismo

**Notas de resumo:** O autor faz uma analogia entre os antigos templos e tudo que se produzia para construí-los e as máquinas de produção atuais. Considera o capital como templo atual, que aspira produtos para formar um imenso objeto social. [Comunicação apresentada no simpósio "Ciência e Poder" durante a XXIX Reunião Anual da SBPC em julho de 1977]

**Autores citados:** ARISTÓTELES ;

**MACHADO, J. N.. O poder e as fraquezas da ciência. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.37-40.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Ciência

**Palavras-chave:** Ciência; Economia

**Notas de resumo:** O autor fala do poder da ciência em relação à religião, à política e à sociedade. Usa como exemplo a história de Galileu, que estava entre a ciência e a religião. [Comunicação apresentada no simpósio "Ciência e Poder" durante a XXIX Reunião Anual da SBPC em julho de 1977]

**Autores citados:** AGAZZI, Evandro; GALILEI, Galileu; LEBRUN, Gérard; MONOD, Jacques; SHAKESPEARE, William;

**BORNHEIM, Gerd. Ideologia, ciência e poder. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.41-43.**

**Vocabulário controlado:** ENS ENSAIO - Ciência

**Palavras-chave:** Ciência; Poder; Ideologia

**Notas de resumo:** O autor considera ciência e poder em dois planos distintos: o do instituído e o do instituinte. Fala da relação necessária que existe entre eles e da autonomia que apresentam. [Comunicação apresentada no simpósio "Ciência e Poder" durante a XXIX Reunião Anual da SBPC]

em julho de 1977]

**Autores citados:** ALTHUSSER, Louis; HEIDEGGER, Martin; MARX, Karl;

**LEBRUN, Gérard. O poder da ciência. Trad. RIBEIRO, Renato Janine. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.44-50.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Ciência

**Palavras-chave:** Ciência; Economia; Poder

**Notas de resumo:** O texto trata da evolução da ciência desde Platão e de várias teorias que surgiram desde este período até os dias atuais, comparando com o crescente poder da ciência. [Comunicação apresentada no simpósio "Ciência e Poder" durante a XXIX Reunião Anual da SBPC em julho de 1977]

**Autores citados:** ALTHUSSER, Louis; AUBENQUE, Pierre; BOUVARD; ENGELS, Friedrich; GUSDORF, Georges; HOBBSAWN, Eric J.; HUSSERL, Edmund; HUYGHENS; JOLLY, R.; KANT, Immanuel; KOYRE, Alexandre; KUBRICK, Stanley; MARX, Karl; MOSCOVICCI, Serge; PÉCUCHE; SERRES, Michel;

**CAMPOS, Leticia de; FERNANDES, Florestan. Estatização e crise segundo Singer. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.51-52.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

Nome pessoal como assunto: SINGER, Paul

**Palavras-chave:** Brasil; Capitalismo; Economia

**Notas de resumo:** Os autores comentam e fazem um balanço das ideias de Paul Singer, economista e pesquisador do CEBRAP, que alega não existir "modelo" específico e próprio para a economia brasileira, pois esta sofre muitas influências externas através de investimento de multinacionais. [Consta nota de apresentação de Paul Singer]

**Autores citados:** SINGER, Paul;

**SUPLICY, Eduardo Matarazzo. Política salarial e custo de vida. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.53-58.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Brasil; Economia; Política

**Notas de resumo:** O autor trata no texto da questão da política salarial, da subestimação da inflação de 1973 e 74 e das consequências dos reajustes salariais para o desenvolvimento do país, apresentando dados percentuais. [Palestra realizada na Comissão de Economia do Senado Federal.]

**VANHECKE, Charles. As revoluções da igreja brasileira. Trad. ARÁGUA, José. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.59-67.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Brasil; Igreja; Poder; Política

**Notas de resumo:** O autor dá exemplos de situações da sociedade brasileira que vive na pobreza e da influência da igreja católica nestas situações que serviram para melhoria do país. Mostra algumas das revoluções provocadas pela igreja nacional em relação à igreja de Roma.

**RIBEIRO, Berta. O artesanato indígena como bem comercial. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.68-77.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** Brasil; Cultura; Economia

**Notas de resumo:** O texto trata das mudanças culturais sofridas por várias tribos indígenas brasileiras que foram influenciadas pelo restante da sociedade nacional. Fala do artesanato indígena e da ajuda que a venda deste fornece aos índios e das leis elaboradas para integrar o índio à sociedade sem que este tenha que mudar completamente sua cultura.

**Autores citados:** BALDUS, Herbert; BOGGIANI, Guido; COSTA, Maria Heloísa Fénelon; FARIA, Luis de Castro; FIRTH, Raymond; GALVÃO, Eduardo; KRAUSE, Gustavo; LARAIA, Roque de Barros; RIBEIRO, Darcy; SHADEN; STEINEN, Karl von Den; WAGLEY, Charles;

**FONSECA, Gondim da. Conversa preambular com o leitor benigno. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.78-83.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Brasil; Economia; Política

**Notas de resumo:** O autor começa o texto falando do sucesso inesperado de seu último livro e apresentando a carta que Getúlio Vargas escreveu antes de se suicidar, pois ambos têm relação com o assunto tratado no texto que é a exploração de petróleo no Brasil, a atuação da Standard Oil e da Shell neste setor e a interferência dos americanos e dos políticos brasileiros a favor e contra a estatização do petróleo pela Petrobrás. [Consta em anexo carta de Tácito Lívio Reis de Freitas, Gen. Div. da Reserva de 1ª classe do Exército, em homenagem ao autor do texto, falecido em julho de 1977.]

**Autores citados:** COSTA, Oswaldo;

**ENTHOVEN, Jean-Paul; KRISTEVA, Julia. Para que servem os intelectuais?. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.84-92.**

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Intelectual; Literatura; Marxismo; Socialismo

**Notas de resumo:** Em entrevista concedida a Jean-Paul Enthoven, Julia Kristeva fala de sua história e sua formação intelectual, bem como sobre o socialismo, o feminismo, a literatura, a revista "Tel Quel" e o papel dos intelectuais. [Consta breve apresentação de Kristeva e sua obra]

**Autores citados:** ALTHUSSER, Louis; ARTAUD, Antonin; BARTHES, Roland; BATAILLE, Georges; BECKETT, Samuel; BLANCHOT, Maurice; CAMUS, Albert; CÉLINE, Louis Ferdinand; FOUCAULT, Michel; FREUD, Sigmund; GRAMSCI, Antonio; HEGEL; JAKOBSON, Roman; JOYCE, James; KAFKA, Franz; LACAN, Jacques; LAUTRÉAMONT; LÉVI-STRAUSS, Claude; MALLARMÉ, Stéphane; MARX, Karl; SARTRE, Jean-Paul; SAUSSURE, Ferdinand de; SOLLERS, Philippe;

**KELLY, Aileen. Bom para os populistas. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.93-99.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Marxismo; Política; Socialismo

**Notas de resumo:** O autor trata do populismo na Rússia e da situação política da União Soviética, baseando-se no livro de Adam B. Ulam, tratando também do terrorismo e das revoluções na URSS. [Publicado originalmente na NY Review of Books]

**Autores citados:** GOETHE, Johann Wolfgang von; ULAM, Adam B.;

**GALBRAITH, John Kenneth. Hitler: a resistência difícil. Trad. MAC-DONALD, José Brendan. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.100-103.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - História

**Palavras-chave:** Fascismo; Guerra; História; Nazismo

**Notas de resumo:** O texto trata da história da resistência alemã e de situações vividas pelo autor no período nazista. [Publicado originalmente na NY Review of Books]

**HOBBSAWN, Eric. Os trabalhadores pobres. Trad. TEIXEIRA, Ana Maria Lima; PENCHEL, Marcos. Ensaios de Opinião, n. 02+3, [fev.] 1977, p.104-112.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Arte; Capitalismo; Ciência; Comunismo; História

**Notas de resumo:** O texto, retirado do livro "A Era das Revoluções", faz uma descrição econômica, social e histórica do período de 1789 - reinado de Luis XVI - a 1848 - época em que Marx e Engels escrevem o "Manifesto Comunista", mostrando como a revolução industrial da Inglaterra e a re-

volução política da França influenciaram as grandes modificações deste período. [Consta nota de apresentação do texto]

**Autores citados:** BAKER, F.; BENBOW, William; LUTERO, Martinho; OWEN, Robert; PEACKOK, Thomas Love;

**GERBER, Raquel. O Espírito do Pai. Paulo Emílio, Glauber Rocha e o Cinema Novo. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.06-12.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** Brasil; Cinema; Economia; Ficção

**Notas de resumo:** Escrito por uma ex-aluna de Paulo Emílio, o artigo trata do surgimento e da importância do Cinema Novo para seu ex-professor e para o cineasta Glauber Rocha.

**Autores citados:** ABRAMO, Cláudio; ANDRADE, Joaquim Pedro de; BALÁZS, Béla; BARRETO, Lima; COUTINHO, Aloysio Bezerra; DANTAS, San Thiago; DIEGUES, Cacá; FARIA, Octávio de; FARIAS, Marcos; GOMES, Paulo Emilio Salles; MORAES, Vinícius de; MORIN, Edgar; ROCHA, Glauber; ROCHA, Plínio Sussekind; SARACENI, Paulo César;

**AZEVEDO, Victor de. Paulo Emílio Preso Político. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.13-16.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Fascismo; Nazismo; Política

**Notas de resumo:** O autor relata a trajetória de Paulo Emílio como preso político na década de 30, contando sobre sua fuga, sua ida para Paris e seu encontro representativo com o escritor Victor Serge.

**Autores citados:** BUKHARIN, Nikolai; KAMENEV, Leon; LENIN, Vladimir Ilitch; LIMA, Jorge Cunha; MESQUITA, Julio de; SERGE, Victor; TROTSKI, Leon;

**GOMES, Paulo Emilio Salles. Discurso de formatura, 1944. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.17-20.**

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavras-chave:** Brasil; Cinema; Imperialismo; Política

**Notas de resumo:** Transcrição do discurso de Paulo Emílio feito em 1944 na formatura da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde o professor e cineasta fala da situação crítica da economia e da política brasileira argumentando que os jovens que ali estão têm a responsabilidade de transformá-la.

**GOMES, Paulo Emilio Salles; KAHNS, Cláudio. Depoimento de Paulo Emílio Salles Gomes. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.21-22.**

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Brasil; Cinema; Cultura

**Notas de resumo:** Nesta entrevista, Paulo Emílio fala de sua história pessoal, contando principalmente quando e como começou a se interessar pelo cinema. [Consta em anexo fragmento de uma carta de Paulo Emílio escrita em Paris, em 25/06/1938.]

**Autores citados:** BARRETO, Lima; CANDIDO, Antonio; CHAPLIN, Charles; CLAIR, René; CRISTIANO, Cícero; FORD, John; KHOURI, Walter Hugo; MACHADO, Lourival Gomes; MAURO, Humberto; MORAES, Vinícius de; PEIXOTO, Mário; SALLES, (F. L. de) Almeida; SANTOS, Nelson Pereira dos; SOUZA, Gilda de Mello e;

**NEVES, David E. Ao mestre com carinho. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.23-26.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** Cinema; Crítica; Jornalismo; Literatura

**Notas de resumo:** O autor faz uma homenagem a Paulo Emílio, o qual considera seu mestre, falando sobre seu interesse pelo cinema (em especial, o brasileiro) e sobre seus suplementos literários publicados no "Estado de São Paulo". [O autor apresenta no texto três artigos escritos por Paulo Emílio para o suplemento literário do "Estado de São Paulo" : "Revolução, cinema e amor"; "O gosto da realidade" e sobre "Noites de Cabiria", de Fellini]

**Autores citados:** AGEL, Henri; BARBOSA, Rui; BAZIN, André; DOVJENKO, Aleksander; EISENSTEIN, Sergei M.; FELLINI, Federico; GOMES, Paulo Emilio Salles; HENDERSON, Byron; LEMOS, Fernando; MAURO, Frédéric; RUSSELL, Bertrand; SARACENI, Paulo César; SJOBERG, Alf; STROHEIM, Erich von; VADIM, Roger; WYLER, William;

**LEITE, Lígia Chiappini Moraes. Paulo Emílio em Banca de Tese. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.27-28.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

**Palavras-chave:** Cinema; Literatura; Modernismo; Narrativa

**Notas de resumo:** A autora comenta a sua tese "Regionalismo e Modernismo, o "caso" gaúcho" e também a influência que a arguição de Paulo Emílio exerceu em seu trabalho e sua vida.

**Autores citados:** BARRETO, Lima; GOMES, Paulo Emilio Salles; LOPES, Simões; ROSA, Guimarães;

**GOMES, Paulo Emilio Salles. Vida de professor. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.29.**

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavras-chave:** Brasil; Cinema; Imprensa

**Notas de resumo:** Discurso proferido por Paulo Emílio em festa feita em sua homenagem em novembro de 1974, em que comenta seu afastamento da Universidade de São Paulo por razões que ele mesmo desconhecia.

**SEGALL, Maurício. Cinema Brasileiro x Cinema Estrangeiro. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.30-36.**

**Vocabulário controlado:** CORRESPONDÊNCIA(S)

**Palavras-chave:** Brasil; Cinema; Colonialismo; Fascismo; Intelectual

**Notas de resumo:** O texto é uma carta direcionada a Paulo Emílio questionando algumas de suas colocações e ideias publicadas na revista "eCinegrafia" e na "Argumento" falando sobre a colonização da cultura brasileira, de cinema brasileiro e de outros temas que deixaram o autor intrigado. [Carta enviada a Paulo Emílio por Maurício Segall depois da publicação do seu ensaio "Cinema: Trajetória" nas revistas "Cinegrafia" e "Argumento".]

**Autores citados:** ANDRADE, Carlos Drummond de; BAEZ, Joan; BUARQUE, Chico; CRUZ, Vera; DYLAN, Bob; MAURO, Humberto; ROCHA, Glauce;

**GOMES, Paulo Emilio Salles. Fragmento de Carta. Trad. BERNARDET, Jean-Claude. Ensaios de Opinião, v.06, n. 02+4, [jun.] 1978, p.37.**

**Vocabulário controlado:** CORRESPONDÊNCIA(S)

**Palavras-chave:** Cartas; França; Saúde

**Notas de resumo:** O texto é um fragmento de carta escrita por Paulo Emílio a "Jan Cló". O autor escreve, ora em francês ora em português, sobre sua doença e sobre a sua luta contra o próprio corpo.

**CARDOSO, Ruth. Sociedade e Poder: as representações dos favelados de São Paulo. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.38-44.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Brasil; Cultura; Poder; Política

**Notas de resumo:** O texto apresenta entrevistas (feitas a favelados paulistas) que fazem parte de uma pesquisa da autora, a qual tenta identificar a visão destas pessoas sobre a sociedade e o poder dos governantes.

**Autores citados:** HOGGART, R.; LEACH, Edmund;

**IGLÉSIAS, Enrique V. A América Latina está indo à Bancarrota? Trad. DOCTORS, Felipe Davi. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.45-51.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** América Latina; Economia; Política

**Notas de resumo:** O autor faz uma análise da economia da América Latina no que diz respeito à dívida externa destes países em desenvolvimento, tentando mostrar as causas do endividamento e apresentando possíveis soluções.

**VIANA, Milton Cabral. SBPC: Simpósio sobre o Discurso. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.52.**

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavras-chave:** Ciência; Discurso; Filosofia; Poder

**Notas de resumo:** Texto apresentado na Reunião Anual da SBPC em 1977 na PUC em São Paulo, que fala das questões do discurso das ciências e da paralização dos estudantes universitários pelo desenvolvimento da ciência.

**Autores citados:** FOUCAULT, Michel; FREUD, Sigmund;

**LABERGE, Jacques. Alternativa ao Discurso do Poder. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.53-55.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Psicologia

**Palavras-chave:** Ciência; Discurso; Linguística; Poder

**Notas de resumo:** O texto trata do discurso do poder, do discurso do consciente e do inconsciente e do discurso do outro, apresentando um texto conversa que é logo analisado pelo autor.

**Autores citados:** ARRAES, Miguel; FREUD, Sigmund; GUATTARI, Félix; HEGEL; IRIGARAY, Luce; KRISTEVA, Julia; LACAN, Jacques; SIGNORELLI, Luca; SÓCRATES;

**MONTES, Maria Lucia. As Vicissitudes do Poder no Discurso do Dominado. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.56-59.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Ideologia; Indústria cultural; Poder; Política

**Notas de resumo:** A autora trata do poder do discurso, sua influência nos dominados e também do discurso do poder. [Comunicação apresentada na XXIX reunião anual da SBPC, São Paulo, julho de 1977]

**Autores citados:** CARROLL, Lewis; CESAR, Waldo; COMBLIN, Joseph; GRAMSCI, Antonio; MARX, Karl; MONTEIRO, Duglas Teixeira; PLATÃO; SOUZA, Beatriz Muniz;

**INTERLANDI, Jeanne Marie. O discurso do poder no Estado Novo. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.60-63.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Brasil; Discurso; História; Linguística; Política

**Notas de resumo:** O texto analisa o poder do discurso de Getúlio Vargas. Incluindo alguma de suas falas no texto, a autora levanta questionamentos e se utiliza da linguística para entender como este político manipulava massas através de sua clássica introdução de discurso: "Trabalhadores do Brasil...".

**Autores citados:** VARGAS, Getúlio;

**GRIN, Guita. O espaço do político no discurso populista. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.64-68.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Economia; Poder; Política; Populismo

**Notas de resumo:** O ensaio aborda o "populismo", discutindo o papel dos políticos e governantes relativo à questão e como agem os grupos dominantes e dominados em seus respectivos espaços.

**Autores citados:** ARRAES, Miguel; BARROS, Adhemar de;

**MAXWELL, Kenneth R.. A farsa. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.69-86.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** História; Ideologia; Política

**Notas de resumo:** O texto apresenta o capítulo 6 do livro "A devassa da devassa", de Kenneth Maxwell, o qual trata do fracasso da Inconfidência Mineira, movimento inspirado na Revolução Francesa e na independência americana, e que se transformou num dos pilares ideológicos da História do Brasil. [Consta nota de apresentação do texto.]

**GERTZ, Clifford. A mania de prisão. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.87-93.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Ciência; Estruturalismo; História; Intelectual

**Notas de resumo:** O autor fala de Foucault, comentando alguns de seus livros e ideias e discutindo seu livro "Surveiller et Punir", em que Foucault analisa o sistema penitenciário desde a época das torturas e execuções em praça pública. [Publicado originalmente na NY Review of Books]

**Autores citados:** COMTE, Auguste; FOUCAULT, Michel; FREUD, Sigmund; MALLARMÉ, Stéphane; MARX, Karl; NIETZSCHE, Friedrich;

**CALLADO, Antonio. As três viagens de escritores Latino-Americanos. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.94-99.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

**Palavras-chave:** América Latina; História; Literatura; Política

**Notas de resumo:** O autor fala de viagens que fez na categoria de escritor latino americano, de como estas viagens e os autores que leu neste tempo influenciaram sua vida e suas obras. [Trata-se de uma das conferências proferidas pelo autor na Universidade de Cambridge]

**Autores citados:** AGUIRRE, Lope de; CARPENTIER, Alejo; FUENTES, Carlos; GOYTISOLO, Juan; QUEIROZ, Eça de; RIVERA, José Eustasio; ROSA, Guimarães; TÉLLEZ, Hernando; VEIGA, José J.; WILSON, Edmund;

**WILLS, Garry. O benevolente Adam Smith. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.100-105.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Economia; Intelectual; Política

**Notas de resumo:** O texto trata de fundamentos sociais como a divisão do trabalho e a benevolência, através da análise de trabalhos desenvolvidos por vários intelectuais, principalmente por Adam Smith.

**Autores citados:** DOUGLAS, Paul; FERGUSON, Adam; GIBBON, Edward; HUME, David; MEER, Ronald; JEFFERSON, Thomas; PAINE, Thomas; SCHUMPETER, Joseph Alois; SCOTT, Walter; SKINNER, Andrew; SMITH, Adam; TAYLOR, W. L.; VINER, Jacob;

**SAKHAROV, Andrei Dmitrievich. A pena de morte. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.106-107.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Morte; Poder; Política

**Notas de resumo:** O autor escreve contra a pena de morte comentando alguns casos ocorridos na URSS e alegando que esta penalidade gera um efeito de corrupção na sociedade, não trazendo nenhuma solução.

**Autores citados:** DAVYDOF, Jury; DOSTOYEVSKY, Fyodor Mikhailovitch; GERNET, Louis; HUGO, Victor; KOROLIENKO; SAKHNÓVSKI, I.; SOLOVIOV; TOLSTÓI, Leon;

**OLIVEIRA, Francisco de. Acumulação Monopolista, Estado e Urbanização: a nova qualidade do conflito de classes. Ensaios de Opinião, n. 02+4, [jun.] 1978, p.108-112.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Brasil; Economia; Estado; Política

**Notas de resumo:** Este ensaio trata das lutas de classe no Brasil e do papel do Estado na organização destas diferentes classes no que diz respeito à urbanização.

**Autores citados:** GIANNOTTI, José Arthur;

**FIGUEIREDO, Eurico. Max da Costa Santos. Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.09-10.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavras-chave:** Efeméride; Morte; Política

**Notas de resumo:** O autor escreve sobre Max da Costa Santos, político, advogado, professor e famoso editor, por ocasião de sua morte.

**ATTALI, Jacques; DEBRAY, Régis; ENTHOVEN, Jean-Paul; HERTZOG, Gilles; LÉVY, Bernard-Henri. O crepúsculo dos poetas. Trad. BREGMAN, Sílvia. Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.11-17.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - História

**Palavras-chave:** Ideologia; Intelectual; Política; Revolução

**Notas de resumo:** Trata-se de uma reunião de cinco artigos, escritos por Bernard-Henri Lévy, Jean-Paul Enthoven, Régis Debray, Jacques Attali e Gilles Herzog, que tratam de maneiras diferentes os grandes modelos históricos (da revolução de 1789 à de 1917). Os autores conseguem mostrar algo em comum de Clavel a Poulantzas; de Lucien Herr às eleições de março; de Trotski a André Breton ou mesmo de Lúcifer a Jacques Attali.

**Autores citados:** ALLEMANE, Jean; BLUM, Leon; BRETON, André; CLAVEL, Bernard; FICHTE, Immanuel Herman von; FOUCAULT, Michel; GLUCKSMANN, André; HEGEL; HERR, Lúcién; KANT, Immanuel; LINDENBERG, D.; MARX, Karl; MARY, Karl; MEYER, André; NIETZSCHE, Friedrich; PÉGUY, Charles; POULANTZAS, Nikos; STENDHAL; TROTSKI, Leon; VOLTAIRE, François;

**WEFFORT, Francisco Correa. Os sindicatos na política (Brasil: 1955-1964). Trad. PECHMAN, Robert Moses. Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.18-27.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Brasil; História; Política; Sindicalismo

**Notas de resumo:** O texto apresenta o sindicalismo populista no Brasil, falando de seu início, desenvolvimento e comentando a sua época de "amadurecimento", ou seja, o período de 1955 a 1964. [Constam tabela de operários no país nos setores metalúrgico e têxtil; tabela de frequência de greves nos setores metalúrgicos e de fiação e tecelagem; tabela de objeti-

vos das greves - conjunto dos setores - em porcentagem.]

**Autores citados:** ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de; ANDERSON, Perry; BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita; CARDOSO, Fernando Henrique; KENNETH; MARCONDES, Cassiano; PRESTES, Luis Carlos; VARGAS, Getúlio; VICTOR, Mario;

**LIMA, Luiz Costa. Da existência precária: o sistema intelectual no Brasil. Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.28-41.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** Brasil; Crítica; Cultura; Intelectual; Literatura

**Notas de resumo:** O autor faz uma análise histórica do desenvolvimento cultural no Brasil desde o período colonial e do papel do intelectual brasileiro através da análise de vários escritores e pensadores sobre este tema.

**Autores citados:** ALVARENGA, Silva; ASSIS, Machado de; BARRETO, Lima; BUFFON; CALADO, Manuel; CANABRAVA, Alice; CANDIDO, Antonio; CARDOSO, Fernando Henrique; DIAS, Gonçalves; COELHO, Ruy; EWBank, Thomas; FAORO, Raymundo; FERNANDES, Florestan; FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho; FREYRE, Gilberto; GIANNOTTI, José Arthur; GOETHE, Johann Wolfgang von; GONZAGA, Dirceu; GRAHAM, Maria; HOLANDA, Sérgio Buarque de; IANNI, Octavio; KUHN, Thomas S.; LÉVI-STRAUSS, Claude; LUKÁCS, Georg; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von; MATOS, Gregório de; MONTEIRO, Maciel; QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de; RUGENDAS, Moritz; SCHWARZ, Roberto; SILVA, Maria Beatriz Nizza da; SIMONSEN, Roberto; SPIX, J.B. von; TOLLENARES, L. F.; VERÍSSIMO, Érico; VERÍSSIMO, José; VIOTTI, Emília; VOLTAIRE, François;

**BURGUIÈRE, André. Famílias, meu amor.... Trad. SOUZA, Ângela Loureiro de. Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.42-44.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** Burguesia; Estado; Ética

**Notas de resumo:** O ensaio trata de quatro livros publicados na França ("Naissance d'une famille moderne", "Disciplines à domicile", "L'enfant et la raison d'état" e "La police des familles"), que abordam o tema família em diferentes épocas da história e centrado-se em diferentes aspectos. [Publicado originalmente na *Nouvel Observateur*]

**Autores citados:** ARIÈS, Phillipe; BATTEGAY, Alain; DONZELOT, R. J.; FRITSCH, Philippe; JOSEPH, Isaac; MEYER, P.; SHORTER, Edward;

**ENTHOVEN, Jean-Paul. Nesta noite, tudo mudaria.... Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.45-49.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - História

**Palavras-chave:** História; Poder; Política; Revolução

**Notas de resumo:** O texto trata da noite em que a Constituinte francesa se reuniu, em 04 de agosto de 1789, mudando os direitos da nobreza e sendo um grande marco na Revolução Francesa. Este trabalho foi realizado pelo autor através de vários estudos históricos, principalmente os de Patrick Kessel e Jean Pierre Hirsch. [Consta nota de apresentação do texto]

**Autores citados:** HIRSCH, Jean-Pierre; JULLIARD, Gallimard; KESSEL, Patrick;

**PERLMAN, Janice. Favelas do Rio e o mito da marginalidade. Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.50-65.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** América Latina; Economia; Marginalidade; Política

**Notas de resumo:** O texto se baseia em um estudo feito sobre os favelados no Rio de Janeiro de 1968 a 1969 e em uma investigação complementar feita em 1973. A autora discorre sobre a grande urbanização, o surgimento das favelas e dos chamados "marginalizados", comentando seu modo de vida e personalidade.

**Autores citados:** FANON, Franz; GERMANI, Gino; SOARES, Glauco;

**ZIEGLER, Jean. Os equívocos da social democracia. Uma encruzilhada entre cinismo e esperanças. Trad. DOCTORS, Dinah D.; DOCTORS, Felipe. Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.66-69.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Comunismo; Estado; Política; Socialismo

**Notas de resumo:** O texto discute os erros da social democracia comentando realizações da Internacional Socialista no mundo.

**Autores citados:** AUDRY, Collete; BATAILLE, Michel; BRANDT, Willy; DEBRAY, Regis; ESTIER, Claude; HORKHEIMER, Max; LACOUTURE, Jean; MARCUSE, Herbert; MORIN, Edgar;

**KONDRACKÉ, Morton. Um bar para os da linha dura. Trad. DOCTORS, Marcio. Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.70-73.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Comunismo; Estados Unidos; Poder; Política

**Notas de resumo:** O autor comenta a política externa gerada nos Estados Unidos e a atuação dos políticos no que diz respeito à conquista e disputa de poder, principalmente de Kissinger. [Publicado originalmente na New

Republic]

**Autores citados:** KISSINGER, Henry;

**TRUFFAUT, François. Jean Renoir: Oitenta anos de surpresas. Trad. CAVALCANTI, Maria L. V. C. Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.74-76.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** Cinema; História; Literatura

**Notas de resumo:** O autor fala no texto de Jean Renoir, cineasta e escritor, comentando muitos de seus trabalhos desenvolvidos durante os 83 anos de vida.

**Autores citados:** CHAPLIN, Charles; DREYER, Carl; GANCE, Abel; MANN, Thomas; PRÉVERT, Jacques; RENOIR, Jean; ROSSELINI, Roberto; VISCONTI, Luchino;

**SCHREIDER, Charles. Você quer representar com Boal? Trad. CAVALCANTI, Maria L. V. C. Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.77-78.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** América Latina; Ciência; Ditadura; Teatro

**Notas de resumo:** O texto fala sobre Augusto Boal e suas diferentes técnicas de teatro, como o "teatro do oprimido", que servem para ajudar as pessoas a mudarem a sociedade. [Publicado originalmente na *Nouvel Observateur*]

**Autores citados:** BOAL, Augusto; BRECHT, Bertolt;

**PELLEGRINO, Hélio. A dialética da tortura: direito versus direita. Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.79-85.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Comunismo; Ditadura; Imprensa; Jornalismo; Periodismo

**Notas de resumo:** O texto trata da falta de liberdade de imprensa e da atuação das Forças Armadas no Brasil colocando como um dos exemplos o caso do cronista Lourenço Diaféria que, após escrever o artigo "Herói. Morto. Nós." (Folha de São Paulo), foi preso e afastado de seu cargo.

**Autores citados:** ABRAMO, Cláudio; DIAFÉRIA, Lourenço Carlos; DINES, Alberto; MARCOS, Plínio;

**HOWE, Irving. O que pensava Trotsky. Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.86-91.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Crítica; História; Marxismo; Política

**Notas de resumo:** O autor analisa a biografia de Trotsky escrita por Robert

Payne, fazendo críticas e ao mesmo tempo acrescentando dados históricos a respeito de Trotsky. [Publicado originalmente na NY Review of Books]

**Autores citados:** DANTON; DEUTSCHER, Isaac; EASTMAN, Max Forrester; PAYNE, Robert; ROBESPIERRE, Maximilien Marie Isidore; STALIN, Josef;

**ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. Resenha: Talcott Parsons et la sociologie américaine. Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.92-93.**

**Vocabulário controlado:** RESENHA

**Palavras-chave:** Ciência; Crítica; Intelectual; Literatura

**Notas de resumo:** O texto fala sobre Talcott Parsons e sobre o livro escrito por Guy Rocher a seu respeito. Em seu livro Guy Rocher trata de esclarecer ideias deste intelectual sobre as ciências sociais.

**Autores citados:** DARWIN, Charles; DURKHEIM, Emmile; FREUD, Sigmund; GALILEI, Galileu; GURVITCH, Georges; MALINOWSKI, Bronislaw; PARSONS, Talcott; ROCHER, Guy; TOURAINE, Alain;

**ARIÈS, Phillippe; BURGUIÈRE, André. A singular história de Philippe Ariès. Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.94-100.**

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Comunismo; Cultura; História; Morte; Política

**Notas de resumo:** Na entrevista concedida a André Burguière após a publicação de seu livro "L'Homme devant la mort", Philippe Ariès fala de seu interesse pela história, de sua vida, sobre a morte, sobre a esquerda e a direita. [Publicado originalmente na Nouvel Observateur; consta nota de apresentação do texto]

**Autores citados:** AGULHON, Maurice; BLOCH, Marc; CASTAN, S.E.; DURKHEIM, Emmile; FEVBRE, Lucine; FOUCAULT, Michel; FURET, François; HALBWACHS, Maurice; HALÉVY, Daniel; LADURIE, Emmanuel Le Roy; MARCEL, Gabriel; OZOUF, Jacques; SAUVY, Alfred; WAUGH, Evelyn;

**RIBEIRO, Berta G.. Arte indígena, linguagem visual. Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.101-110.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Comunicação

**Palavras-chave:** Arte; Comunicação; Cultura; Linguagem; Índio; Linguística

**Notas de resumo:** A partir de trabalhos realizados por diferentes autores sobre as tribos indígenas, o texto discorre sobre a linguagem visual expressada pela arte indígena.

**Autores citados:** ALBISETTI, Cesar; BALDUS, Herbert; BOAS, Franz; COSTA, Maria Heloísa Fénelon; EHRENREICH, Paul; GUNN, David; LÉVI-STRAUSS, Claude; LIMA, Pedro; MÉTRAUX, Alfred; MÜLLER, Regina Polo; NIMUEN-

DAJU, Curt; RIBEIRO, Darcy; RONDON, (Marechal) Cândido; SCHADEN, Egon; SEEGER, Anthony; STEINEN, Karl von Den; STEWARD; TURNER, Terence; TURNER, Victor; VENTURELLI, A. J.;

**FERNANDES, Millôr. O sogro Karl Marx. Ensaios de Opinião, n. 02+5, [jul.] 1978, p.111-112.**

**Vocabulário controlado:** CORRESPONDÊNCIA(S)

**Palavras-chave:** Cartas; Economia; História; Marxismo

**Notas de resumo:** Millôr pergunta: "qual é a carta original de Marx?" A seguir, apresenta quatro cartas diferentes, todas elas assinadas por Karl Marx e direcionadas a seu futuro genro, Paul Lafargue. Ao final, Millôr responde a pergunta e justifica sua resposta.

**Autores citados:** ENGELS, Friedrich; LAFARGUE, Paul; MARX, Karl;

**SUPLICY, Eduardo Matarazzo. Debate. Economistas contestam Simonsen. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.7-9.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Brasil; Década de 60; Década de 70; Economia

**Notas de resumo:** [Debate: economistas contestam Simonsen] O autor comenta a distribuição e concentração de renda no Brasil entre as décadas de 60 e 70 a partir de artigo do ministro Mário Henrique Simonsen, destacando também artigos dos economistas Samuel Morley e Edmar Bacha apresentados em simpósio sobre a economia brasileira. [Publicado originalmente na Folha de S. Paulo, 28 maio 1978, no debate "Economistas contestam Simonsen"]

**Autores citados:** BACHA, Edmar; MORLEY, Samuel; SIMONSEN, Mário Henrique; SOWELL, Thomas;

**SIMONSEN, Mário Henrique. Desigualdade e mobilidade social. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.9-13.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Brasil; Economia; Política; Sociedade

**Notas de resumo:** [Debate: economistas contestam Simonsen] Questionando os indicadores tradicionais e afirmando que o desenvolvimento brasileiro na década de 60 foi bem menos concentrador de renda do que usualmente se imagina, o artigo aborda a preocupação de se conciliar o desenvolvimento com a melhoria da distribuição de renda. [Publicado originalmente no Jornal do Brasil, 14 maio 1978, e na Folha de S. Paulo, 28 maio 1978, no debate "Economistas contestam Simonsen"]

**Autores citados:** KUZNETS, Simon; LANGONI, Carlos Geraldo; MORLEY,

Samuel; PAGLIN, Morton;

**SABÓIA, João Luiz Maurity. Simonsen foi infeliz. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.14-16.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Brasil; Economia; Política; Teoria

**Notas de resumo:** [Debate: economistas contestam Simonsen] O artigo aborda a análise de Simonsen sobre a distribuição de renda no Brasil, apontando os problemas nos dados e indicadores utilizados pelo ministro. Para o autor, o aumento da mobilidade vertical na sociedade brasileira, destacado por Simonsen, ainda estaria por ser provado empiricamente. [Publicado originalmente na Folha de S. Paulo, 28 maio 1978, no debate "Economistas contestam Simonsen"]

**Autores citados:** LANGONI, Carlos Geraldo; MORLEY, Samuel; SIMONSEN, Mário Henrique;

**COSTA, Ramonaval Augusto. A pobreza é manipulada. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.16-18.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Brasil; Economia; Política; Teoria

**Notas de resumo:** [Debate: economistas contestam Simonsen] O autor aponta suas discordâncias com relação aos dados apresentados por Simonsen em sua análise da distribuição de renda no Brasil, destacando a pertinência do índice de Gini e o uso equivocado da renda média como indicador de mobilidade social. [Publicado originalmente na Folha de S. Paulo, 28 maio 1978, no debate "Economistas contestam Simonsen"]

**Autores citados:** GINI, Corrado; LANGONI, Carlos Geraldo; LORENZ, Konrad; MORLEY, Samuel; SIMONSEN, Mário Henrique;

**MIGLIORI, Jorge; SILVA, Sérgio. Afinal, que redistribuição é esta? Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.18-22.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Brasil; Economia; Política; Teoria

**Notas de resumo:** [Debate: economistas contestam Simonsen] Apontando o reconhecimento oficial acerca da necessidade de desconcentração de renda, o artigo discute as diferenças entre crescimento da renda, melhoria do nível de vida e redistribuição de renda, a diferença entre lucro e salário e, ainda, o papel exercido pelos monopólios na questão. [Publicado originalmente na Folha de S. Paulo, 28 maio 1978, no debate "Economistas contestam Simonsen"]

**Autores citados:** DUARTE, João Carlos; HOFFMANN, Rodolfo; WELLS, John;

**GRAZIANO, José. Num mesmo grupo etário há variações de renda. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.23-24.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Brasil; Economia; Política; Teoria

**Notas de resumo:** [Debate: economistas contestam Simonsen] O artigo centra sua crítica no "índice" Paglin-Gini utilizado na análise de Simonsen, afirmando serem falsos os dados daí obtidos, e na consideração de dados sobre indivíduos, uma vez que, para o autor, não se deve considerar o indivíduo e sim sua família, sendo esta é a unidade real de consumo e renda. [Publicado originalmente na Folha de S. Paulo, 28 maio 1978, no debate "Economistas contestam Simonsen"]

**Autores citados:** HOFFMANN, Rodolfo; LANGONI, Carlos Geraldo; SIMONSEN, Mário Henrique;

**SERRA, José. Os sete mitos da distribuição. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.24-26.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Brasil; Economia; Política; Teoria

**Notas de resumo:** [Debate: economistas contestam Simonsen] O artigo elenca e critica sete "mitos" criados por economistas em torno do problema da distribuição de renda no país. Para Serra, na formulação desses mitos, "tudo valeu, da negação de que a distribuição teria efetivamente piorado até a consideração de que a piora seria necessária, fatal ou até auspiciosa". [Publicado originalmente na Folha de S. Paulo, 28 maio 1978, no debate "Economistas contestam Simonsen"]

**Autores citados:** ROBINSON, Joan;

**SERRA, José. Renda concentra-se mais nos anos 70. Ensaios de Opinião, n. 2+6, [ago.] 1978, p.27-29.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Brasil; Década de 70; Economia; Política

**Notas de resumo:** [Debate: economistas contestam Simonsen] O artigo discute o índice de concentração de renda no país com base em dados dos anos de 1960, 1970 e 1976, que mostram que "a participação da metade mais pobre da população brasileira na renda pessoal total diminuiu de 14,9% para 11,8% entre 1970 e 1976", ao passo que a renda dos 5% mais prósperos elevou-se de 34,9% para 39% no mesmo período. [Publicado originalmente na Folha de S. Paulo, 4 jun. 1978]

**Autores citados:** CAMPOS, Roberto; JAIN, Shail; LANGONI, Carlos Geraldo; SIMONSEN, Mário Henrique;

**SERRA, José. Desculpas e realidade. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.29-31.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Brasil; Década de 70; Economia; Política

**Notas de resumo:** [Debate: economistas contestam Simonsen] O artigo retoma o anterior em suas críticas à concentração de renda no país durante os anos 70. Em seus argumentos, Serra lembra que, seguidamente, os dados coletados desmentem as afirmações dos economistas oficiais quanto à melhora/piora da distribuição de renda. [Publicado originalmente na Folha de S. Paulo, 11 jun. 1978]

**Autores citados:** DELFIM NETTO, Antônio; SIMONSEN, Mário Henrique; SUPPLY, Eduardo Matarazzo;

**MARTINS, Luciano. O outro lado da dívida externa. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.32-35.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Capitalismo; Economia; Mercado; Política

**Notas de resumo:** Partindo dos contínuos empréstimos concedidos ao Brasil pelo sistema financeiro privado internacional, e constatando a falta de dados acerca do montante exato da dívida externa dos países em desenvolvimento, o artigo aborda o processo de "privatização" dessa dívida (quando os governos passaram a tomar empréstimos diretamente de bancos privados), bem como seus riscos e conseqüências.

**Autores citados:** BURNS, Arthur;

**FISHLOW, Albert. O problema da dívida é um problema. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.36-41.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Economia; Mercado; Política; Relações internacionais

**Notas de resumo:** O artigo discorre sobre questões a serem consideradas no problema da dívida externa dos países em desenvolvimento: o papel dos bancos privados na acumulação do endividamento, a definição falha do próprio problema e a falta de atenção ao comércio exterior. Ao final, o autor sugere algumas medidas para o enfrentamento do problema. [Publicado originalmente na Foreign Policy, n. 30, primavera 1978]

**Autores citados:** BRITAIN, W. H. Bruce; CLEVELAND, Harold van B.;

**HOBBSAWN, Eric J. Os camponeses e a política. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.42-56.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - História

**Palavras-chave:** Agricultura; História; Política; Século XX

**Notas de resumo:** O ensaio discorre sobre as relações políticas dos camponeses tradicionais com os grupos e instituições de fora de sua comunidade local, destacando as situações com que se defrontam em relação aos movimentos e problemas políticos do século XX e abordando, ao final, os problemas políticos de um campesinato moderno. [Publicado originalmente no Journal of Peasant Studies, v. 1, n. 1, out. 1973]

**Autores citados:** ALAVI, Hamza; ASHE, Jeffrey; BRUYERE, Jean de la; CRAIG, Wesley; DEW, Edward; DOBROWOLSKI, Kazimierz; DUVERGER, Maurice; FERRO, Marc; FIELD, Daniel; GILHODÈS, Pierre; HAMMOCK, John C.; LEFEBVRE, Georges; MALEFAKIS, Edward E.; MARTÍNEZ-ALIER, Joan; MARX, Karl; MEYER, Jean; MORAL, Juan Díaz del; MORALES, Ramiro Condarco; PERRIE, Maureen; POWELL, John Duncan; SABEAN, David; SCIASCIA, Leonardo; SHANIN, Teodor; TARROW, Sidney G.; WACHTEL, Nathan; WOLF, Eric R.;

**GALEANO, Eduardo. Sete anos depois. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.57-67.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** América Latina; Década de 70; Ditadura; Economia

**Notas de resumo:** O artigo discorre, brevemente, sobre a repercussão de "As veias abertas da América Latina", para tecer, em seguida, reflexões sobre a política e a economia no continente passados sete anos da publicação do livro. Segundo Galeano, transcorridos esses anos, "a história não deixou de ser, para nós, uma cruel professora". [Publicado originalmente em Nueva Sociedad, n. 37, jul.-ago. 1978]

**Autores citados:** ALBUQUERQUE, Maria Beatriz de; BURBACH, Roger; BRECHT, Bertolt; CUEVA, Agustín; CLERC, Jean-Pierre; DAVID, Maurício Dias; FLYN, Patricia; JESUS, Carolina Maria de; LETELIER, Orlando; MANTE, Ida May; MCNAMARA, Robert; MENDEZ, Aparicio; RIBEIRO, Darcy; WALSH, Rodolfo Jorge;

**GALBRAITH, John Kenneth. Um caso difícil. [KRISTOL, Irving. "Two Cheers for Capitalism". New York: Basic Books, 1978]. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.68-72.**

**Vocabulário controlado:** RESENHA - Economia

**Palavras-chave:** Capitalismo; Estado; Instituições; Mercado

**Notas de resumo:** Discorrendo sobre o capitalismo contemporâneo das "corporações" que, gerenciadas por executivos, centram suas decisões no controle de preços e no planejamento (transcendendo, dessa forma, as forças do mercado e adquirindo poder de Estado), a resenha aponta as contradições da crítica de Kristol ao modelo. [Publicado originalmente na NY Review of Books, 20 abr. 1978]

**Autores citados:** KRISTOL, Irving;

**HOUAISS, Antonio. Otto Maria Carpeaux. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.73-75.**

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

Nome pessoal como assunto: HOUAISS, Antonio

**Palavras-chave:** Brasil; Cultura; Intelectual; Política

**Notas de resumo:** Houaiss relata que seu convívio com Carpeaux teve quatro momentos. O primeiro na Faculdade Nacional de Filosofia; o segundo, depois de ser aposentado obrigatoriamente do Itamaraty, quando trabalhou com Carpeaux no "Correio da manhã"; o terceiro, quando trabalharam juntos em dois projetos enciclopédicos; e o quarto, que foram suas leituras e releituras dos textos do amigo. [Rio de Janeiro, 1 jun. 1978]

**Autores citados:** CARPEAUX, Otto Maria;

**CARPEAUX, Otto Maria. Drummond, o poeta público. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.76.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: ANDRADE, Carlos Drummond de

**Palavras-chave:** Crônica; Literatura; Modernismo; Poesia

**Notas de resumo:** O autor afirma que Drummond é o maior poeta do Brasil, e que "suas crônicas, como suas poesias, comentam esta Época". Para Carpeaux, "a poesia não pode abolir [...] todas as contradições. Sempre fica um resto. Esse resto é a prosa. [...] Comentários aos versos, comentários à vida são essas crônicas". [Publicado originalmente no primeiro número do semanário Opinião, 6-13 nov. 1972]

**Autores citados:** ADORNO, Theodor; ANDRADE, Carlos Drummond de; BAUDELAIRE, Charles; CERVANTES, Miguel de; GARCIA, Othon Moacyr; HOUAISS, Antonio; LIMA, Luiz Costa; MARTINS, Élcio;

**GAMA, Mauro; LEITE, Sebastião Uchôa; RODRIGUES, Francisco de Assis. Homenagem a Otto Maria Carpeaux. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.77-81.**

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavras-chave:** Biografia; Intelectual; Literatura; Política

**Notas de resumo:** Trata-se de uma montagem com textos de Drummond, José Lins do Rego, Manuel Bandeira e, principalmente, do próprio Carpeaux, mesclados ainda com informações biobibliográficas, que discorrem sobre sua vida e apresentam alguns comentários seus acerca de artistas e temas de seu interesse. [Textos lidos por Fernando Torres e Fernanda Montenegro no Teatro Casa Grande, Rio de Janeiro, mar. 1978]

**Autores citados:** ANDRADE, Carlos Drummond de; BACH, Johann Sebastian; BANDEIRA, Manuel; BAUDELAIRE, Charles; BEETHOVEN, Ludwig van; LEITE, Maurício Gomes; LORCA, Federico García; MENDES, Murilo; RAMOS, Graciliano; REGO, José Lins do; RIDRUEJO, Dionisio; SHAKESPEARE, William; STRAVINSKY, Igor;

**TOURAINÉ, Alain. As perigosas ilusões de Louis Althusser. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.82-85.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

Nome pessoal como assunto: ALTHUSSER, Louis

**Palavras-chave:** Comunismo; Crítica; Política; Teoria

**Notas de resumo:** Em vista dos ataques de Althusser ao "centralismo democrático" do PCF, Touraine afirma que o partido sempre foi antidemocrático e o "escândalo", na verdade, "que Althusser não quer ver e impede que seja visto, é que o PC, decidindo impedir a vitória da esquerda, fez despontar a contradição entre seu discurso e as forças sociais" que pretende representar. [Publicado originalmente na *Nouvel Observateur*, 22 maio 1978]

**Autores citados:** ALTHUSSER, Louis; ELLENSTEIN, Jean;

**FOUCAULT, Michel; HENRI-LEVY, Bernard. Não ao Sexo Rei. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.86-93.**

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Poder; Política; Sexualidade; Verdade

**Notas de resumo:** A entrevista discorre sobre as questões abordadas por Foucault no primeiro volume de "História da sexualidade" e outras daí derivadas, como a discussão contemporânea acerca da "liberação sexual". Foucault discute, ainda, questões em torno das relações de poder, seus efeitos e a produção de verdades, e a relação entre política e revolução. [Publicado originalmente na *Nouvel Observateur*, 12 mar. 1977]

**Autores citados:** HOCQUENGHEM, Guy; MARX, Karl; RANCIÈRE, Jacques; SCHERER, René;

**ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. O reconhecimento das ideias do dever-ser. Tendências do ensino de Ciências Sociais. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.94-96.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Ensino; Ideologia; Sociologia; Teoria

**Notas de resumo:** O artigo aborda a disciplina de Estudos Sociais criada pela reforma universitária, apontando seus problemas e sua diferença com relação às Ciências Sociais, e o ensino desta última, que, segundo o autor, não pode se restringir a um discurso ortodoxo, seja ele funcionalista ou aquele marxista de viés economicista. [Artigo apresentado originalmente no Simpósio sobre a Reforma Universitária, SBPC-RJ, Rio de Janeiro, maio 1978]

**Autores citados:** MARX, Karl;

**MOISÉS, José Álvaro. Perspectivas da democracia na América Latina. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.97-99.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** América Latina; Autoritarismo; Democracia; Política

**Notas de resumo:** Partindo de um breve histórico da instabilidade política na América Latina e apontando para o processo de abertura das ditaduras, o autor propõe três questões acerca da democracia a serem debatidas: sua legitimidade no continente, sua aspiração em movimentos políticos passados e as condições para seu advento. [Fala de abertura de mesa redonda apresentada na 30ª Reunião Anual da SBPC, 10 jul. 1978.]

**Autores citados:** CARDOSO, Fernando Henrique; FALLETO, Enzo; GERMANI, Gino; GRAMSCI, Antonio; MARIÁTEGUI, José Carlos; TOURAINE, Alain; WEFFORT, Francisco Correa;

**GASS, William. Sartre teatral. [CONTAT, Michel; RYBALKA, Michel (eds.). "Sartre on Theater". New York: Pantheon, 1976]. Ensaios de Opinião, n. 02+6, [ago.] 1978, p.100-111.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: SARTRE, Jean-Paul

**Palavras-chave:** Filosofia; Política; Teatro; Teoria

**Notas de resumo:** O artigo discorre sobre as opiniões de Sartre acerca do teatro afirmando que, como em toda a obra do pensador e escritor francês, "o conceito chave" é a liberdade. Apontando suas discordâncias com Sartre em relação a esse tópico (liberdade), Gass termina por afirmar que "se Sartre entrou pelo palco à esquerda, ele está saindo pelo palco à direita". [Publicado originalmente na NY Review of Books, 14 out. 1976]

**Autores citados:** ARISTÓTELES; BEAUVOIR, Simone de; BECKETT, Samuel; BENTLEY, Eric; BRECHT, Bertolt; CAMUS, Albert; CARUSO, Paolo; CRAIB, Ian; DANTO, Arthur; DICKENS, Charles; ESSLIN, Martin; FREUD, Sigmund; HOFMANNSTHAL, Hugo von; JAMESON, Fredric; MORRIS, Phyllis Sutton; POSTER, Mark; RUSSELL, Bertrand; SARTRE, Jean-Paul; SHAKESPEARE, William; SÓFOCLES; WEIGHTMAN, John;

**Ensaio de Opinião. Perfil de Darcy Ribeiro no estilo próprio. Ensaio de Opinião, n. 02+7, [nov.] 1978, p.9.**

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

Nome pessoal como assunto: RIBEIRO, Darcy

**Palavras-chave:** América Latina; Antropologia; Biografia; Obra

**Notas de resumo:** Breve resumo biográfico de Darcy Ribeiro. São apresentados alguns títulos publicados pelo antropólogo e seu próximo livro, sobre a UnB, ilustrado por Oscar Niemeyer.

**Autores citados:** NIEMEYER, Oscar; TEIXEIRA, Anísio;

**RIBEIRO, Darcy. Um Ministro agride os índios. Ensaio de Opinião, n. 02+7, [nov.] 1978, p.10-18.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Antropologia; Estado; Índio; Política

**Notas de resumo:** Darcy faz duras críticas ao ministro Rangel Reis e ao governo, atacando a minuta do decreto que leva o nome do ministro, cujo objetivo é regulamentar a emancipação das comunidades indígenas. Elenca os problemas enfrentados por diversas tribos e conclama juristas, antropólogos e missionários a lutar contra o decreto. [Consta a minuta do "Decreto Rangel Reis". Texto gravado da entrevista coletiva à imprensa, dada no Rio de Janeiro, em 27 jul. 1978]

**Autores citados:** REIS, Maurício Rangel;

**BACHA, Edmar. A industrialização e o setor agrícola. Ensaio de Opinião, n. 02+7, [nov.] 1978, p.19-29.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Agricultura; Economia; Industrialização; Teoria

**Notas de resumo:** A partir de um levantamento teórico, o artigo discorre sobre as inter-relações entre a indústria e a agricultura nos primeiros estágios do crescimento econômico, concentrando-se nos papéis "críticos" desempenhados pela agricultura junto ao processo de industrialização: a provisão de alimentos e o suprimento de divisas estrangeiras. [O artigo é um capítulo de "Política econômica e distribuição de renda", Paz e Terra,

1978]

**Autores citados:** BERGSMAN, Joel; CAVALLO, Domingo F.; CHENERY, Hollis Burnley; DÍAZ-ALEJANDRO, Carlos Frederico; ERLICH, Alexander; GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas; HAYAMI, Yujiro; HSIEH, S. C.; ISHIKAWA, S.; JANVRY, Alain de; JOHNSTON, B. F.; KRUGMAN, Paul; LEWIS, Arthur; LIP-  
TON, Michael; MELLOR, J. W.; MITRA, Ashok; MYINT, Hla; OHKAWA, Kazushi; PREOBZHENSKY; RANIS, G.; RUTTAN, Vernon Wesley; SYRQUIN, Moshe; TAYLOR, Lance;

**MARTINS, Luciano. "Estatização" da economia ou "privatização" do Estado? Ensaios de Opinião, n. 02+7, [nov.] 1978, p.30-37.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Economia; Estado; Mercado; Tecocracia

**Notas de resumo:** A partir do debate em torno da crescente estatização da economia, o artigo procura analisar como estaria se dando tal estatização. Depois de realizar um breve histórico e observar alguns dados, bem como notar a autonomização da gestão burocrática, a conclusão do autor aponta, no entanto, não para a estatização da economia, mas para a privatização do Estado. [Publicado originalmente no Jornal do Brasil, 2 out. 1977]

**Autores citados:** CARDOSO, Fernando Henrique; EVANS, Peter B.; VINA-  
GRE, Luis Carlos;

**CALLADO, Antonio. Literatura e realidade. Ensaios de Opinião, n. 02+7, [nov.] 1978, p.38-42.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

**Palavras-chave:** Educação; Literatura; Política; Representação

**Notas de resumo:** A partir de colocações sobre o problema da educação no Brasil, a perda de relevância da literatura e seu distanciamento da realidade, Callado aborda três escritores cujas obras "representam o esforço mais recente de aproximação e mesmo fusão da literatura com a realidade": Proust, Joyce e Guimarães Rosa. Acerca da preocupação dos escritores com seu tempo, Callado relembra a atitude que tiveram diante do antisemitismo. [Mesa redonda "Ficção atual brasileira", 30ª reunião anual da SBPC, 1978]

**Autores citados:** CORREA, Arlindo Lopes; ELLMANN, Richard; GASSET, José Ortega y; JOYCE, James; PROUST, Marcel; ROSA, Guimarães; STENDHAL;

**SANTIAGO, Silviano. A literatura e suas crises. Ensaios de Opinião, n. 02+7, [nov.] 1978, p.43-45.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

**Palavras-chave:** Década de 70; Linguagem; Literatura; Século XX

**Notas de resumo:** O artigo começa abordando as crises da literatura através do conflito vanguarda/cânone, para se deter na literatura brasileira de então, cuja linguagem, segundo Silviano, está calcada, em grande medida, no jornal e na televisão, o que torna o livro um suplemento destes meios. Para o crítico, os valores dessa literatura são "todos valores de acréscimo e circunstanciais, [...] parasitários e temporários, são valores do infelizmente". [Mesa redonda "Ficção atual brasileira", 30ª reunião anual da SBPC, 1978]

**Autores citados:** PEDROSA, Mário;

**LIMA, Luiz Costa. Música e política em "Esaú e Jacó". Ensaios de Opinião, n. 02+7, [nov.] 1978, p.46-54.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: ASSIS, Machado de

**Palavras-chave:** Arte; Literatura; Século XIX; Sociedade

**Notas de resumo:** Costa Lima analisa "Esaú e Jacó", "Memorial de Aires" e alguns contos de Machado. Para o crítico, na obra madura de Machado há uma reflexão sobre a arte que é paralela à reflexão sobre a sociedade do 2º Reinado, como se observa nos textos analisados, em que há "uma relação axial entre a esterilidade do artista e uma situação social que não apresenta condições para uma autêntica opção política.

**Autores citados:** ASSIS, Machado de; CALDWELL, Helen; FAORO, Raymundo; GUMBRECHT, Hans Ulrich; HABERMAS, Jürgen; JAUSS, Hans Robert; LÉVI-STRAUSS, Claude; PEREIRA, Lúcia Miguel; SANTIAGO, Silviano; SOUSA, José Galante de;

**ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. Ficção e realidade: o lugar das ideias. [SCHWARZ, Roberto. "Ao vencedor as batatas". São Paulo: Duas cidades, 1977]. Ensaios de Opinião, n. 02+7, [nov.] 1978, p.55-57.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: SCHWARZ, Roberto

**Palavras-chave:** Ideologia; Literatura; Século XIX; Sociedade

**Notas de resumo:** Apresentando discordâncias com relação a Schwarz, o autor afirma que o obstáculo para a compreensão do nosso século XIX estaria em querer explicar a passagem de uma sociedade senhorial para uma sociedade mercantil como uma transição, quando o que temos é uma sociedade contraditória desde o início, isto é, o problema estaria em retratar como transição aquilo que é contradição.

**Autores citados:** ALENCAR, José de; ASSIS, Machado de; FAORO, Raymundo; REIS FILHO, Nestor Goulart; SCHWARZ, Roberto;

**HOBBSAWN, Eric J. Devem os pobres se organizar? Ensaios de Opinião, n. 02+7, [nov.] 1978, p.58-68.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Capitalismo; Instituições; Poder; Sociedade

**Notas de resumo:** Partindo da constatação de que os movimentos de esquerda (bem como o socialismo e o capitalismo, de modo geral) encontram-se sem direção, e discutindo o livro "Poor People's Movements", de Piven e Cloward, o autor discorre sobre os movimentos sociais no século XX detendo-se na questão da institucionalização (ou não) desses movimentos. [Publicado originalmente na NY Review of Books, 23 mar. 1978]

**Autores citados:** CLOWARD, Richard A.; MICHELS, Robert; PIVEN, Frances Fox;

**HEILBRONER, Robert L. O inevitável Marx. Trad. VINHAS, Luis Fernando. Ensaios de Opinião, n. 02+7, [nov.] 1978, p.69-75.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

Nome pessoal como assunto: MARX, Karl

**Palavras-chave:** História; Marxismo; Poder; Teoria

**Notas de resumo:** Segundo Heilbroner, Marx inventou uma espécie de "crítica" social e há, na verdade, "muitos Marx", tendo em vista a quantidade de interpretações de sua obra. Afirmando haver um "surto de literatura sobre Marx", o autor comenta vários dos títulos lançados e discorre sobre o marxismo, para se deter, ao final, no que considera uma lacuna no pensamento de Marx: a questão do poder. [Publicado originalmente na NY Review of Books, 29 jun. 1978]

**Autores citados:** CASTORIADIS, Cornelio; CUTLER, Anthony; DRAPER, Hal; FOWKES, Ben; HINDESS, Barry; FREUD, Sigmund; HOOK, Sidney; HOWARD, Dick; GENOVESE, Eugene D.; MANDEL, Ernest; MARX, Karl; HIRST, Paul; McLELLAN, David; McMURTRY, John; HUSSAIN, Athar; ROBINSON, Joan; POPPER, Karl; PADOVER, Saul K.; ROSDOLSKY, Roman; SEIGEL, Jerrold; PLATÃO; SHAWN, William; SMITH, Adam; TUCKER, Robert;

**STONE, I. F. Carter, África e o SALT. Trad. MORETZSEHN, José E. Ribeiro. Ensaios de Opinião, n. 02+7, [nov.] 1978, p.76-85.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** África; Estados Unidos; Guerra fria; URSS

**Notas de resumo:** Relembrando erros políticos/militares de governos anteriores dos EUA e da URSS na Ásia e África motivados pela Guerra Fria, o autor discorre sobre os erros da administração Carter com relação aos

países africanos envolvidos em conflitos internos, como o caso de Angola, e as consequências que esses erros podem ter sobre o Strategic Arms Limitation Talks (SALT). [Publicado originalmente na NY Review of Books, 20 jul. 1978]

**Autores citados:** AARON, David; BAYH, Birch; BRADSHER, Henry S.; BRZEZINSKI, Zbigniew; CASTRO, Fidel; CLARK, Richard Clarence; CRONKITE, Walter; DREW, Elisabeth; DALLIN, Alexander; KISSINGER, Henry; MCGOVERN, George; NYERERE, Julius Kambarage; POWELL, Jody; SPARKMAN, John Jackson; TURNER, Stansfield M.; WEISSMAN, Stephen R.; YOUNG, Andrew Jackson;

**DESCHAMPS, Fanny; LICHTENTHAELER, Charles. O eterno médico. Ensaios de Opinião, n. 02+7, [nov.] 1978, p.86-95.**

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

Nome pessoal como assunto: LICHTENTHAELER, Charles

**Palavras-chave:** Ciência; História; Medicina

**Notas de resumo:** Professor de História da Medicina em Hamburgo, o entrevistado discorre sobre a história da área, fazendo um amplo panorama a partir da medicina mágica da antiguidade. Apontando as ideias e os avanços de cada época, Lichtenthaeler termina tecendo considerações acerca da medicina moderna. [Publicado originalmente na Nouvel Observateur, s/d]

**Autores citados:** AVICENA; BERNARD, Claude; FERNEL, Jean François; GALENO; HIPÓCRATES; HOMERO; LERICHE, René; MAGENDIE, François; VIRCHOW, Rudolf;

**ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. Uma medicina da desordem urbana. Ensaios de Opinião, n. 02+7, [nov.] 1978, p.96-99.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Ciência; Estado; Poder; Política

**Notas de resumo:** Observando a invasão frequente do vocabulário político por aquele da prática médica e lembrando os estudos de Foucault, o autor discorre sobre a estratégia de poder-saber e o modelo médico-político do estado moderno, surgidos no final do século XVIII. Com relação ao Brasil, destaca a publicação de "Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil".

**Autores citados:** CASTEL, Robert; FOUCAULT, Michel; LOUREIRO, Angela; LUZ, Rogério; MACHADO, Roberto; MONTESQUIEU; MURICY, Katia; ROUSSEAU, Jean-Jacques;

**WOLCOTT, James. Guia de TV. Trad. SILVA, Silas Leite. Ensaios de Opinião, n. 02+7, [nov.] 1978, p.100-105.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** Crítica; Entretenimento; Estados Unidos; Televisão

**Notas de resumo:** O artigo comenta a publicação de quatro livros sobre a televisão norte-americana. Wolcott discorre sobre cada um deles, apontando suas características, problemas e conclusões, com destaque para "Four Arguments for the Elimination of Television", de Jerry Mander, tendo em vista seu caráter de manifesto. [Publicado originalmente na NY Review of Books, 6 abr. 1978]

**Autores citados:** ARLEN, Michael J.; BARNOUW, Erik; DIPPEL, George; FEIGEN, Gerry; FIREMAN, Judy; GOLDBSEN, Rose; GOSSAGE, Howard; GREENFIELD, Jeff; HINCKLE, Warren; LEONARD, John; MANDER, Jerry; MANKIEWICZ, Frank; McLUHAN, Marshall; MEISEL, Perry; SCHICKEL, Richard; SHANKS, Bob; SHULMAN, Arthur; SWERDLOW, Joel; THORBURN, David; WINN, Marie; YOUUMAN, Roger;

**ROSSELINI, Roberto; WOOD, Peter H. Eu acredito nisto. Ensaios de Opinião, n. 02+7, [nov.] 1978, p.106-108.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

Nome pessoal como assunto: ROSSELINI, Roberto

**Palavras-chave:** Cinema; Educação; História; Imagem

**Notas de resumo:** Por ocasião da morte de Roberto Rossellini, Peter Wood conta como conheceu o diretor italiano e fala da amizade entre ambos. Em seguida, apresenta uma carta de Rossellini (escrita em 1972) na qual este comenta seus (então) últimos projetos, que apostavam na importância do cinema e da imagem como meio de educação. [Publicado originalmente na New Republic, 2 jul. 1977]

**Autores citados:** COMENIUS, Jan; MOORE, Omar K.; SHAKESPEARE, William;

**BARZINI, Luigi. O dente podre. Trad. CRUZ, Lilian Oswaldo. Ensaios de Opinião, n. 02+7, [nov.] 1978, p.109-112.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - História

Nome pessoal como assunto: D'ANNUNZIO, Gabrielle

**Palavras-chave:** Fascismo; Guerra; História; Itália

**Notas de resumo:** O artigo comenta a ocupação do porto adriático de Fiume, entre 1919 e 1920, liderada por Gabrielle d'Annunzio, revista pelo autor a partir das observações do historiador norte-americano Michael Ledeen, que aponta no episódio características precursoras de movimen-

tos de massa que viriam a seguir, tais como o fascismo. [Sem referência à publicação original do artigo]

**Autores citados:** D'ANNUNZIO, Gabrielle; LEDEEN, Michael;

**Boletim IERJ. FURTADO, Celso. Somos sempre escravos da geração anterior de economistas. Ensaios de Opinião, n. 02+8, [abr.] 1979, p.7-12.**

**Vocabulário controlado:** ENTREVISTA

**Palavras-chave:** Economia; Estado; História; Intelectual

**Notas de resumo:** Tendo em vista a pouca participação dos economistas nos debates acerca dos rumos do país (concentrados em torno da ciência política e da sociologia), Furtado comenta as diferenças entre a geração de economistas dos anos 40/50 e a geração de então no que toca, principalmente, à participação dos economistas nesses debates.

**Autores citados:** GUDIN, Eugênio; SIMONSEN, Roberto;

**FURTADO, Celso. O desenvolvimento do ponto de vista interdisciplinar. Ensaios de Opinião, n. 02+8, [abr.] 1979, p.13-26.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Capitalismo; Economia; História; Teoria

**Notas de resumo:** O texto discorre sobre a ideia de "desenvolvimento", cujas raízes remontam ao século XVIII. Para Furtado, o estudo do desenvolvimento, ao conduzir a uma progressiva aproximação da teoria da acumulação com a teoria da estratificação social e com a teoria do poder, constituiu-se em ponto privilegiado de convergência das distintas ciências sociais.

**Autores citados:** BERNSTEIN, Henry; BOEKE, Julius Herman; CARDOSO, Fernando Henrique; EISENSTADT, Shmuel Noah; GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas; HAHN, Frank Horace; HARROD, Henry Roy Forbes; HEGEL; HIGGINS, Benjamin; KANT, Immanuel; LEVY Jr., Marion J.; KEYNES, John Maynard; LEWIS, Arthur; LIST, Friedrich; MALTHUS, Thomas Robert; MARX, Karl; MATTHEWS, Robert Charles Oliver; MILL, John Stuart; MYRDAL, Gunnar; NURKSE, Ragnar; RICARDO, David; PERROUX, François; PREBISCH, Raúl; SCHUMPETER, Joseph Alois; SEN, Amartya; SISMONDI, Jean Charles Léonard Simonde de; SMITH, Adam; TOURAINE, Alain; WICKSELL; WILBER, Charles K.;

**JAGUARIBE, Helio. O pensamento social e político de Marx. Ensaios de Opinião, n. 02+8, [abr.] 1979, p.27-38.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

Nome pessoal como assunto: MARX, Karl

**Palavras-chave:** Marxismo; Política; Sociedade; Teoria

**Notas de resumo:** Apontando para as dificuldades de compreensão acerca do pensamento de Marx, o texto discorre sobre a importância do pensador alemão no debate político histórico e contemporâneo, apresentando e discutindo algumas de suas principais teses (a alienação, a bondade natural, o materialismo histórico e a dialética das contradições internas). [Apresentado originalmente como palestra proferida em 19/10/78 na UnB]

**Autores citados:** ADORNO, Theodor; BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovit; BERLINGUER, Enrico Zacagnini; BLANQUI, Louis-Auguste; CARRILLO, Santiago; ENGELS, Friedrich; FREUD, Sigmund; FROMM, Erich; GARAUDY, Roger; GRAMSCI, Antonio; HABERMAS, Jürgen; HEGEL; HORKHEIMER, Max; HUME, David; KANT, Immanuel; KAUTSKY, Karl; KOLAKOVSKY, Leszek; KOSIK, Karel; LABRIOLA, Antonio; LEFEBVRE, Henri; LENIN, Vladimir Ilitch; MARCUSE, Herbert; MARX, Karl; NIETZSCHE, Friedrich; PARSONS, Talcott; PETROVIC, Gajo; PLEKHANOV, (Georgi Valentimovitch); POPPER, Karl; RICARDO, David; ROUSSEAU, Jean-Jacques; SCHAFF, Adam; STALIN, Josef;

**CARONE, Edgard. Introdução ao estudo do Movimento Operário do Brasil (1877-1944). Ensaios de Opinião, n. 02+8, [abr.] 1979, p.39-52.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - História

**Palavras-chave:** Anarquismo; História; Proletariado; Socialismo

**Notas de resumo:** Apontando inicialmente as deficiências da bibliografia disponível, e traçando um paralelo entre a Europa e o Brasil, o texto discute a formação do movimento operário brasileiro e suas características. Segundo o autor, o ano de 1890 marca a passagem do movimento pioneiro, ainda ténue, para o momento seguinte, este mais estruturado e amplo. [O artigo é a "introdução a uma 'Antologia operária', que abrange o período 1877-1944", publicada em 1979]

**Autores citados:** AZEVEDO, Aluísio; BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovit; BARRETO, Lima; BASBAUM, Leôncio; BRANDÃO, Otavio; CARVALHO, Elísio de; CARVALHO, Florentino de; DIAS, Everardo; DULLES, John W. Foster; ENGELS, Friedrich; FAURE, Alain; FAUSTO, Boris; FERRER, Francesc; GLEISER, Genny; GORDO, Adolfo Afonso da Silva; GUESDE, Jules; HAMON, Augustin Frédéric; JOUSSEAU, Robert; KROPOTKINE, Pierre; LAFARGUE, Paul; LIMA, Heitor Ferreira; LEVASSEUR, Pierre Émile; LUZ, Fábio; MARX, Karl; PASQUET, Désiré; PEREIRA, Astrogildo; PICCAROLO, Antonio; POMBO, Rocha; PROUDHON, Pierre-Joseph; RANCIÈRE, Jacques; RODRIGUES, Edgar; SACCO, Nicola; SIMÃO, Azis; THOMPSON, E. P.; VANZETTI, Bartolomeo;

**MISSE, Michel. Classe operária e pensamento político no Brasil. [CERQUEIRA Filho, Gisálio. "A influência das ideias socialistas no pensamento político brasileiro - 1890/1922". São Paulo: Loyola, 1979]. Ensaios de Opinião, n. 02+8, [abr.] 1979, p.53-55.**

**Vocabulário controlado:** RESENHA - Sociologia

**Palavras-chave:** História; Política; Proletariado; Socialismo

**Notas de resumo:** De acordo com o resenhista, apesar dos méritos do livro, fruto de mestrado em Ciência Política, "há vários pontos que permitem discussões e aprofundamento". O autor "não pôde (ou não quis) ultrapassar os limites empíricos circunscritos pelas hipóteses, para elevar-se [...] à discussão teórica mais abrangente".

**Autores citados:** CERQUEIRA FILHO, Gisálio; DIAS, Everardo; ENGELS, Friedrich; KAUTSKY, Karl; PEREIRA, Astrogildo; RODRIGUES, Edgar; ROMERO, Silvio;

**HOFFMANN, Rodolfo; GRAZIANO, José. Desigualdade e estratificação social. Ensaios de Opinião, n. 02+8, [abr.] 1979, p.56-58.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Economia; Estado; Sociedade; Trabalho

**Notas de resumo:** O texto discute artigo de Mário Henrique Simonsen, "Mobilidade e desigualdade", cujo argumento se baseia na interpretação do índice Paglin-Gini. Para os autores, as conclusões de MHS são insustentáveis e se devem a erros de análise e interpretação, e os dados refletem, na verdade, "o resultado da política de arrocho salarial posta em prática".

**Autores citados:** LANGONI, Carlos Geraldo; SIMONSEN, Mário Henrique;

**VELHO, Gilberto. Cultura da classe média. Algumas reflexões sobre a noção de projeto. Ensaios de Opinião, n. 02+8, [abr.] 1979, p.59-62.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Cultura; Sociedade; Sociologia; Teoria

**Notas de resumo:** Afirmando que o problema básico sobre o qual se detém em suas pesquisas é o das "fronteiras culturais entre grupos de indivíduos", o autor procura pensar a noção de "projeto", isto é, uma noção que "procura dar conta da "margem relativa de escolha que indivíduos e grupos tem em um determinado momento histórico de uma sociedade".

**Autores citados:** ADAMS, Richard Newbold; BOURDIEU, Pierre; GEERTZ, Clifford; SCHUTZ, Alfred; TURNER, Victor;

**CAVA, Ralph Della; GORDON, Lincoln; HERMAN, Edward S. A tortura no Brasil. Ensaios de Opinião, n. 02+8, [abr.] 1979, p.63-75.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Ditadura; Estado; Relações internacionais; Violência

**Notas de resumo:** A partir de relatórios sobre a tortura no Brasil, publicados no exterior, o artigo discute o seu emprego como instrumento político pela ditadura, discorre sobre as principais vítimas e apresenta três dos tipos mais comuns de tortura. Discute, ainda, o silêncio cúmplice do governo norte-americano. O artigo gera resposta de Lincoln Gordon, em carta publicada em número posterior da revista junto à réplica do próprio Della Cava. Outra carta de Gordon é publicada, dessa vez replicada por Edward S. Herman. [Publicado originalmente na *Commonweal*, v. 62, n. 6, 24 abr. 1970. As cartas foram publicadas em edições posteriores da revista]

**Autores citados:** ACHESON, Dean; ALVES, Márcio Moreira; BOLTON, Robert H.; CÂMARA, Hélder (Dom); CERTEAU, Michel de; EINAUDI, Luigi; GALL, Norman; GOMES, Lúcia Maria Gaspar; GOSHKO, J. M.; HALL, Clarence W.; LANDO, Barry; LIMA, Alceu Amoroso; MÉDICI, Emílio Garrastazu; NIEDER-GANG, Marcel; NOVISTKI, Joseph; QUIGLEY, T. E.; SANDERS, Thomas G.; SCHMITTER, Philippe C.; TALPE, Jan Honoré; TYSON, Brady; WINSLOW JR., R. S.; WIPFLER, William L.;

**NEPOMUCENO, Eric. Cuba, ano 20. Ensaio de Opinião, n. 02+8, [abr.] 1979, p.76-80.**

**Vocabulário controlado:** REPORTAGEM

**Palavras-chave:** Cuba; Economia; Estado; Revolução

**Notas de resumo:** O artigo aborda a situação política e econômica em Cuba vinte anos após a revolução. Tomando como ponto de partida a liberdade religiosa na ilha, Nepomuceno discorre sobre os problemas enfrentados pelo regime e as soluções buscadas. Segundo o autor, depois da fase romântica, a partir de 1970, o governo teve que atentar para o aspecto econômico da revolução.

**Autores citados:** GALEANO, Eduardo;

**SCHWARZ, Roberto. Sobre as três mulheres de três ppês. [GOMES, P. E. Salles. "Três mulheres de três ppês". São Paulo:**

**Perspectiva, 1977]. Ensaio de Opinião, n. 02+8, [abr.] 1979, p.81-89.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: GOMES, Paulo Emilio Salles

**Palavras-chave:** Intelectual; Literatura; Narrador; Vanguarda

**Notas de resumo:** Segundo Schwarz, a atualidade do livro de Paulo Emílio se deve ao fato de o autor incorporar o conjunto de sua atividade intelec-

tual corrente aos recursos do narrador, já que, "no momento em que o experimentalismo técnico parece relativamente domesticado e recuperado, é no espírito crítico enquanto tal que se refugia a verdadeira modernidade". [Publicado originalmente em "O pai de família e outros estudos", RJ: Paz e Terra, 1978]

**Autores citados:** BENJAMIN, Walter; GOMES, Paulo Emilio Salles; MOUTINHO, Nogueira;

**KAROL, K. S. Polônia: uma aposentadoria traiçoeira. Trad. RAMOS FILHO, Paulo Ferreira. Ensaios de Opinião, n. 02+8, [abr.] 1979, p.90-91.**

**Vocabulário controlado:** REPORTAGEM

**Palavras-chave:** Agricultura; Economia; Estado; Polônia

**Notas de resumo:** A reportagem aborda a greve dos camponeses da região de Lublin contra nova lei de aposentadoria, uma vez que a contribuição ao fundo, por parte dos camponeses, se daria não em dinheiro, mas através da transferência direta ao estado de parte da produção. [Publicado originalmente na *Nouvel Observateur*, s/d]

**CARR, Edward Hallet. Casamento inconveniente. [CALHOUN, Daniel F. "The United Front: The TUC and the Russians (1923-1928)". New York: Cambridge University Press, s/d]. Ensaios de Opinião, n. 02+8, [abr.] 1979, p.92-95.**

**Vocabulário controlado:** RESENHA - História

Nome pessoal como assunto: CALHOUN, Daniel F.

**Palavras-chave:** Inglaterra; Instituições; Sindicalismo; URSS

**Notas de resumo:** Segundo o resenhista, o livro (que aborda a relação entre os sindicatos russos e britânicos na década de 20) é interessante não só pelos episódios narrados, mas, também, por projetar uma luz sobre a mentalidade do movimento sindical britânico, raramente examinado. [Publicado originalmente na *NY Review of Books*, 18 maio 1978]

**Autores citados:** CALHOUN, Daniel F.;

**GREGORI, José. Da violência à desviolência. Algumas observações sobre a violência político-institucional. Ensaios de Opinião, n. 02+8, [abr.] 1979, p.96-98.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Estado; Instituições; Política; Violência

**Notas de resumo:** Discutindo a violência social, isto é, aquela institucionalizada por regimes políticos ou estruturas culturais e socioeconômicas, e particularmente a violência exercida pelas ditaduras, que a expressam de forma extrema, o autor afirma ser inadiável o enquadramento da estrutura

Estado-Poder-Governo sob os moldes do Estado de Direito. [Comunicação [?] apresentada no "Seminário sobre a violência" promovido pela Associação dos Advogados de São Paulo]

**Autores citados:** ANTONINI, Fausto; ARENDT, Hannah; NATALI JR., João Baptista;

**CASTRO, Marcos de. Pobre e sujo, sim! Ensaios de Opinião, n. 02+8, [abr.] 1979, p.99-103.**

**Vocabulário controlado:** REPORTAGEM

Nome pessoal como assunto: CÂMARA, Hélder (Dom)

**Palavras-chave:** Ditadura; Igreja; Instituições; Violência

**Notas de resumo:** O artigo relata a perseguição e as acusações do regime a Dom Hélder Câmara. Não podendo atingir diretamente o cardeal, a repressão acaba por atingir aqueles que lhe são próximos. Tais ações, no entanto, acabam gerando fatos de proporção internacional, como a prisão do padre Lourenço e do missionário Capuano, ambos norte-americanos. [Trata-se do VIII capítulo do livro "Dom Hélder Câmara". Rio de Janeiro: Graal, 1978]

**Autores citados:** CÂMARA, Hélder (Dom); SIGAUD, (Dom) Geraldo de Proença;

**TAVARES, José Nilo. Gênese da reforma que não houve. Do relatório Meira Matos às associações dos professores. Ensaios de Opinião, n. 02+8, [abr.] 1979, p.104-111.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Educação

**Palavras-chave:** Educação; Estado; Ideologia; Universidade

**Notas de resumo:** O artigo discorre sobre a gênese da reforma universitária ocorrida em 1968, uma "reforma que não houve" (nas palavras do autor), analisando as posições dos diversos grupos envolvidos: do "Sistema do Poder", com o Relatório Meira Mattos e o Relatório Atcon, dos legisladores e administradores, dos estudantes e dos professores, estes últimos, para Tavares, os grandes omissos no processo. [Originalmente apresentado no Seminário sobre a Reforma Universitária, organizado pelos professores da PUC-Rio, em nov. 1978]

**Autores citados:** ATCON, Rudolph P.; FERNANDES, Florestan; MATTOS, Carlos de Meira; MENDES, Durmeval Trigueiro;

**ABRAMOVAY, Ricardo; ARAÚJO, Braz José de. A questão agrária. Ensaios de Opinião, n. 02+9, [jun.] 1979, p.7-8.**

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

**Palavras-chave:** Agricultura; Democracia; Sindicalismo; Trabalho

**Notas de resumo:** [A questão agrária] O texto apresenta os artigos do dossiê "A questão agrária", em sua maioria apresentados na IV Reunião Nacional de Mão-de-obra Volante na Agricultura, realizada na Unesp (Botucatu), bem como tece algumas considerações em torno à questão agrária no Brasil a partir do processo de democratização política no país.

**Autores citados:** AZEVEDO, Eraldo Lírio de; FERREIRA, Antônio Carlos de Moura; LOPES, Juarez Rubens Brandão; NEVES, Mozart Borba; SIGAUD, Lygia; SILVA, José Francisco da; GRAZIANO, José;

**LOPES, Juarez Rubens Brandão. Desenvolvimento capitalista e estrutura agrária no Brasil. Trad. PACIORNIK, Celso M. Ensaios de Opinião, n. 02+9, [jun.] 1979, p.9-16.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Agricultura; Estado; Industrialização; Trabalho

**Notas de resumo:** [A questão agrária] O texto aborda as "tendências divergentes" da estrutura agrária do país. Segundo o autor, enquanto as regiões rurais do Centro/Sul e, principalmente, de São Paulo, beneficiaram-se do desenvolvimento capitalista, a região Nordeste manteve as formas arcaicas de produção agrícola. [Publicado originalmente no International Journal of Urban and Regional Research, v. 2, n. 1, 1978]

**Autores citados:** ANDRADE, Manoel Correia de; BRANT, Vinícius Caldeira; CARDOSO, Fernando Henrique; CASTRO, Antonio Barros de; FALETTO, Enzo; FREITAS, Claus F. Trench de; FURTADO, Celso; HALL, Michael McDonald; IANNI, Octavio; JOHNSON, Allen W.; MOMBEIG, Pierre; OLIVEIRA, Francisco de; PAIVA, Ruy Miller; SÁ JR., Francisco; SCHATAN, Salomão; TAVARES, Maria da Conceição; WOLPE, Harold;

**SIGAUD, Lygia. O sindicato e a estratégia do capital. Ensaios de Opinião, n. 02+9, [jun.] 1979, p.17-31.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Agricultura; Direito; Sindicalismo; Trabalho

**Notas de resumo:** [A questão agrária] O texto aborda a situação de trabalho dos "boias-frias" a partir de estudo de caso na Zona da Mata de Pernambuco, procurando analisar os motivos do quadro geral de desorganização desses trabalhadores, que carecem de direitos trabalhistas e resistem em filiar-se ao sindicato. [O artigo é parte da tese de doutorado "Os clandestinos e os direitos", USP, 1977]

**Autores citados:** FURTADO, Celso; HOBBSAWN, Eric J.; JULIÃO, Francisco; MARX, Karl; PALMEIRA, Moacir;

**GRAZIANO, José. A porteira já está fechando? Ensaios de Opinião, n. 02+9, [jun.] 1979, p.32-37.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Agricultura; Amazônia; Economia; Estado

**Notas de resumo:** [A questão agrária] O texto aborda o fim das terras "livres" a serem incorporadas ao processo de produção de alimentos. Segundo o autor, as terras amazônicas perderam o valor produtivo e assumiram o papel de reserva de valor, fato que gera consequências sociais, econômicas e políticas. [Uma versão preliminar do artigo foi publicada na Gazeta Mercantil, 12-14/02/1979]

**Autores citados:** HAYAMI, Yujiro; IANNI, Octavio; MARTINS, José de Souza; MOORE JR., Barrington; OSÓRIO, Carlos; PATRICK, George F.; RUTTAN, Vernon Wesley; SANTOS, Roberto A. O.; SAWYER, Donald R.; SILVA, Sérgio; SZMRECSÁNYT, Tamaz; VELHO, Otávio Guilherme;

**SILVA, José Francisco da. Atuação dos sindicatos junto aos trabalhadores rurais. Ensaios de Opinião, n. 02+9, [jun.] 1979, p.38-40.**

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavras-chave:** Agricultura; Direito; Sindicalismo; Trabalho

**Notas de resumo:** [A questão agrária] Depoimento do (então) presidente da CONTAG, abordando, entre outros aspectos, as origens do movimento sindical rural, a interferência do Estado nos sindicatos, o quase esfacelamento das entidades com o golpe de 1964, as conquistas obtidas, as dificuldades e as ações compreendidas.

**FERREIRA, Antônio Carlos de Moura. Atuação da Igreja junto aos trabalhadores rurais. Ensaios de Opinião, n. 02+9, [jun.] 1979, p.41-50.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Agricultura; Igreja; Política; Trabalho

**Notas de resumo:** [A questão agrária] A partir da participação de membros da Igreja Católica na CPI da Terra, em 1977, o autor faz um histórico da atuação da instituição junto aos trabalhadores rurais, bem como de suas posições e ações acerca da questão agrária. [Consta em apêndice as "linhas de ação" da Comissão Pastoral da Terra]

**Autores citados:** AVELAR, (Dom) Estêvão Cardoso de; BALDUÍNO, (Dom) Tomás; CASALDÁLIGA, (Dom) Pedro; CASTRO, (Dom) José Brandão de; ENGELKE, (Dom) Inocêncio; FROELICH, (Dom) Henrique; GRECHI, (Dom) Moacyr; KIRINUS, Gernote; MAYER, (Dom) Antônio de Castro; OLIVEIRA, Plínio Correia de; PENA, (Dom) Alano; RUTH, (Dom) Henrique; SARTORI, (Dom) Agostinho; SIGAUD, (Dom) Geraldo de Proença; SILVA, (Dom) Adal-

berto Paulo da;

**AZEVEDO, Eraldo Lírio de. Situação e organização dos trabalhadores no estado do Rio de Janeiro. Ensaios de Opinião, n. 02+9, [jun.] 1979, p.51-56.**

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavras-chave:** Agricultura; Direito; Sindicalismo; Trabalho

**Notas de resumo:** [A questão agrária] Depoimento do (então) presidente da Fed. Trab. Agrícolas do RJ, abordando, entre outros aspectos, a história e as dificuldades do movimento sindical no estado, os principais problemas dos trabalhadores rurais, com destaque para a questão das terras, e as ações desenvolvidas pelos sindicatos.

**ABRAMOVAY, Ricardo. Lutas sociais no campo. Ensaios de Opinião, n. 02+9, [jun.] 1979, p.57-62.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Agricultura; Capitalismo; Direito; Estado

**Notas de resumo:** [A questão agrária] O texto aborda os principais problemas dos trabalhadores do campo: a desapropriação de terras de pequenos agricultores, os baixos preços de seus produtos, e a exploração dos trabalhadores assalariados. Apontando o limite de atuação da Igreja e dos sindicatos, o autor acusa o grande capital e o Estado como responsáveis pelos conflitos.

**NEVES, Mozart Borba. Uma experiência com o boia-fria. Ensaios de Opinião, n. 02+9, [jun.] 1979, p.63-68.**

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavras-chave:** Agricultura; Direito; Sindicalismo; Trabalho

**Notas de resumo:** [A questão agrária] O autor, advogado sindical, narra sua experiência no movimento sindical dos trabalhadores rurais em Pernambuco, destacando aspectos como a diferenciação entre os tipos de contratos e salários dos trabalhadores, as ações empreendidas pelos sindicatos e os resultados obtidos.

**TOSI, Lucía. Cripto-domésticas, interlocutoras inteligentes ou criadoras? Ensaios de Opinião, n. 02+9, [jun.] 1979, p.69-71.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Ciência; Feminismo; Mulher; Sociedade

**Notas de resumo:** A autora parte do discurso do físico Luiz. W. Alvarez ao receber o Prêmio Nobel, no qual o cientista cita sua esposa, para discutir

os estereótipos femininos, tais como o da administradora familiar, da provedora de infraestrutura de apoio ao homem e, aqui especificamente, o de "interlocutor inteligente", apontando, ao final, para as mudanças em curso, que incitam a mulher a assumir o papel de criadora.

**Autores citados:** ALVAREZ, Luis Walter; BENSTON, Margaret Lowe; BETTELHEIM, Bruno; GALBRAITH, John Kenneth; KLEIN, Viola; WOOLF, Virginia;

**MARTINS, Luciano. A geração AI-5. Um ensaio sobre autoritarismo e alienação. Ensaios de Opinião, n. 02+9, [jun.] 1979, p.72-102.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Autoritarismo; Comportamento; Discurso; Drogas

**Notas de resumo:** Buscando pensar a relação entre autoritarismo e alienação, o autor aborda o comportamento da "geração AI-5" a partir de três aspectos: "o culto das drogas", "a desarticulação do discurso" e o "modismo psicanalítico". Para Martins, "tais valores, práticas e comportamentos, que são vividos como contracultura", constituem "uma expressão da alienação produzida pelo próprio autoritarismo e, ao mesmo tempo, são também instrumentos de alienação".

**Autores citados:** ADORNO, Theodor; BUARQUE, Chico; CALLADO, Antonio; COMPAGNON, Antoine; D'AMICO, Robert; DIEGUES, Cacá; FONSECA, Rubem; FREUD, Sigmund; HABERMAS, Jürgen; HUXLEY, Aldous; HORKHEIMER, Max; JABOR, Arnaldo; JACOBY, Russel; MARX, Karl; MARCUSE, Herbert; OLIVEIRA, José Carlos de; MASCARENHAS, Eduardo; NEUMANN, Franz; SCHNEIDER, Michel; PAINE, Thomas; ROCHA, Glauber; SCHWARZ, Roberto; SCHACHTEL, Ernest G.; VELHO, Gilberto;

**MAGALHÃES, Theresa Calvet de. Classe média e linguagem. Um comentário crítico sobre a obra de B. Bernstein. Ensaios de Opinião, n. 02+9, [jun.] 1979, p.103-105.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Linguística

Nome pessoal como assunto: BERNSTEIN, Basil

**Palavras-chave:** Classe; Linguística; Sociedade; Teoria

**Notas de resumo:** O texto discute a obra de Basil Bernstein, destacando sua distinção entre um código restrito e um código elaborado da fala. Segundo a autora, a teoria de Bernstein faz parte de uma luta em prol de uma "política educacional para a classe operária", mas, mais que uma teoria, trata-se de "uma série de hipóteses". [Originalmente apresentado como comunicação no Congresso de Sócio e Etnolinguística, UFPB, 31 jul./4 ago. 1978]

**Autores citados:** BERNSTEIN, Basil; CHOMSKY, Noam; DITTMAR, Norman;

MARCUSCHI, Luiz Antônio; SCHATZMANN, Leonard; STRAUSS, Anselm L.;

**ARRAES, Miguel. Greve na fábrica. [LINHART, Robert. Greve na fábrica, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978]. Ensaios de Opinião, n. 02+9, [jun.] 1979, p.106-112.**

**Vocabulário controlado:** RESENHA - Sociologia

**Palavras-chave:** Globalização; Industrialização; Política; Trabalho

**Notas de resumo:** Mais que uma resenha, o artigo parte da leitura do livro - que descreve o trabalho de um intelectual francês, durante um ano, como operário numa fábrica de automóveis - para discutir a situação política e econômica brasileira e internacional a partir do que Arraes denomina como a "ordem internacional" (o processo de modernização e internacionalização da economia mundial), nascida no pós-guerra.

**Autores citados:** ARNS, (Dom) Paulo Evaristo; DELFIM NETTO, Antônio; FRANCO, Affonso Arinos de Mello; JULIEN, Claude; KISSINGER, Henry; LIMA, Alceu Amoroso; LINHART, Robert; MALAN, Pedro;

**Cadernos de Opinião. s/título. Cadernos de Opinião, n. 12, jul. 1979, p.3.**

**Vocabulário controlado:** EDITORIAL

**Palavras-chave:** Autoritarismo; Censura; Imprensa; Livros

**Notas de resumo:** O editorial informa que a partir desse número "Ensaios de Opinião" volta a chamar-se "Cadernos de Opinião". São relatados os motivos da criação da revista, o processo de apreensão do número 2 (1975), a estratégia da mudança no nome, bem como as dificuldades impostas pela censura.

**Autores citados:** CÂMARA, Hélder (Dom);

**Cadernos de Opinião. Documentos da apreensão dos Cadernos de Opinião 2. Cadernos de Opinião, n. 12, jul. 1979, p.4-5.**

**Vocabulário controlado:**

**Palavras-chave:** Autoritarismo; Censura; Imprensa; Polícia

**Notas de resumo:** Reprodução fac-similar dos documentos oficiais que tratam da apreensão do número 2 da revista, incluindo a circular que reiterava a proibição de qualquer matéria relacionada a Dom Hélder Câmara.

**GREGORI, José. A UNE nos tempos da democracia. Cadernos de Opinião, n. 12, jul. 1979, p.9-10.**

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavras-chave:** Década de 50; Democracia; Instituições; Política

**Notas de resumo:** [UNE] O autor discorre sobre sua participação na UNE na primeira metade da década de 50, comentando as disputas políticas, o

funcionamento e o status da organização. Lembra que vários de seus parceiros acabaram tornando-se nomes conhecidos e comenta, ao final, o incêndio que destruiu a sede da UNE em 1964.

**ARANTES, Aldo Silva. A UNE no período 61/62. Cadernos de Opinião, n. 12, jul. 1979, p.10-14.**

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavras-chave:** Década de 60; Instituições; Política; Universidade

**Notas de resumo:** [UNE] O autor discorre sobre as principais ações da UNE no período, tais como a participação da entidade na "crise da legalidade", a campanha pela reforma universitária, a UNE-Volante e os CPCs. Arantes comenta, ainda, a situação das universidades durante a ditadura e, ao final, aborda o processo de reorganização da entidade.

**ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon; DURHAM, Eunice Ribeiro. A greve do funcionalismo público em São Paulo. Resíduos dos velhos tempos, sinal dos novos? Cadernos de Opinião, n. 12, jul. 1979, p.15-21.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Autoritarismo; Economia; Estado; Trabalho

**Notas de resumo:** Os autores destacam a "modernização burocrática" e a "privatização" dos serviços públicos durante a ditadura, notadamente na saúde, na educação e na agricultura, e comentam o novo "democratismo" (ainda sem forma institucional) por trás do movimento grevista, bem como a estratégia política de confronto do governo Maluf.

**DINNAGE, Rosemary. O caminho de Piaget. Cadernos de Opinião, n. 12, jul. 1979, p.22-29.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Psicologia

Nome pessoal como assunto: PIAGET, Jean

**Palavras-chave:** Epistemologia; Infância; Psicologia; Teoria

**Notas de resumo:** O texto percorre criticamente as diferentes fases da obra de Piaget. Para Dinnage, entre a primeira fase ("toda fantasia") e a última ("toda razão"), há uma série de livros importantes e relativamente negligenciados do autor que "tratam de um período na infância onde a fantasia e a razão ainda não se cristalizaram separadamente".

**Autores citados:** ANTHONY, James; BRUNER, Jerome Seymour; DONALDSON, Margaret; FREUD, Sigmund; EVANS, Richard I.; GRUBER, Howard E.; JANET, Pierre; LÉVY-BRUHL, Lucien; PIAGET, Jean; ROTMAN, Brian; RUSSELL, Bertrand; SIMON, Théodore; VONÈCHE, J. Jacques;

**FISHLOW, Albert. Voando para o Rio. Perspectivas das relações Brasil-Estados Unidos. Cadernos de Opinião, n. 12, jul. 1979, p.30-41.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Brasil; Estados Unidos; Política; Relações internacionais

**Notas de resumo:** Tendo como ponto de partida a visita de Jimmy Carter ao Brasil em abril de 1978, o texto faz um histórico e um balanço do relacionamento entre os países a partir de 1945. Abordando as aproximações e distanciamentos, bem como suas causas, o autor afirma ser urgente a reconstrução desse relacionamento. [Publicado originalmente na Foreign Affairs, inv. 1978/79]

**Autores citados:** BRZEZINSKI, Zbigniew; CAMPOS, Roberto; CASTRO, Araújo; CUNHA, Vasco Leitão da; DELFIM NETTO, Antônio; KISSINGER, Henry; KUBITSCHKE, Juscelino; MCNAMARA, Robert; ROGERS, William; SILVA, Golbery do Couto e; SILVEIRA, Azeredo da;

**GALEANO, Eduardo. O exílio entre a nostalgia e a criação. Cadernos de Opinião, n. 12, jul. 1979, p.42-46.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO

**Palavras-chave:** América Latina; Ditadura; Intelectual; Repressão

**Notas de resumo:** O texto aborda o exílio forçado pelas ditaduras latino-americanas, notadamente as uruguaia e argentina, que levou, principalmente, artistas à Europa. Galeano destaca, em suas considerações, os conflitos pessoais gerados por tal exílio. [Publicado originalmente (?) na Revista de la Universidad de México, n. 11, jul. 1979; acompanham o artigo "Duas histórias do exílio"]

**Autores citados:** CASTRO, Julio; CONTI, Haroldo Pedro; CORTÁZAR, Julio; FIGARI, Pedro; GULLAR, Ferreira; JULIÃO, Francisco; PEDROSA, Mário; RAMA, Ángel; RIBEIRO, Darcy; ROSECOF, Mauricio; URONDO, Paco; VALLEJO, Cesar; WALSH, Rodolfo Jorge;

**LIMA SOBRINHO, Barbosa. Um general socialista. [Prefácio à 2ª edição de "O socialismo", de Abreu e Lima, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979]. Cadernos de Opinião, n. 12, jul. 1979, p.47-55.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - História

Nome pessoal como assunto: LIMA, José Inácio de Abreu e

**Palavras-chave:** História; Intelectual; Século XIX; Socialismo

**Notas de resumo:** Traçando inicialmente o perfil intelectual e as posições políticas de Abreu e Lima, Barbosa Lima discorre sobre o livro tendo em vista as discussões acerca do "socialismo" no século XIX. Para BL, Abreu e Lima poderia ser enquadrado na "primeira fase do socialismo romântico".

**Autores citados:** ALBUQUERQUE, Pedro Autran da Mata e; BABEUF, François-Noel; BALLANCHE, Pierre-Simon; BARRETO, Tobias; BASTIAT, Claude Frédéric; CAMPANELLA, Tommaso; CARVALHO, Estevão Rafael de; CHACON, Vamireh; COSTA, Hipólito José da; COUSIN, Victor; DURKHEIM, Emmile; ENGELS, Friedrich; FIGUEIREDO, Antônio Pedro de; FOURIER, Charles; FRANÇA, Cornélio Ferreira; FREYRE, Gilberto; GARAUDY, Roger; GIULIANI, Giacomo; HEGEL; HUMBOLDT, Alexander von; LAMENNAIS, Hugues-Félicité Robert de; LEROUX, Pierre; LIMA, José Inácio de Abreu e; LIMA, Pedro de Araújo; MAQUIAVEL, Nicolau; MARTINS, Oliveira; MARX, Karl; MATTER, Jacques; MORE, Thomas; MORELLY, Étienne-Gabriel; OWEN, Robert; PROUDHON, Pierre-Joseph; QUENTAL, Antero de; REYBAUD, Louis; ROUSSEAU, Jean-Jacques; SAINT-SIMON, Claude-Henri; SCHATZ, Albert; SÉRGIO, António; VAUTHIER, Louis Léger; VILLEY, Daniel;

**MIDDLETON, Christopher. Relinchando ao vento. [FREEDMAN, Ralph. "Hermann Hesse: Pilgrim of crisis". NYC: Pantheon Books, 1978]. Cadernos de Opinião, n. 12, jul. 1979, p.56-64.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: HESSE, Herman

**Palavras-chave:** Biografia; Crítica; Literatura; Romance

**Notas de resumo:** Lembrando que Hesse é pouco reconhecido na Alemanha, ao contrário do que ocorre em outros países, Middleton discorre sobre a biografia do autor alemão escrita por Ralph Freedman, ao mesmo tempo em que procura fazer também uma leitura da vida/obra de Hesse, apontando, a partir daí, os problemas na biografia analisada. [Publicado originalmente na NY Review of Books, 8 mar. 1979]

**Autores citados:** FREEDMAN, Ralph; HAMSUN, Knut; HENNINGS, Emmy; HESSE, Herman; LANG, J. B.; KAFKA, Franz; LAWRENCE, D. H.; LEARY, Timothy; MANN, Thomas; MILECK, Joseph; MILLER, Henry; WALSER, Robert;

**ORTIZ, Renato. Cultura popular. Organização e ideologia. Cadernos de Opinião, n. 12, jul. 1979, p.65-69.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** Cultura; Década de 60; Ideologia; Política

**Notas de resumo:** O autor discute a questão da "cultura popular" retomando criticamente a experiência histórica do CPC-UNE. Ortiz aponta as diversas incongruências e contradições teóricas por trás do CPC, evidenciadas, por exemplo, nas produções artísticas que, em prol de sua instrumentalização, praticamente baniam o elemento estético.

**Autores citados:** ALMEIDA, Renato de; BARROS, Néelson Lins e; BASTIDE,

Roger; CASCUDO, Luiz da Câmara; CORBISIER, Roland; GRAMSCI, Antonio; ESTEVAM, Carlos; GULLAR, Ferreira; FERNANDES, Florestan; LEITE, Sebastião Uchôa; FREYRE, Gilberto; LUKÁCS, Georg; MARX, Karl; QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de; SÉBBILOT, Paul; TOLEDO, Caio Navarro de; VIANNA FILHO, Oduvaldo;

**NIEMEYER, Ana Maria de. As cercas e os muros separam os trabalhadores entre "iguais e "desiguais" [...]. Cadernos de Opinião, n. 12, jul. 1979, p.70-79.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Cidade; Discriminação; Sociologia; Urbanismo

**Notas de resumo:** A autora aborda a auto-representação dos moradores de uma favela e de uma vila popular, destacando o contraste entre a visão exterior (como a do poder público), que vê esses lugares, de forma estereotipada, como homogêneos, e a visão interna, que aponta para as diferenças entre os moradores. [Comunicação apresentada na 30ª Reunião Anual da SBPC]

**Autores citados:** ALMEIDA, Maria Suely Kofes de; BOLAFFI, Gabriel; CARDOSO, Ruth; CARVALHOSA, Margarida; DURHAM, Eunice Ribeiro; FERREIRA, Rosa F.; GOFFMAN, Erwing; KOWARICK, Lúcio; GRAEFF, Eduardo; MARRICATO, Ermínia; PERLMAN, Janice; SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; SOMMER, Robert; VALLADARES, Lícia do Prado; WEFFORT, Francisco Correa;

**BARRACLOUGH, Geoffrey. À espera da nova ordem. Trad. SILVA, Manuel Augusto A. Cadernos de Opinião, n. 12, jul. 1979, p.80-92.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Economia; Política; Relações internacionais; Subdesenvolvimento

**Notas de resumo:** O texto discorre sobre os seguidos acordos entre os países desenvolvidos e o Terceiro Mundo em prol de uma Nova Ordem Econômica Internacional. Segundo o autor, o assunto deixou de suscitar o interesse público a partir de 1975, mas tornou-se um tópico privilegiado pela "intelligentzia" norte-americana, cuja produção é analisada. [Publicado originalmente na NY Review of Books, 26 out. 1978]

**Autores citados:** AMIN, Samir; BERGSTEN, C. Fred; CARSWELL, Robert; COOPER, Richard N.; DAHRENDORF, Ralf; DAVIGNON, Etienne; DÍAZ-ALEJANDRO, Carlos Frederico; FAGEN, Richard R.; FISHLOW, Albert; GARDNER, Richard; HANSEN, Roger D.; HAQ, Mahbud ul; HARRINGTON, Michael; KALDOR, Mary; KISSINGER, Henry; LEONTIEF, Wassily; KLEIMAN,

Robert; LEWIS, Arthur; LETELIER, Orlando; MAZRUI, Ali Al'amin; LITTLE, I. M. D.; MCCARTHY, Stephen; LUNDBERG, Erik; MCNAMARA, Robert; MEANY, George; MOFFIT, Michael; MINAULT, Sylvain; ULLMAN, Richard H.; MORSE, Edward L.; WACHTEL, Howard M.; TINBERGEN, Jan; WEINERT, Richard S.; WRIGGINS, William Howard;

**HOISEL, Evelina. A oscilação das marcas no jogo da festa. Uma leitura desconstrutora da catequese. Cadernos de Opinião, n. 12, jul. 1979, p.93-99.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Antropologia

**Palavras-chave:** Cultura; Discurso; Índio; Religião

**Notas de resumo:** O texto aborda "o recalcamento dos valores da cultura indígena pelos valores da cultura europeia" por meio da catequização dos índios pelos jesuítas. O mecanismo privilegiado nesse processo de conversão do "outro" ao "mesmo", segundo a autora, é a "festa", formal e ritualisticamente constituída pela missa, batismo, casamento, mas, sobretudo, pelo teatro.

**Autores citados:** ANCHIETA, José de; BLASQUEZ, Antonio; CAMINHA, Pero Vaz de; CARDIM, Fernão; DERRIDA, Jacques; FAORO, Raymundo; FOUCAULT, Michel; NÓBREGA, Manoel da; VIEIRA, (Pe.) Antônio;

**CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward S. Os Estados Unidos contra os direitos humanos no Terceiro Mundo. Cadernos de Opinião, n. 12, jul. 1979, p.100-111.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Capitalismo; Ditadura; Estados Unidos; Relações internacionais

**Notas de resumo:** Apontando a falta de crítica interna à política externa do país, o texto aborda a participação dos EUA na desestabilização de governos democráticos e seu apoio à regimes autoritários no Terceiro Mundo, ações essas, segundo os autores, motivadas por interesses econômicos. [Publicado originalmente na Monthly Review, vol. 29, n. 3, jul-ago. 1977]

**Autores citados:** BLOCK, Fred; CUMMINGS, John; DRAPER, Theodore; FETHERSTON, Drew; GALL, Norman; HAYTER, Teresa; HOWE, Marvine; JESSER JR., Edward A.; KAMM, Henry; KWITNY, Jonathan; ONIS, Juan de; PENN, Stanley; RIDING, Alan; ROSTOW, Walt; SHANNON, William V.; SLATER, Jerome; TANNENBAUM, Jeffrey A.; TANZER, Michael;

**MARTINS, Luciano. Errata. Cadernos de Opinião, n. 12, jul. 1979, p.112.**

**Vocabulário controlado:** CORRESPONDÊNCIA(S)

**Notas de resumo:** Carta à direção da revista na qual o autor reclama dos vários erros de revisão tipográfica em seu artigo "A geração AI-5 (um ensaio sobre autoritarismo e alienação)" publicado no número anterior, com breve resposta da revista lamentando o ocorrido.

**RIBEIRO, Darcy. [Discurso de Darcy Ribeiro na Sorbonne pelo título de Doutor Honoris Causa]. Cadernos de Opinião, n. 13, ago./set. 1979, p.5-6.**

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavras-chave:** Estado; Intelectual; Subdesenvolvimento; Universidade

**Notas de resumo:** Segundo Darcy, o título é uma consolação aos seus fracassos: como antropólogo na defesa dos índios, como político na realização da reforma agrária e no controle do capital estrangeiro e, como reitor, na Universidade de Brasília. Esses fracassos, no entanto, são o orgulho de sua vida.

**OLIVEIRA, Franklin de. Homenagem a Antonio Candido. Cadernos de Opinião, n. 13, ago./set. 1979, p.7.**

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO - Literatura

Nome pessoal como assunto: CANDIDO, Antonio

**Palavras-chave:** Crítica; Intelectual; Literatura; Teoria

**Notas de resumo:** Como celebração dos sessenta anos de Antonio Candido, Cadernos de Opinião republica os artigos de Celso Lafer, Florestan Fernandes, Roberto Schwarz e Walnice N. Galvão publicados em livro sobre o crítico. Oliveira, em sua breve apresentação, comenta o trabalho crítico, teórico, e o papel intelectual de Candido.

**Autores citados:** CANDIDO, Antonio; LINS, Álvaro;

**CANDIDO, Antonio. A verdade da repressão. [Inquérito sobre um cidadão acima de qualquer suspeita. Dir. Elio Petri. Itália, 1970]. Cadernos de Opinião, n. 13, ago./set. 1979, p.8-10.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** Estado; Justiça; Polícia; Violência

**Notas de resumo:** O texto discorre sobre a função da polícia, particularmente a partir do século XVIII, na França. Candido aponta para a "polícia-justiça" que aparece na obra de Kafka, uma polícia "que não tem necessidade de motivos, mas apenas de estímulos". Tal exemplo pode ser visto no filme de Elio Petri, sobre o qual Candido se detém. [Publicado originalmente no semanário Opinião, 15-22 jan. 1972]

**Autores citados:** BALZAC, Honoré de; DOSTOYEVSKY, Fyodor Mikhailovitch; HUGO, Victor; KAFKA, Franz; PETRI, Elio; VIGNY, Alfred de;

**LAFER, Celso. Antonio Candido. Cadernos de Opinião, n. 13, ago./set. 1979, p.11-19.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: CANDIDO, Antonio

**Palavras-chave:** Crítica; Dialética; Literatura; Sociedade

**Notas de resumo:** A partir do que considera como a inquietação constante de Antonio Candido, a saber, a dialética da ordem e da desordem, Lafer comenta a obra do crítico afirmando que vê Candido "como um legislador", "cuja sabedoria, baseada na dialética da ordem e da desordem, que aponta a passagem do dois ao três nas mediações da análise literária, encaminha, sem ingenuidade, a atualização do princípio da perfectibilidade humana".

**Autores citados:** ALENCAR, José de; ALMEIDA, Manuel Antônio de; ANDRADE, Jorge; ANDRADE, Carlos Drummond de; AZEVEDO, Aluísio; ANDRADE, Oswald de; BALZAC, Honoré de; ARENDT, Hannah; CANDIDO, Antonio; CONRAD, Joseph; COSTA, Claudio Manuel da; DUMAS, Alexandre; FLAUBERT, Gustave; GIDE, André; GOLDMANN, Lucien; HAWTHORNE, Nathaniel; HOBBS, Thomas; JASPERS, Karl; JOYCE, James; KANT, Immanuel; KEYSERLING, Graf Hermann; LINS, Álvaro; LUKÁCS, Georg; NIETZSCHE, Friedrich; PAZ, Octavio; PROUST, Marcel; QUEIRÓS, Eça de; RAMOS, Graciliano; ROMERO, Silvio; ROSA, Guimarães; ROUSSEAU, Jean-Jacques; STENDHAL; VERGA, Giovanni; ZOLA, Émile;

**FERNANDES, Florestan. A "herança clássica" e o seu destino. Cadernos de Opinião, n. 13, ago./set. 1979, p.20-35.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

Nome pessoal como assunto: CANDIDO, Antonio

**Palavras-chave:** Ciência; Classe; História; Sociologia

**Notas de resumo:** Florestan procura historiar a sociologia - campo de pesquisa que "reflete o caráter antagônico da civilização capitalista", segundo o autor - a partir do que considera como dois fatos capitais: de um lado, o papel que a condição externa (burguesa) representou no desenvolvimento da "sociologia como ciência" e, de outro, "a tensão que se estabeleceu entre a sociologia 'como ciência' e a realidade".

**Autores citados:** ARON, Raymond; CUVILLIER, Armand; ENGELS, Friedrich; DURKHEIM, Emile; FREYER, Hans; GOULDNER, Alvin; GRAMSCI, Antonio; KAUTSKY, Karl; LE PLAY; LENIN, Vladimir Ilitch; LUKÁCS, Georg; MANHEIM, Karl; MARX, Karl; MAUSS, Marcel; MILLS, C. Wright; NICOLAUS, Martin; SCHELER, Max Ferdinand; SIMIAND, François Joseph Charles; WEBER, Max;

**GALVÃO, Walnice Nogueira. Indianismo revisitado. Cadernos de Opinião, n. 13, ago./set. 1979, p.36-43.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: CANDIDO, Antonio

**Palavras-chave:** História; Índio; Literatura; Personagem

**Notas de resumo:** Partindo da constatação de que a literatura brasileira não dá espaço ao índio, tal como esse tivera no Romantismo, e do lançamento de "Maíra", de Darcy Ribeiro, a autora empreende um balanço da presença do índio na literatura brasileira, apontando para questões que perpassam essa presença, notadamente a violência do processo colonizador.

**Autores citados:** ALENCAR, José de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; BILAC, Olavo; CAMPOS, Haroldo de; CANDIDO, Antonio; CHATEAUBRIAND, François René; COOPER, Fenimore; DAHL, Gustavo; DENIS, Ferdinand; DURÃO, Santa Rita; ELIADE, Mircea; EURÍPEDES; GAMA, Basílio da; GOMES, Carlos; GUIMARÃES, Bernardo; PAZ, Octavio; RIBEIRO, Darcy; ROSA, Guimarães; SANTOS, Nelson Pereira dos; SOUSÂNDRADE, Joaquim de; STADEN, Hans;

**SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de "Dialética da malandragem". Cadernos de Opinião, n. 13, ago./set. 1979, p.44-57.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: CANDIDO, Antonio

**Palavras-chave:** Dialética; Literatura; Sociedade; Teoria

**Notas de resumo:** O texto aborda o ensaio "Dialética da malandragem", de Antonio Candido. Para Schwarz, ao salientar o jogo entre as estruturas literária e histórica (a dialética de forma literária e processo social), Candido consegue estabelecer de maneira exata a relação entre romance e sociedade, superando a incompatibilidade entre os estudos "interno" e "externo" da obra de ficção.

**Autores citados:** ADORNO, Theodor; ALMEIDA, Manuel Antônio de; ASSIS, Machado de; CANDIDO, Antonio; FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho; HAWTHORNE, Nathaniel; MARCUSE, Herbert; PRADO JR., Caio;

**TAVARES, Maria da Conceição. O sistema financeiro brasileiro e o ciclo de expansão recente. Cadernos de Opinião, n. 13, ago./set. 1979, p.58-75.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Crise; Economia; Estado; Mercado

**Notas de resumo:** A partir da crise de crédito corrente e das medidas tomadas pelo governo, o texto aborda as características específicas que o

sistema financeiro brasileiro adquiriu ao longo de seu desdobramento, distanciando-se inteiramente de seu projeto inicial, que pretendia reproduzir no Brasil um tipo de estrutura financeira semelhante à das economias avançadas.

**Autores citados:** BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello; BULHÕES, Otavio Gouvea de; COUTINHO, Luciano; DAIN, Sulamis; LESSA, Carlos;

**BRAGA, Roberto Saturnino. O balanço de pagamentos, a crise do petróleo e a dependência. Cadernos de Opinião, n. 13, ago./set. 1979, p.76-80.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Crise; Economia; Estado; Política

**Notas de resumo:** O discurso aborda a dívida externa crescente do país. Para o senador, o alto custo dos juros da dívida e da remuneração do capital estrangeiro, a liberalidade das importações e o fato de a crise do petróleo ter eclodido [já então] há seis anos (1973) demonstra a incapacidade do governo no plano econômico. [Discurso pronunciado no Senado em 28/06/1979]

**Autores citados:** BARDELLA, Cláudio; RISCHBIETER, Karlos Heinz;

**GALBRAITH, John Kenneth. Como progredir. Discurso aos formandos da Universidade de Yale. Cadernos de Opinião, n. 13, ago./set. 1979, p.81-85.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Economia; Ética; Política; Sociedade

**Notas de resumo:** Discurso irônico no qual o autor aconselha os jovens sobre como progredir na carreira, tendo em vista a época de "revolta conservadora" que marca[va] os EUA. A fala gira em torno da condução da economia pelo governo, amplamente favorável aos ricos, destacando as ideias dos responsáveis pelas diretrizes. [Publicado originalmente na NY Review of Books, 19 jul. 1979]

**Autores citados:** BLUMENTHAL, Werner Michael; BOSWORTH, Barry P.; FRIEDMAN, Milton; KAHN, Alfred; JARVIS, Howard; SCHMITT, Harrison Hagan; WRISTON, Walter;

**CARDOSO, Fernando Henrique. Os rumos da oposição. Cadernos de Opinião, n. 13, ago./set. 1979, p.86-89.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Democracia; Instituições; Política; Sociedade

**Notas de resumo:** O texto discute o futuro da oposição à ditadura, particularmente do MDB, tendo em vista o processo de transição/abertura

política. Para o autor, é necessário um "partido popular, de massas" (seja o MDB renovado ou um novo partido que o substitua), que surja do encontro entre os quadros políticos com vocação popular do MDB e as lideranças e bases dos vários movimentos sociais.

**KOMANOFF, Charles. Vivendo sem a energia nuclear. Cadernos de Opinião, n. 13, ago./set. 1979, p.90-97.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Ciência

**Palavras-chave:** Consumo; Economia; Energia; Tecnologia

**Notas de resumo:** A partir do acidente na usina nuclear de Three Mile Island (PA), o texto aborda a crescente demanda por energia. Para Komanoff, a principal medida seria a redução da quantidade de energia usada, através do aumento da produtividade energética propiciado pelas inovações tecnológicas. [Publicado originalmente na NY Review of Books, 17 maio 1979]

**Autores citados:** CHAPMAN, Lewis Duane; GYFTOPOULOS, Elias P.; LEACH, Gerald; TAYLOR, Vince; WIDMER, Thomas F.;

**VILAR, Pierre. Sobre nações e nacionalismo. Trad. LAMARÃO, Sérgio. Cadernos de Opinião, n. 13, ago./set. 1979, p.98-111.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - História

**Palavras-chave:** Estado; História; Marxismo; Nação

**Notas de resumo:** Tendo como base da discussão as controvérsias entre os marxistas no que diz respeito ao assunto, Vilar discorre sobre o conceito de nação, bem como sobre os temas relacionados (tais como Estado, pátria, país, comunidade, etc), abordando o problema das "nacionalidades", principalmente a partir da Europa do século XIX. [Publicado originalmente (?) na Marxist Perspectives, n. 5, 1979]

**Autores citados:** ADLER, Alfred; APALATEGUI, Jokin; ARON, Raymond; BAROJA, Julio Caro; BAUER, Otto Kornilov; BLOOM, Solomon; BOROCHOV; BRAUDEL, Fernand; CAPMANY, Antoni de; DAVY, Georges; DURKHEIM, Emile; ENGELS, Friedrich; FABRE-COLBERT, Henri; FEBVRE, Lucien; FICHTER, Johan Gottlieb; GOETHE, Johann Wolfgang von; GUILLÉN, Nicolas; HAUPT, Georges; HAUSER, Henri; HERDER, Johann Gottfried; IZARD, Michel; IZTUETA, Paulo; JAURÈS, Jean; LENIN, Vladimir Ilitch; LÉVI-STRAUSS, Claude; LIST, Friedrich; LUXEMBURG, Rosa; MARX, Karl; MAUSS, Marcel; MONTCHRESTIEN, Antoine de; MUN, Thomas; PIPES, Richard Edgar; POU-LANTZAS, Nikos; REICH, Wilhelm; RENAN, Joseph Ernest; RIBA, Enric Prat de la; RIBO, Rafael; SMITH, Adam; STALIN, Josef; TÖNNIES, Ferdinand; VITRY, Jacques de;

**FURTADO, Celso. Ciência para que e para quem? Cadernos de Opinião, n. 14, out./nov. 1979, p.5-7.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Ciência

**Palavras-chave:** Ciência; História; Sociedade; Técnica

**Notas de resumo:** [SBPC 1979] O autor começa por discorrer sobre a técnica e o conhecimento, afirmando que a partir da revolução burguesa criou-se o traço fundamental de nossa civilização: a técnica apoiada na ciência, ou seja, a tecnologia. Em seguida, Furtado discorre sobre os fatos da frenética criação tecnológica contemporânea e a responsabilidade dos cientistas. [Lido na sessão inaugural da 31ª Reunião Anual da SBPC, em agosto de 1979]

**GIANNOTTI, José Arthur. Einstein: clássico e romântico. Cadernos de Opinião, n. 14, out./nov. 1979, p.8-10.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Ciência

Nome pessoal como assunto: EINSTEIN, Albert

**Palavras-chave:** Biografia; Ciência; Política; Universalidade

**Notas de resumo:** [SBPC 1979] O autor começa por afirmar que é impossível separar Einstein de seu mito. A despeito da riqueza de sua contribuição para a ciência, no entanto, é difícil sustentar as concepções epistemológicas e, mais ainda, os princípios da política tais como pensados pelo físico. Giannotti, então, propõe algumas questões em torno de uma "concepção mais lábil de Ciência".

**Autores citados:** EINSTEIN, Albert; INFELD, Leopold;

**FORJAZ, Maria Cecilia Spina. De como a "autonomia do político" aprisionou os cientistas sociais brasileiros. Cadernos de Opinião, n. 14, out./nov. 1979, p.11-16.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Brasil; Década de 60; Sociologia; Teoria

**Notas de resumo:** [SBPC 1979] O texto aborda a "revisão crítica" que, a partir de meados dos anos 60, substituiu o modelo de análise marxista do desenvolvimento capitalista no Brasil. A esse primeiro modelo "economista" seguiu-se um segundo, "politicista", objeto, por sua vez, de superação por parte dos pesquisadores a partir de meados dos anos 70, já que, tal como o modelo anterior, privilegiava o papel do Estado em suas análises.

**Autores citados:** CARDOSO, Fernando Henrique; CARVALHO, José Murilo de; CHAÚÍ, Marilena; DINIZ, Eli; FAORO, Raymundo; GRAMSCI, Antonio;

LAMOUNIER, Bolivar; MARTINS, Luciano; MICELI, Sergio; NOGUEIRA FILHO, Paulo; SCHWARTZMAN, Simon; POULANTZAS, Nikos; SODRÉ, Nelson Werneck; SOUZA, Maria do Carmo Campello de; VIANA, Oliveira; WEFFORT, Francisco Correa;

**CARVALHO, Ricardo. O caso Galdino. Cadernos de Opinião, n. 14, out./nov. 1979, p.17-22.**

**Vocabulário controlado:** REPORTAGEM

Nome pessoal como assunto: JACINTO, Aparecido Galdino

**Palavras-chave:** Imprensa; Justiça; Psiquiatria; Violência

**Notas de resumo:** [SBPC 1979] O texto relata a internação de Aparecido Galdino Jacinto no Manicômio Judiciário de Franco da Rocha, em São Paulo, de dezembro de 1972 a junho de 1979. O autor discorre sobre a vida pregressa de Galdino, suas prisões e a internação. A liberdade foi conseguida graças à intervenção da Comissão de Justiça e Paz de São Paulo e à cobertura do caso por alguns jornais paulistas.

**Autores citados:** CARVALHO, Alexis Landgraf; CLAIR, Janete; CURTIS, Richard van; DIAS FILHO, Clodoveu de Oliveira; FAERMAN, Marcos; FIGUEIREDO, Janduirtes José de; JACINTO, Aparecido Galdino; MARTINS, José de Souza; NAKAMURA, Miguel; PAIVA, José Roberto; SOARES, Evandro Pereira;

**KALDOR, Nicholas. Inflação e recessão na economia mundial. Trad. SILVA, Manuel Augusto A. Cadernos de Opinião, n. 14, out./nov. 1979, p.23-31.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Economia; Estado; Mercado; Teoria

**Notas de resumo:** [Economia] O texto aborda a crise inflacionária acompanhada de recessão que atingiu os países desenvolvidos a partir do início da década de 70, o que, para o autor, constituía fenômeno novo. Para Kaldor, o mecanismo de mercado não é um regulador eficaz, cabendo papel ativo aos governos. [Série de artigos organizada por Antonio Estevão Lima Sobrinho, Carlos Lessa, Edmar Bacha, Eginardo Pires, Maria da Conceição Tavares, Pedro Malan, Ricardo Tolipan e Sergio Goes de Paula] [Publicado originalmente no Economic Journal, dez. 1976]

**Autores citados:** EATWELL, John; FAXEN, K. O.; EDGREEN, G.; HICKS, (Sir) John; JACKSON, Dudley; LEWIS, Arthur; LLEWELLYN, John; ODHNER, C. E.; NORDHAUS, William; TARLING, Roger J.; TURNER, H. A.; WILKINSON, Frank; WILLIAMSON, John; WOOD, Geofrey;

**BOWLES, Samuel. A comissão trilateral. O capitalismo e a democracia**

**tomaram caminhos distintos? Trad. SILVA, Manuel Augusto A. Cadernos de Opinião, n. 14, out./nov. 1979, p.32-37.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Capitalismo; Democracia; Economia; Política

**Notas de resumo:** [Economia] O autor discorre sobre encontro realizado em Kyoto, em 1975, patrocinado pela Comissão Trilateral, que reuniu altos executivos de multinacionais e políticos dos EUA, Europa e Japão. Bowles analisa o relatório e os ensaios resultantes do encontro, que apontam como problema central o "excesso de democracia" nos países capitalistas desenvolvidos. [Publicado originalmente no Progressive, jun. 1977]

**Autores citados:** BRZEZINSKI, Zbigniew; GODKIN, Edwin Lawrence; HUNTINGTON, Samuel P.; O'CONNOR, James; ROCKEFELLER, David;

**ROWTHORN, Bob. "O capitalismo tardio". [MANDEL, Ernest. "Late Capitalism". Trans. Joris De Bres. London: Verso Press, 1975]. Trad. LAMARÃO, Sérgio. Cadernos de Opinião, n. 14, out./nov. 1979, p.38-60.**

**Vocabulário controlado:** RESENHA - Economia

**Palavras-chave:** Capitalismo; Economia; Marxismo; Teoria

**Notas de resumo:** [Economia] Para Rowthorn, em que pese as discordâncias e falhas apontadas, "Late Capitalism" pode ser considerado uma das duas mais importantes obras de economia política marxista surgidas na década. De leitura difícil, o livro "contém uma grande quantidade de ideias e de material empírico e é um trabalho de um marxista realmente criativo". Ao final, Rowthorn relaciona algumas das questões cruciais levantadas pelo livro de Mandel. [Publicado originalmente na New Left Review, jul.-ago. 1976]

**Autores citados:** BRAVERMAN, Harry; GLYN, Andrew; GROSSMAN, Henryk; KUZNETS, Simon; LUXEMBURG, Rosa; MANDEL, Ernest; MARX, Karl; NELL, Edward J.; NORDHAUS, William; SUTCLIFFE, Bob;

**SANTIAGO, Silviano. Repressão e censura no campo das artes na década de 70. Cadernos de Opinião, n. 14, out./nov. 1979, p.61-66.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

**Palavras-chave:** Arte; Censura; Ditadura; Sociedade

**Notas de resumo:** Silviano aborda os efeitos da censura sobre as artes nos anos 70, no Brasil, afirmando que a censura não afetou, em termos quantitativos, a produção cultural. Foi sobre a pessoa do artista que seu efeito se fez sentir, seja economicamente, seja "moralmente". O crítico discute brevemente a narrativa de ficção produzida no período e conclui que o verdadeiro punido pela censura foi a sociedade. [Comunicação apresenta-

da na 31ª Reunião anual da SBPC]

**Autores citados:** ARRIGUCCI JR., Davi; BUARQUE, Chico; FRANCIS, Paulo; CALLADO, Antonio; LOUZEIRO, José; MARCOS, Plínio; MARTINS, Luciano; RAMOS, Graciliano; RUBIÃO, Murilo;

**ÁVILA, Fernando Bastos de. O saldo de 15 anos (1964-1979). Cadernos de Opinião, n. 14, out./nov. 1979, p.67-76.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Ditadura; Estado; Igreja; Política

**Notas de resumo:** O autor procura elaborar uma análise do período 1964-1979 desde os anos que precederam o golpe militar e tendo em vista as expectativas geradas pela abertura do regime e pelo governo Figueiredo. A conclusão aponta para possíveis mudanças por vir, sem deixar de apontar, no entanto, o risco de uma reação por conta da disputa política que volta a se abrir. [O artigo é uma reelaboração de texto publicado na Revista Mensaje, Santiago do Chile, abr. 1979, sob o título "Lecciones de la experiencia brasileña"]

**Autores citados:** JAGUARIBE, Helio;

**DIDION, Joan. Woody Allen – Manhattan ("Manhattan", "Interiores", "Noivo neurótico, noiva nervosa"). Cadernos de Opinião, n. 14, out./nov. 1979, p.77-79.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Cultura

Nome pessoal como assunto: ALLEN, Woody

**Palavras-chave:** Cinema; Comportamento; Personagem; Sociedade

**Notas de resumo:** Afirmando se impressionar com a maneira como os filmes "sérios" de Allen atuam sobre a plateia, a autora tece duras críticas aos [então últimos] filmes do cineasta. Segundo Didion, que busca exemplos nas falas e situações dos personagens, "o paradigma para as ações nestes últimos filmes de Woody Allen é a escola secundária", já que seus personagens são "falsos adultos". [Publicado originalmente na NY Review of Books, 16 ago. 1979]

**Autores citados:** ALLEN, Woody; GITTELSON, Natalie;

**LIMA, Luiz Costa. Réquiem para a aquarela do Brasil. Cadernos de Opinião, n. 14, out./nov. 1979, p.80-93.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Literatura

**Palavras-chave:** Literatura; Loucura; Romance; Sociedade

**Notas de resumo:** A partir das colocações de Silviano Santiago no ensaio "Vale quanto pesa" e de questões acerca da recepção da literatura, o autor

analisa "Armadilha para Lamartine" e "Quatro-olhos", tendo como foco o papel da loucura. Para Costa Lima, esses romances configuram uma variante das duas grandes linhas presentes no interior da literatura brasileira, conforme apontadas por Silviano: a memorialista e a de cunho antropológico. [O artigo é datado de set.-out. 1978]

**Autores citados:** CARNEIRO, Geraldo; ISER, Wolfgang; LEITE, Sebastião Uchôa; PELLEGRINO, Hélio; POMPEU, Renato; RENZA, Louis; SANTIAGO, Silviano; SOBOUL, Albert; SUSSEKIND, Carlos; TROTSKI, Leon;

**JAGUARIBE, Helio. ISEB - Um breve depoimento e uma reapreciação crítica. Cadernos de Opinião, n. 14, out./nov. 1979, p.94-110.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Sociologia

**Palavras-chave:** Brasil; Instituições; Sociologia; Teoria

**Notas de resumo:** O texto aborda o Instituto Superior de Estudos Brasileiros partindo de um sucinto histórico de sua formação. A seguir, apresenta e discute seus propósitos, suas teses centrais e, principalmente, sua proposta nacional-desenvolvimentista. Ao final, Jaguaribe (que fora membro do ISEB) busca empreender uma reapreciação crítica da obra isebiana.

**Autores citados:** ARON, Raymond; BONILLA, Frank; BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos; CARDOSO, Fernando Henrique; CORBISIER, Roland; DEBRUN, Michel; FALLETO, Enzo; FERNANDEZ, Oscar Lorenzo; FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho; FREUD, Sigmund; FREYRE, Gilberto; FURTADO, Celso; GASSET, José Ortega y; GURVITCH, Georges; HABERMAS, Jürgen; LIMA, Alceu Amoroso; LIMA, Ewaldo Correia; LUKÁCS, Georg; MANNHEIM, Karl; MARCUSE, Herbert; MARX, Karl; MENDES, Cândido; PAIM, Gilberto; PINTO, Alvaro Vieira; RAMOS, Guerreiro; RANGEL, Ignácio; SODRÉ, Nelson Werneck; TOLEDO, Caio Navarro de;

**SUPLICY, Eduardo Matarazzo. Joan Robinson no Brasil. Cadernos de Opinião, n. 15, dez./ago. 1980, p.7-8.**

**Vocabulário controlado:** APRESENTAÇÃO

Nome pessoal como assunto: ROBINSON, Joan

**Palavras-chave:** Democracia; Economia; Política; Sociedade

**Notas de resumo:** Suplicy discorre sobre a visita da economista ao Brasil em setembro de 1979 para palestras na FGV, UnB e Unicamp, comentando brevemente o momento econômico do país e algumas das ideias de Robinson, que influencia[va]m especialmente a "nova geração" de economistas brasileiros.

**Autores citados:** EATWELL, John; ROBINSON, Joan;

**ROBINSON, Joan. Os problemas da economia moderna. Cadernos de Opinião, n. 15, dez./ago. 1980, p.8-12.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Economia; Ensino; Modernidade; Teoria

**Notas de resumo:** Robinson relembra sua trajetória e sua ligação com Keynes, para, a seguir, abordar o embate entre os pensamentos ortodoxo e keynesiano, bem como a mudança operada pelos liberais no keynesianismo através da chamada "síntese neoclássica", e ainda como esses pensamentos se fazem presentes no ensino universitário, notadamente o norte-americano.

**Autores citados:** KEYNES, John Maynard; MARSHALL, Alfred; MARX, Karl;

**BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos; CARDOSO, Fernando Henrique; ROBINSON, Joan; SERRA, José; SILVA, Gustavo Sá e; SUPLICY, Eduardo Matarazzo. Debates. Cadernos de Opinião, n. 15, dez./ago. 1980, p.12-17.**

**Vocabulário controlado:** DEBATE

**Palavras-chave:** Capitalismo; Economia; Marxismo; Teoria

**Notas de resumo:** O debate aborda diversas questões da economia, tais como teorias e políticas econômicas, definições conceituais, crises do capitalismo, países socialistas, etc, sem deixar de abordar, lateralmente, questões como democracia e liberdade de pensamento.

**Autores citados:** FRIEDMAN, Milton; HEILBRONER, Robert L.; KALECKI, Michael; KEYNES, John Maynard; MUNDELL, Robert Alexander; SCHUMPELTER, Joseph Alois; SRAFFA, Piero;

**MARTINS, Luciano. A política (e os limites) da "Abertura". Cadernos de Opinião, n. 15, dez./ago. 1980, p.18-33.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Brasil; Democracia; Economia; Política

**Notas de resumo:** O texto aborda a "abertura" do regime apontando a defasagem entre a capacidade de proposição política por parte da oposição e as novas questões postas na ordem do dia. O autor termina comentando as três concepções de reorganização política do momento: a do regime, a da oposição parlamentar e aquela dos movimentos sociais.

**Autores citados:** ABREU, Hugo; CARDOSO, Fernando Henrique; FURTADO, Celso; O'DONNELL, Guillermo; SERRA, José; TAVARES, Maria da Conceição;

**CARDOSO, Fernando Henrique. Interdependência e desenvolvimento. Cadernos de Opinião, n. 15, dez./ago. 1980, p.34-39.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** América Latina; Economia; Industrialização; Mercado

**Notas de resumo:** O autor aborda a questão do desenvolvimento e da dependência econômica, particularmente na América Latina, a partir das teses do CEPAL, surgidas nos anos 40, e das análises sobre a dependência surgidas nos anos 60, observando, sobretudo, as novas articulações da economia internacional. [Texto apresentado na abertura do 2º Encontro Inter-regional sobre Desenvolvimento, Pesquisa, Comunicação e Educação, promovido pelo CLACSO e OECD em Bogotá, junho de 1979]

**Autores citados:** HIRSCHMAN, Albert O.;

**RIBEIRO, Ivan de Otero. A crise da economia e o "Pacote agrícola". Cadernos de Opinião, n. 15, dez./ago. 1980, p.40-52.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Agricultura; Crise; Economia; Estado

**Notas de resumo:** O texto comenta o "Pacote agrícola" lançado pelo governo federal em 24/05/1979 em meio à crise econômica. Para o autor, as medidas fazem muito pouco pelos pequenos produtores e por reais transformações no campo, uma vez que o pacote visa, principalmente, instrumentalizar economicamente a agricultura em favor de outros setores econômicos. [Consta em apêndice a lista de medidas]

**Autores citados:** BARROS, José Roberto Mendonça de; DELFIM NETTO, Antônio; GRAHAM, Douglas H.; LESSA, Carlos; STEFANELO, Eugênio;

**SHEEHAN, Thomas. Itália e as Brigadas Vermelhas. Trad. LAMARÃO, Sérgio. Cadernos de Opinião, n. 15, dez./ago. 1980, p.53-63.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

Nome pessoal como assunto: NEGRI, Antonio

**Palavras-chave:** Itália; Marxismo; Revolução; Violência

**Notas de resumo:** A partir da prisão de Antonio Negri em 07/04/1979, o autor discorre sobre a violência dos movimentos esquerdistas na Itália, notadamente as Brigadas Vermelhas, bem como sobre o percurso e as ideias de Negri. Sheehan comenta também, em meio ao ensaio, dois livros de Sabino Acquaviva que tentam pensar essas mesmas questões. [Publicado originalmente na NY Review of Books, 16 ago. 1979]

**Autores citados:** ACQUAVIVA, Sabino; ALTHUSSER, Louis; BALESTRINI, Nanni; BATAGLIA, Adolfo; BOCCA, Giorgio; CACCIARI, Massimo; DELEUZE, Gilles; FOUCAULT, Michel; GUATTARI, Félix; MACCIOCCHI, Maria-Antonieta; NEGRI, Antonio; RONCHEY, Alberto; ROSDOLSKY, Roman; SOLÉ, Robert;

**GERBER, Raquel. Identidade hoje: crise e apelo. Contribuição à questão da cultura nacional. Cadernos de Opinião, n. 15, dez./ago. 1980, p.64-69.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Psicanálise

**Palavras-chave:** Cinema; Identidade; Nação; Psicanálise

**Notas de resumo:** A autora comenta algumas das falas e sua participação no colóquio internacional "Produção e afirmação da identidade", ocorrido em Toulouse, setembro de 1979. Depois de apontar as questões debatidas no evento, Gerber aborda a questão da identidade a partir do cinema, particularmente o Cinema Novo.

**Autores citados:** AGBLEMAGNON, François N'Sougan; MUSSEN, Paul; NIKOLIC, Mihailo; PÉREZ-AGOTE, Alfonso; TOURAINÉ, Alain; ZAVALLONI, Marisa;

**BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos. China e União Soviética, estatismo e socialismo. Cadernos de Opinião, n. 15, dez./ago. 1980, p.70-87.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Classe; Economia; Estado; Socialismo

**Notas de resumo:** O texto aborda as características sociais da China e URSS, observando principalmente a constituição de classes em seu interior. Para Bresser, em ambos os países "o socialismo e a democracia foram colocados em segundo plano em nome da racionalidade tecnoburocrática, do desenvolvimento econômico, da segurança nacional e da elevação dos padrões de vida". [Artigo escrito durante viagem à China e URSS em julho e agosto de 1979]

**Autores citados:** BETTELHEIM, Charles; COHEN, Francis; GUOFENG, Hua; HONGLIN, Lin; JIALIN, Wu; KERIMOV, D. A.; MATTHEWS, Mervyn; MYRDAL, Jan; PRITCHET, Christopher; YUN, Ling; ZAIBMAN, David; ZHEN, Peng; ZHENGWEN, Shi;

**SEGALL, Maurício. O povo de Israel, o povo palestino, o antisemitismo e os brasileiros-judeus. Cadernos de Opinião, n. 15, dez./ago. 1980, p.88-103.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Política

**Palavras-chave:** Estado; História; Judaísmo; Nação

**Notas de resumo:** O fato gerador do texto é a tentativa de instalação de um escritório da OLP no Brasil. Depois de rememorar a história do povo judeu até a criação do Estado de Israel e apontar as diversas questões aí suscitadas, notadamente o racismo contra os judeus, o autor procura pensar a situação contemporânea do conflito entre Israel e os palestinos.

**Autores citados:** ARENDT, Hannah; DEUTSCHER, Isaac; LAFER, Celso; SAR-

TRE, Jean-Paul;

**BERLIN, Isaiah. Einstein e Israel. Trad. BARBOSA, Raul de Sá. Cadernos de Opinião, n. 15, dez./ago. 1980, p.104-111.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - História

Nome pessoal como assunto: EINSTEIN, Albert

**Palavras-chave:** Biografia; Ciência; Judaísmo; Nação

**Notas de resumo:** O texto aborda a vida e o pensamento de Einstein destacando, primeiramente, o pouco impacto de seu pensamento teórico nas ideias gerais de sua época, para, a seguir, comentar suas opiniões "não-científicas", destacando aí seu apoio total (não sem críticas) ao sionismo que resultaria na criação do Estado de Israel. [Publicado originalmente na NY Review of Books, 8 nov. 1979]

**Autores citados:** EINSTEIN, Albert;

**CASTRO, Antonio Barros de. A controvérsia da demanda efetiva. Cadernos de Opinião, n. 15, dez./ago. 1980, p.112-122.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Capitalismo; Economia; Século XX; Teoria

**Notas de resumo:** Para o autor, a Grande Depressão dos anos 30 interrompe o pensamento teórico que via o desenvolvimento do capitalismo através de surtos expansivos. A partir de então, duas posições se destacariam no estudo da evolução do capitalismo, com destaque aqui para aquela cujos principais expoentes são Keynes e Kalecki, e cujo problema central é a "adequação da demanda efetiva", objeto de crítica do texto.

**Autores citados:** AFTALION, Albert Abram; ALDCROFT, Derek Howard; BALTAR, Paulo; CARVALHO, Fernando Cardim de; CHANDLER JR., Alfred D.; CLEMENCE, Richard V.; DENIS, Henri; COLLETTI, Lucio; HANSEN, Alvin Harvey; DOBB, Maurice; HOBBSAWN, Eric J.; HYMER, Stephen; LUXEMBURG, Rosa; KALECKI, Michael; MALTHUS, Thomas Robert; KEYNES, John Maynard; MARX, Karl; LANGE, Oskar Ryszard; MITCHELL, Wesley Clair; METZLER, Lloyd Appleton; NAPOLEONI, Claudio; MINSKY, Hyman Philip; POSAS, Mario Luiz; MOORE, Geoffrey H.; SHACKLE, George Lennox Sharman; ROBINSON, Joan; SMITH, Adam; SAY, Jean Baptiste; STEINDL, Joseph; SCHUMPETER, Joseph Alois; SWEEZY, Alan R.; SWEEZY, Paul Marlor; TUGAN-BARANOVSKI, Mikhail;

**LESSA, Carlos. A nação-potência como um projeto do estado e para o estado. Cadernos de Opinião, n. 15, dez./ago. 1980, p.123-137.**

**Vocabulário controlado:** ENSAIO - Economia

**Palavras-chave:** Autoritarismo; Economia; Estado; Nação

**Notas de resumo:** O autor faz a leitura do II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), lançado em 1974, como um projeto de Nação-Potência, isto é, que visa(va) transformar o país em potência mundial. Em sua leitura, Lessa destaca não apenas as formulações econômicas, mas também os aspectos políticos e sociais que davam sustentação ao plano. [Trata-se do capítulo 4 da tese apresentada pelo autor à Faculdade de Economia e Administração da UFRJ em 1978, para o concurso de professor titular]

**Autores citados:** DELFIM NETTO, Antônio; GEISEL, (Gal.) Ernesto; GOMES, Severo; HOLANDA, Nilson; KAHN, Herman; VELLOSO, Reis;

**MINDLIN, Betty. Primeira declaração Suruí. Cadernos de Opinião, n. 15, dez./ago. 1980, p.138-141.**

**Vocabulário controlado:** DEPOIMENTO

**Palavras-chave:** Amazônia; Estado; Índio; Justiça

**Notas de resumo:** Depoimento dos índios da Tribo Suruí, de Rondônia, gravado em maio de 1979. Os índios relatam a invasão de suas terras e os conflitos com os colonos, e reclamam da não resolução dos problemas por parte do governo federal. [Apresentação de Betty Mindlin]

## COLABORADORES

| <b>Colaborador</b>              | <b>Total de artigos</b> |
|---------------------------------|-------------------------|
| ABRAMOVAY, Ricardo              | 2                       |
| ADORNO, Theodor W.              | 1                       |
| ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon      | 5                       |
| ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de | 1                       |
| ARANTES, Aldo Silva             | 1                       |
| ARAÚJO, Braz José de            | 1                       |
| ARIÈS, Phillippe                | 1                       |
| ARRAES, Miguel                  | 1                       |
| ATTALI, Jacques                 | 1                       |
| ÁVILA, Fernando Bastos de       | 1                       |
| AZEVEDO, Eraldo Lírio de        | 1                       |
| AZEVEDO, Victor de              | 1                       |
| BACHA, Edmar                    | 1                       |
| BARRACLOUGH, Geoffrey           | 2                       |
| BARZINI, Luigi                  | 1                       |
| BELLUZZO, Luiz Gonzaga          | 1                       |
| BERLIN, Isaiah                  | 1                       |
| BERMEJO, Ernesto González       | 1                       |
| BETTLEHEIM, Charles             | 1                       |
| BOLAFFI, Gabriel                | 1                       |
| BORNHEIM, Gerd                  | 1                       |
| BOWLES, Samuel                  | 1                       |
| BRAGA, Roberto Saturnino        | 2                       |
| BRECHT, Bertolt                 | 1                       |
| BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos    | 3                       |
| BROSSARD, Paulo                 | 1                       |
| BURGUIÈRE, André                | 2                       |
| CABRAL, Sérgio                  | 2                       |
| CALLADO, Antonio                | 2                       |
| CÂMARA, Hélder (Dom)            | 1                       |
| CAMPOS, Letícia de              | 1                       |
| CANDIDO, Antonio                | 1                       |
| CARDOSO, Fernando Henrique      | 8                       |

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| CARDOSO, Ruth                     | 2 |
| CARONE, Edgard                    | 2 |
| CARPEAUX, Otto Maria              | 1 |
| CARR, Edward Hallet               | 1 |
| CARVALHO, Ricardo                 | 1 |
| CASTRO, Antonio Barros de         | 1 |
| CASTRO, Marcos de                 | 1 |
| CAVA, Ralph Della                 | 1 |
| CHOMSKY, Noam                     | 1 |
| CONTAT, Michel                    | 1 |
| COSTA, Ramonaval Augusto          | 1 |
| COUTINHO, Luciano                 | 1 |
| DANIEL, Jean                      | 1 |
| DEBRAY, Regis                     | 1 |
| DESCHAMPS, Fanny                  | 1 |
| DIDION, Joan                      | 1 |
| DINNAGE, Rosemary                 | 1 |
| DURHAM, Eunice Ribeiro            | 2 |
| ENTHOVEN, Jean-Paul               | 3 |
| FERNANDES, Florestan              | 2 |
| FERNANDES, Millôr                 | 2 |
| FERREIRA, Antônio Carlos de Moura | 1 |
| FIGUEIREDO, Eurico                | 1 |
| FISHLOW, Albert                   | 2 |
| FONSECA, Gondim da                | 1 |
| FORJAZ, Maria Cecilia Spina       | 1 |
| FOUCAULT, Michel                  | 1 |
| FRY, Peter                        | 1 |
| FURTADO, Celso                    | 5 |
| GALBRAITH, John Kenneth           | 3 |
| GALEANO, Eduardo                  | 2 |
| GALVÃO, Walnice Nogueira          | 2 |
| GAMA, Mauro                       | 1 |
| GASS, William                     | 1 |
| GERBER, Raquel                    | 2 |
| GERTZ, Clifford                   | 1 |
| GIANNOTTI, José Arthur            | 3 |
| GLUCKSMANN, André                 | 1 |

|                               |   |
|-------------------------------|---|
| GOMES, Paulo Emilio Sales     | 4 |
| GORDON, Lincoln               | 1 |
| GRAZIANO, José                | 3 |
| GREGORI, José                 | 2 |
| GRIN, Guita                   | 1 |
| GUINLE, Eduardo               | 1 |
| HEILBRONER, Robert L.         | 1 |
| HENRI-LEVY, Bernard           | 1 |
| HERMAN, Edward S.             | 2 |
| HERTZOG, Gilles               | 1 |
| HOBBSAWN, Eric J.             | 4 |
| HOFFMANN, Rodolfo             | 1 |
| HOISEL, Evelina               | 1 |
| HOUAISS, Antonio              | 1 |
| HOWE, Irving                  | 1 |
| IGLÉSIAS, Enrique V.          | 1 |
| INTERLANDI, Jeanne Marie      | 1 |
| JAGUARIBE, Helio              | 3 |
| KAHNS, Cláudio                | 1 |
| KALDOR, Nicholas              | 1 |
| KAROL, K. S.                  | 1 |
| KELLY, Aileen                 | 1 |
| KENNEDY, Edward M.            | 1 |
| KOMANOFF, Charles             | 1 |
| KONDRACKE, Morton             | 1 |
| KRISTEVA, Julia               | 1 |
| LABERGE, Jacques              | 1 |
| LAFER, Celso                  | 1 |
| LEBRUN, Gérard                | 1 |
| LECONTE, Daniel               | 1 |
| LEITE, Lúgia Chiappini Moraes | 1 |
| LEITE, Sebastião Uchôa        | 1 |
| LESSA, Carlos                 | 1 |
| LÉVY, Bernard-Henri           | 1 |
| LICHTENTHAELER, Charles       | 1 |
| LIMA SOBRINHO, Barbosa        | 1 |
| LIMA, Heitor Ferreira         | 1 |
| LIMA, Luiz Costa              | 3 |

|                                  |   |
|----------------------------------|---|
| LOPES, Juarez Rubens Brandão     | 1 |
| MACCIOCCHI, Maria-Antonieta      | 1 |
| MACHADO, J. N.                   | 1 |
| MAGALHÃES, Theresa Calvet de     | 1 |
| MÁRQUEZ, Gabriel García          | 2 |
| MARTINS, Luciano                 | 5 |
| MAXWELL, Kenneth R.              | 1 |
| MELLO, João Manuel Cardoso de    | 1 |
| MIDDLETON, Christopher           | 1 |
| MIGLIORI, Jorge                  | 1 |
| MIGNONA, Eduardo                 | 1 |
| MINDLIN, Betty                   | 2 |
| MISSE, Michel                    | 1 |
| MOISÉS, José Álvaro              | 1 |
| MONTES, Maria Lucia              | 1 |
| MORIN, Edgar                     | 1 |
| NEPOMUCENO, Eric                 | 1 |
| NEVES, David E.                  | 1 |
| NEVES, Mozart Borba              | 1 |
| NIEMEYER, Ana Maria de           | 1 |
| OLIVEIRA, Francisco de           | 2 |
| OLIVEIRA, Franklin de            | 1 |
| ORTIZ, Renato                    | 1 |
| PAZ, Octavio                     | 1 |
| PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral | 1 |
| PELLEGRINO, Hélio                | 1 |
| PERLMAN, Janice                  | 1 |
| PIMENTA, Matos                   | 1 |
| PINSKY, Mirna Gleich             | 1 |
| RAMA, Ángel                      | 1 |
| RIBEIRO, Berta G.                | 2 |
| RIBEIRO, Darcy                   | 2 |
| RIBEIRO, Ivan de Otero           | 1 |
| ROBINSON, Joan                   | 3 |
| RODRIGUES, Francisco de Assis    | 1 |
| RODRIGUES, Leôncio Martins       | 1 |
| ROSSELINI, Roberto               | 1 |
| ROWTHORN, Bob                    | 1 |

|                              |   |
|------------------------------|---|
| SABÓIA, João Luiz Maurity    | 1 |
| SAKHAROV, Andrei Dmitrievich | 1 |
| SANTIAGO, Silviano           | 2 |
| SARTRE, Jean-Paul            | 1 |
| SCHREIDER, Charles           | 1 |
| SCHWARZ, Roberto             | 4 |
| SEGALL, Maurício             | 2 |
| SERRA, José                  | 5 |
| SHEEHAN, Thomas              | 1 |
| SIGAUD, Lygia                | 1 |
| SILVA, Gustavo Sá e          | 1 |
| SILVA, José Francisco da     | 1 |
| SILVA, Sérgio                | 1 |
| SIMONSEN, Mário Henrique     | 1 |
| SODRÉ, Nelson Werneck        | 1 |
| SOLLERS, Philippe            | 1 |
| STONE, I. F.                 | 1 |
| SUPLICY, Eduardo Matarazzo   | 4 |
| TAVARES, José Nilo           | 1 |
| TAVARES, Maria da Conceição  | 1 |
| TOSI, Lucía                  | 2 |
| TOURAINÉ, Alain              | 1 |
| TRABA, Marta                 | 1 |
| TRUFFAUT, François           | 1 |
| VANHECKE, Charles            | 1 |
| VARGAS, Getúlio              | 4 |
| VELHO, Gilberto              | 1 |
| VELLINHO, Moisés             | 1 |
| VIANA, Milton Cabral         | 1 |
| VILAR, Pierre                | 1 |
| WEFFORT, Francisco Correa    | 1 |
| WILLS, Garry                 | 1 |
| WOLCOTT, James               | 1 |
| WOOD, Peter H.               | 1 |
| ZANOTTO, Ilka                | 1 |
| ZIEGLER, Jean                | 1 |